

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS - UEA
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO INTERDISCIPLINAR
EM CIÊNCIAS HUMANAS – PPGICH
MESTRADO ACADÊMICO**

MARIA CELESTINA BARBOSA CORRÊA

**IMIGRANTES HAITIANAS NA CIDADE DE MANAUS: MUNDOS DO TRABALHO
INFORMAL, REDES E SOCIABILIDADES (2010-2019)**

Manaus/AM

2020

MARIA CELESTINA BARBOSA CORRÊA

**IMIGRANTES HAITIANAS NA CIDADE DE MANAUS: MUNDOS DO TRABALHO
INFORMAL, REDES E SOCIABILIDADES (2010-2019)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas da Universidade do Estado do Amazonas - PPGICH/UEA, como requisito final para obtenção de título de mestre em Ciências Humanas (Teoria, História e Crítica da Cultura).

Orientadora: Profa. Dra. Lúcia Marina Puga Ferreira.

Coorientador: Prof. Dr. Davi Avelino Leal

Manaus/AM

2020

Ficha catalográfica

Catálogo na fonte

Bibliotecária responsável: Sásghala Maciel CRB11/673 AM

C824i

Corrêa, Maria Celestina Barbosa

Imigrantes haitianas na cidade de Manaus: mundos do trabalho informal, redes e sociabilidades (2010-2019) / Maria Celestina Barbosa Corrêa; orientadora Lúcia Marina Puga Ferreira; coorientador Davi Avelino Leal. - - Manaus: [s.n.], 2020.

199fls.: map.; graf.; tab.; quad.; 30 cm + 1 DVD-ROM.

Dissertação - Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas - Escola Superior de Artes e Turismo. Universidade do Estado do Amazonas, 2020.

Inclui referências bibliográficas, p.175-187.

Inclui glossário, p.188-189.

1. Dissertação - Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas 2. Migração 3. Mulher haitiana 4. Trabalho informal I. Ferreira, Lúcia Marina Puga II. Leal, Davi Avelino III. Título.

CDU 314.74(729.4)(043.3)

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS – www.uea.edu.br

Sistema Integrado de Bibliotecas - SIB

Biblioteca Setorial de Artes e Turismo - BSAT

Av. Leonardo Malcher, 1728 – Ed. Professor Samuel Benchimol

Centro – CEP 69010-170 – Manaus-AM.

MARIA CELESTINA BARBOSA CORRÊA

**IMIGRANTES HAITIANAS NA CIDADE DE MANAUS: MUNDOS DO TRABALHO
INFORMAL, REDES E SOCIABILIDADES (2010-2019)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas da Universidade do Estado do Amazonas - PPGICH/UEA, como requisito final para obtenção de título de mestre em Ciências Humanas (Teoria, História e Crítica da Cultura).

Aprovada em: ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Lúcia Marina Puga Ferreira – UEA/PPGICH
Orientadora

Prof. Dr. Davi Avelino Leal – UFAM/PPGH
Coorientador

Prof. Dr. Sidney Antonio da Silva – UFAM/PPGAS
Examinador externo

Prof. Dr. Handerson Joseph – UNIFAP/PPGEF
Examinador externo

Dedico este trabalho aos meus quatro amores: Ana Celeste, Davi, Elias (filhos) e Edward (meu companheiro), bases essenciais para a realização desse sonho.

À Raimunda Barbosa (in memoriam), minha mãe espelho de resiliência, em sua sabedoria sem escola, deu-me as orientações necessária para tornar-me o que sou hoje, e ao meu velho pai, Silvino Batista por todo amor e cuidado que sempre teve comigo.

Aos meus queridos alunos do ensino básico (turmas 2017, 2018, 2019) por toda torcida.

A todas as imigrantes haitianas da cidade de Manaus por se permitirem sonhar por dias melhores.

AGRADECIMENTOS

Chegar até aqui não foi fácil, o começo não começa no início, ele começa antes. Tenho uma responsabilidade muito grande de escrever os nomes e algumas palavras de agradecimentos para as pessoas que direta ou indiretamente tornaram possível a concretização desse trabalho. Então aqui é o momento de expressar minha gratidão a todos.

Aos meus colegas de profissão, professores Adriana Souza e Eduardo Filho, as primeiras pessoas que me incentivaram a participar de uma seleção de mestrado. Eduardo principalmente, suas dicas das primeiras leituras e revisão da proposta do projeto foram a vitamina que me ajudaram a iniciar a caminhada.

Aos meus três amores, Ana Celeste, Davi e Elias, a vocês e por vocês esse trabalho. Peço desculpas pelos dias e dias, sábados, domingos e feriados que me ausentava de casa, pelos momentos que mesmo estando perto fisicamente, encontrava-me isolada, imersas nas leituras e reflexões. Vocês nunca reclamaram de nada, pelo contrário foram meus incentivadores. Obrigada, amarei para sempre vocês.

Ao meu querido companheiro Edward carinhosamente chamado por mim de *Gru*, agradeço por todo apoio, por cuidar das crianças e assumir todas as responsabilidades de casa, enquanto eu me concentrava nessa pesquisa. Serei eternamente grata a você.

Aos meus irmãos e irmãs, meu muito obrigada por toda torcida. Especialmente a Moacyr e Silvinho por terem assumido as coordenadas da orientação de minha vida pré-adulta, ensinando-me os valores da vida: respeito, humildade, responsabilidade. Lembravam-me eles que um dos caminhos para ser alguém na vida era a educação, os estudos. E essa foi a linha que margeou minha vida. A vocês meus irmãos, toda minha gratidão

À minha orientadora Professora Dra. Lúcia Marina Puga Ferreira, pelo rigor metodológico, ensinamentos e incentivos. Quero agradecer por ter sido exigente desde os primeiros escritos, suas “patadas intelectuais” serviram-me para despertar o hábito da leitura e da pesquisa. Agradeço pelas conversas, conselhos e paciência nos momentos de orientação e principalmente por ter acreditado na proposta desse trabalho.

Ao meu coorientador Professor Dr. Davi Avelino Leal por ter aceitado a coorientação. Os conselhos de como poderia ser construída a pesquisa foram

essenciais para a concretização desse trabalho. A este homem de grande sabedoria e humildade meu muito obrigado.

À minha ex-gestora (para mim, será sempre) Irenilce Lasmar, por sua compreensão das tantas vezes que tive que me ausentar da escola, e essa mulher incrível, não colocou obstáculos, pelo contrário, sempre me apoiou nessa jornada. Como sempre escrevia em minhas mensagens para ela “agradeço de coração”.

À administradora Nayana, gestora Nelcilene e todos os meus colegas do turno noturno da Escola Estadual Jairo da Silva Rocha, agradeço todo apoio.

Aos meus colaboradores Mia Amélia e Eduardo Brandão pela necessária ajuda durante a pesquisa de campo. Dois jovens que foram meus companheiros no campo de pesquisa. Passamos dias e semanas pelas ruas e avenidas da cidade de Manaus fazendo registros junto aos espaços de vendas das nossas interlocutoras. Não tenho palavras para agradecer a essas duas pessoas que tanto ajudaram-me nessa etapa da pesquisa.

A Dugas, haitiano, profundo conhecedor da história de seu país, homem íntegro, pacato que me ensinou as primeiras lições da língua crioula haitiana e foi o tradutor do roteiro e questionário de entrevista, TCLE, etc. *Mèsi anpil zanmi mwen*.

Não poderia esquecer das famílias que me acolheram na cidade de Boa Vista, capital de Roraima, durante período que participava de Congresso na Universidade Federal de Roraima no ano de 2018. A você Edilene e Robson por me proporcionarem um local para dormir, nossa! Aquele quarto que reservavam para mim, tudo maravilhoso. A Dona Soni, lembro que me chamava de “minha fia”, agia como uma mãe comigo. Meus sinceros agradecimentos.

Aos meus alunos do Ensino Médio turmas dos anos de 2017, 2018 e 2019 por toda torcida positiva, incentivo e vibração a cada etapa da seleção no PPGICH e posteriormente em cada conquista durante o curso.

A todos os meus colegas da turma do PPGICH 2018, os “engessados do 4º andar”, (assim carinhosamente nos apelidamos), Paulo Holanda, Renato, Daniela, Samuel, Rosanna, Tammy, Davi, Deise, Johedyr, Kelly (ficará registrado na memória suas dicas sobre a Plataforma Brasil), Talita, Jessica e João Paulo. Agradeço a companhia, o respeito e os momentos de descontração que tivemos.

Especialmente ao “engessado” Paulo Holanda, cara descontraído, inteligente, alto-astral. Agradeço por todas as dicas de congressos, seminários, por ter me apresentado ao Professor Davi Avelino, o qual tornou-se meu coorientador, e além

disso, Paulo candidatou-se e elegeu-se para ser o meu “assessor para assuntos acadêmicos”, não teria outro melhor. Obrigada por todo seu carinho para comigo.

A você Jessica, minha irmã do coração, uma das coisas boas que o Mestrado me trouxe, obrigada por nossas conversas, nossas trocas de “quase fracasso”, por ler meus escritos, sempre tentava me dizer, onde melhorar, e acima de tudo sempre me incentivou a escrever e escrever. Nossa amizade ficará além dos registros no papel, ficará no nosso dia a dia e em nossa memória.

A meu amigo haitiano Richemond Dacilien, companheiro de voluntariado nas aulas de língua portuguesa para os imigrantes haitianos recém-chegados na Casa do Migrante Zilda Arns, popularmente conhecido por “Abrigo dos imigrantes haitianos do bairro Zumbi”, localizado no bairro Zumbi dos Palmares na cidade de Manaus. Agradeço a você meu amigo, por proporcionar-me momentos de trocas culturais, informando-me sobre a língua crioula haitiana, religião e costumes. Além de fazer a tradução do resumo dessa dissertação para os três idiomas: inglês, francês e crioulo. Obrigada meu amigo, nossa amizade vai além-fronteiras.

A Pierre Richard pelas tantas vezes que me ajudou nas traduções das mensagens escritas em crioulo haitiano e que eram enviadas para mim pelos inúmeros amigos/os haitianos que conquistei durante a pesquisa de campo. Além de pacientemente ajudar-me na revisão da documentação do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) escrita no crioulo haitiano. Quantas palavras e frases em crioulo haitiano eu aprendi com você. Palavras são poucas para dizer-te o quanto sou grata.

À Rosana Nascimento, vice-coordenadora arquidiocesana da Pastoral dos Migrantes de Manaus e coordenadora de projetos da Associação Scalabrini a serviço dos migrantes, atendimento Paróquia Igreja de São Geraldo, e Irmã Arceolídia responsável pela Pastoral dos Migrantes da Igreja de Nossa Senhora dos Remédios – anexo, imensamente agradecida pela confiança e acolhida que sempre tiveram para com a minha pessoa.

À Samara Farias, Ian Maxime, Mayquiel e Ana Vitória, pessoas responsáveis pela confecção de mapas, tabelas, gráficos e ajuda nos arquivos. Obrigada meus queridos, suas contribuições foram extremamente relevantes para a composição dessa dissertação.

À Sônia Araújo Nascimento, professora auxiliar da Universidade do Estado do Amazonas/UEA - Escola Superior de Artes e Turismo/ESAT, meu agradecimento pelos esclarecimentos e feitura da fórmula estatística que dimensionou a amostra

válida na população de imigrantes que deveriam ser entrevistados. Meu muito obrigada professora.

Ao Professor Luciano Teles, pois mesmo sem me conhecer respondeu às minhas mensagens que solicitavam material sobre redes sociais. Professor Luciano enviou-me algumas das primeiras leituras que fiz sobre redes sociais. Muito grata professor por ajudar a uma desconhecida.

A meu amigo Herivelto Alcântara por sua paciência de revisar e revisar meus escritos. A distância física não foi desculpa para que você não pudesse ajudar-me. Muito obrigada a você meu amigo.

A Metellus, apesar de nos encontrarmos em momento trágico de sua experiência migratória, firmamos uma amizade de irmãos que se acolhem no momento de sofrimento. Agradeço-te por me permitir contar um pouco de sua história e de sua amada Phirgenie, uma mulher empoderada que perdeu a vida buscando um sonho de ter uma vida melhor em uma paragem distante. Phirgenie representa as imigrantes de todo o mundo que perdem a vida nos processos migratórios.

A Alisson, por todas as dicas para construir a estrutura da dissertação, pela companhia nas idas à igreja haitiana e pelos envios de material bibliográfico. Não esquecerei quando no início da pesquisa, eu ainda um barco tentando tomar a direção, e você dizia “mulher você consegue”, agora sei que tinha razão. Obrigada meu amigo por todo seu incentivo.

Às imigrantes haitianas trabalhadoras da informalidade por terem permitido minha presença em suas realidades diárias junto a uma “venda de tabuleiro”, cozinha ou em um ateliê. Meus sinceros agradecimentos. Particularmente à Verônica, Berthise, Suze, Gislene, Olive, Marilu e Rosalie, mulheres cuja amizade transbordou a tinta da caneta. Minha eterna gratidão *zanmi mwen yo*.

À Secretária Municipal de Educação – SEMED pela autorização da Licença para estudos. Ao Programa Qualifica em nome da Senhora Audrey. Obrigada pela oportunidade.

Enfim agradeço a todos aqueles que indiretamente ajudaram na construção desse trabalho.

IMIGRANTES HAITIANAS NA CIDADE DE MANAUS: MUNDOS DO TRABALHO INFORMAL, REDES E SOCIABILIDADES (2010-2019)

RESUMO

Esta dissertação é resultado da pesquisa realizada nos anos de 2018 e 2019 na cidade de Manaus, capital do estado do Amazonas, e tem como objetivo mostrar as experiências cotidianas das imigrantes haitianas inseridas na informalidade. O comércio de vendas de calçadas conhecido como “vendas de tabuleiro” foi analisado como espaço de sociabilidade, pois são lugares de interações diárias das mulheres imigrantes. A dissertação constrói-se em três etapas, tendo a primeira como ponto marcante o diálogo sobre os fatores que deram origem ao projeto e os desafios iniciais do campo de pesquisa junto às imigrantes haitianas; a segunda traz uma visão histórica sobre mulheres imigrantes como sujeitos sociais ativos em distintos contextos migratórios e a terceira visibiliza as imigrantes haitianas como sujeitos sociais que (re)criam no cotidiano migratório manauara relações sociais com outros imigrantes, não imigrantes e com elementos institucionais que contribuem para a permanência ou na decisão de migrar novamente. São mulheres que ocupam subversivamente as calçadas com seus tabuleiros improvisados, enfrentam os desafios diários seja de sol, chuva, fiscalização ou disputas pessoais no mundo do trabalho informal, mas se mantêm firmes no propósito de sonhar com melhores condições de vida. As diversas facetas que integram essa mulher imigrante haitiana invisibilizada por um tabuleiro de meias, frutas, verduras ou bombons são mostradas nesta dissertação.

Palavras-chave: Migração. Mulheres haitianas. Vendas de tabuleiro.

HAITIAN IMMIGRANTS IN THE CITY OF MANAUS: WORLDS OF INFORMAL WORK, NETWORKS AND SOCIABILITIES (2010-2019)

ABSTRACT

This dissertation is the result of research conducted in the years 2018 and 2019 in the city of Manaus, capital of the state of Amazonas, and aims to show the daily experiences of haitian immigrants inserted in informality. The sidewalk sales trade known as "board sales" was analyzed as a space of sociability, as they are places of daily interactions of immigrant women. The dissertation is constructed in three stages, the first with the highlight being the dialogue on the factors that gave rise to the project and the initial challenges of the research field with Haitian immigrants; second brings a historical view on immigrant women as active social subjects in different migratory contexts and the third visualizes haitian immigrants as social subjects that (re)create in daily migration manauara social relations with other immigrants, nonimmigrants and with institutional elements that contribute to the permanence or decision to migrate again. They are women who subversively occupy the sidewalks with their improvised trays, face the daily challenges of sun, rain, surveillance or personal disputes in the informal work world, but remain steadfast in the purpose of dreaming of better living conditions. The various facets that integrate this Haitian immigrant woman invisible by a tray of socks, fruits, vegetables or bonbons that are shown in this dissertation.

Keywords: Migration. Haitian women. Sidewalk sale.

IMMIGRANTES HAÏTIENNES DANS LA VILLE DE MANAUS: MONDES DE TRAVAIL INFORMEL, RÉSEAUX ET SOCIABILITÉS (2010-2019)

RÉSUMÉ

Cette étude est le résultat d'une recherche menée de 2018 à 2019 dans la ville de Manaus, capitale de l'État d'Amazonas. Elle vise à montrer les expériences quotidiennes des immigrantes haïtiennes insérées dans l'informalité. Le commerce de vente sur trottoirs, connu sous le nom de « *vente de tabuleiro* » a été analysé comme un espace de sociabilité, car il est un lieu d'interaction quotidienne de ces femmes immigrantes. La dissertation est construite en trois étapes bien structurées: la première étape se porte sur les facteurs, ayant donné naissance au projet, ainsi que les défis rencontrés pour entamer cette recherche avec les femmes haïtiennes dans la capitale d'Amazonas; la deuxième partie, apporte un point de vue historique sur les femmes immigrantes, comme sujets sociaux actifs dans différents contextes migratoires à travers le monde et enfin, la troisième phase, visualise les immigrantes haïtiennes, comme sujets sociaux qui (re)créent dans leurs quotidiens migratoires, des relations sociales avec d'autres immigrants dans la ville, des nationaux et des institutions contribuant à la permanence, ou la décision de migrer à nouveau. Ce sont des femmes qui occupent subversivement les trottoirs avec leurs plateaux improvisés, faisant face aux défis quotidiens, sous le soleil, la pluie, la surveillance ou des conflits personnels dans le milieu du travail informel, mais qui restent inébranlables, tout en rêvant de meilleures conditions de vie. Ici, sont les différentes facettes intégrant cette catégorie d'immigrante inaudible, par un plateau de chaussettes, fruits, légumes ou bonbons qui sont montrés dans cette étude.

Mots-clés: Migration. Femmes Haïtiennes. Vente sur trottoir.

INMIGRANTES HAITIANAS EN LA CIUDAD DE MANAOS: MUNDOS DEL TRABAJO INFORMAL, REDES Y SOCIABILIDADES (2010-2019)

RESUMEN

Esta disertación es resultado de la pesquisa realizada en los años de 2018 y 2019 en la ciudad de Manaos, capital del estado del Amazonas, y tiene como objetivo mostrar las experiencias cotidianas de las inmigrantes haitianas inseridas en la informalidad. El comercio de ventas en los andenes conocido como “ventas de tablero” fue analizado como espacio de sociabilidad, pues son lugares de interacciones diarias de las mujeres inmigrantes. La disertación se construyó en tres etapas, siendo la primera el punto que marco el diálogo sobre los factores que dieron origen al proyecto de los desafíos iniciales del campo de la pesquisa junto a las inmigrantes haitianas; la segunda trae una visión histórica sobre mujeres inmigrantes como individuos sociales activos en distintos contextos migratorios y la tercera visibiliza a las inmigrantes haitianas como individuos sociales que interactúan cotidianamente en el migratorio “manauara” en relación social con otros inmigrantes, no inmigrantes y con elementos institucionales que contribuyen para la permanencia o en la decisión de migrar nuevamente. Son mujeres que ocupan subversivamente los andenes con sus tableros improvisados, enfrentan los desafíos diarios sea de sol, lluvia, fiscalización o disputas personales del mundo de trabajo informal, pero se mantienen firmes en el propósito de soñar con mejores condiciones de vida. Las diversas facetas que integran esa mujer inmigrante haitiana invisibilizada o mimetizadas por un tablero de medias, frutas, verduras o dulces que son mostradas en esta disertación.

Palabras-claves: Migración; Mujeres haitianas; Ventas de tablero.

FANM IMIGRAN AYISYÈN YO NAN VIL MANAUS: MOND TRAVAY ENFÒMÈL, REZO AK SOSYABILITE (2010-2019)

REZIME

Etid sa a se rezilta yon rechèch ki fèt ant 2018 ak 2019 nan vil Manaus, kapital Eta Amazonas lan. Li gen pou objektif montre eksperyans chak jou fanm imigran ayisyèn yo k ap evolye nan sektè enfòmèl, tankou komès sou twotwa yo, ki konsidere kòm espas sosyabilite, ki pèmèt entèraksyon chak jou fanm imigran sa yo nan kapital Amazonas nan. Plan rechèch sa konstwi an twa etap byen estriktire: premye etap la konsantre sou kontèks reyalizasyon pwojè a, obstak nou te rankontre nan kòmansman ak fanm ayisyèn yo nan kapital Amazonas la; dezyèm pati a, pote yon pwen istorik sou kalite vi fanm imigran yo kòm sijè sosyal aktif nan diferan kontèks migratwa nan mond lan, epi finalman, twazyèm faz la, foki sou fanm imigran ayisyèn yo, kòm sijè sosyal ki (re) kreye atravè migrasyon, lavi chak jou yo, relasyon sosyal ak lòt imigran nan ki nan vil la, osnon sitwayen peyi a, oubyen eleman enstitisyonèl yo, ki kontribye nan pèmanans yo, oswa nan pran desizyon pou vwayaje ankò swa nan yon lòt vil osnon lòt peyi. Se fanm sa yo ki okipe twotwa yo, k ap vann tout kalte bagay pou rive fè fas ak defi chak jou, anba gwo solèy, lapli, pafwa, sou siveyans oswa konfli pèsonèl nan espas enfòmèl sa yo, men ki rete inebranlab (fèm), ak gwo rèv pou yon pi bon kondisyon lavi yo.

Mo kle: Migrasyon. Fanm ayisyèn. Vann sou twotwa

LISTA DE IMAGENS

Foto 1: Berthise e seu tabuleiro de bombons, Manaus/AM, 2019.	35
Foto 2: Mulheres haitianas participando de culto evangélico (pregação feita em crioulo haitiano).	65
Foto 3: Imigrante haitiana em mais um dia de trabalho em seu ateliê de costura. ...	78
Foto 4: Imigrantes haitianas na organização dos tabuleiros improvisados para expor as meias e começar mais um dia de trabalho. Manaus/AM.	116
Foto 5: Imigrante haitiana na “venda de tabuleiro” no centro da cidade de Manaus/AM, 2019.	127
Foto 6: Imigrantes retornando ao depósito para guardar seus carrinhos e mercadorias. Registro feito em um final de tarde de sexta-feira, mês de junho de 2019. Manaus/AM.	133
Foto 7: Vendedoras imigrantes em deslocamento durante a chegada da fiscalização do poder municipal, Manaus/AM, 2019.	146
Foto 8: Filhos de imigrantes na Casa de Apoio São Geraldo, 2019.	149
Foto 9: Festa Cultural Haitiana AMAHAITI realizada na Quadra Poliesportiva da Igreja de São Geraldo, Manaus/AM, 2019.	155
Foto 10: Sopa da Independência, registro feito em 1º de janeiro de 2019. Casa de Nancy, Manaus/AM, 2019.	167

LISTA DE MAPAS

Mapa 1: Bairros da cidade de Manaus: referências para a pesquisa de campo.	30
Mapa 2: Localização geográfica do Haiti.	81
Mapa 3: Percorso migratório de haitianos a partir de 2010.	93
Mapa 4: Percorso a ser realizado no Brasil por Phirgenie.	96
Mapa 5: Localização do Estado do Amazonas, um dos portos de entrada de migrantes haitianos a partir do ano de 2010.	117
Mapa 6: Localização da cidade de Manaus.	123

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1: Predomínio do crioulo haitiano entre as imigrantes haitianas	38
Gráfico 2: Idade das imigrantes haitianas na cidade de Manaus	69
Gráfico 3: Grau de instrução	70
Gráfico 4: Estado Civil	71
Gráfico 5: Vinda para Manaus	72
Gráfico 6: Participação feminina em movimento migratório no primeiro semestre de 2019	106
Gráfico 7: Quantitativo de vendedoras que dependem dos depósitos para guardar mercadorias	130
Gráfico 8: Financiamento para viajar para o Brasil	158
Gráfico 9: Imigrantes haitianas - comunicação	161

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Número de solicitações de reconhecimento da condição de refugiado feita por haitianos no Amazonas	118
Tabela 2: Quantidade de imigrantes haitianos em passagem pela Pastoral dos Migrantes – Paróquia São Geraldo	120

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Percurso empírico para construção da pesquisa	57
--	----

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

BM	Banco Mundial
CEP	Comitê de Ética em Pesquisa
CNPJ	Cadastro Nacional de Pessoa Jurídica
CONARE	Comitê Nacional para Refugiados
CNIg	Conselho Nacional de Imigração
DESA	Departamento de Assuntos Econômicos e Sociais
DUDH	Declaração Universal dos Direitos Humanos
IDH	Índice de Desenvolvimento Humano
MJSP	Ministério da Justiça e Segurança Pública
MINUSTAH	Missão das Nações Unidas para a Estabilização no Haiti
OBMigra	Observatório das Migrações Internacionais
OIM	Organização Internacional para as Migrações
OIT	Organização Internacional do Trabalho
ONG	Organização Não Governamental
ONU	Organização das Nações Unidas
PF	Polícia Federal
PIB	Produto Interno Bruto
PNUD	Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento
PPGICH	Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas
SEMPAB	Secretária Municipal de Feiras, Mercados, Produção e Abastecimento
SPM	Serviço Pastoral dos Migrantes
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
UEA	Universidade do Estado do Amazonas
UFAM	Universidade Federal do Amazonas
UTI	Unidade de Tratamento Intensivo

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	23
CAPÍTULO I	29
DA EXPERIÊNCIA DO CAMPO DE PESQUISA AOS ASPECTOS TEÓRICO- CONCEITUAIS E METODOLÓGICOS	29
1.1 DA OBSERVAÇÃO DO VAIVÉM NAS VENDAS DE CALÇADAS, SURTIU A IDEIA DE UM PROJETO	29
1.1.1 O primeiro tabuleiro e o início da pesquisa	35
1.2 A LÍNGUA COMO BARREIRA CULTURAL	37
1.2.1 Crioulo haitiano: um novo elemento no campo de pesquisa	39
1.3 <i>NOU PALE KREYÒL</i> : A IMPORTÂNCIA DA LÍNGUA COMO CAPITAL SOCIAL	42
1.4 REDE SOCIAL: DIALOGANDO SOBRE CONCEITOS	46
1.5 SOCIABILIDADE COMO CATEGORIA DE ANÁLISE	50
1.5.1 O informal na informalidade	51
1.6 MEMÓRIA: RELATOS NECESSÁRIOS PARA O ENTENDIMENTO DAS EXPERIÊNCIAS DE MULHERES IMIGRANTES EM CONTEXTOS MIGRATÓRIOS	54
1.7 A METODOLOGIA	57
1.7.1 Contando os pontos e dimensionando a amostra	59
1.7.2 O <i>survey</i> no comércio informal	60
1.7.3 Abordagem: entre método e técnica	62
1.7.4 Os relatos orais	66
1.8 O PERFIL DAS EMPODERADAS DA INFORMALIDADE	67
1.8.1 A imigrante antes da migração e o empoderamento na paragem de destino	73
CAPÍTULO II	80
DO HAITI À AMAZÔNIA BRASILEIRA: IMIGRANTES HAITIANAS E UMA NOVA PARAGEM PARA SONHAR	80

2.1 HAITI: UMA REPÚBLICA NO MAR DO CARIBE	81
2.1.1 Breves considerações sobre o processo histórico haitiano	82
2.1.2 O pesadelo da independência	83
2.2 HAITI, <i>PEYI EMIGRAN</i> : RETRATOS DA SEGUNDA DÉCADA DO SÉCULO XXI.	88
2.3 PHIRMAME: UM CASO COMO ESTUDO	91
2.3.1 O roteiro de viagem	91
2.3.2 As etapas de um fim em uma parada de passagem	95
2.3.3 Phirgenie, Mahalia, Metellus: retratos borrados no contexto migratório	99
2.3.3.1 Registro do contexto	99
2.4 MIGRAÇÃO TAMBÉM TEM “CARA” DE MULHER: UM RETROSPECTO DA PARTICIPAÇÃO FEMININA EM CONTEXTOS MIGRATÓRIOS.....	104
2.4.1 Paragens migratórias e a presença feminina.....	108
2.5 A MOBILIDADE HAITIANA NA AMAZÔNIA BRASILEIRA.....	116
CAPÍTULO III.....	122
HAITIANAS NA CIDADE DE MANAUS NA SEGUNDA DÉCADA DO SÉCULO XXI: ENTRE REDES E SOCIABILIDADES NO MUNDO DO TRABALHO INFORMAL FEMININO.....	122
3.1 MANAUS: UMA PARAGEM DE DESTINO OU PASSAGEM PARA MIGRANTES	123
3.1.1 Entre o legal e o “ilegal”: ocupação subversiva no comércio informal	124
3.1.2 “Guardo no depósito”, os laços que enlaçam vendedoras e depósitos	130
3.1.3 Na calçada, os tabuleiros: sociabilidade que se firma entre imigrantes	135
3.2 REDES QUE SE CONSTROEM NA BANCA DE TABULEIRO.....	139
3.2.1 “Lá vem o fiscal”: o papel da rede de informações entre vendedoras e as estratégias de proteção	143
3.3 “CRECHE”, UM NÓ NA REDE DAS MÃES IMIGRANTES	148

3.4 “EU TAMBÉM PASSEI POR LÁ”: A IMPORTÂNCIA DO ACOLHIMENTO NA PASTORAL DE SÃO GERALDO PARA OS IMIGRANTES HAITIANOS	151
3.4.1 <i>Fèt nan</i> Pastoral: <i>baz</i> importante para reafirmação cultural.....	154
3.5. REDES ALÉM-FRONTEIRAS: FAMÍLIAS TRANSNACIONAIS	156
3.5.1 A comunicação com os parentes, amigos e conterrâneos.....	160
3.5.2 Os envios das remessas: acordo que se firma antes do emigrar	162
3.5.3 “<i>Manje nou an bon anpil</i>”: a importância da comida haitiana como identificação cultural.....	164
3.5.4 <i>Trese cheve</i>, o embelezamento haitiano nas calçadas da capital manauara.....	168
CONSIDERAÇÕES FINAIS	170
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	174
GLOSSÁRIO	187
APÊNDICES	189
1 DIMENSIONAMENTO PARA A PESQUISA <i>SURVEY</i> COM MULHERES IMIGRANTES.....	189
2 QUESTIONÁRIO USADO NA PESQUISA <i>SURVEY</i>	190
3 QUESTIONÁRIO TRADUZIDO PARA A LÍNGUA CRIOLA HAITIANA	195

INTRODUÇÃO

Esta dissertação é resultado da pesquisa realizada nos anos de 2018 e 2019 sobre as imigrantes haitianas na cidade de Manaus, capital do estado do Amazonas. Essas mulheres imigrantes passaram a compor, principalmente, o cenário da informalidade, destacando-se na área do comércio com vendas de frutas, verduras, meias, bombons, picolés e água mineral nas ruas da capital manauara no segundo decênio do século XXI.

Diante disso, o objetivo principal do presente trabalho é mostrar as experiências das imigrantes haitianas no espaço social manauara. O estudo partiu da premissa que a informalidade é um espaço de sociabilidades para as imigrantes haitianas, pois é nele e a partir dele que as imigrantes (re)criam as relações sociais com outros sujeitos que contribuem para que elas possam continuar as suas dinâmicas diárias em busca de melhores condições de sobrevivência.

Como todo estudo tem a impressão do seu autor, ressalta-se que a construção desta pesquisa só foi possível devido a persistência desta pesquisadora e professora da educação básica de ensino quando da sua aprovação na seleção de mestrado no Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas (PPGICH), da Universidade do Estado do Amazonas (UEA), no ano de 2017.

No decorrer do ano de 2018, durante as aulas no PPGICH, a pesquisadora passou a ter contato com diversos textos sobre migrações e incluindo nessas leituras a imigração haitiana, tanto no Brasil quanto na Amazônia (SAYAD, 1998; SILVA, 2010, 2012, 2016; OLIVEIRA, M., 2010, 2016; HANDERSON, 2015; RODRIGUES, 2016). Tais leituras ampliaram a visão sobre a imigração haitiana no Brasil criando possibilidades para desenvolver a pesquisa sobre as mulheres imigrantes haitianas na cidade de Manaus capital do estado do Amazonas.

Durante dois anos, 2018 e 2019, a pesquisadora, revezou-se em cumprir o currículo de ensino exigido pelo PPGICH e ao mesmo tempo começou a visitar as ruas de comércio no centro da capital manauara, assim como em outros locais nos quais havia a presença de mulheres haitianas trabalhando na informalidade. Observou as mulheres haitianas trabalhando em áreas como nas vendas de calçadas, especialmente nas vendas de tabuleiro, outras na área de costura e cozinha.

As incursões no campo de pesquisa mostraram que o comércio informal além da prática mercadológica era um espaço social, no qual as imigrantes (re)construíam

relações sociais importantes para suas permanências na sociedade de destino. Portanto, nessa pesquisa o comércio informal foi entendido como um espaço de sociabilidades a partir do qual analisou-se as redes (re)construídas por *laços fracos* (GRANOVETTER, 1983), pelas imigrantes haitianas entre sujeitos e instituições da capital manauara.

Um dos caminhos para se conseguir sistematizar a investigação sobre as experiências das imigrantes haitianas no espaço de sociabilidades (SIMMEL, 2006; ALENCAR, 2007; DOMINGUES, 2001) na cidade de Manaus foi percorrido por meio das redes, esta categoria serviu de instrumento analítico para a compreensão das relações sociais das imigrantes haitianas no cotidiano manauara. Comissoli e Costa (2014), Portugal (2006), Imízcoz (2004), Bertrand (2012), foram alguns autores que contribuíram para a discussão.

Assim, a pesquisa tomou as redes sociais como uma das perspectivas analíticas para mostrar as relações sociais que levam ao processo de sociabilidade e ao mesmo tempo originando as experiências das imigrantes haitianas no mundo do trabalho informal na cidade de Manaus.

Dentre elementos e autores que já foram citados, outros mais que nortearam a construção da pesquisa serão citados no decorrer do trabalho. Esses elementos que contribuíram para o desenvolvimento desse trabalho dissertativo e cujas lacunas sirvam para despertar novas pesquisas com novos olhares sobre os mundos do trabalho informal feminino em contextos migratórios.

Os movimentos migratórios sempre tiveram a participação feminina, porém essa participação não era tomada como elemento importante para análises e as questões de gênero, e por isso foram quase que invisibilizadas. Márcia Oliveira (2016), assinala que até a década de 1980 havia um pensamento, nas teorias migratórias, que era o homem o sujeito migrante.

Eder Diniz (2009, p. 6) critica a forma dos estudos nessa seara, visto que existe invisibilidade da feminização da migração, pois o estudo sobre a mulher em contexto migratório, que era realizado até meados da década de 1960, voltava-se às análises dos “processos de adaptação, aculturação e assimilação dos grupos imigrantes, não dando qualquer atenção a questões de classe, gênero ou grupo étnico. Havia um silêncio sobre a história das mulheres e suas ações”.

Segundo Glauca Assis (2007), a partir da década de 1970, influenciado pelo feminismo, o papel da mulher como protagonista nos fenômenos migratórios passou

a ser debatido dentro das ciências sociais. A presença feminina em diferentes épocas e contextos era um elemento que não poderia mais ser desprezado.

Muitos estudos nas últimas décadas do século XX e primeiras do século XXI passaram então a mostrar mulheres em contextos migratórios distintos protagonizando suas próprias histórias. Imigrantes que ocuparam os espaços públicos em muitas capitais brasileiras, ocupando-se como ambulantes nas vendas de frutas, ervas, utensílios e outros produtos de baixo valor monetário, confrontavam as normas do poder legal e mantinham-se em suas dinâmicas cotidianas. (PINHEIRO; PINHEIRO, 2017; RODRIGUES, 2016; MARTINI, 2007).

Nauar Pantoja (2001) frisa que mulheres imigrantes na cidade de Belém, capital do estado do Pará, foram renegadas às atividades do comércio informal e aos perigos que um trabalho de rua oferece, ainda travavam uma luta diária contra os representantes do poder público (fiscais); mesmo assim se reinventavam diariamente, criando estratégias de defesa.

Chegando às duas décadas do século XXI, na capital manauara, o comércio informal das vendas de calçadas continua sendo espaço de destino para muitos trabalhadores e trabalhadoras migrantes e não migrantes.

Especialmente nas vendas de tabuleiro, espaço ressignificado como espaço social, no qual mulheres imigrantes (re)criam laços de amizade, afeto, disputa e proteção junto a outros atores sociais.

Maria Ciavatta (2012, p. 34) lembra que o mundo do trabalho informal inclui as “atividades materiais, produtivas, assim, como os processos de criação cultural que se geram em torno da reprodução da vida”. Esse universo que compõe o contexto migratório feminino é a realidade que faz parte do mundo do trabalho informal e que se apresenta na paragem¹ para onde decidiram migrar e que foi vivida e vivenciada por outras mulheres em outros contextos históricos. (PINHEIRO; PINHEIRO, 2017; PANTOJA, 2001).

Dois pressupostos motivaram a concretização dessa dissertação. Primeiramente porque no espaço amazônico há escassez de pesquisas empíricas referentes à temática. Segundo por tornar visível a mulher migrante como sujeito ativo,

¹ Para efeito deste estudo, o termo “paragem” é usado no sentido de: local físico, cidade, região para onde ou por onde circulam pessoas. Segundo o dicionário, *paragem* significa: ato de parar; cessação de movimento; local onde se para. Disponível em: <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/paragem>. Acesso em: 10/09/2018.

dona de sua própria decisão, mulher que arrisca a própria vida em busca de novas perspectivas em paragens além-fronteiras.

Estudar as relações sociais nas redes (re)construídas pelas mulheres imigrantes haitianas na cidade de Manaus foi descobrir um mundo multidimensional (OLIVEIRA, 2012), construído por *nós e laços* que tornam possível as experiências dessas mulheres transnacionais nessa paragem migratória.

A presente dissertação está organizada em três capítulos, estruturados por seções e respectivas subdivisões. Apontaremos aqui, como forma de direcionar a leitura do texto as seções capitulares, no entanto sem detalhamentos das subdivisões. O primeiro capítulo intitulado “Da experiência do campo de pesquisa aos aspectos teórico-conceituais e metodológicos”, buscamos descrever as etapas percorridas para construção do projeto. Os motivos que levaram à escolha do tema da dissertação, passando pelas dificuldades e desafios para se aproximar das imigrantes haitianas. O capítulo divide-se em sete seções com subdivisões.

A primeira seção intitulou-se: “Da observação do vaivém nas vendas de calçadas, surgiu a ideia do projeto”, descreve como surgiu a ideia do projeto, os lugares percorridos e que despertaram a escolha do objeto de pesquisa. Na segunda seção “A língua como barreira cultural”, procuramos mostrar as dificuldades de aproximação para imergir no campo de pesquisa devido à falta de domínio da língua do outro, as/os imigrantes.

Na terceira seção nomeamos de “*Nou pale kreyòl*”: a importância da língua como capital social”, neste tópico fazemos uma reflexão através da visão bourdieusiana da construção do capital social, os meios encontrados pela pesquisadora para aprender as noções básicas sobre a língua dos seus interlocutores da pesquisa, a língua crioula haitiana.

A partir da quarta seção denominada “Rede social: dialogando sobre conceitos”, apontamos os debates de alguns autores sobre o conceito e emprego de rede social e as possibilidades de interpretação. Na esteira seguinte, com o título “Sociabilidade como categoria de análise”, ressaltamos o conceito de sociabilidade, pois é uma das categorias que embasam essa dissertação.

Na sexta seção “Memória: relatos necessários para entendimento das experiências de mulheres imigrantes em contextos migratórios”, expomos as ideias de alguns autores que serviram como pressupostos para desenvolvermos as interpretações de alguns relatos de mulheres haitianas sobre suas experiências no

contexto migratório.

No sétimo tópico nomeado “A metodologia”, abordamos como foram realizados os levantamentos de dados, as técnicas e métodos utilizados tanto para obter as informações quanto para analisá-las.

A última seção do capítulo, intitulada “O perfil das empoderadas da informalidade”, compartilha os resultados obtidos com a pesquisa *survey* realizada com 59 mulheres haitianas. Através da análise dos dados desenhamos o perfil das imigrantes haitianas trabalhadoras da informalidade.

O segundo capítulo nomeado “Do Haiti à Amazônia brasileira: imigrantes haitianas e uma nova paragem para sonhar”, encontra-se dividido em cinco seções. A primeira com o nome “Haiti, uma República no mar do Caribe”, além de procurarmos fazer a localização geográfica do Haiti, nas subdivisões tecemos diálogos sobre questões históricas e sociais que fundamentam a compreensão sobre migração haitiana na contemporaneidade.

Na seção seguinte “Haiti, *peyi emigran*: retratos da segunda década do século XXI”, intencionamos uma reflexão da atual situação emigratória de haitianos e haitianas pelo mundo. Na próxima esteira “Phirmame: um caso como estudo”, tentamos mostrar a partir de um estudo de caso na cidade de Manaus, pessoas que têm suas vidas interrompidas durante o percurso migratório.

No penúltimo tópico “Migração também tem “cara” de mulher: um retrospecto da participação feminina em contextos migratórios”, mostramos a participação de mulheres em movimentos migratórios em diversos momentos históricos.

Encerrando esse segundo capítulo, a quinta seção “A mobilidade haitiana na Amazônia Brasileira” tece diálogo sobre a presença migratória na Amazônia, trazendo alguns dados levantados sobre a presenças das imigrantes haitianas na cidade de Manaus.

No terceiro e último capítulo, nomeado “Haitianas na cidade de Manaus na segunda década do século XXI: entre redes e sociabilidades no mundo do trabalho informal feminino”, organiza em seis seções as discussões dos resultados da pesquisa de campo realizado durante os anos de 2018 e 2019. São mostrados nesse capítulo, ao longo dos tópicos e subtópicos as experiências das imigrantes haitianas no mundo do trabalho informal no cotidiano manauara, as relações sociais (re)construídas nos espaços de sociabilidades que acabam firmando redes, estas compostas por *nós de laços fracos* e que sustentam a permanência das imigrantes na capital manauara no

segundo decênio do século XXI.

Na primeira seção “Manaus: uma paragem de destino ou passagem para migrantes”, situamos a cidade como uma paragem que desde tempos pretéritos já era lugar de destinos para centenas de imigrantes vindos de várias regiões do Brasil como também de diversos países. Destacamos nos subtópicos dessa seção a inserção das mulheres haitianas na informalidade e a ocupação subversiva dos locais de vendas de calçadas, esses vistos como espaço social de sociabilidade para as imigrantes haitianas.

Na segunda seção do capítulo “Redes que se constroem na banca de tabuleiro”, pontuamos as vendas de tabuleiro como lugar de construção de sociabilidades entre imigrantes e entre estas e outros sujeitos imersos no espaço social das vendas de calçadas. Na esteira dessa seção, mostramos as redes e estratégias de proteção e ajuda mútua que são adotadas pelas imigrantes haitianas para se manterem em atividade na informalidade.

Seguindo na terceira divisão, a qual intitulamos “Creche”, um *nó* na rede das mães imigrantes”, visibilizamos a importância da Casa de Apoio São Geraldo para as mães imigrantes haitianas.

Na quarta e penúltima seção “Eu também passei por lá”: a importância do acolhimento na Pastoral de São Geraldo para os imigrantes haitianos”, confirmamos a importância dessa rede institucional para os fluxos migratórios de haitianos que chegaram à capital manauara a partir de 2010.

Quinta e última seção do terceiro capítulo denominada “Redes além-fronteiras: famílias transnacionais”, trazemos um quadro dos laços que ligam as imigrantes haitianas às suas famílias que se encontram no Haiti ou em outra paragem migratória, além de mostrarmos os elementos culturais que reafirmam a identidade haitiana na capital manauara.

CAPÍTULO I

DA EXPERIÊNCIA DO CAMPO DE PESQUISA AOS ASPECTOS TEÓRICO- CONCEITUAIS E METODOLÓGICOS

A pesquisa científica exige criatividade, disciplina, organização e modéstia, baseando-se no confronto permanente entre o possível e o impossível, entre o conhecimento e a ignorância. Nenhuma pesquisa é totalmente controlável, com início, meio e fim previsíveis. A pesquisa é um processo em que é impossível prever todas as etapas.

(Mirian Goldenberg)

1.1 DA OBSERVAÇÃO DO VAIVÉM NAS VENDAS DE CALÇADAS, SURTIU A IDEIA DE UM PROJETO

A Dissertação que aqui se desenha surgiu a partir de observações empíricas realizadas pela pesquisadora entre o final do ano de 2016 e início do ano de 2017 quando no papel de transeunte pelas ruas e avenidas de intensa movimentação comercial da cidade de Manaus, capital do estado do Amazonas, nas quais se praticam o comércio informal de vendas de calçadas, observou-se novos atores sociais compondo aquela ala da informalidade.

O comércio informal na capital amazonense compõe-se em parte por vendedores imigrantes oriundos tanto de municípios do próprio estado do Amazonas, como também de outros Estados da federação, quanto de outros países, principalmente países da América Latina: Colômbia, Peru, Bolívia e Venezuela.

Um intenso comércio de produtos de baixo valor são vendidos em tabuleiros nas calçadas de ruas e avenidas, principalmente no centro da cidade de Manaus como Avenida Sete de Setembro, Eduardo Ribeiro; Rua Floriano Peixoto, Miranda Leão e Major Rocha dos Santos, assim como em outros locais de grande movimentação comercial da capital manauara: Avenida Djalma Batista (Zona Centro Sul), Feira do Novo Aleixo 3 (Zona Norte) e Feira do Mutirão (Zona Leste). O mapa abaixo identifica

os bairros que foram referências na pesquisa.



Fonte: Samara Farias, 2019.

Os bairros da cidade de Manaus pontuados acima foram as áreas de realização da pesquisa de campo, nos anos de 2018 e 2019. Esses bairros têm características de grandes estabelecimentos comerciais: lojas de grande e médio porte, shoppings, supermercados, distribuidoras, restaurantes, etc. Paralelo a isso, tem-se as vendas de calçadas, cujas características são a exposição de roupas, calçados, bolsas, bijuterias, óculos, etc., como também de frutas, verduras, salgados, doces, água, suco, refrigerantes e outros alimentos.

Uma das características desses tipos de vendas são os produtos expostos em tabuleiros. Trabalhadores e trabalhadoras que excluídos do mercado de trabalho formal encontram nas vendas de rua uma forma de sobrevivência.

Nos logradouros dessas áreas da capital manauara, na segunda década do século XXI, mulheres imigrantes haitianas passaram a compor o cenário do comércio informal das vendas de calçadas, atuando nas chamadas vendas de tabuleiro²,

² Em outros contextos históricos muitas imigrantes ganhavam a vida com vendas de tabuleiros, estes

destacando-se nas vendas de meias, frutas, verduras e bombons, assim como vendendo picolé, banana frita e água pelos logradouros e sinais de trânsito da cidade de Manaus.

A observação sobre a dinâmica diária no mundo do trabalho informal mostrou possibilidades para desenvolver a pesquisa tendo Manaus como *lócus* para investigação sobre as experiências das imigrantes haitianas inseridas na informalidade.

O processo de investigação antropológica realizada sobre os costumes e hábitos de grupos de indivíduos nas últimas décadas do século XIX tinha como referencial o estudo entre grupos de nativos tidos como “primitivos”, e a sociedade ocidental dita “civilizada”. Uma visão ateadada na teoria evolucionista, na qual os indivíduos eram classificados como homogêneos e as diferenças eram resultados de um processo evolutivo.

Uma nova ótica foi lançada sobre os estudos antropológicos no início do século XX, quando o dito “primitivo” deixa de ser ponto exclusivo dos estudos dos profissionais da Antropologia. O espaço urbano surge como *lócus* para as pesquisas etnográficas, pois é espaço no qual os sujeitos formam grupos dotados de complexas diversidades culturais, e a antropologia urbana encarregar-se-ia de estudá-los.

Robert Park (1967, p. 26-27) ao refletir sobre a nova posição dos estudos antropológicos afirmava que “o homem civilizado é um objeto de investigação igualmente interessante, e ao mesmo tempo sua vida é mais aberta à observação e ao estudo”, assim a cidade tornava-se uma nova seara de estudos. Ainda o autor salientava que os métodos que eram utilizados pelos antropólogos para estudar os povos primitivos poderiam ser utilizados com os grupos das cidades:

eram feitos de madeira e levados na cabeça pelas vendedoras, as quais se deslocavam de um lado para outro oferecendo vários produtos (PANTOJA, 2001; PINHEIRO; PINHEIRO, 2017). O tabuleiro recebeu novos elementos em sua estrutura, o que foi percebido durante a pesquisa de campo. Os tabuleiros se compõem: de um carrinho de ferro, mesmo modelo usado pelos clientes dentro dos supermercados para transitarem com seus produtos, ou um carrinho de mão, usado na construção civil para transportar material. O carrinho de mão foi adaptado recebendo mais duas rodas. Tanto o carrinho de supermercado quanto o de mão, transformam-se em estruturas improvisadas, em cima das quais, coloca-se um tampão de madeira com proteção nas laterais. Dessa forma, temos as “vendas de tabuleiro” pelas ruas da capital amazonense (não há deslocamento de vai e vem, nessa forma de tabuleiro, estes são colocados em algum ponto dos logradouros). No entanto, é preciso salientar que vendas com produtos expostos nos tabuleiros sendo levados na cabeça, ainda são vistos pelas ruas, de forma discreta. Na definição do dicionário online de português, tabuleiro é: peça de madeira ou de metal com as bordas levantadas para não deixar cair o que nela está; bandeja. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/tabuleiro>. Acesso em: 30/11/2018.

A vida e a cultura urbanas são mais variadas, sutis e complicadas, mas os motivos fundamentais são os mesmos nos dois casos. Os mesmos pacientes métodos de observação despendidos por antropólogos tais como Boas e Lowie no estudo da vida e maneiras do índio norte-americano deveriam ser empregados ainda com maior sucesso na investigação dos costumes, crenças, práticas sociais, e concepções gerais de vida que prevalecem em Little Italy, ou no baixo North Side de Chicago, ou no registro dos folkways mais sofisticados dos habitantes de Greenwich Village e da vizinhança de Washington Square em Nova York. (PARK, 1967, p. 27)

A Antropologia urbana ganha destaque a partir da década de 70 do século XX no Brasil. Muitos intelectuais passaram a produzir sobre o contexto urbano elegendo novos elementos como objeto de análise (RIBEIRO, 2013). A autora salienta:

[...] a Antropologia passa a focar e observar os acontecimentos corriqueiros e cotidianos, buscando entender como os indivíduos vivenciam e reelaboram esses acontecimentos, propiciando um entendimento grandioso em relação à dinâmica das sociedades complexas, onde a cidade é o lócus fundamental. (RIBEIRO, 2013, p. 11)

A contribuição da Antropologia urbana tornou-se necessária para o desenvolvimento da pesquisa junto às imigrantes haitianas na cidade de Manaus. Ao longo de dois anos tivemos a oportunidade de acompanhar as imigrantes em distintos momentos do seu dia a dia, e isso nos levou ao encontro de outra cultura e a compreensão do mundo dos sujeitos, os quais estávamos tentando analisar.

Fazenda, Tavares e Godoy (2015, p. 43) ao dialogarem sobre a elaboração de uma pesquisa afirmam que esta “se constitui em um conjunto de procedimentos que visam produzir um novo conhecimento e não reproduzir simplesmente, o que já se sabe sobre dado objeto em um determinado campo científico”. Ainda as autoras afirmam que o pesquisador, quando na busca de um novo conhecimento, cria um momento introspectivo e ímpar que é só dele, um olhar necessário em busca de ampliar novos conhecimentos. Também asseveram que:

Esse olhar interior do próprio pesquisador não tem limites, não tem metodologia, não tem estrutura que o oriente, é um momento só dele, no qual, buscando novos conhecimentos, ele pode construir um referencial metodológico aplicável para aquela experiência, para aquele momento, para aquela situação, para aquela visão que é só sua. (FAZENDA; TAVARES; GODOY, 2015, p. 29)

Alguns motivos mesmo que não ligados diretamente ao objeto da pesquisa, que

são as relações sociais das mulheres imigrantes haitianas³, porém serviram de inspiração para alavancar esse estudo. Diríamos primeiramente pela pesquisadora ter em sua história de vida uma experiência migratória. Na década de 90, aquela saiu do Município de Autazes, situado no Estado do Amazonas e rumou para a capital amazonense na companhia do irmão mais velho, o qual havia migrado anos antes em busca de estudo e trabalho.

Assim como centenas de amazonenses e outros nortistas⁴ a pesquisadora migrou para a cidade de Manaus em busca de estudo e conseqüentemente colocação no mercado de trabalho. O migrar exigiu o desvincular-se de pai, mãe, irmãos e amigos de infância, assim como, levou consigo os costumes, hábitos e as lembranças de um modo de viver que contrastava com a vida vivida na capital amazonense.

Diane Sacramento (2010), ao investigar as representações das vivências e lugares de trajetos feitos por migrantes assentados, salienta:

O migrante traz sempre a lembrança dos lugares por onde passou cujas experiências podem ser agradáveis ou desagradáveis, as quais demonstram as relações estabelecidas entre eles e os lugares. O migrante não migra sozinho. Seja qual for a causa de sua saída, a migração sempre deixará marcas impressas na memória de cada indivíduo. (SACRAMENTA, 2010, p. 14)

Coadunando com Sacramento as lembranças foram guardadas na memória de momentos inquietantes como as viagens de “motor da linha”⁵, os primeiros anos de encantamentos na cidade migratória. O vaivém dos carros, as vitrines das lojas, inspiravam desejos de consumo de roupas, utensílios, bem como as luzes dos postes e seus reflexos representavam um mundo desconhecido e exerciam um fascínio quase que inexplicável naquela migrante e que ainda hoje estão presente em sua

³ Usaremos a categoria “haitianas”, para identificar a nacionalidade dessas mulheres. Nosso pilar está na ideia de Cristiane Dutra (2016, p.161), que usa o termo “haitianos”, para identificar a nacionalidade desses imigrantes, sem, no entanto, estereotipá-los ou fazer generalizações, pois é uma categoria, cujos sujeitos são de origens distintas, muitos vieram do meio rural outras do urbano, alguns são católicos outros protestantes, assim como possuem níveis de escolaridade.

⁴Nazareth, Brasil e Teixeira (2011), no estudo demográfico sobre a cidade de Manaus, registram intensos fluxos migratórios inter/intra/estaduais na década de 1960 a 1990, com pequena diminuição nos fluxos da última década.

⁵O “motor da linha” é o nome dado aos barcos que faziam/fazem as viagens de Manaus/Autazes/Manaus. Os barcos de médio porte saíam naquela época, anos de 1990, do Porto de Manaus Roadway às 18h. Minutos antes, desse horário o comandante do “motor da linha” dava seu primeiro aviso através da buzina, anunciando a todos que o motor já ia partir; nesse momento, irmãos, irmãs, parentes, amigos, namorados e namoradas apressavam as despedidas com abraços, beijos ou um simples aperto de mão e desejavam boa viagem àqueles que rumavam para o interior. O mesmo ritual dava-se entre os que saíam de Autazes rumo a capital Manaus.

memória.

Halbwachs (2003) frisa que as lembranças individuais podem ser recompostas a partir da vivência em grupo. Representações do passado podem ser criadas a partir das percepções de outras pessoas como também internalizadas expressões de uma memória histórica. Segundo o autor não existe memória por pura e simples imaginação, pois para construção da memória o ponto de referência é o sujeito. A respeito aponta:

Nossas lembranças permanecem coletivas e nos são lembradas por outros, ainda que se trate de eventos em que somente nós estivemos envolvidos e objetos que somente nós vimos. Isto acontece porque jamais estamos sós. Não é preciso que outros estejam presentes, materialmente distintos de nós, porque sempre levamos conosco e em nós certa quantidade de pessoas que não se confundem. (HALBWACHS, 2003, p. 30)

A história de uma vida pregressa, em cujas experiências assentou-se a partir de movimento de migração foi o elo para pensar nas mulheres haitianas em processo migratório na cidade de Manaus. Os enfrentamentos com a nova realidade, o acostumar com o ritmo do “novo”, (re)criar novas estratégias de sobrevivência com mudanças na alimentação, falar, vestir e até mesmo outros hábitos diários.

O segundo motivo, é mostrar a mulher imigrante como sujeito social participativo e com decisão no ato de emigrar, que (re)cria condições de interações sociais junto a outros grupos de atores sociais. Considerando ímpar as relações para sua permanência nos espaços sociais nos quais constroem sociabilidades no cotidiano da paragem migratória.

O terceiro ponto firmou-se devido à presença das mulheres imigrantes haitianas na cidade de Manaus. Como uma vagante observadora, as idas ao centro e outros locais da capital, levaram a pesquisadora perceber o vaivém das imigrantes nos espaços das vias públicas. Santos (1985, p. 23), afirma que “ruas servem como referenciais definidores dos limites de um determinado território. São também unidades de alto significado para quem sabe reconhecê-las”.

As ruas são os espaços que se transformam, não somente em um espaço de vendas, e sim de sociabilidades para dezenas de imigrantes de várias nacionalidades que compõem o cenário de vendas informais nas calçadas da capital amazônica. Esse é o panorama que se estende desde tempos pretéritos na cidade de Manaus (PINHEIRO; PINHEIRO, 2017; OLIVEIRA, 2012).

1.1.1 O primeiro tabuleiro e o início da pesquisa

Berthise⁶, imigrante haitiana, chegou na cidade de Manaus no ano de 2015 para reencontrar com o marido, o qual havia migrado para à capital manauara no ano de 2013. Berthise entrou no Brasil com visto humanitário, deixando no Haiti três filhos. Dona de um tabuleiro de bombons, na época que a conhecemos (início de 2017) até a escrita desse trabalho, montava seu tabuleiro (foto 1) à sombra de uma árvore em um espaço de terra, ao lado da parada de ônibus, localizado na praça Domingos Russo, Avenida Djalma Batista.

Foto 1: Berthise e seu tabuleiro de bombons, Manaus/AM, 2019.



Fonte: Foto feita por Eduardo Brandão, colaborador e responsável pelos registros fotográficos, 2019.

Antes de iniciarmos o contato direto com Berthise, a mesma foi observada em três momentos distintos, e não tivemos coragem de parar e tentar falar com aquela mulher que desde a primeira vez que a vimos, parecia-nos calma, olhar sereno, sempre sentada por trás do seu tabuleiro. Notamos que sempre que alguém parava para comprar, aquela vendedora de bombons se mostrava sorridente, trocava

⁶ Cumprindo as orientações do Comitê de Ética em Pesquisa, a identidade do(a)s imigrantes que aceitaram participar da pesquisa de campo e da aplicação do questionário realizada com trabalhadoras inseridas no mercado de trabalho informal, assim como outras informações, foram resguardadas. Empregamos nomes fictícios.

somente poucas palavras na língua portuguesa que envolviam os preços dos produtos, troco e agradecimentos.

Mesmo que naquele momento não tivéssemos a nitidez de como as interações sociais seriam visibilizadas, somente depois de muitas leituras no decorrer do curso e as orientações advindas da orientadora e coorientador, conversas com professores da Universidade do Estado do Amazonas (UEA) e professores da Universidade Federal do Amazonas (UFAM) e posteriores idas a campo, chegamos a definir as “redes sociais” como um dos instrumentos analíticos para investigar as experiências⁷ das imigrantes haitianas atuantes na informalidade, este sendo analisado como espaço de sociabilidades.

Passamos a pensar sobre como imergir naquele espaço social da informalidade, no qual as imigrantes apresentavam-se em interações cotidianas em prol de melhores condições de vida. Um espaço social pensando também através do pensamento de Pierre Bourdieu (2004), o qual coloca:

[...] meu trabalho consistiu em dizer que as pessoas estão situadas em um espaço social, que elas não estão num lugar qualquer, [...] e que, em função da posição que elas ocupam nesse espaço muito complexo, pode-se compreender a lógica de suas práticas e determinar, entre outras coisas, como elas vão classificar e se classificar, e, se for o caso, se pensar como membro de uma ‘classe’. (BOURDIEU, 2004, p. 67)

Dessa forma, entendíamos a necessidade de compreender a prática dos sujeitos a partir da posição que cada um ocupava no espaço social. Este apresenta-se complexo e diversificado como resultado do grau de desenvolvimento que cada sujeito contribui na sociedade. Uma das perguntas que nos inquietou naquele contexto a partir de Berthise foi de como agir, aproximar-se, interagir junto àquelas mulheres imigrantes?

Felizardo Costa e José Justo (2016, p. 37), enfatizam a insegurança do indivíduo diante do desconhecido “por mais atraente e fascinante que possa ser o desconhecido, este despertará no estrangeiro algum temor, receio ou insegurança por lhe ser pouco ou nada familiar”. E foi justamente essa ebulição de sentimentos que

⁷ Edward Thompson (1981, p. 42), entendia a *experiência* como as ações na vida de homens e mulheres reais, entender a dinâmica dessas ações era entender o diálogo existente entre o ser social e a consciência social. Isso partiria de dois diálogos: “[...] primeiro, o diálogo entre o ser social e a consciência social, que dá origem à experiência; segundo, o diálogo entre a organização teórica (em toda a sua complexidade) da evidência, de um lado, e o caráter determinado de seu objeto, de outro”. É a partir dessa concepção que usamos a categoria experiência nessa dissertação.

tomou conta da pesquisadora nas primeiras tentativas de aproximações junto às imigrantes. Gláucia Assis (2004) diz que o trabalho de campo traz uma experiência de estranhamento e também de encontro com a alteridade.

João Tedesco (2016, p. 304) frisa que “ao aproximar-se do Outro, o estranhamento se produz. Tentar fugir ao que não nos é familiar é uma estratégia comum”. Porém, mesmo diante do medo do “desconhecido”, iniciávamos naquele ponto de vendas de bombons a ideia de desenvolver um projeto que pudesse mostrar as experiências, as relações sociais e interações das imigrantes haitianas com outros atores sociais no cotidiano da capital manauara. Foi a partir daquele contato que nascia o trabalho que aqui se estruturou em forma de uma Dissertação.

As imigrantes haitianas passaram a figurar no setor informal, como já mencionado, umas em vendas de tabuleiro, outras como costureiras, cozinheiras e vendedoras de água e banana frita nos sinais de trânsito, como também em atividades formais. No entanto, nosso campo de estudo direcionou-se para as mulheres imigrantes inseridas na informalidade, especialmente as vendedoras de tabuleiro do comércio informal.

1.2 A LÍNGUA COMO BARREIRA CULTURAL

O contato prévio com o campo de pesquisa deu-se em diversas e distintas situações, o que colaborou posteriormente para que se pudesse ter uma abordagem mais densa quando se imergiu na investigação. No entanto, antes do início das primeiras aproximações com as mulheres haitianas, a falta de leitura mais detalhada sobre questões históricas e sociais a respeito daquele país caribenho, o Haiti, levou ao pensamento equivocado sobre a língua dominante dos nacionais haitianos. Acreditávamos que a língua francesa era de domínio daqueles caribenhos, uma vez que é língua oficial⁸ do Haiti durante séculos.

A abordagem pessoal, na qual a pesquisadora apresentava-se da seguinte forma: “*Salut, Je m’appelle Maria*” (oi, eu sou Maria), “*comment allez-vous?*” (como você está), com essas frases, ditas pausadamente, acompanhadas de uma voz trêmula, se fez o primeiro contato com uma das primeiras haitianas que

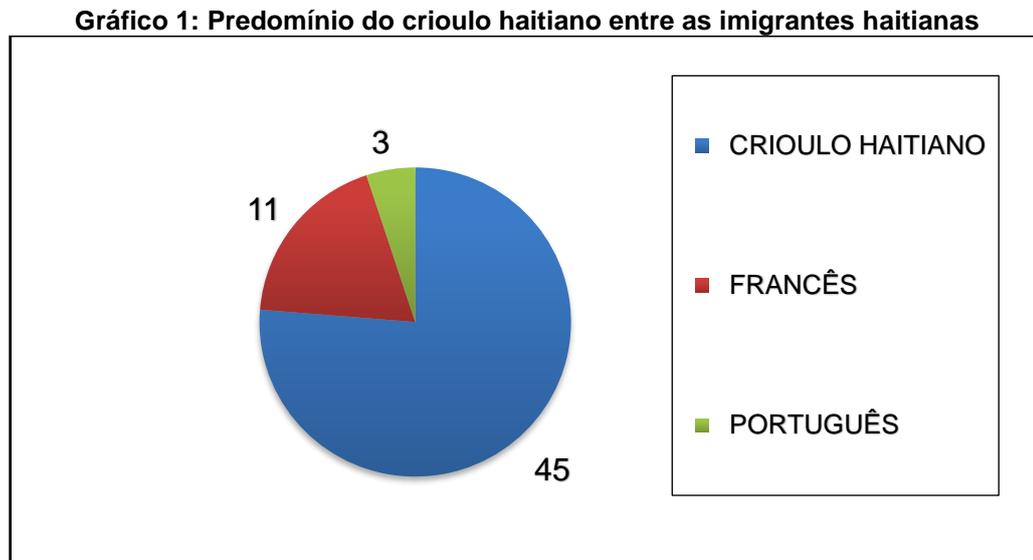
⁸ Luiz Rodrigues (2008), aponta que o francês é uma das línguas oficiais do Haiti, porém somente uma minoria da população haitiana fala o idioma. O crioulo é a língua falada por mais de 95% da população haitiana e se tornou língua oficial no ano de 1987.

posteriormente se tornou sujeito participante dessa pesquisa.

Inúmeras paradas durante o primeiro semestre do ano de 2018 foram feitas nos logradouros, nos quais existem uma intensa presença de homens e mulheres imigrantes desenvolvendo o comércio de calçadas, principalmente nas vendas de tabuleiro. Assim como visitamos outros locais laborais de imersão das imigrantes.

Entretanto o centro comercial da capital manauara foi o campo que tivemos maior participação, embora tenhamos feito incursões nas outras áreas nas quais as imigrantes encontravam-se em atividade laboral.

As horas e horas dedicadas à observação do vaivém daquelas mulheres⁹ em suas rotinas nos levaram a perceber que uma parcela considerável delas não falavam a língua francesa, o que pode ser observado no gráfico abaixo:



Fonte: Autora, 2019.

De acordo com os dados (gráfico 1) das 59 participantes da pesquisa *survey*,¹⁰ 45 responderam falar somente o crioulo haitiano o que equivale a 77%, 11 responderam falar a língua francesa, um percentual de 18%. Essas 11 imigrantes afirmaram ainda que conseguiam se comunicar com frases curtas na língua

⁹ A partir do mês de agosto do ano de 2018 até os primeiros quatro meses do ano de 2019, passamos a criar uma rotina de observação do dia a dia das mulheres haitianas, nos espaços de vendas, principalmente, assim como em momentos em família, igreja, momento cultural na quadra de esporte da Igreja de São Geraldo. Nestes lugares visitávamos a convite das próprias mulheres haitianas e aconteciam em dias específicos.

¹⁰ A pesquisa *survey* foi empregada por nós junto às imigrantes haitianas que desenvolviam alguma atividade na área da informalidade na capital manauara. Os resultados dessa pesquisa *survey* foram empregados em diversos momentos da escrita dessa dissertação.

portuguesa e somente 3 mulheres, um percentual de 5% declarou falar a língua portuguesa com maior conhecimento dos elementos gramaticais. O crioulo haitiano era a língua predominante entre as imigrantes. Diante dessas informações, tornou-se necessário uma reorganização nos planos da pesquisa.

Essas observações serviram para mostrar que a língua é elemento definidor para se criar uma relação social, ao mesmo tempo em que pode representar simbolicamente uma barreira entre culturas. No decorrer da imersão no espaço social das imigrantes haitianas, ficou evidente que o crioulo haitiano era predominante na comunicação cotidiana daquelas mulheres.

Diante disso foi percebido que para mergulhar naquele mundo era necessário o mínimo de conhecimento sobre a língua falada por aquelas mulheres. Segundo Bourdieu (1996), para que se possa conhecer a realidade de um mundo social é necessário tentar chegar nas particularidades que a forma. Assim dispõe o autor:

[...] não podemos capturar a lógica mais profunda do mundo social a não ser submergindo na particularidade de uma realidade empírica, historicamente situada e datada, para construí-la, porém, como “caso particular do possível”, conforme a expressão de Gaston Bachelard, isto é, como uma figura em um universo de configurações possíveis. (BOURDIEU, 1996. p. 15)

A língua tornava-se um capital social necessário, um mecanismo de mediação para adentrar aquele mundo, até então, totalmente desconhecido para a pesquisadora. Sem conhecimento desse elemento cultural, uma barreira é criada entre os sujeitos, dificultando as trocas culturais entre os grupos. Foi necessário buscar mecanismos que viabilizassem a apropriação do idioma das imigrantes para que pudesse ser aceita naquele espaço de sociabilidades.

1.2.1 Crioulo haitiano: um novo elemento no campo de pesquisa

Antonio Chizzotti (1995) faz algumas observações sobre o papel do pesquisador diante das manifestações que afloram no campo de pesquisa. O autor afirma:

O pesquisador é parte fundamental da pesquisa qualitativa. Ele deve, preliminarmente, despojar-se de preconceitos, predisposições para assumir uma atitude aberta a todas as manifestações que observa, sem adiantar explicações nem conduzir-se pelas aparências imediatas, a fim de alcançar uma compreensão global dos fenômenos. Essa compreensão será alcançada

com uma conduta participante que partilhe a cultura, das práticas, das percepções e experiências dos sujeitos da pesquisa, procurando compreender a significação social por eles atribuída ao mundo que os circunda e aos atos que realizam. (CHIZZOTTI, 1995, p. 81- 82)

Coadunando com a concepção de Chizzotti não bastava somente obter compreensões básicas da língua crioula haitiana para tentar a comunicação, era necessária leitura para compreender o porquê do não domínio da língua francesa pelas imigrantes haitianas, uma vez que esse idioma era/é a língua oficial naquele país há séculos. O crioulo haitiano somente se oficializou, como uma segunda língua nas últimas décadas do século XX.

Luís Rodrigues (2008) analisa a situação diglósica que existe no Haiti desde a colonização, assim como a trajetória do vodu naquela sociedade caribenha. Através da leitura, ampliamos a compreensão sobre a língua materna dos imigrantes haitianos, desfazendo o pensamento equivocado sobre a língua francesa como o idioma predominante entre aqueles nacionais.

A leitura colocou-nos diante de uma sociedade haitiana com uma realidade histórico-social dinâmica e complexa, carente de análises mais profundas que levem a reflexões sobre o processo histórico-social que a constituíram como sociedade. Um dos elementos constituidores da sociedade é a língua; no Haiti, o crioulo haitiano, tornou-se símbolo de resistência às imposições e transformações naturalizadas pelo colonialismo.

Rodrigues (2008) afirma que o crioulo é uma língua falada por 95% da sociedade haitiana e o francês por 5%; mesmo assim, a língua francesa até o ano de 1987 era a única língua oficial, enquanto o crioulo haitiano tornou-se uma língua marginalizada, uma sub-língua falada pela população menos favorecida. Conforme o autor:

[...] no Haiti, por exemplo, o francês é a língua alta, utilizada na escola, na igreja, na universidade, nos discursos políticos, etc., enquanto que o crioulo é a língua baixa, utilizada na vida quotidiana, nas conversações particulares, nas telenovelas, nas relações com os “inferiores”. A diglossia coloca então face a face duas línguas ou variantes da língua, onde uma é valorizada, “normatizada”, veículo de uma literatura reconhecida, mas falada por uma minoria, enquanto a outra é desprezada, desprestigiada, mas falada pelo maior número de falantes. (RODRIGUES, 2008, p. 67)

Segundo o autor, a língua crioula haitiana foi declarada língua oficial em 1987, contudo “apesar de seu *status* de língua oficial – há tão pouco tempo alcançado – o

crioulo não é, de forma alguma, um idioma de prestígio” (RODRIGUES, 2008, p. 67).

Pâmela Marques (2012), lembra que a referida língua só entrou como proposta para o ensino institucionalizado a partir da reforma educacional de 1979, porém desprovida de materiais didáticos, uma vez que o material se encontrava em francês. A língua francesa é a língua ensinada nas escolas, enquanto o crioulo é língua do dia a dia, ensinada dentro dos lares, nas famílias, entre amigos (RODRIGUES, 2008). Pimentel, Cotinguiba e Ribeiro (2016) discutem a língua como sendo resultado de interesses políticos de determinados grupos sociais, assim como traça os desafios que o crioulo haitiano enfrentou no seu processo de oficialização. Sobre a língua os autores salientam que:

A língua é um processo cultural, um aspecto constitutivo de um povo em qualquer sociedade. Não se adquire na escola, tampouco depende dos projetos de alfabetização ou letramento para ser adquirida. Ao contrário, é fruto da interação do ser humano com o outro e da sua necessidade de se comunicar e ‘contracenar’ com o ‘outro’ no espaço social. (PIMENTEL; COTINGUIBA; RIBEIRO, 2016 p. 32)

Em estudo sobre a importância de dominar o idioma da sociedade de destino, Barbosa e São Bernardo (2017) salientam a situação dos haitianos(as) que migraram para o Brasil, pontuando que:

Não falar a nova língua torna a jornada pela busca do emprego mais árdua. Além disso, dificulta o crescimento profissional dos/as haitianos/as, impedindo que façam cursos profissionalizantes, que cresçam nas empresas onde trabalham ou encontrem outras oportunidades de melhores empregos. Por outro lado, saber um pouco mais do idioma pode facilitar a conseguir trabalho. (BARBOSA; SÃO BERNARDO, 2017, p. 64)

Ainda as autoras salientam que os imigrantes haitianos por não dominarem o idioma “costumam manter suas relações sociais limitadas aos/às conterrâneos/as ou aos/às brasileiros/as com os/as quais convivem no ambiente de trabalho” (*idem*, p. 65).

O crioulo haitiano se apresentava como um forte elemento cultural na cidade de Manaus. Assim, no cotidiano das vendas de tabuleiro, no culto das igrejas evangélicas¹¹, nos encontros das mães ao receber seus filhos na Casa de Apoio São

¹¹ No bairro de São Jorge, existem duas igrejas evangélicas, nas quais os cultos são realizados no crioulo haitiano, momentos que os haitianos reafirmam um dos elementos culturais transplantado para a paragem de acolhimento.

Geraldo, nos encontros culturais, nesses espaços de sociabilidades, os imigrantes reafirmavam sua cultura através da língua.

Ressalta-se que o crioulo haitiano é falado por milhares de indivíduos dentro e fora do Haiti. Como lembra Rodrigues (2008):

É certamente o idioma crioulo mais falado pela maioria dos falantes de crioulos no mundo. São cerca de oito milhões e setecentas mil pessoas no Haiti. Na diáspora, o crioulo haitiano também é falado por mais de um milhão de pessoas, vivendo na América do Norte (Estados Unidos e Canadá), na América do Sul (principalmente na Venezuela e na Guiana francesa), no Caribe (República Dominicana, Martinica, Guadalupe e Bahamas), na Europa (França) e em alguns países da África. (RODRIGUES, 2008, p. 89)

Isso representa a reafirmação desse elemento cultural haitiano nessa paragem amazônica. Na cidade de Manaus, nas comunicações do dia a dia, o crioulo haitiano, imbrica-se com os signos linguísticos da língua portuguesa, e nesse encontro de elementos culturais, acaba-se criando um “dialeto” para fluir a comunicação, entre haitianos e brasileiros, o “*portkreyòl*”¹². Simbolicamente, este representa a presença das duas culturas no solo amazônico.

A capital amazônica que traz uma herança de ser uma cidade receptora de centenas de migrantes nacionais e internacionais, no passado e presente (PINHEIRO; PINHEIRO, 2017; OLIVEIRA, 2016), desenha atualmente um pedaço do Haiti no seu dia a dia.

1.3 *NOU PALE KREYÒL*: A IMPORTÂNCIA DA LÍNGUA COMO CAPITAL SOCIAL

Pierre Bourdieu (1985, p. 248) afirma que capital social é “o agregado dos recursos efectivos ou potenciais ligados à posse de uma rede durável de relações mais ou menos institucionalizadas de conhecimento ou reconhecimento mútuo”. Nesta perspectiva, há dois elementos que compõem o capital social: a relação social que permite o acesso aos recursos e a quantidade e qualidade destes recursos. Em outras palavras, o capital social depende do potencial de volume de capitais que um indivíduo

¹² *Portkreyòl* é denominação que demos a forma de se comunicar agregando em uma frase palavras da língua portuguesa e do crioulo haitiano. É usada pelos imigrantes que ainda não aprenderam a falar o português para facilitar a comunicação com os não-haitianos, no dia a dia na cidade de Manaus. Como exemplo: “bonjou amigo”, “eu travay nan centro”, “senk reais”, “kay mwen an São Jorge”. Durante a pesquisa de campo através de conversas informais, algumas haitianas e também haitianos, diziam que estavam se comunicando usando o “*portkreyòl*”, pois não tinham ainda aprendido a falar o português.

pode acessar a partir das suas relações construídas no seio da sociedade da qual faz parte.

É necessário salientar que o capital social, para Bourdieu (1985), precisa de investimento contínuo na instauração e manutenção das redes de relações que são aptas a proporcionar lucros materiais ou simbólicos.

Para o autor, não há uma dependência entre o capital social e a trajetória do indivíduo. Os valores culturais e as estruturas sociais herdadas não são determinantes para o capital social, uma vez que ele é resultado de uma ação deliberada dos indivíduos de um investimento social.

Partindo desse princípio, a dedicação ao estudo do crioulo haitiano, tornou-se um ponto dentro da pesquisa, pois para imergir naquela realidade que estava à nossa frente, era necessário um mínimo de recurso linguístico que possibilitasse criar interação social com aquelas imigrantes, ao mesmo tempo que passava a formar um capital sociocultural que futuramente possibilitaríamos a uma melhor compreensão sobre a cultura daquelas imigrantes.

Antonio Chizzotti (1995, p. 20), ao discutir a postura que o pesquisador deve ter diante do campo de pesquisa é categórico em uma de suas afirmações, na qual salienta “sem algumas providências preliminares de organização pessoal, a pesquisa pode estagnar-se e não transpor fases mais complexas, que exigem dados bem organizados e tempo prolongado de observação e análise”. E foi isso que fizemos.

Autodidaticamente, auxiliada por tecnologias da internet, passamos a assistir aulas de crioulo haitiano durante os finais de semana, pois precisávamos de um mínimo de recurso que nos levassem a firmar uma relação com os futuros sujeitos da pesquisa.

O domínio de algumas frases para comunicação oral foi aprendido. A posse desse capital mínimo, levou ao contato mais concreto junto as imigrantes haitianas no dia a dia nas ruas da cidade de Manaus. Outro meio de aprender a língua crioula haitiana foi com os próprios haitianos. Delva¹³ foi nos apresentado por Berthise, que o conheceu ali mesmo na sua venda de tabuleiro quando Delva passava por ali com

¹³ Delva é nome fictício, dado a um haitiano, na faixa etária dos trinta anos, ensino básico completo, que chegou em Manaus em 2016. Falava e escrevia o francês informal, dominava poucos elementos da língua portuguesa. Ressaltamos a participação desse imigrante, cuja importância foi primordial para que a pesquisadora pudesse dar os primeiros passos em busca de aprender a se comunicar na língua crioula haitiana. Nossos sinceros agradecimentos a esse imigrante pela paciência e horas que disponibilizou para ajudar a uma desconhecida.

seu carrinho de picolé, e entre um descanso e outro parava e conversa com Berthise. Tornaram-se conhecidos.

Em uma das nossas conversas informais com Delva sobre a língua crioula haitiana, ele nos explicou que no Haiti a maioria da população falava o crioulo haitiano, enquanto que uma minoria dominava a língua francesa. Disse ele: “*non, nou pa pale fransè. Nou pale kreyòl*” (não, nós não falamos francês. Nós falamos crioulo). Informação que se pôde comprovar durante o trabalho de campo.

João Carlos Tedesco (2016), aponta a mesma dimensão que vivem o estrangeiro/migrante, pessoas que se deslocam, assumem riscos, vão, voltam. Diz o autor:

O estrangeiro está na correlação com o imigrante, está na dimensão da aventura; é aquele que extrapola o seu contexto, o que já viveu, afasta-se, desloca-se, sai da segurança e a cruza com a insegurança, passa do calculável ao incalculável, aposta no destino, em algo que não lhe transmite segurança imediata, afronta-o, permite viver a intensidade do suspense, é a vida que se realiza para além do premeditado e das causalidades. O imigrante é esse sujeito que deixa pra trás muita coisa, os seus, as certezas construídas até então, projeta-se e desloca-se em múltiplos âmbitos, não apenas o físico, mas objetiva retornar, aproximar-se mais por meio do distanciamento, para sentir-se e subjetivar-se [...]. (TEDESCO, 2016, p. 292)

Aquele imigrante foi a primeira pessoa que nos ensinou as primeiras palavras do crioulo haitiano. Durante o trabalho de campo, reservávamos algumas horas para que pudéssemos conversar, falar, sorrir, trocar ideias. Ele falava do Haiti, não só da pobreza, violência, mas destacava os lugares bonitos, praias e cidades haitianas, as quais, segundo ele, eram planejadas e onde moravam os haitianos que tinham dinheiro. Falava da saudade que sentia da família, dizia que tinha parentes que migraram para os Estados Unidos e França.

Ao mesmo tempo em que ele falava de suas lembranças, também perguntava sobre Manaus, endereços, nome de bairros, nome de frutas, de comida, bebidas. Nós também passamos a perguntar sobre como pronunciar essa ou aquela palavra, demonstrávamos interesse não só em aprender o idioma dele, mas passar informações, conhecimentos sobre a cultura amazônica, a história da cidade de Manaus. Essas conversas informais serviram para definir pontos de relevância para o entendimento da imigração haitiana.

Dessa forma passamos quatro meses; três vezes na semana tínhamos encontro marcado ali, embaixo no pé daquela árvore na Praça Domingos Russo,

sentados ali mesmo na calçada, pegávamos caderno e caneta e ficávamos durante duas a três horas falando, escrevendo: palavras, frases e expressões, tanto em crioulo haitiano quanto na língua portuguesa. Processo lento, pois consultávamos, algumas vezes, as mídias para acessar o tradutor de idiomas. Algumas vezes, sorríamos como duas crianças alegres, porque não conseguíamos pronunciar determinadas palavras.

Diríamos que a partir dessa iniciativa criávamos uma maneira de aprender/ensinar, na qual não havia professor e aluno, apenas dois estrangeiros precisando adquirir conhecimento sobre a cultura um do outro, especialmente sobre o idioma. Ele por haver a necessidade de inclusão social e laboral na sociedade de destino e nós porque tínhamos a possibilidade de entendermos melhor o dia a dia das imigrantes haitianas. A aquisição do conhecimento facilitaria a aceitação no meio social de ambos.

Ricardo de Queiroz *et al* (2001) ao se referir aos espaços não formais para a prática educativa, assinala:

Todo e qualquer espaço pode ser utilizado para uma prática educativa de grande significação para professores e estudantes [...]. Entre esses espaços podemos considerar: praças públicas, áreas verdes nas proximidades da escola, de lagos e igarapés, entre outros. (QUEIROZ *et al*, 2001, p. 18-19)

Talvez, sem perceber tínhamos um local de aprendizado que se dava no meio não formal. E foi ali à sombra daquela árvore e sentados na beira da calçada, em um espaço não formal, durante alguns meses do ano de 2018, tivemos trocas de experiências entre crioulo haitiano e a língua portuguesa. Momentos que consideramos importante tanto para Delva que aumentou seu conhecimento sobre a língua portuguesa quanto para nós, pois a partir dali despertava o interesse de procurar meios para aprender a língua crioula haitiana, o que expandiria possibilidades de entendimento sobre os sujeitos da pesquisa.

Não continuamos mais a trocar nossos conhecimentos, pois Delva conseguiu emprego como auxiliar de serviços gerais em uma instituição de ensino particular, trabalho de carteira assinada, o que levou muita satisfação para aquele imigrante e para mim também. Devido a isso interrompemos nossa troca de conhecimento sobre a língua.

Outra experiência para tentar aprimorar a língua crioula haitiana veio com o senhor Rolland Dugas, haitiano, residente na cidade de Manaus, desde 2017, falante

de cinco idiomas, dentre eles o português. O senhor Dugas se tornou meu professor de crioulo haitiano. As aulas se realizaram em minha casa, nos quatro primeiros meses do ano de 2019, todos os domingos, durante duas horas.

O senhor Dugas teve os estudos interrompidos devido à destruição de sua universidade durante o terremoto de 2010. Ele estava no oitavo período de Ciências Contábeis na época do terremoto. Homem de visão crítica sobre o processo histórico, político e social de sua terra natal, mostrava-se orgulhoso ao narrar sobre o processo revolucionário que levou o Haiti a ser a primeira colônia negra a se declarar um país independente.

Ao mesmo tempo, nosso informante demonstrava tristeza ao falar que apesar de toda luta por liberdade o Haiti tornou-se um país miserável por conta de uma elite haitiana, apoiadora dos regimes ditatoriais, os quais, aliados de outros países, passaram a governar para os interesses estrangeiros deixando de lado as reais necessidades da sociedade local.

As aulas de crioulo haitiano também se transformavam em aula de história a respeito da sociedade haitiana. O conhecimento adquirido durante as aulas levou-nos a aprofundar leituras sobre a história do Haiti, o que contribuiu consideravelmente para o entendimento sobre o processo migratório haitiano na cidade de Manaus.

1.4 REDE SOCIAL: DIALOGANDO SOBRE CONCEITOS

Ao longo da pesquisa algumas categorias nortearam a construção da dissertação servindo de viés analítico para a compreensão das experiências das imigrantes haitianas. Foram: rede social, mercado de trabalho informal como espaço de sociabilidade. Iniciaremos colocando algumas considerações sobre rede social. De maneira geral, é possível indicar uma rede social enquanto um “conjunto finito de atores e a(s) relação(ões) que se estabelecem entre eles” (WASSERMAN; FAUST, 1994, p. 20).

Imízcoz (2004) diz que é um termo polissêmico, contraditório e que ainda se encontra em construção, porém que cria condições de análise dos sujeitos. O autor ressalta que a análise das redes sociais tem que levar em consideração que os elementos estruturais não são “externos aos sujeitos” e sim que fazem parte destes. O autor assevera que:

Os indivíduos têm atributos e valores – economia, cultura, crenças, capacitação, posição social, etc., e se relacionam não somente com outros indivíduos, e sim com todos os elementos materiais e imateriais que estão a sua volta e em sua consciência. Estas dimensões da realidade não são exteriores aos atores sociais. A cultura, as instituições, a economia, o poder político, não existem fora das pessoas, estes elementos são introspectivos dos indivíduos. Por isso os atores atuam com seus atributos e com sua cultura: com sua riqueza, com seu status, com suas posições sociais, com seus valores, com suas convicções e dúvidas, com suas normas institucionais, com seus interesses e desinteresses, etc¹⁴. (IMÍZCOZ, 2004, p, 125. Tradução nossa)

Como os sujeitos se articulam no meio social do qual fazem parte com seus conhecimentos, atributos, normas, status, etc., procuramos investigar o dia a dia das imigrantes haitianas, compreendendo suas interconexões firmadas através dos distintos níveis, individual, relacional, sistêmico e estrutural, tendo o cuidado de não cair no erro de “absolutizar as estruturas, nem cair no lado oposto, do individualismo ‘puro” (TELES, 2018, p. 33).

Bertrand (2012, p. 61), coadunando com Imízcoz (2004), afirma que rede social remete a uma estrutura construída com base nas relações existentes entre indivíduos. O autor tenta demonstrar a influência da estrutura familiar nos comportamentos e interações dos indivíduos. Essa noção por sua vez, remete a uma primeira caracterização da rede em termos morfológicos, nos quais essa estrutura pode assumir um formato egocentrado (construída em torno de um indivíduo) ou polinodal (que evidencia a existência de relações fragmentadas, organizadas em torno de um ou vários núcleos).

O emprego analítico de rede social se tornou um instrumento com viés sociológico para analisar as interações sociais dos sujeitos em suas diferentes formas e níveis de agregação social.

Acioli (2007, p. 7) ainda argumenta que tanto o uso de rede de forma analítica ou metodológica são usadas nas chamadas “redes de movimentos, redes de solidariedade, que são expressões vinculadas à estudos do campo de movimentos”.

Ana Enne (2004, p. 264) ao analisar o trabalho de John Barnes, assinala que o

¹⁴ Citação original “los individuos tienen unos atributos y unos valores – de economía, cultura, creencias, capacitación, posición en una escala social, etc.- y se relacionan no sólo con otros individuos, sino con todos los elementos materiales e inmateriales de su entorno y de su conciencia. Estas dimensiones de la realidad no son exteriores a los actores sociales. La cultura, las instituciones, la economía, el poder político, no existen fuera de las personas, están encarnados en ellas o “son llevados” por ellas. Por ello mismo, los actores actúan con sus atributos y con su cultura: con su riqueza, con su estatus, con sus atribuciones, jerárquicas, con sus valores, con sus convicciones y dudas, con sus normas e instituciones, con su interés y desinterés, etc.”

autor tenta mostrar a ideia de rede utilizada em seu trabalho com a preocupação de pensá-la socialmente como “composta por indivíduos que irão se articular a partir de interações, e não por composições egocêntricas, como irão propor outros. A rede com a qual trabalharia seria, portanto, a rede social total”. Portugal (2006) aponta que:

[...] os estruturalistas têm associado *nós* com indivíduos, mas eles podem igualmente representar grupos, corporações, agregados domésticos, ou outras coletividades. Os *laços* são usados para representar fluxos de recursos, relações simétricas de amizade, transferências ou relações estruturais entre *nós*. (PORTUGAL, 2006, p. 109)

É no trabalho de Mark Granovetter (1973), que vem uma das tentativas à compreensão das relações sociais entre os indivíduos. No artigo intitulado *The Strength of Weak Ties* (1973), o autor sustentava a tese que os vínculos fortes nas redes levam os indivíduos pertencentes a ela, a tomarem decisões mais consistentes.

No ano de 1983, Granovetter lança o artigo *The Strength of Weak Ties: A Network Theory Revisited*. Neste escrito, Granovetter reformulou algumas concepções sobre os chamados *laços fracos* e *laços fortes*. Nas redes de *laços fracos*, tem-se uma disseminação maior das inovações, isto devido serem as redes constituídas de indivíduos com experiências e formações diversas.

Nas redes de *laços fortes* há uma identidade comum, as dinâmicas geradas nessas interações não se estendem além dos “*clusters*”, pois nesse tipo de relação há uma referência para tomada de decisão; as relações dão-se com elevado nível de influência. Os indivíduos que compartilham de *laços fortes* quase sempre participam do mesmo círculo social, enquanto que os indivíduos com relações de *laços fracos* são importantes porque há uma conexão com distintos grupos, levando ao rompimento com o isolamento dos “*clusters*” e assumindo a forma de rede social. Para o autor os *laços fracos* são mais eficazes do que os *laços fortes* porque fornecem possibilidades aos indivíduos a circularem e conseguirem informações em outros meios.

Em pesquisa de campo realizada entre os anos de 2018 a 2019, junto às mulheres haitianas na cidade de Manaus, observamos os perfis das relações sociais das imigrantes, notamos que as interações (re)criadas pelas imigrantes no dia a dia na capital amazônica são tênues, porém constantes. Trata-se de um vínculo que não demanda interações para ser mantido, é uma relação mais fluida e menos conectada, na qual não há intimidade, porém existem reciprocidade e confiança das informações

que são trocadas diariamente, os *laços fracos* permitem a sociabilidade das mulheres haitianas nos espaços do comércio informal.

O espaço de vendas nas calçadas é um espaço de sociabilidade, pois nos pontos de vendas de tabuleiro, diariamente, existe um fluxo considerável de pessoas que trocam, recebem, levam e trazem informações sobre trabalho, viagem, estudo. Ao mesmo tempo em que aproveitam para se queixarem de suas mazelas, da saudade do(a) filho(a), esposa(o) que deixaram no seu país de origem, da decepção de não conseguir trabalho ou estar no trabalho sem garantias sociais, assim como podem marcar para *trese cheve*¹⁵. Um espaço de precariedade ressignificado pela ação dos sujeitos.

Um panorama que se sustenta na concepção de *laços fracos* de Granovetter (1983), pois existe um compartilhamento de inúmeras informações entre os imigrantes, uma dinâmica diária e essencial para a permanência ou remigração dos haitianos da capital amazônica.

Artur Bento (2009) observa que as relações entre atores são canais por onde transferem ou fluem recursos materiais e imateriais, podendo tais relações serem sociais, econômicas, políticos e afetivas.

Joaquim Fialho (2015) argumenta que na atualidade as redes sociais se desenham nas comunicações e interações, envolvendo linguagens simbólicas, questões culturais e relações de poder. O autor ainda expõe:

Nos últimos anos surgiram como um padrão organizacional capaz de expressar, através da sua arquitetura de relações, interações sociais, políticas e econômicas de caráter inovador, com a missão de ajudar a explicar alguns problemas atuais. São a manifestação de uma nova forma de conhecer, pensar e conceitualizar a realidade social. (FIALHO, 2015, p. 61)

Para Comissoli e Costa (2014, p.13) as “redes sociais não são uma teoria social, ou seja, elas não pretendem descrever o funcionamento da sociedade ou sua estruturação...”. Para os autores, as redes devem ser entendidas como um instrumento analítico. É, portanto, este um dos vieses analíticos que compõem os mecanismos usados nessa dissertação para se compreender e analisar as relações e interações sociais entre as imigrantes haitianas e os demais elementos que compõem

¹⁵“Trese cheve” é como as mulheres haitianas se referem a prática de trançar o cabelo e/ou trançar fio sintético no cabelo natural formando lindas tranças e penteados. O serviço é realizado ali mesmo no local de trabalho, por mulheres haitianas que prestam o serviço ou é marcado para ser realizado durante o dia de domingo em domicílio.

o espaço social (organizações, pastoral, creche, depósito, lojas, etc.), responsáveis pela sustentação da permanência das mulheres haitianas no cotidiano da capital manauara.

Porém, nossa opção não foi por um único quadro analítico e perspectiva teórica; decidimos trabalhar com uma pluralidade de leituras que nos permitisse dar conta das diversas realidades que envolvem as imigrantes haitianas nas articulações do dia a dia na cidade de Manaus.

1.5 SOCIABILIDADE COMO CATEGORIA DE ANÁLISE

As maneiras como os indivíduos na sociedade ou especificamente em um grupo social conduzem as relações sociais e como as utilizam em interesses próprios ou para com o outro ou com o outro, produz “uma vida própria, um exercício livre de todos os conteúdos materiais: esse é justamente o fenômeno da sociabilidade (SIMMEL, 2006, p. 64).

George Simmel afirma que a sociedade é o resultado da interação entre os indivíduos. O autor salienta que a interação surge a partir das necessidades ou finalidades dos indivíduos e que essa interação só terá significado quando inserida em espaços ditos institucionais ou outros grupos abrangentes. Os conhecimentos individuais precisam entrar em convergências para que possa surtir seus impactos. A interação então surge, segundo Simmel:

[...] a partir de determinados impulsos ou da busca de certas finalidades. Instintos eróticos, interesses objetivos, impulsos religiosos, objetivos de defesa, ataque, jogo, conquista, ajuda, doutrinação e inúmeros outros fazem com que o ser humano entre, com o outro e contra o outro, em um estado de correlação com os outros. Isso quer dizer que ele exerce efeito sobre os demais e também sofre efeitos por parte deles (SIMMEL, 2006, p. 59-60)

São esses impulsos e objetivos que movem os indivíduos e quando em convergências formam a sociedade. Simmel ainda salienta que é preciso discernir em todo processo social um conteúdo e uma forma. Conteúdo e forma são definidos pelo autor como:

Defino assim, simultaneamente, como conteúdo e matéria da sociação tudo o que existe nos indivíduos e nos lugares concretos de toda realidade histórica como impulso, interesse, finalidade, tendência, condicionamento psíquico e movimento nos indivíduos – tudo o que está presente nele de modo

a engendrar ou mediatizar os efeitos sobre os outros, ou a receber esses efeitos dos outros. [...] essas matérias com as quais a vida se preenche, essas motivações que a impulsionam, não têm natureza social. A fome, o amor, o trabalho, a religiosidade, a técnica, as funções ou os resultados da inteligência não são, em seu sentido imediato, por si sós, sociais. A sociação é portanto, a forma (que se realiza de inúmeras maneiras distintas) na qual os indivíduos, em razão de seus interesses [...] se desenvolvem conjuntamente em direção a uma unidade no seio da qual esses interesses se realizam. (SIMMEL, 2006, p. 60-61)

Podemos então presumir a partir de Simmel que a sociedade se faz além dos indivíduos que a compõem podendo ser uma unidade objetiva vista nas relações como uma via de mão dupla entre os indivíduos.

Essas relações recíprocas se apresentam de diversas formas, inclusive no dia a dia dos indivíduos através de conversas, reuniões, festas, casamentos, jantares, discussões, negócios, vendas. Todas as manifestações nos indivíduos, lugares concretos da realidade histórica com interesses ou finalidades, cujo propósito é de exercer e/ou receber influência do outro é denominado por Simmel de conteúdo e constitui a matéria da sociação, e esta se materializa no processo de sociabilidade.

Para Simmel (2006, p. 64) porém, na sociação é necessário que os objetivos, as finalidades, estejam além dos interesses individuais; posto que “formas de sociação são acompanhadas por um sentimento e por uma satisfação de estar justamente socializado”.

Assim a categoria informalidade foi uma das delimitações para fazer um retrato das mulheres haitianas em interações sociais na cidade de Manaus. O espaço de trabalho informal transformou-se nesta pesquisa, em *lócus* de sociabilidade, no qual conseguimos identificar as redes e interações firmadas entre/pelas mulheres imigrantes atuantes nas vendas de calçadas, especificadas nesta dissertação, nas “vendas de tabuleiro”. O comércio ou trabalho informal é uma área da informalidade que detém maior capilaridade da mão de obra migrante.

1.5.1 O informal na informalidade

Maria Cacciamali (2000) assinala que a difusão do tema “setor informal” dar-se-á a partir do Programa Mundial de Emprego, lançado em 1969 pela Organização Internacional do Trabalho (OIT). Um dos objetivos era a avaliação do impacto do crescimento econômico industrial de países retardatários sobre o emprego e a distribuição da renda.

Cacciamali (2000, p.153) ressalta que o setor informal foi um tema muito debatido no final do século passado, e pode representar fenômenos muito distintos como “evasão e sonegação fiscais, terceirização; microempresas; comércio de rua ou ambulante; contratação ilegal de trabalhadores assalariados nativos ou migrantes...”. A autora ressalta que esses vários tipos de trabalhos realizados desconsideram regras expressas em lei ou em procedimentos usuais.

Segundo Eduardo Noronha (2003, p.116) o “informal” pode ser entendido como “sem normas escritas”, pois “a ideia disseminada entre sócio-economistas de que o mercado é sempre institucionalizado seja pela lei, pelos acordos coletivos, seja por práticas sociais”.

No relatório da Organização Internacional do Trabalho (OIT, 2006), a expressão “economia informal” refere-se a:

[...] todas as actividades económicas de trabalhadores e unidades económicas que não são abrangidas, em virtude da legislação ou da prática, por disposições formais. Estas actividades não entram no âmbito de aplicação da legislação, o que significa que estes trabalhadores e unidades operam à margem da lei; ou então não são abrangidos na prática, o que significa que a legislação não lhes é aplicada, embora operem no âmbito da lei; ou, ainda, a legislação não é respeitada por ser inadequada, gravosa ou por impor encargos excessivos. (OIT, 2006, p. 7)

A Organização Internacional do Trabalho (OIT) enfatiza que os trabalhadores da economia informal tanto podem receber salário quanto trabalhar por conta própria, porém, são mais vulneráveis e carentes de segurança social.

Cacciamali (1982), explana que o informal se configura como um “espaço econômico”, em que a força de trabalho é vendida, comprada, sem nenhuma seguridade social. Cacciamali (2000) aponta também o comércio informal como uma categoria ocupacional do setor informal.

Thiago Peres (2015) recorda diversos debates na literatura sobre o emprego do termo “setor informal”, “economia informal” e “informalidade”. Peres observa o esforço de economistas e sociólogos para reformular conceitos que dessem conta das mudanças no “mundo do trabalho” das últimas décadas do século XX. Assim expressa o autor:

[...] debate em torno do termo informalidade demandou reelaborações conceituais a fim de adequá-lo aos “novos tempos”. Nesta parte, apresenta três matrizes analíticas forjadas neste esforço de reelaboração e seus desdobramentos teórico-metodológicos. Cada seção corresponde a uma

matriz. Nas suas respectivas subseções, os conceitos são operacionalizados a partir de pesquisas empíricas. (PÉRES, 2015, p. 5)

Para Ângela Araújo (2012, p.11), a informalidade equivale a “formas e relações de trabalho não-fordistas, incluindo todos os trabalhadores sem proteção das leis trabalhistas e que tem uma inserção precária no mercado de trabalho”.

Na virada do milênio, Cacciamali (2000, p. 163) revê suas assertivas anteriores, e sugere um novo referencial teórico denominado “Processo de Informalidade” para se pensar a informalidade. Um dos fenômenos que identificam o Processo de Informalidade diz respeito “à reformatação das relações de trabalho nas formas de organização a produção e do mercado de trabalho do setor formal da economia em territórios e espaços que devem ser selecionados e especificados” (*idem*).

Cacciamali ainda chama atenção para a relação de trabalho dos indivíduos que estão na informalidade, essa relação está assentada nos acertos salariais fora dos parâmetros da seguridade social, assim como pode representar outros tipos de contratação (legais ou consensuais). As cooperativas de trabalho, empreiteiras de mão-de-obra, agências de trabalho temporário, locadoras de mão-de-obra e prestação de serviços temporários, dissimulados sob a forma de trabalho autônomo são as categorias que compõem uma ala da informalidade. A autora conclui que na contemporaneidade o processo de informalidade deve estar associado aos seguintes elementos:

[...] às diferentes formas de inserção do trabalho que se originam dos processos de reformatação das economias mundiais, nacionais e locais. Essas formas, sejam elas novas, recriadas ou ampliadas, devem ser tipificadas, de tal forma a constituírem em si mesmas categorias de análise, embora o exame sobre seu comportamento e evolução deva ser sempre referenciado ao processo de desenvolvimento econômico, social e político em andamento. (CACCIAMALI, 2000, p. 164)

É coerente pensarmos que nem todo processo de desenvolvimento traz benefícios aos distintos grupos que compõem a sociedade. Em nosso estudo as mulheres haitianas, trabalhadoras na área da informalidade, especificamente no comércio informal, eram/são pessoas que emigraram de sua paragem de origem fugindo de situações socioeconômicas precárias que se desenham há décadas.

A emigração haitiana é fruto também de uma política de desenvolvimento pensada de fora para dentro e que nada contribuiu para os nacionais haitianos (CASTOR, 2016), pelo contrário acelerou o processo de saída de milhares de

indivíduos do Haiti e contribuindo para que este se tornasse um país *diaspora*¹⁶ (HANDERSON, 2015).

Alguns fatores contribuem para a expansão da informalidade. Segundo a Organização Internacional do Trabalho (OIT, 2006), fatores socioeconômicos como pobreza e ausência de políticas públicas são elementos impeditivos para que pessoas possam investir em educação e adquirir qualificação que permita melhorar sua empregabilidade e contribuir para a seguridade social levando também a melhores condições de vida. Esse cenário contribui para o panorama do comércio informal nas cidades receptoras de grupos em mobilidade humana.

Muito embora a intenção nesse trabalho não seja a investigação sobre a formação do mercado de trabalho informal, foram necessários alguns embasamentos sobre essa categoria para levar a compreensão da dinâmica dos imigrantes que se articulam diariamente no comércio de vendas informais.

1.6 MEMÓRIA: RELATOS NECESSÁRIOS PARA O ENTENDIMENTO DAS EXPERIÊNCIAS DE MULHERES IMIGRANTES EM CONTEXTOS MIGRATÓRIOS

Os relatos das imigrantes haitianas ajudam a conhecer a trajetória, as angústias, desejos e sonhos que permeiam a história dessas mulheres que decidiram migrar. Para tanto, nos apropriamos do conceito de memória individual, intencionando perceber as identificações coletivas emergidas no quadro das vivências e das lembranças do passado.

Jacques Le Goff (2003) enfatiza que a memória é um fenômeno individual e psicológico, porém que também está ligado à vida social, sendo em ambos os casos uma apropriação do tempo pelo agente que narra suas vivências.

Le Goff (2003, p. 410), conclui afirmando que “a memória é um elemento essencial do que se costuma chamar identidade, individual ou coletiva, cuja busca é uma das atividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades de hoje”. Ao tratar

¹⁶ O termo *Diaspora* é usado para identificar o haitiano (a) que emigrou do Haiti e que cria uma relação de retorno-volta com aqueles que permanecem no país “A pessoa *diaspora*, ao mesmo tempo, está próxima e distante daqueles que ficam. Isso mostra o duplo efeito da experiência de mobilidade no modo de ser dos viajantes e sobre os que ficam, além das implicações dela no mundo social do lugar de origem. A mobilidade produz essa síntese de proximidade e distanciamento que constitui a posição social e cultural das pessoas *diaspora* que estão numa relação de ‘próximos distantes’ e outros ‘só próximos’. A mobilidade permite a esses sujeitos viverem e agirem nessas relações múltiplas” (HANDERSON, 2015, p. 365).

da memória coletiva, o autor afirma que:

[...] a memória coletiva faz parte das grandes questões das sociedades desenvolvidas e das sociedades em vias de desenvolvimento, das classes dominantes e das classes dominadas, lutando todas pelo poder ou pela vida, pela sobrevivência e pela promoção". (LE GOFF, 2003, p. 410)

Maurice Halbwachs (2003) fala que a memória histórica é um fato exterior à nossa vida, pois deixa sua impressão em determinado dia ou hora e é a partir dessa impressão que recordamos esses momentos. Nós ainda conseguimos nos identificar com momentos anteriores à nossa existência na medida em que eles foram vividos por outros membros do grupo ao qual nós fazemos parte.

O autor aponta que os acontecimentos ajudam a situar a memória do indivíduo através de suas experiências, expressa

[...] a aventura pessoal da memória, a sucessão dos acontecimentos individuais, que resulta de mudanças que ocorrem nas nossas relações com os grupos a que estamos misturados e nas relações que se estabelecem nesses grupos". (HALBWACHS, 2003, p. 13)

Sendo assim, mulheres em processo migratório podem (re)construir lembranças individuais embasadas nas experiências vividas como migrantes. Conforme Halbwachs enfatiza, por mais que as lembranças possam parecer consequências de uma ação individual, elas só existem como parte de estruturas sociais; em outras palavras, as pessoas precisam da memória dos outros para recordar as suas. Dessa forma, as lembranças individuais são resultado de uma interação com as lembranças do grupo de pertencimento do indivíduo e das ações coletivas.

Corroborando para o entendimento sobre os vários desenhos da memória. Halbwachs (2003) frisa que a memória é formada por lembranças vividas individual e coletivamente. Sobre a memória coletiva:

[...] se pode falar de memória coletiva quando evocamos um fato que tivesse um lugar na vida de nosso grupo e que víamos, que vemos ainda agora no momento em que o recordamos, do ponto de vista desse grupo. Temos o direito de pedir que este segundo aspecto seja admitido, pois esse tipo de atitude mental só existe em alguém que faça ou tenha feito parte de um grupo e porque, pelo menos à distância, essa pessoa ainda recebe sua influência. (HALBWACHS, 2003, p. 41-42)

Diante disso é possível que se possa resgatar os sentidos construídos pelas mulheres haitianas em movimento migratório. O autor explica que a memória do indivíduo depende do seu relacionamento com os grupos de referência, tais como: a família, a classe social, a escola, a igreja, o trabalho, demais grupos de circulação do indivíduo.

Dessa forma, o passado é constantemente reconstruído e as lembranças estão associadas à maneira de pensar de tantos outros. Neste contexto, o imigrante reconstrói a memória e a identidade através da vivência dos laços culturais, mantidos vivos nas confraternizações comunitárias, nos almoços familiares, nas conversas cotidianas e na evocação das lembranças do passado. Assim, a cultura haitiana se faz viva nessa paragem amazônica devido à existência estreita entre a memória e a identidade.

A tentativa é de refletirmos sobre a memória social do grupo, através das experiências individuais e obter conhecimentos sobre as experiências e identificações coletivas. O dia a dia das imigrantes se organiza em torno de uma memória em comum, mesmo que as memórias se apresentem de formas múltiplas. Nessa perspectiva, as imigrantes compartilham de dupla memória: a memória individual e a memória coletiva.

Pollak (1992) ao tratar dos acontecimentos que contribuem para formar a memória dos indivíduos, os divide em duas categorias: os acontecimentos vividos pessoalmente que são resultados de experiências individuais; e os acontecimentos vividos por tabela que são as de experiências do grupo à qual pertence, mas que não foram vividos diretamente pelo indivíduo.

A memória opera por uma ligação com o passado, enriquecendo o presente, selecionando pela lembrança e pelo esquecimento o que se deve rememorar, sendo pleiteada também por fornecer um lugar de pertencimento, uma memória comum. O pertencimento a um território de identidade (HALBWACHS, 2003).

O cotidiano também pode ser compreendido pelas fontes orais, pois a memória, como processo contínuo de elaboração, atribui significados para este. Entendendo que a memória é subjetiva, quando se identifica erros, mentiras ou falsa memória, ainda mais de forma coletiva, pode ser um importante indicador do trabalho da memória e de vontades. Portanto, a memória revela as visões, os desejos, sonhos e decepções dos atores sócio-históricos sobre o mundo.

1.7 A METODOLOGIA

O prospecto para a escrita da dissertação foi a partir da aprovação do Projeto pelo Comitê de Ética em Pesquisa/CEP, no primeiro semestre de 2019. A partir desse resultado passamos à arquitetura desse trabalho e uma vez que já tínhamos as coordenadas seguimos para a escrita da dissertação.

Os procedimentos da pesquisa envolveram: visitação a arquivos, local de trabalho e convivência das imigrantes haitianas e leituras bibliográficas. No quadro a seguir pontuamos os espaços de visitas feitas por nós na cidade de Manaus, nos quais consideramos obter informações significantes para a pesquisa.

Quadro 1. Percurso empírico para construção da pesquisa

Locais de visitação para coleta de dados e observação participante	
Casas de apoio a migrantes e refugiados - Pastoral dos Migrantes	
➤ arquivo da Igreja de São Geraldo, Pastoral dos Migrantes	➤ arquivo da Igreja Nossa Senhora dos Remédios (anexo), Pastoral dos Migrantes.
Observação participante	
<ul style="list-style-type: none"> ➤ Casa de Apoio São Geraldo (voluntariado) ➤ Festas culturais – Quadra Igreja São Geraldo; ➤ Igreja Haitiana; ➤ Casas de famílias Haitianas; ➤ Acompanhamento em: atendimento médico (consulta, exames de imagens); reuniões e atendimento na Polícia Federal; ➤ Ruas de vendas de tabuleiro e outros espaços laborais 	

Fonte: Autora, 2019.

Em relação as várias leituras bibliográficas, salientamos as referentes à história do Haiti: James (2000), Santiago (2013), Castor (2016), Grondin (1985).

Para a compreensão do processo migratório haitiano no Brasil nos debruçamos nos trabalhos de: Dutra (2016), Pimentel e Cotinguiba (2012). Para entendimento da migração haitiana na Amazônia, dentre outras leituras, consultamos: Handerson (2015), Costa (2016), Silva (2010), Rodrigues (2016), Santos (2014) e Oliveira (2016).

Dados empíricos, informações e impressões de vários autores sobre o

processo migratório haitiano foram usados na arquitetura da dissertação. O modo para analisar esse arcabouço de informações deu-se através das abordagens qualitativa/quantitativa, meios que oportunizaram uma análise tanto do espaço do grupo de pessoas estudadas, quanto dos aspectos subjetivos dos informantes. Mirian Goldenberg (2011) assevera em relação à pesquisa qualitativa que:

Os dados qualitativos consistem em descrições detalhadas de situações com o objetivo de compreender os indivíduos em seus próprios termos. Estes dados não são padronizáveis como os dados quantitativos, obrigando o pesquisador a ter flexibilidade e criatividade no momento de coletá-los e analisá-los. (GOLDENBERG, 2011, p. 53)

A possibilidade de trabalhar os significados, crenças, valores, atitudes, levando ao aprofundamento de entendimento das relações nos processos e fenômenos foi ampliada com as duas abordagens. Goldenberg (2011) afirma:

[...] através da observação participante por um período longo de tempo, das entrevistas em profundidade, da análise de diferentes fontes que possam ser cruzadas – que atinge níveis de compreensão que não podem ser alcançados através de uma pesquisa quantitativa. (GOLDENBERG, 2011, p. 50)

Concordamos com a assertiva da autora ao dizer que a observação participante alarga a visão do pesquisador levando a pontos que outro tipo de pesquisa talvez não alcance.

No entanto, levamos também em consideração os apontamentos feitos pelas autoras Fazenda, Tavares e Godoy (2015, p. 63), sobre a análise quantitativa, as quais autoras salientam que “os métodos quantitativo e qualitativo não são incompatíveis; pelo contrário, estão intimamente ligados e, portanto, podem ser usados pelos pesquisadores sem caírem na contradição epistemológica”. Ainda afirmam:

[...] um problema humano social, físico, entre outros, baseado em testagem de uma teoria composta de variáveis medidas por valores numéricos e analisadas via procedimentos estatísticos, a fim de determinar se as generalizações previstas na teoria se sustentam ou não. (FAZENDA; TAVARES; GODOY, 2015, p. 61)

Destarte as duas abordagens quantitativa/qualitativa serviram para balizar a pesquisa: o quantitativo para o dimensionamento da amostra do número representativo de mulheres que tem ocupação na informalidade, tempo de inserção naquela atividade, esses e outros dados foram levantados com a abordagem

quantitativa. A qualitativa oportunizou reflexão sobre as ações das pessoas que vivenciam uma determinada realidade.

1.7.1 Contando os pontos e dimensionando a amostra

Em levantamento¹⁷ realizado nos dias 12, 13 e 14 de dezembro de 2018, em vinte ruas no centro comercial da capital amazonense, conforme registro no caderno de campo, constatamos 133 imigrantes haitianas em vendas de tabuleiros.

Nos dias 17 e 19, na Avenida Djalma Batista (Praça Domingos Russo e Manaus Plaza Shopping), registrou-se 4 vendedoras de tabuleiros com vendas de bombons e banana frita. Na Feira do Mutirão e Feira do Novo Aleixo 3, computamos um total de 13 imigrantes com vendas de tabuleiro e outras atividades. Um total de 150 mulheres imigrantes foram vistas exercendo atividades no mercado do trabalho informal.

Importante salientar que esse número é oscilante, pois a presença ou não desses sujeitos em vendas nessas vias públicas, principalmente no centro de Manaus, condiciona-se pela questão das chuvas, do sol e também da fiscalização do poder público. Nos dias 12 e 13 tivemos dias de sol, porém no dia 13 foi observado a presença dos fiscais em algumas das ruas que visitamos, como Rua Floriano Peixoto e Avenida Eduardo Ribeiro; dia 14 foi um dia chuvoso.

Ao optarmos por um dimensionamento da amostra do quantitativo de imigrantes haitianas que deveriam ser entrevistadas e que fosse representativo da participação feminina no mercado de trabalho informal, houve a necessidade de diálogo com os conhecimentos estatísticos. Contou-se com o apoio da senhora Sônia Nascimento¹⁸ que realizou os cálculos estatísticos e deu a dimensão da quantidade de entrevistas que deveriam ser feitas.

¹⁷ O levantamento foi realizado pela pesquisadora com apoio de Mia Amélia Pierre Toussaint, imigrante dominicana, filha de pais haitianos. Na época que iniciamos a pesquisa, ela cursava o 4º período do curso de enfermagem na Faculdade Estácio do Amazonas. Fluente em quatro idiomas: crioulo haitiano, francês, espanhol e português, tornou-se interlocutora nas entrevistas. Posteriormente, tivemos a necessária ajuda de Eduardo Brandão, voluntário nessa etapa da pesquisa.

¹⁸ Sônia Araújo Nascimento tem graduação em Estatística, Especialização em Estatística Industrial, mestranda no Programa de Pós-Graduação Profissional em Ciência e Meio Ambiente e professora auxiliar da Universidade do Estado do Amazonas/UEA - Escola Superior de Artes e Turismo/ ESAT. Nosso agradecimento pelos esclarecimentos e cálculos feitos para que pudéssemos dar continuidade ao trabalho de campo. A fórmula estatística para dimensionar a população de imigrantes que deveríamos entrevistar foi uma opção nossa para um melhor direcionamento no campo de pesquisa, pois para esse tipo de pesquisa não é elemento obrigatório. O quadro com a base estatística encontra-se nos apêndices.

De posse do dimensionamento para a amostragem foram realizadas 59 entrevistas com imigrantes haitianas. A abordagem das entrevistadas se deu nas ruas que apresentavam maior ponto de vendas de tabuleiro, o método empregado foi o *survey*. Ressalvamos, tratar-se de uma realidade situacional, na qual diversos e distintos fatores colaboram para a permanência ou deslocamento das vendedoras dos seus locais de vendas.

1.7.2 O *survey* no comércio informal

Fazenda, Tavares e Godoy (2015, p. 22), ao tratarem da importância da metodologia e dos métodos na construção da pesquisa afirmaram que “qualquer procedimento ou qualquer técnica de pesquisa sempre são considerados relevantes desde que convenientemente estudados e adequados às solicitações requeridas”. A proposta metodológica é um referencial para se construir a pesquisa.

Márcio Oliveira (2012) adverte cautela para não amarrar a imaginação sociológica do pesquisador, assim como não se perder na realidade que é multidimensional.

Para Earl Babbie (2003, p. 51), a “pesquisa de *survey*’ pode ser empregada a vários tipos de pesquisas empíricas, como os censos demográficos, pesquisas de opiniões públicas, pesquisas de mercado sobre preferências do consumidor, estudos acadêmicos...”. É uma abordagem quantitativa que envolve obter informações sobre uma amostra de uma população, através de questionário e/ou entrevistas. Os dados obtidos foram analisados por um viés qualitativo. Desse modo, tivemos uma amostragem qualitativa/quantitativa sobre o perfil das mulheres haitianas atuante na informalidade.

A pesquisa realizou-se através de entrevistas com um questionário com perguntas estruturadas e semiestruturadas. O questionário constituiu-se de 38 perguntas divididas em 6 grupos, nos quais estavam contempladas as seguintes questões:

Grupo 1 - Perfil: perguntas sobre identificação, escolaridade; estado civil.

Grupo 2 - Questões migratórias: naturalidade; origem migratória; situação legal no Brasil; se acompanhada ou não ao emigrar; motivos da escolha do Brasil como local de acolhimento.

Grupo 3 – Questões das redes antes e depois da chegada: o financiamento da

viagem; se já tinha conhecimento sobre a cidade de Manaus antes da chegada, se tinha quem informou; se acompanhada ou não de familiares na cidade de Manaus; a frequência de contato com a família no Haiti; se manda ajuda financeira para os que lá ficaram.

Grupo 4 – Questões de pertencimento: se pretendia permanecer em Manaus ou emigrar para outro lugar.

Grupo 5 – Experiência e inserção laboral. Nesse item procurou-se saber a situação laboral antes e após a chegada na sociedade de destino: exercia alguma atividade laboral no Haiti e qual atividade; como se inseriu no comércio informal na cidade de Manaus e qual tipo de atividade exerce; quanto tempo exercia o comércio nas calçadas; quanto tempo fica vendendo nas ruas; pagamento pelo espaço no qual realiza vendas; forma de adquirir os produtos; local no qual guarda os produtos; as dificuldades encontradas no dia a dia para se manter nas vendas de tabuleiro e a renda adquirida com as vendas.

Grupo 6 – Espaço e cotidiano. Nesse grupo trabalhamos com as seguintes perguntas: se tinha dificuldade com a língua portuguesa; se havia participado de alguma aula de português quando chegou à capital amazonense; a frequência de contato com outros migrantes haitianos; situação de moradia; a relação de convivência com brasileiros e com outros migrantes não haitianos no local de trabalho; o que o local de trabalho representava, assim como a cidade de Manaus.

Fazenda, Tavares e Godoy (2015) sobre as possibilidades de uso do questionário na pesquisa, fazem as seguintes considerações:

Embora muitas pesquisas não se utilizem do questionário, ele é ferramenta importante e tem o seu valor, embora fosse mais abrangente se houvesse a possibilidade do questionamento para se obter uma maior profundidade do que se deseja pesquisar. Essa é uma visão da própria interdisciplinaridade, pois o questionário é, por si só, um instrumento frio, sem visão crítica e sem alma. No entanto, quando aplicado com essa abertura e com essa intenção, pode-se com ele ter um resultado muito mais amplo e fidedigno da situação pesquisada. (FAZENDA; TAVARES; GODOY, 2015, p. 106)

Dessa forma, reunimos elementos que levaram à compreensão do espaço de sociabilidade e das redes sociais que se formam entre as imigrantes haitianas, brasileiros e outros imigrantes não haitianos que interagem diariamente nas ruas de comércio do centro da capital manauara e em outras zonas da cidade, tendo como cenário o setor informal de trabalho.

Nessa etapa da coleta de dados tivemos o objetivo de construir um perfil das mulheres imigrantes inseridas no comércio informal. Fizemos uma análise das informações e conseguimos obter uma amostra válida para população de mulheres haitianas inseridas no mercado de trabalho informal nessa paragem amazônica.

Babbie (2003, p.45), enfatiza as várias possibilidades de encaminhar uma pesquisa através do *survey*. O autor coloca que “o *survey* pode ser usado vantajosamente no exame de muitos temas sociais e é particularmente eficaz quando combinado com outros métodos”. Dessa forma, os dados coletados foram analisados de forma conjunta e anônima, ainda que a ferramenta nos possibilitasse a identificação das participantes. Uma pesquisa quantitativa, cujos dados foram analisados qualitativamente.

Os dados coletados por meio da pesquisa *survey* foram essenciais para fazermos um quadro do perfil das imigrantes inseridas na informalidade.

1.7.3 Abordagem: entre método e técnica

Aportamos em uma abordagem qualitativa/quantitativa por proporcionar maior liberdade na interpretação dos dados. Para Anselm Strauss e Juliet Corbin (2008) a pesquisa qualitativa é:

[...] qualquer tipo de pesquisa que produza resultados não alcançados através de procedimentos estatísticos ou de outros meios de quantificação. Pode se referir à pesquisa sobre a vida das pessoas, experiências vividas, comportamentos, emoções e sentimentos [...]. (STRAUSS; CORBIN, 2008, p. 23)

Os autores enfatizam que não é a escolha entre um e outro que nos dará resultados de uma investigação e sim as duas caminhando juntas poderão desenvolver determinados pressupostos. Entretanto, na análise do objeto primamos por uma ótica qualitativa por permitir aproximação dos aspectos subjetivos, emoções, decepções, raiva, esperança. A abordagem qualitativa é a base da produção do conhecimento, pois permite interpretação das ações sociais (DESLANDES; GOMES, 2004).

Depois de definidas as dimensões analíticas e a forma de investigar, observamos que uma pesquisa de campo dependendo de sua dimensão, precisa de colaboradores que possam auxiliar no campo de pesquisa. No nosso caso,

precisávamos da ajuda de interlocutor, pois as pessoas (sujeitos) do campo de observação eram imigrantes, as quais em sua grande maioria não conseguiam se comunicar na língua portuguesa.

Para levantamento de dados nos arquivos da Pastoral dos Migrantes (Igreja Nossa Senhora dos Remédios - anexo) e da Igreja de São Geraldo, precisaríamos de colaboradores, pois sozinhos o trabalho nos arquivos seria longo.

Fazenda, Tavares e Godoy (2015) dizem que uma pesquisa, quando interdisciplinar, leva o pesquisador a uma prática do dia a dia, leva-o a vivenciar com olhar mais firme, ser sensível aos entraves e à polissemia que compõe o cotidiano. Sobre a interdisciplinaridade da pesquisa, as autoras apontam:

[...] com a humildade da escrita e da escuta, com a paciência e a perseverança na espera, com o exercício do desapego, com ousadia e perspicácia na mais ampla possibilidade de cooperação e de diálogo, com respeito e a coragem de não permanecer na mesmice, mesmo acreditando nas certezas do momento, entendendo que pode haver uma construção sólida não de uma pesquisa que em si se encerra, mas a que promulga e acessa outros saberes, que aguça novos olhares, que desbrava novos caminhos, que desperta infinitas perguntas num amplo paradoxo de um início que nunca termina. (FAZENDA; TAVARES; GODOY, 2015, p. 24)

Durante pesquisa no arquivo da Pastoral dos Migrantes – anexo Igreja Nossa Senhora dos Remédios, Irmã Arceolídia Silva de Souza¹⁹ apresentou-nos uma haitiana que prestava serviços voluntários naquela Pastoral e falava muito bem a língua portuguesa. Falamos sobre o projeto de pesquisa que estávamos desenvolvendo sobre as mulheres haitianas na cidade de Manaus, explicamos a necessidade do apoio de um nacional haitiano que pudesse ajudar nas entrevistas.

Então, a partir daquela apresentação, passamos a conhecer outras/os imigrantes haitianas/os, estes apresentaram-nos a outras/os imigrantes. Passamos a fazer parte de uma Rede de imigrantes caribenhos e em determinados momentos nos sentíamos como um *nó*, através do qual muitas informações sobre atendimento no posto de saúde, delegacia, matrícula na rede pública de ensino²⁰, além de outras

¹⁹ Coordenadora do Centro de Pastoral de Atendimento aos migrantes, anexo da Igreja dos Remédios, disponibilizou o arquivo para que pudéssemos fazer levantamento de dados.

²⁰ Durante a pesquisa de campo tivemos a oportunidade de auxiliar muitas mulheres e homens haitianos em atendimento em consultas médicas, odontológicas, na matrícula de filhos na rede pública de ensino, na internação em hospital. Acompanhamos e auxiliamos na comunicação do atendimento laboratorial e nas consultas e reuniões do pré-natal de uma imigrante. Assim como acompanhamos alguns haitianos em atendimento na Polícia Federal. Nessas situações nosso propósito era intermediar a comunicação entre brasileiros e os imigrantes.

informações do dia a dia eram solicitadas²¹. Essa imersão na realidade do migrante tornou mais intenso o trabalho de campo.

Nesse momento, além de Mia Amélia, interlocutora na aplicação do *survey* e das entrevistas sobre memória, mais duas pessoas passaram a fazer parte da nossa “equipe”. Os senhores Rolland Dugas²² e Eduardo Brandão Costa²³. O primeiro traduziu para o crioulo haitiano: Questionário das entrevistas, Roteiro das entrevistas, Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e Pós-informação. O segundo foi responsável pelos registros de fotos e mapeamento das ruas e pontos que precisavam ser visitados e pela impressão de todos os documentos utilizados no campo de pesquisa.

Assentando-se também em um olhar etnográfico, buscou-se estar presente no cotidiano das imigrantes haitianas nas principais ruas de comércio do centro e de outros locais da capital manauara com maior incidência de vendas de tabuleiro, visitando suas casas ou indo aos cultos (católicos, protestantes) momento cultural (quadra da Igreja de São Geraldo), como também no momento que algumas mães haitianas buscavam suas crianças na Casa de Apoio São Geraldo – Creche.

Em janeiro de 2019, nossa experiência durante semanas na *Casa de Apoio São Geraldo*, criada no ano de 2013 para atender crianças filhos de migrantes, fez-nos perceber que ali havia uma rede de pessoas (mães), que estavam ligadas por um *nó*, a Casa de Apoio e que a maioria delas estavam inseridas no comércio informal vendendo meias, frutas, verduras, bombons, picolé, água e banana frita.

Nossa presença naquele espaço exigiu muita disposição, paciência e sensibilidade. Como também exigia de nós uma postura de afastamento para que pudéssemos observar e registrar os detalhes daquele espaço de sociabilidade. É inegável que a imersão no campo de pesquisa nos levou a uma experiência ímpar.

Antônio Gil (2010) faz uma relação entre o método da “observação participante” e a coleta de dados através da etnografia. Segundo o autor:

O pesquisador que se dispõe a realizar uma pesquisa etnográfica assume

²¹ A necessidade de adentrar o cotidiano dos sujeitos para observar melhor seu dia a dia, fez com que praticássemos a língua crioula haitiana com maior intensidade, mesmo que a comunicação se desse de forma tropeçada, através de sinais e gesticulações conseguíamos nos comunicar.

²² Haitiano residente em Manaus desde 2017, domina cinco idiomas inclusive o português, será a pessoa que auxiliará na tradução do roteiro e demais documentação para o crioulo.

²³ Eduardo Brandão Costa (imigrante nordestino), ex-aluno da educação básica, exímio leitor das questões migratórias, se voluntariou para essa etapa da pesquisa de campo, pois segundo ele “precisava compreender o vaivém dos imigrantes no comércio informal”.

uma visão holística com vistas a obter a descrição mais ampla possível do grupo pesquisado. A descrição pode incluir múltiplos aspectos da vida do grupo e requerer considerações e ordem histórica, política, econômica, religiosa e ambiental. Os dados obtidos, por sua vez, precisam ser colocados numa perspectiva bem ampla para que assumam significado. Por outro lado, é preciso garantir que os resultados da pesquisa privilegiem a perspectiva dos membros do grupo investigado. (GIL, 2010, p. 127)

O autor ainda ressalta que a observação participante permite uma visão mais ampla do grupo que está sendo estudado e que propõe uma interação entre o pesquisador e os sujeitos que estão sendo pesquisados. A entrevista possibilitou a interlocução com as participantes em vários momentos durante a incursão no campo de pesquisa.

As imigrantes haitianas assumem tripla responsabilidades: trabalhar, cuidar dos afazeres da casa e das crianças, uma realidade transplantada para a sociedade de destino e que demonstra as definições de papéis entre os gêneros na sociedade haitiana.

Foto 2: Mulheres haitianas participando de culto evangélico (pregação feita em crioulo haitiano), Manaus/AM.



Fonte: Autora, 2018.

Outro espaço que nos proporcionou o encontro com a realidade das imigrantes haitianas deu-se no dia 23 de dezembro do ano de 2018, no qual participamos do culto evangélico em uma das igrejas haitianas, localizada na Zona Oeste da cidade

de Manaus, bairro São Jorge. Depois desse dia retornamos mais duas ou três vezes, nos cultos realizados nas manhãs de domingo. Intencionávamos, com isso, perceber a participação das mulheres, todavia, pontuamos duas situações. A primeira, a existência de uma participação reduzida das mulheres imigrantes quando comparada à participação masculina, e a segunda a reafirmação da língua crioula durante os cultos (foto 2).

O registro realizado durante um culto evangélico na igreja haitiana revela a rara presença feminina, tende-se a pensar que a longa jornada semanal, de segunda-feira a sábado, dedicada ao trabalho e mais as responsabilidades com os afazeres domésticos limita sensivelmente a participação das mulheres haitianas no nos cultos realizados aos domingos.

1.7.4 Os relatos orais

Em uma população²⁴ de 150 mulheres trabalhando na informalidade, 59 participaram da pesquisa *survey*. Dentre as 59 imigrantes, 10 foram convidadas a participar dos relatos orais e somente 6 deixaram registrar suas experiências, mas contemplamos ao longo do texto 4 participações. Definimos dois critérios para a escolha das participantes, o primeiro: residir em Manaus no mínimo há um ano. O segundo: estar exercendo trabalho na informalidade. O propósito foi conhecer o dia a dia, lutas, sonhos e desafios que cruzam as vidas dessas mulheres imigrantes no processo migratório na cidade de Manaus, e como isso é (re)construído através da memória.

Maria Isaura Pereira de Queiroz (1988, p. 16) afirma que o relato oral é uma fonte de saber da humanidade, isto é, fonte de informações para todas as ciências e completa: “em todas as épocas, a educação humana [...] se baseará na narrativa [...]. O relato oral está, pois, na base da obtenção de toda a sorte de informações e antecede a outras técnicas de obtenção e conservação do saber”.

Marieta Ferreira e Janaína Amado (2000) ressaltam a importância dos relatos para a história oral; segundo as autoras o uso sistemático do testemunho oral

²⁴ Para Luís Lopes (2003, p.1), população é “Conjunto de todos os elementos relativos a um determinado fenômeno que possuem pelo menos uma característica em comum, a população é o conjunto Universo, podendo ser finita ou infinita”, é nesse sentido que utilizamos neste trabalho a palavra *população*.

esclarece trajetórias individuais e acontecimentos que de outra forma não teriam como ser elucidados.

As narrativas das experiências de vida sob as vozes dos sujeitos protagonistas da pesquisa, as percepções que eles trazem sobre o processo migratório em suas vidas, assim como os (des)registros consolidados na memória por influência deste mesmo contexto/lugar, puderam levar ao entendimento sobre as redes sociais e espaço de sociabilidade construídos na informalidade, especialmente nos espaços de vendas de tabuleiro.

A história oral foi a metodologia que contribuiu para a construção da pesquisa, pois proporcionou possibilidades de se trilhar a memória das imigrantes haitianas e assim desenhar, através de seus relatos, as experiências que comprovam lutas de gênero, tanto no seu lugar de origem quanto no de destino,

O trabalho com história oral possibilita um discurso dialógico. Para Alessandro Portelli (2001), isso pode ser presenciado à medida que o pesquisador retorna ao campo junto a seus sujeitos e socializa o resultado do material que foi obtido. De outro modo, é dialógico porque as narrativas dos entrevistados são analisadas pelo pesquisador, o qual sempre vai afirmar alguma coisa em função do dizer do outro.

O autor faz referência à história oral e suas especificidades dentro das ciências humanas, apontando:

[...] a história oral é uma forma específica de discurso: história evoca uma narrativa do passado, oral indica um meio de expressão do passado. No desenvolvimento da história oral como um campo de estudo, muita atenção tem sido dedicada às suas dimensões narrativa e linguística. (PORTELLI, 2001, 10)

Ouvir e registrar as vozes dos sujeitos foi tornar visível o protagonismo de mulheres que quebraram barreiras das dificuldades se tornando, na maioria das vezes, donas de suas próprias escolhas. Através das narrativas das mulheres haitianas, intencionávamos conhecer suas experiências como mulheres imigrantes e conseguir compreender as tessituras, *nós* e *laços* que se imbricam no mosaico migratório haitiano nessa paragem amazônica.

1.8 O PERFIL DAS EMPODERADAS DA INFORMALIDADE

Para a materialização desta seção analisamos os dados que foram levantados

através da pesquisa *survey* (BABBIE, 2003), realizada entre os meses de janeiro a abril de 2019, com as 59 mulheres imigrantes haitianas que desenvolviam alguma atividade na informalidade. O espaço das vendas de calçadas foi o setor no qual observamos uma parcela significativa de mulheres vendendo meias, frutas, verduras, bombons, água mineral em garrafa, banana frita, como também trabalhando como cozinheira (por conta própria), costureira, e na fábrica de picolé da Pastoral de São Geraldo.

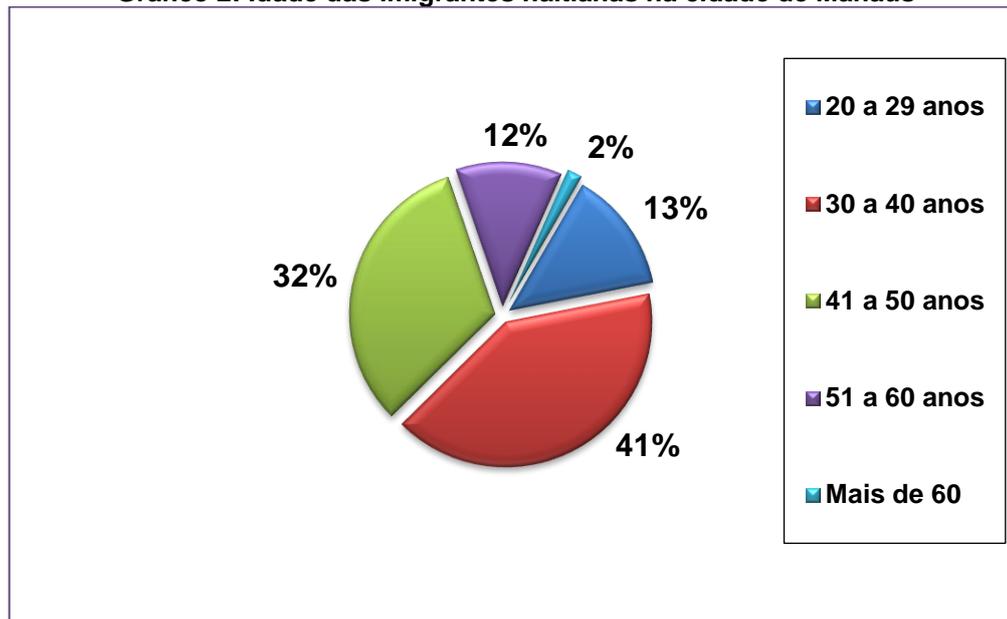
A partir desse contexto construímos um perfil de mulheres imigrantes haitianas na cidade de Manaus²⁵. Salientamos ainda dentre as 59 participantes ainda tivemos seis mulheres que conduzimos entrevistas individuais, mas devido o tempo necessário para as transcrições, consideramos somente quatro relatos. Estes contribuíram para registrar as experiências das mulheres imigrantes no contexto migratório. Privilegiamos uma análise que levasse em consideração a exclusão e desigualdade de gênero, uma vez que estes não são vividos de forma homogênea por mulheres e homens haitianos.

As imigrantes haitianas têm um tempo mínimo de residência na cidade de Manaus, 46 declararam morar na capital manauara 1 a 4 anos, 12 entre 4 e 6 anos e somente 1 afirmou está há 7 anos na capital manauara. Nossa pesquisa deu-se nos primeiros meses de 2019, o que é possível concluir que a maioria chegou a partir do ano de 2015 na paragem migratória.

No que diz respeito a situação de entrada no Brasil, 37 afirmaram entrar no Brasil com visto humanitário enquanto que 22 se declaravam solicitante de refúgio, destas mais de 50% emigraram da Venezuela.

A partir do gráfico a seguir passaremos a visualizar alguns resultados que deram condições para compor o perfil das imigrantes haitianas.

²⁵ Nosso estudo limita-se na abordagem das mulheres haitianas que se encontram na informalidade, principalmente no setor de vendas de calçadas, nesse estudo identificamos como “vendas de tabuleiro”. Apesar de não ser um estudo ampliado, ele pode mostrar um contexto significativo e possível de servir de comparativo para outros estudos sobre as mulheres imigrantes em contexto migratório.

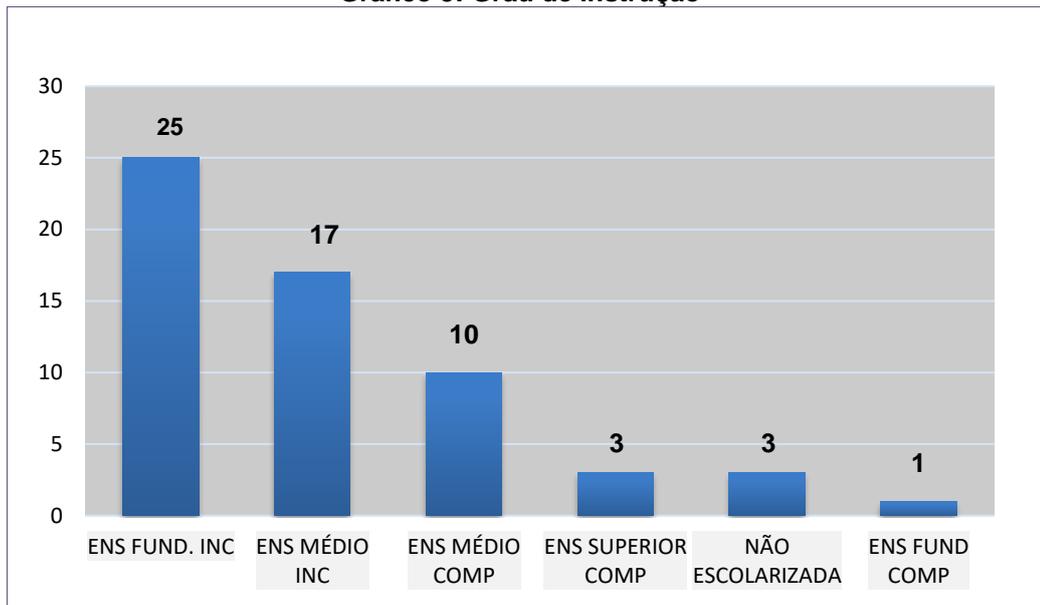
Gráfico 2: Idade das imigrantes haitianas na cidade de Manaus

Fonte: Autora, 2019.

Os dados (gráfico 2) mostram que 24 mulheres estavam na faixa etária de 30 a 40 anos o que equivale a 41%. Mais 19 afirmaram ter entre 41 a 50 anos o que representa 32%. Outras 8 participantes declararam ter entre 20 a 29 anos, um percentual de 13% e 7 disseram estar na faixa etária 51 a 60 o que equivale a 12%. Somente uma imigrante afirmou está com mais de 60 anos, um percentual de 2%, no universo de 59 mulheres participantes da pesquisa.

Outro ponto abordado foi a questão da escolaridade, os dados levantados revelam mulheres com baixo grau de instrução e qualificação profissional.

Tivemos 25 entrevistadas com ensino fundamental incompleto o que equivale a 42,3%, 17 com ensino médio incompleto 28,8%, 10 afirmaram ter o ensino médio completo percentual de 16,9%, 3 disseram possuir o ensino superior completo percentual de 5,0% assim como 3 sinalizaram não saber ler nem escrever um ficando em 5,0% e somente 1 falou ter concluído o ensino fundamental um resultado percentual de 1,6%. A seguir mostramos graficamente os resultados

Gráfico 3: Grau de instrução

Fonte: Autora, 2019.

Partimos do pressuposto que imigração e emigração se originam e permanecem em constante estado de pertencimentos. Isto é, o indivíduo mesmo saindo do seu espaço físico, leva consigo aquilo que lhe pertence, costumes, cultura, hábitos e outros continuam ligados. Maria Aparecida de Moraes Silva (2005), enfatiza que:

Os que partem fazem parte dos que ficam. Partir e ficar são faces de uma mesma realidade social que, embora dividida no espaço, acha-se unida no tempo. Tempo de partir para uns é, simultaneamente, tempo de ficar para outros. (SILVA, 2005, p. 54)

Sayad (1998, p. 18), em sua análise sobre o ser migrante, salienta que o “imigrante antes de nascer para a imigração, é primeiro um emigrante”. Segundo o autor:

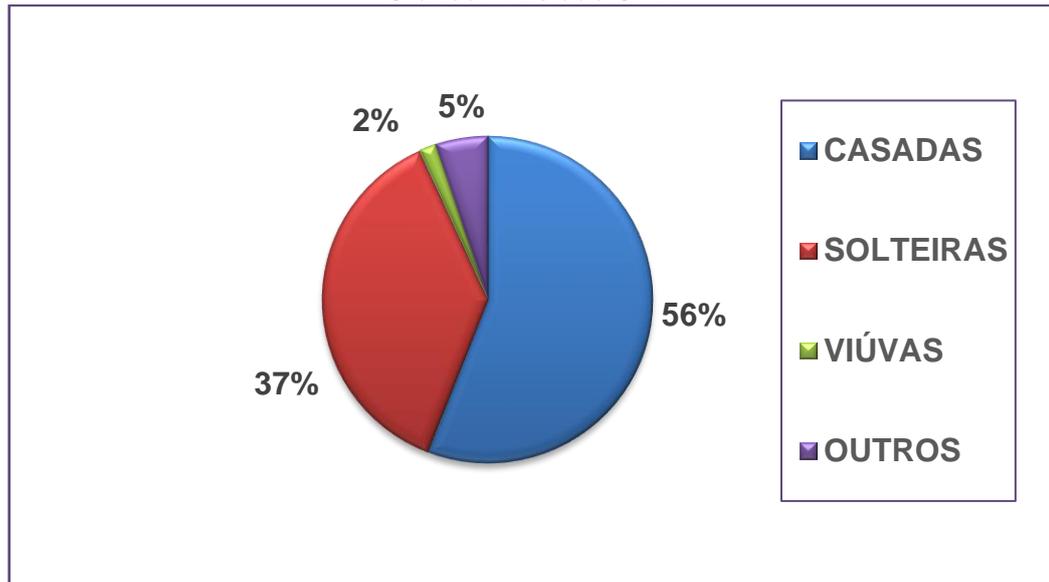
[...] na origem da imigração encontramos a emigração, ato inicial do processo, mas igualmente necessidade de ordem epistemológica, pois o que chamamos de imigração, e que tratamos como tal em um lugar e em uma sociedade dados, é chamado, em outro lugar, em outra sociedade ou para outra sociedade, de emigração; como duas faces de uma mesma realidade, a emigração fica como a outra vertente da imigração [...]. (SAYAD, 1998, p. 14)

Diante das concepções dos autores, entendemos que a situação da mulher imigrante haitiana em contexto migratório, espelha a realidade vivida por ela no seu

lugar de origem. Dialogaremos sobre essa questão em parágrafos posteriores.

Outro item contemplado para a construção do perfil das imigrantes haitianas foi a situação do estado civil. Consideramos nesse caso quatro categorias: casadas, solteiras, viúvas e outros. Na classificação casamento relevamos a união feita por meios cartoriais, o religioso e o social (viver junto).

Gráfico 4: Estado Civil.

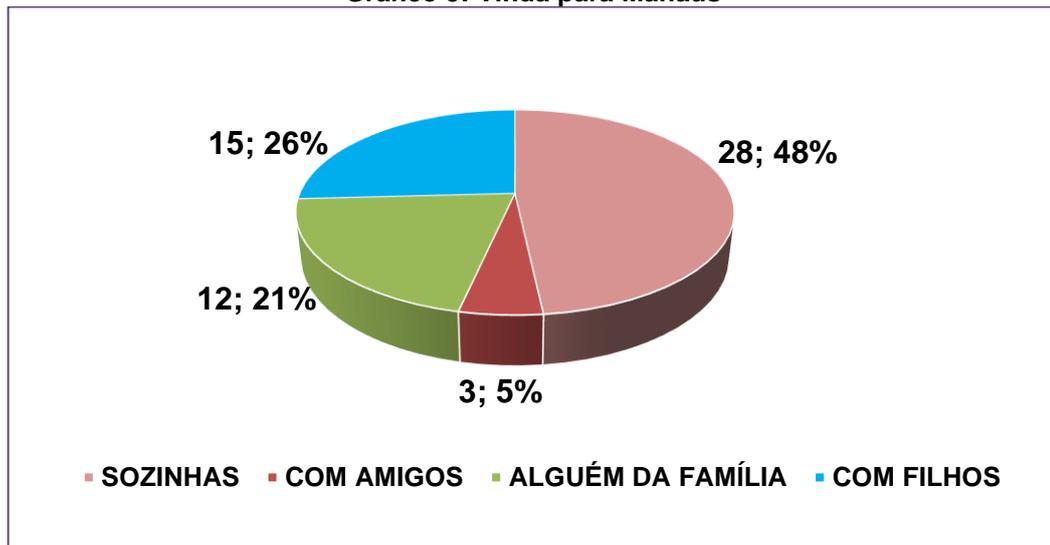


Fonte: Autora, 2019.

De acordo com os dados (gráfico 4), tivemos 33 participantes que afirmaram ser casadas, o que equivale a 56%. Outras 22 mulheres, isto é, 37% disseram ser solteiras, 3 declararam outras formas de relacionamento, um percentual de 5%. Apenas uma mulher imigrante se identificou na categoria de viúva o que equivale a 2% das entrevistadas. Ressaltamos que para essa categoria as entrevistadas utilizaram diferentes terminologias para identificar o casamento “viver junto”, “amigada”, “casada no papel”.

Outro ponto norteador do perfil das mulheres haitianas da informalidade foi considerar a vinda delas para a cidade de Manaus. O resultado é contemplado no gráfico a seguir. Apesar de 56% das entrevistadas afirmarem serem casadas uma parcela considerável migrou sozinha para a cidade de Manaus. Informações que podem ser analisadas de acordo com os dados abaixo:

Gráfico 5: Vinda para Manaus



Fonte: Autora, 2019.

Os dados (gráfico 5) revelam que 28 mulheres migraram para Manaus sozinhas o equivalente a 48%. Outras 15 vieram com a família (filha, filho), um percentual de 26%. Mais 12 imigrantes afirmaram ter feito o percurso migratório acompanhadas de algum membro da família (irmão, irmã, primo, prima, tio, tia), aqui temos um percentual representativo de 21%. Somente 3 imigrantes, o que equivale a 5%, chegaram a Manaus acompanhada de amiga/o. Dentre as que se declararam casadas uma minoria veio para reencontrar seus companheiros, enquanto uma maioria afirmou vir sozinha em busca de trabalho.

Em relação a atividade que desenvolviam antes de migrarem para o Brasil, todas as mulheres imigrantes foram categóricas em afirmar que desenvolviam o comércio na cidade onde moravam. Segundo as interlocutoras, elas já estavam acostumadas a realizar vendas de produtos como roupas, alimentos (como frutas, verduras e arroz), e desenvolviam suas vendas no comércio ambulante de rua.

Dados que obtivemos sobre o perfil das imigrantes haitianas na cidade de Manaus em alguns pontos coadunam, outros vão de encontro aos dados dos perfis das imigrantes haitianas pesquisadas por Rodrigues (2016) na cidade de Porto Velho (Rondônia) e Jessica Pizaia (2019) na cidade de Cambé e Rolândia (Paraná).

Entre os pontos concordantes à pesquisa de Rodrigues (2016) e Pizaia (2019) estão mulheres com baixa instrução escolar; a maioria é casada, vieram para o Brasil em busca de trabalho e melhores condições de vida. Assim como na época da pesquisa realizada pelas autoras, as entrevistadas encontravam-se desenvolvendo alguma atividade na informalidade.

Um ponto discordante em relação à pesquisa de Rodrigues (2016) é sobre a faixa etária e empregabilidade, enquanto que em Porto Velho as haitianas apresentam-se em sua grande maioria na faixa etária entre 20 a 30 e estavam inseridas no mercado de trabalho informal desempenhando serviços domésticos (diaristas), ambulantes, etc., na cidade de Manaus, a maioria das entrevistadas encontravam-se entre 30 a 40 anos trabalhando principalmente nas vendas de rua e outras atividades na informalidade, porém não desenvolviam serviços domésticos.

Em relação ao domínio do idioma, enquanto que na pesquisa de Rodrigues (2016) e Pizaia (2019), as imigrantes apresentam o domínio do *kreyòl* e francês, na nossa pesquisa na cidade de Manaus, a maioria das imigrantes entrevistadas afirmou dominar somente o *kreyòl*.

Outro ponto que chamou atenção na pesquisa de Pizaia (2019) e que difere dos resultados obtidos em nossa pesquisa foi a justificativa para a mobilidade migratória, enquanto que em Pizaia, a maioria das imigrantes afirmou que um dos vetores para migração das foi o reencontro com seus maridos, na capital manauara somente uma minoria das imigrantes migrou para reencontrar seus companheiros.

É fato que o perfil visualizado na cidade de Manaus é um perfil de mulheres migrantes internacionais e emigradas de países empobrecidos. Mulheres negras, pobres e com baixa escolaridade. Na paragem migratória passam a engrossar a informalidade em seus mais diversos setores.

Um ponto marcante, entretanto, são mulheres que rumam em outras direções em busca da sobrevivência, lançam-se ao desconhecido, mesmo com suas visões turvas seguem adiante, são pássaros de passagem (MOROKIVASIC, 1984), que lutam por dignidade, inserção social, independência econômica na sociedade na qual decidiram ficar.

A compreensão sobre essa imigrante haitiana imersa no comércio de calçada da capital manauara, completa-se à medida que possamos ter um retrospecto ao seu espaço social de origem.

1.8.1 A imigrante antes da migração e o empoderamento na paragem de destino

A situação da mulher na sociedade haitiana, segundo o Relatório Mundial 2016 da Human Rights Watch, mostra que a violência contra as mulheres haitianas é um problema latente. Estupro, violência doméstica, assédio sexual, além de outras formas

de submissão e opressão são sofridas pelas mulheres. O Haiti ainda não possui lei específica que criminalize todas essas formas de violências, dessa maneira as mulheres haitianas convivem diariamente com o descaso e insegurança.

Com a manchete “a dura realidade das mulheres no Haiti”, de Odete Cristina, em julho de 2015, o canal *Esquerda Diário* publicou uma matéria, a qual tratava da realidade de exclusão, submissão das mulheres haitianas no Haiti. A reportagem afirmava que 40% das famílias haitianas são sustentadas por mulheres, as quais tomam sozinhas a responsabilidade pela criação dos filhos.

Assim como o índice de analfabetismo entre as mulheres é em torno de 60%, a falta de acesso à educação torna-se um obstáculo para inclusão social. A mulher haitiana, como a grande maioria ao redor do mundo, assume ampla jornada de responsabilidades, casa, filhos, trabalho, mesmo assim sofre com a exclusão social e com falta de políticas públicas. A reportagem assinala que:

[...] muitas mulheres saem de casa de madrugada carregando bacias de alimentos na cabeça, caminham longos trechos e trabalham longas horas, para ganhar menos de 2 dólares. São elas que movimentam o comércio de alimentos e outros bens nas ruas, constituindo a espinha dorsal de uma economia arrasada por anos de exploração imperialista. Outra triste realidade dessas mulheres é que muitas vezes devido a extrema pobreza muitas acabam recorrendo a prostituição como única forma de garantir o alimento para suas famílias e o seu próprio sustento. (ODETE CRISTINA, 2015)

Esse cenário feminino, desenhado pelo abandono, violência, analfabetismo e a falta de alternativa de viver com o mínimo de dignidade em seu próprio meio, fez com que ao longo de décadas essas mulheres buscassem na migração uma forma de mudar suas realidades e ao mesmo tempo as transformaram em imigrantes em algum lugar do mundo.

De acordo com dados do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento – PNUD (2019), até meados de 2019 existia um estoque internacional de imigrantes haitianos de 18.756, destes 8.330 eram mulheres.

Um quadro que contribui para reafirmar a presença feminina nos contextos migratórios internacionais e que se intensificou ao longo das décadas. Mulheres que se deslocam, acompanhadas ou não, são responsáveis por (re)criarem relações múltiplas na sociedade de destino, assim como seus laços com local de origem são mantidos caracterizando a transnacionalidade desses fluxos.

As mulheres na sociedade haitiana vivem na margem do “silêncio”, submetidas

ao ritmo de uma sociedade patriarcal e machista, onde desde muito cedo são excluídas dos mínimos bens sociais que a sociedade disponibiliza. Casam-se cedo e dão à luz a muitos filhos (DUTRA, 2016). A elas são destinados os afazeres e as responsabilidades da casa e quando abandonadas pelos maridos assumem duplas responsabilidades: trabalhar e manter o sustento da família. Araújo (2015) aduz que:

a vida das mulheres no Haiti costuma ser muito difícil. Não raro são obrigadas a manter economicamente a família, criar os filhos sozinhas e comumente sofrem violência doméstica e/ou sexual. O Estado não garante o acesso à saúde e métodos contraceptivos, culminando em altas taxas de natalidade aliada a altas taxas de mortalidade materna. (ARAÚJO, 2015, p. 23)

Araújo também salienta que poucas têm acesso à escola e um mínimo consegue concluir o ensino básico. Na questão de gênero é bem definido o segundo lugar destinado às mulheres com papéis bem específicos. A reprodução desses mandos foi observada em pesquisa etnográfica realizada pelo autor com os haitianos imigrantes em Santo André. E exemplifica:

Observou-se na etnografia que a educação haitiana tanto institucional, quanto familiar, delimita estritamente os papéis de gênero. Existem inclusive escolas só para meninos e escolas só para meninas. Em casa as meninas são preparadas para as prendas domésticas; afazeres considerados essencialmente femininos. Normalmente os homens haitianos não são preparados para lidar com o preparo dos alimentos, nem com a higienização da casa e das roupas, por exemplo, o que se apresenta como obstáculo àqueles que migram sós ou acompanhados somente de homens. Longe das mulheres da família, os homens haitianos sentem que levam uma vida de improvisações, pois desempenham tanto as “funções do homem”, quanto às “funções da mulher”. (ARAÚJO, 2015, p. 24)

Araújo (2015) e Dutra (2016) chamavam a atenção sobre a desigualdade de gênero na sociedade haitiana, as mulheres sofrem com as precárias condições de vida que lhes são oferecidas, além das violências doméstica, sexual e moral. Desde pequenas são excluídas da chance de estudar porque a prioridade é para o menino. Araújo (2015) afirma que:

Como a educação no Haiti é paga, o estudo dos meninos vai sendo priorizado. O habitus social de que a influência da mulher deve ser circunscrita aos limites do lar, influencia todos os aspectos de sua vida desde a mais tenra idade. Não indo à escola nos anos iniciais, as meninas vão ficando defasadas em relação aos meninos no que concerne ao conteúdo escolar, tornando-se cada vez mais difícil a posterior inserção destas no ensino formal, até mesmo por não dominarem o idioma francês. (ARAÚJO, 2015, p. 22)

No canal online *Médicos Sem Fronteiras*, reportagem de 14 de julho de 2017, trazia como título “Contra a sua vontade: violência sexual e de gênero contra jovens no Haiti”, a matéria comentava o aumento da violência sexual e de gênero que é cometida contra mulheres, inclusive meninas. Segundo a matéria:

No Haiti, o número de jovens, principalmente mulheres e meninas, que relatam ter sofrido violência sexual e de gênero é alarmantemente alto, especialmente na capital Porto Príncipe. No entanto, o assunto não é amplamente discutido e, frequentemente, os casos não são reportados, por causa de estigma, vergonha e medo de represália por parte dos perpetradores e da comunidade. Ao mesmo tempo, os serviços que estão disponíveis para os sobreviventes, sobretudo para pessoas com menos de 18 anos de idade, são insuficientes e inadequados. (MÉDICOS SEM FRONTEIRAS, 2017)

No dia 27 de dezembro de 2019, o jornal *EL PAÍS* exibia em suas páginas o artigo “Os filhos abandonados da ONU no Haiti”, assinado por Sabine Lee e Susan Bartels. O artigo traz em seu bojo as histórias de mães de 265 crianças haitianas, cujos pais são soldados integrantes da MINUSTAH, Missão das Nações Unidas para a Estabilização no Haiti que esteve presente no Haiti durante 13 anos. O artigo traz relatos de mães haitianas que foram enganadas, exploradas e abusadas sexualmente e deixadas grávidas por soldados da MINUSTAH.

Mulheres, em alguns casos ainda adolescentes e em situação de extrema pobreza, envolveram-se sexualmente com os soldados da Missão de Paz, ou por troca de insignificante quantia em dinheiro ou em troca de comida, mas desses envolvimento nasceram dezenas de crianças “sem pai”. Segundo a pesquisa, à medida que os autores sabiam da paternidade, eram mandados de volta para o país de origem deixando no Haiti as mulheres grávidas. Atualmente essas mulheres engrossam a estatística de mulheres que criam seus filhos sozinhas e vivem na extrema pobreza em áreas miseráveis de algum bairro da capital Porto Príncipe.

Em suma, as mulheres haitianas vivem um estado de vulnerabilidade social, muito embora assumam papel importante na rede familiar. Desprotegidas e amedrontadas em seus espaços originários, muitas sozinhas ou acompanhadas rumam para outras paragens em busca de melhores condições de vida. Ainda durante o percurso migratório são despidas em suas integridades físicas, morais e psicológicas (NASCIMENTO, 2019).

E quando na sociedade de destino enfrentam os desafios do mundo do outro,

porém se reafirmam, criam novos ritmos em suas vidas, novas relações sociais são firmadas através de redes que contribuem para suas permanências, adquirem novos hábitos, preservam outros. Empoderam-se em meio à precariedade.

Vários estudos acadêmicos debatem as definições conceituais sobre empoderamento. Nesse estudo coadunamos com a concepção de Rute Vivian Baquero (2012), que assevera:

O empoderamento individual se refere ao nível psicológico de análise. No nível individual, empoderamento refere-se à habilidade das pessoas de ganharem conhecimento e controle sobre forças pessoais, para agir na direção de melhoria de sua situação de vida. Diz respeito ao aumento da capacidade de os indivíduos se sentirem influentes nos processos que determinam suas vidas. (BAQUERO, 2012, p. 176)

Compartilhamos da concepção da autora ao afirmar que o empoderamento dá-se pela capacidade que os indivíduos têm para tomar decisões sobre suas próprias vidas (BAQUERO, 2012, p. 181): “indivíduos tomam posse de suas próprias vidas pela interação com outros indivíduos, gerando pensamento crítico em relação à realidade, favorecendo a construção da capacidade pessoal e social”.

No decorrer do ano de 2018, durante quatro semanas fizemos acompanhamento do dia a dia de uma família haitiana composta por 6 pessoas: mãe, pai, três filhas, estas com 18, 16 e 10 anos e um menino com 7 anos. Estivemos presente em vários momentos tanto em dias corriqueiros, quanto em momentos festivos e comemorativos. Ocasões que pudemos pontuar alguns marcadores que demonstram o lugar e funções que homens e mulheres assumem na sociedade haitiana e que são reproduzidos no viver transnacional.

A senhora Nancy, com 43 anos na época da entrevista, formação superior em costura industrial (profissional que cria roupas padronizadas para serem usadas por funcionários de empresas), era uma migrante com histórico de remigração, que viveu três contextos migratórios diferentes.

O primeiro quando migrou para a República Dominicana, onde morou por quase 19 anos. Segundo seu relato, ela e seus filhos sofreram racismo por causa da cor de suas peles, ela era xingada dentro de ônibus, sofreu assédio moral no setor de trabalho, tinha que aguentar as brincadeiras maliciosas que envolviam a cor de sua pele e sua nacionalidade, assim como sua filha mais velha era atacada por apelidos depreciativos na própria escola em que estudava.

Vítima de um racismo naturalizado e disfarçado no padrão eurocêntrico imposto pela colonialidade de poder nessas paragens americanas (QUIJANO, 2002), Nacy resolveu retornar ao Haiti. Chegando no seu país ainda trabalhou dando cursos no seu ateliê de costura, mas a situação tornou-se difícil depois do terremoto no ano de 2010 o que a levou a migrar novamente.

Nossa interlocutora nos relatou que a decisão de migrar em todos os casos partiu dela, a intenção não era o Brasil como destino migratório e sim a Venezuela, onde sua mãe já residia há mais de 30 anos, porém ao chegar naquele país ficou somente quatro meses; a situação econômica foi elemento que impulsionou Nacy migrar com seus quatro filhos para o Brasil no ano de 2015. Entrou no Brasil pelo estado de Roraima, passou alguns dias na capital Boa Vista e logo em seguida partiu para a cidade de Manaus, onde reside desde aquele ano.

Quando chegou na cidade de Manaus, trabalhou como diarista e depois começou a trabalhar por conta própria, fazendo artesanato. No ano de 2018 já trabalhava em sua própria casa, na qual montou uma sala de costura²⁶ (foto 3).

Foto 3: Imigrante haitiana em mais um dia de trabalho em seu ateliê de costura.



Fonte: Autora, 2019.

A migração provoca algumas transformações nos papéis que homens e mulheres assumiam em seus grupos familiares antes de emigrar. Essa mudança nos papéis de gênero no contexto migratório alteram as relações de poder e autoridade

²⁶ Em meados do ano de 2019, Nacy foi contratada como costureira por uma empresa de produção de fardamentos, trabalhava de segunda a sexta-feira. A empresa oferecia todos os direitos trabalhistas. Apesar disso, nos finais de semana ela continua com costuras em sua casa.

nas casas das famílias migrantes (PERES, 2016).

Notamos essa mudança do lugar de fala na casa de Nancy; havia alguns desentendimentos entre ela e o marido, este se sentia constrangido por não ter conseguido trabalho, ser mantido pela esposa e ainda ter que concordar com ela em muitas das decisões que eram tomadas.

No período que estivemos fazendo visitas à casa de Nancy, o marido não tinha trabalho fixo, fazia alguns pequenos trabalhos sem vínculos empregatícios. Mesmo na ocasião em que ele não estava trabalhando, a rotina da casa não mudava, isto é, ele não participava de qualquer atividade que envolvesse afazeres domésticos.

Não havia divisão de qualquer das atividades domésticas junto ao marido. Havia uma preocupação, tanto de Nancy quanto das duas filhas de preparar a comida, organizar as roupas e deixar à disposição. Durante todo o dia ela se revezava entre dar conta das encomendas de roupas feitas por suas clientes e encaminhar os afazeres domésticos entre as duas filhas mais velhas. Nancy tinha responsabilidade ainda do acompanhamento dos filhos na escola e levar às consultas médicas.

Um modelo patriarcal ainda arraigado no modo de viver das famílias haitianas e que é transplantado pelas imigrantes para a paragem migratória, embora se perceba o desvencilhar de muitas mulheres imigrantes perante essa padronização.

Silva *et al* (2016), ao se reportar ao empoderamento feminino, lembra que é necessário que esses sujeitos sejam capazes de em condições propícias entenderem e refletirem sobre sua própria realidade ou a partir dela, sem estarem sendo manipulados por outros sujeitos.

Concordando com essa concepção e diante das experiências vividas não somente por Nancy, como também por Marie, Petty, Berthise, Phirgenie e tantas outras dezenas de mulheres migrantes que deixaram suas origens e rumaram para paragens desconhecidas na intenção de mudar sua própria realidade, algumas não conseguindo concluir o percurso migratório como Phirgenie, temos que acreditar que sim, são mulheres imigrantes empoderadas.

CAPÍTULO II

DO HAITI À AMAZÔNIA BRASILEIRA: IMIGRANTES HAITIANAS E UMA NOVA PARAGEM PARA SONHAR

Dessa sua experiência e dos contatos e interações que sofrer ou impor, resultará ou sua difícil incorporação, outras vezes malogradas, em face do desconcertante e impiedoso regime econômico em que vivemos ou na sua deserção, que será fatal se o fracasso econômico ou o arrependimento psicológico torná-lo um elemento sempre em expectativa de melhores dias para retornar ao sertão, ao brejo, à cidade ao lar e à família que ficou lá fora esperando por ele.

(Samuel Benchimol)

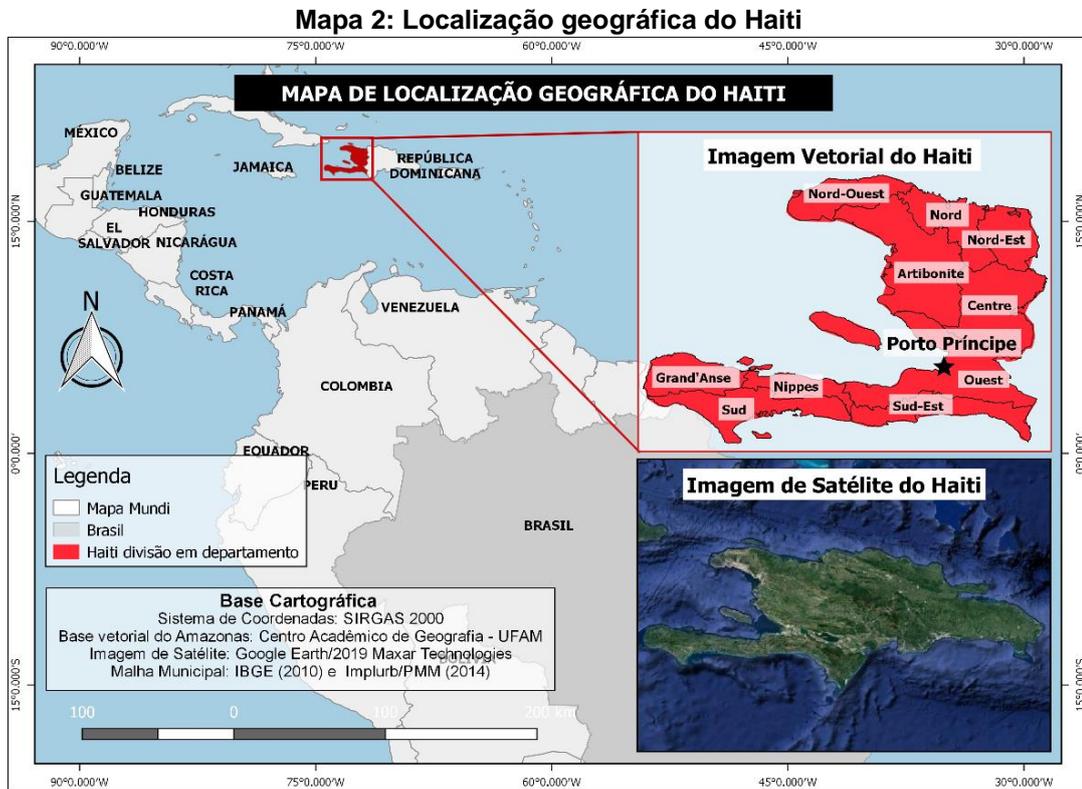
Há uma vasta literatura acadêmica sobre a imigração haitiana para Brasil (COTINGUIBA, 2014; HANDERSON, 2015; SANTOS, 2014; RODRIGUES, 2016; BAENINGER, PERES, 2016; SANTIAGO, 2013; SILVA, ASSIS, 2016; SILVA, 2012), que tentam contemplar através de vários olhares as nuances que envolveram o processo migratório haitiano a partir de 2010 em terras brasileiras.

Dessa forma não intencionamos abrir debate sobre o processo macro espacial migratório haitiano, pois para esta ação precisaríamos de tempo maior de imersão nas leituras e uma vasta pesquisa de campo. Então a proposta da dissertação buscou traçar um quadro sobre as experiências no mundo do trabalho informal das mulheres haitianas migrantes na cidade de Manaus, identificando algumas redes (re)criadas por essas mulheres imigrantes no espaço social da sociedade migratória.

No entanto, faz-se ímpar para potencializar o entendimento sobre as imigrantes, mostrar algumas considerações históricas e sociais sobre o Haiti que contribuíram/contribuem para a emigração dos seus nacionais. Assim como entendemos a importância de conhecer através de uma visão historicista, a paragem amazônica para a qual os haitianos e haitianas passaram a rumar a partir do ano de

2010.

2.1 HAITI: UMA REPÚBLICA NO MAR DO CARIBE



A República do Haiti está situada no Mar do Caribe, ocupando a segunda maior ilha das Antilhas, da qual detém uma área total de 27.750 Km², cujos limites são: a leste com a República Dominicana, ao sul é margeada pelo mar do Caribe, ao norte pelo Oceano Atlântico e a oeste, o canal que a separa da ilha cubana. O país ocupa um total de 35% da área geográfica da ilha antilhana.

O país é dividido em 10 departamentos, nomeados da seguinte maneira: Departamento de Artibonites, Departamento de Grand'Anse, Departamento de Nippes, Departamento do Centro, Departamento do Norte, Departamento Nordeste, Departamento Oeste, Departamento Sul, Departamento Sudeste, Departamento Noroeste. Estes, compõem-se de municípios com suas sedes administrativas²⁷.

²⁷ Palestra: Operação de Paz no Haiti. **Gabinete de Segurança Institucional**; Secretaria de Acompanhamento e Estudos Institucionais. Brasília, 2005. Disponível em: <https://docplayer.com.br/6540880-Palestra-operacao-de-paz-no-haiti.html>. Acesso em: 09/06/2019.

2.1.1 Breves considerações sobre o processo histórico haitiano

O Haiti tornou-se um país independente no ano 1804, resultado de lutas e resistências contra a exploração e escravidão que se implantaram na ilha de São Domingos²⁸ a partir do ano de 1492, durante o processo de colonização europeia na América (JAMES, 2000).

Ao longo de quase três séculos (1492 a 1803), o sistema de dominação implantado na ilha caribenha, primeiramente por espanhóis e depois pelos franceses, definiu a formação da sociedade haitiana (JAMES, 2000). Segundo esse autor, além do extermínio da população nativa, os franceses, através do comércio de escravos, importaram da África milhares de africanos, os quais passaram a ser explorados como mão-de-obra nas plantações de cana-de-açúcar.

James (2000) relembra que a sociedade colonial haitiana foi formada com bases na divisão de três grupos sociais, categorizados pela cor da pele, dinheiro e lugar de nascimento. Os três grupos com direitos e privilégios distintos dividiam-se em: classe dos brancos (franceses vindos da metrópole), não importando se tinham posses ou não, somente a cor da pele já os classificava como superior aos demais categorizados; Os mulatos (filho de branco com uma mulher negra) e negros livres. Uma parcela considerável dos mulatos detinha os privilégios do sistema colonial, conseguiram enriquecer ao longo das décadas, desfrutavam dos muitos privilégios do sistema escravagista francês, porém eram vistos pelos brancos como inferiores; O terceiro grupo (formado por negros africanos ou negros nascidos na colônia) eram tidos como animais submissos a seus mestres, desprovidos de qualquer assistência eram tidos como peças que engrenavam o sistema colonial francês no Caribe.

Assim conforme James (2000), a sociedade haitiana teve suas bases em um modelo racista no qual a cor da pele tornou-se definidor de status, poder, desigualdade e exclusão. O colonizador francês transplantou para São Domingos o “padrão” eurocêntrico de sociedade, no qual ser branco ou quase branco tornava o sujeito superior aos milhares de indivíduos transplantados para aquela ilha.

Raíssa Londero (2017, p. 6) salienta que “os espanhóis começaram a traficar negros da África em 1502 e 1503. E, em 1517 Carlos V autorizou a escravidão de negros e a importação de cerca de 15 mil deles para a Hispaniola”. James (2000)

²⁸ São Domingos era nome dado à ilha, na qual situa-se, atualmente o Haiti e a República Dominicana. (GRONDIN, 1985).

relata que foi nefasta a inculcação sobre a questão de cor em São Domingos. O autor assevera:

As vantagens de ser branco eram tão evidentes que o preconceito de raça contra os negros impregnou a mente dos mulatos, que tão amargamente se sentiam ressentidos pelo tratamento preconceituoso que recebiam dos brancos. Os escravos negros e os mulatos se odiavam. Fosse em palavras, fosse devido ao seu sucesso na vida, fosse pelos seus variados procedimentos, os mulatos demonstravam a mesma perfídia que os brancos ao reivindicar uma superioridade inerente. Assim, o homem de cor que era quase branco desprezava o homem de cor que era apenas meio branco, que por sua vez desprezava o homem de cor que era um quarto branco e assim por diante, percorrendo todos os matizes. Os negros livres, falando comparativamente, não eram muitos, e tão desprezada era a pele negra que mesmo um mulato escravo sentia-se superior ao negro livre. O mulato preferia tirar a própria vida do que ser escravo de um negro. (JAMES, 2000, p. 53-54)

Segundo James, o tratamento de inferioridade que a elite branca dava aos mulatos, impulsionou estes a se juntarem aos representantes dos negros livres e escravos contra o sistema colonial europeu. A união das duas categorias levou à formação de movimentos revolucionários que se mostrou latente a partir de 1791.

Durante mais de uma década, entre acertos e desacertos, acordos e desacordos entre os próprios líderes dos movimentos e entre estes e os colonizadores, São Domingos foi palco de confrontos sangrentos. Os líderes revolucionários mantiveram o propósito de tornar o Haiti um país independente, muito embora, no interno da revolução houvesse a ideia de superioridade de um grupo em relação ao outro.

O sonho dos revolucionários daquele país caribenho é alcançado nos últimos dois meses do ano de 1803 com a derrota do exército francês. No dia primeiro de janeiro de 1804, os líderes revolucionários declaram o Haiti país independente (JAMES, 2000), o qual tornou-se a primeira República Negra independente do mundo.

2.1.2 O pesadelo da independência

James Leyburn (1946) afirmava que o Haiti após a independência se encontrava dividido em dois grupos sociais: um representando a aristocracia e o outro as massas. Havia uma rigidez separando as duas classes, cada haitiano classificava-se dentro de uma delas, isso determinava a condição social na vida do indivíduo. Uma análise que coloca em questionamento o modelo de democracia que se implantou

naquele país.

Disputas por poder, imposições políticas e econômicas pensadas externamente, mais o revezamento de governos ditatoriais permissionários da política voltada para o capitalismo durante o século XX, foram elementos que contribuíram para criar uma herança de miséria à maioria dos haitianos (DURANS; SANTOS, 2016).

O sonho de um país independente fato que ocorreu com a proclamação da independência no início do século XIX, não levou aos haitianos mudanças substanciais. O Haiti independente estava fragilizado em sua administração. Assim como analisa Londero (2017):

Pela primeira vez na história, uma colônia negra obtém a abolição da escravidão a partir de uma revolta de escravos que durou treze anos (1791-1804). Os brancos proprietários e plantadores foram eliminados com o levante dos negros em 1791 e os seus antigos escravos tornaram-se imperadores, reis e governadores e, com isso, a partir de 1806, o Haiti se dividiu em dois Estados que entravam em conflito entre si: uma monarquia de negros que se localizava na região norte e, uma república de mulatos, que se encontrava na região sul. (LONDERO, 2017, p.16)

Suzy Castor (2016), historiadora haitiana e ativista dos direitos humanos, afirma que a sociedade haitiana mergulhou em um mar de miséria e estagnação ao tornar-se independente. Enfatiza a autora:

[...] Haiti, depois de um século de independência, oferecia todas as características de estagnação econômica e profundo desequilíbrio social. A produção não aumentava. As massas viviam na maior miséria. A administração pública era precária. O país não experimentou nem estabilidade nem progresso.²⁹ (CASTOR, 2016, p. 23. Tradução nossa)

Para Castor, a sociedade haitiana presenciou décadas de lutas por um país independente, porém sua independência não trouxe mudanças sociais e econômicas tão esperadas. Os sucessivos governos ditatoriais, a presença estrangeira, Estados Unidos (1915-1934), deixaram aquele país à mercê da própria sorte, contribuindo para que o Haiti engrossasse a lista dos países mais empobrecidos do Caribe na contemporaneidade. Segundo Sônia Reis Pinto (2014) a presença dos Estados

²⁹ A citação original "Haití, después de un siglo de independencia, ofrecía todas las características del estancamiento económico y de profundo desequilibrio social. La producción no aumentaba. Las masas vivían en la mayor miséria. La administración pública era caótica. El país no experimentaba ni estabilidad ni progreso".

Unidos no Haiti contribuiu para:

[...] agravamento das condições de vida nos meios rurais, expropriações de terras e penetração norte-americana em todas as áreas do Estado, com a alteração, inclusive, da lei que desde a fundação da república não permitia a posse de terra aos estrangeiros; verificou-se também a disseminação do protestantismo no território. Expulsos das suas terras pelos militares norte-americanos, os haitianos saíram em direção à Cuba no ano de 1915 em número vinte vezes superior ao do ano anterior, predestinando o país a tornar-se um mero exportador de mão de obra barata e abundante para as explorações americanas nos países vizinhos. (PINTO, 2014, p. 20)

Grondin (1985), afirmava que os países da América Latina não deixaram de ser colônias, mesmo depois de suas independências, o que muda é a tutela a partir de meados do século XX, a qual ficará à mercê dos Estados Unidos. O autor observa a situação do Haiti:

O Haiti sofreu um bloqueio econômico por parte da França, da Inglaterra, da Espanha e dos Estados Unidos, depois de conquistar sua independência em 1804, até terminar de pagar à França indenizações por uma guerra que havia ganhado, e por direitos de liberdade e independência que havia conquistado. Tanto o Haiti como outras ilhas do Caribe foram invadidas várias vezes com base na “Doutrina Monroe” e na política do “Big Stick” pelas forças de ocupação norte-americanas. A ocupação do Haiti, de 1915 a 1934, provocou uma prolongada resistência popular, a repressão a expressões culturais como o vodu, a criação de tensões sociais e transformações culturais importantes. (GRONDIN, 1985, p. 88)

O autor lembra que o Haiti continuou um país tomado por influências externas chegadas naquela sociedade através de programas econômicos, políticos, sociais e religiosos. Elementos impositores e negligenciadores da cultura e tradição do povo haitiano e que contribuíram para modelar a sociedade haitiana contemporânea.

Em 1980, espalhava-se pelo Haiti 80 instituições estrangeiras, cujo discurso principal era de mudanças substanciais para toda população haitiana (GRONDIN, 1985). No entanto, nem o envio de “ajuda” de milhões de dólares, nem a presença intervencionista de organismos internacionais ajudaram em mudanças concretas ao povo haitiano. Para Grondin, isto é resultado de uma política pensada externamente e que nunca levou em consideração as questões culturais e sociais dos principais interessados nas mudanças.

A história do Haiti é desenhada por ocupações estrangeiras, governos ditatoriais e golpes de estado. No ano 2000 é eleito para presidente da república Jean-Bertrand Aristide, processo eleitoral tido sob suspeita de fraude. Aristide é deposto no

ano de 2004, em meio à turbulência de grupos opositores.

Diante do quadro de instabilidade política que se acentuava no Haiti e com o discurso de que não somente o regime democrático encontrava-se ameaçado, como também o acirramento de grupos armados lutando pelo poder estavam colocando a vida de civis em perigo, o Conselho de Segurança das Nações Unidas através da resolução nº 1542 criou no ano de 2004 a MINUSTAH - Missão das Nações Unidas para a Estabilização do Haiti³⁰.

James (2000) ao analisar o discurso dos colonizadores para manter a escravidão e a dinâmica da produção da cana-de-açúcar no Caribe, diz que aqueles utilizavam discursos mentirosos para conseguir escravizar milhares de africanos que eram trazidos para as colônias nas ilhas do Caribe. Através desses discursos propagandistas os colonizadores devastaram territórios do continente africano no século XVIII. Segundo o autor:

A propaganda da época alegava que, por mais cruel que fosse o tráfico, os escravos africanos eram mais felizes na América do que na sua própria civilização africana. A nossa época também é uma época de propaganda. Nós nos sobressaimos aos nossos ancestrais apenas no sistema e na organização; mas eles mentiam com a mesma habilidade e com o mesmo descaramento. (JAMES, 2000, p. 21)

Aproximando-se o final do segundo decênio do século XXI, não nos surpreende perceber que muitos mecanismos ultrapassaram séculos se reelaboraram e continuam sendo utilizados para justificar dominações de um povo sobre o outro. O Haiti permanece na lista de um dos países mais empobrecidos da América Latina.

O intervencionismo estrangeiro transformou o Haiti em uma mesa de sinuca, de um lado a intromissão de uma política externa que pouco contribuiu para as questões sociais no país, do outro uma elite local que aliou-se aos interesses externos, em detrimento dos interesses da maioria dos haitianos.

Essa realidade que tem levado milhares de haitianos e haitianas rumarem para outros países como: República Dominicana, Cuba, Estados Unidos, França, Canadá e nas últimas décadas Guiana Francesa e Brasil. Imigrantes que formam duas searas de reserva de mão de obra. Aqueles que ocupam os postos de trabalhos formais com

³⁰ O efetivo brasileiro formado por representantes do exército, marinha e aeronáutica, comandou a Missão de Paz formada por integrantes de outros Estados, assim a Missão de Paz assumiu uma posição intermediadora de conflitos e ações humanitárias estando presente no Haiti de 2004 a 2017. Disponível em: <https://www.defesa.gov.br/relacoes-internacionais/missoes-de-paz/o-brasil-na-minustah-haiti>. Acesso em: 15/06/2019.

baixa remuneração e os que engrossam áreas diversas da informalidade.

Apesar da migração haitiana ser vista com predominância masculina, a participação feminina foi uma constante nos processos migratórios desde os últimos dois séculos. Michaëlle Desrosiers (2009) observa que as ocupações imperialistas, levando às baixas de setores econômicos importantes do campo, fez com que milhares de camponeses e camponesas migrassem para a cidade e posteriormente para outros países.

Para a autora é essa migração maciça das mulheres e, sobretudo a incapacidade das novas indústrias de absorver a massa de camponeses e camponesas expropriadas, que contribuíram para ampliar o comércio informal. A autora lembra que “[...] mesmo longe de casa, as pequenas comerciantes – antigas cultivadoras – continuam sendo provedoras de alimentos, de roupas e de dinheiro para o resto da família.” (DESROSIERS, 2009, p. 72).

O processo da constituição, política, econômica e social da sociedade haitiana que começa com a transplantação de milhares de escravos africanos para a colônia aos sucessivos governos ditatoriais, ocupações e presença de organismos externos àquela paragem caribenha, são elementos essenciais para explicar a mobilidade haitiana internacional na contemporaneidade.

Handerson (2015, p. 67), acena para o fato de que “o contexto singular da luta pela independência – entre 1793 e 1803 – coincidente com a libertação dos escravizados teria constituído uma nova cultura de *marronnage*³¹ de mobilidade e de migração”, o que leva a compreender que a mobilidade haitiana tem sua essência em raízes explicativas muito mais profundas que vão de encontro às conclusões reducionistas que vitrificam a sociedade haitiana como mera sociedade historicamente migratória.

A migração haitiana constituída por homens e mulheres prende-se a um

³¹ *Marronnage* deriva da palavra espanhola cimarronada, um fenômeno que data do regime colonial, durante o qual os escravos e descendentes fugiam dos trabalhos forçados nos quais eram submetidos na ilha de Santo Domingo, os fugitivos eram chamados de marron (JAMES, 2000). Segundo Handerson (2015, p. 67), “Até os dias atuais no Haiti se usa a palavra marron para os haitianos que estão fugindo em escala regional ou (trans)nacional por alguma situação associada à política, ao jurídico, à feitiçaria do vodu, às brigas entre familiares e amigos. As pessoas costumam dizer: Entèl nan maron, fulano está fugindo, ou Entèl nan kache (fulano está se escondendo). A palavra *marronnage* está articulada à mobilidade das pessoas, isto é, o deslocamento de um lugar para outro e também associada à categoria prática de diáspora. Nem sempre as pessoas acusadas de marron se consideram como tal, por mais que, de fato, possam estar no *marronnage* pelas razões evidenciadas...”. Nos apropriando da definição de Handerson, utilizamos o termo *marronnage* neste escrito como adjetivo para qualificar os imigrantes haitianos em mobilidade transnacional.

processo social, econômico e político complexo que se estende a mais de dois séculos. Seria uma falácia pensar a mobilidade haitiana contemporânea e não levar à discussão a participação feminina, não somente em seus aspectos numéricos e sim percebendo as redes sociais e espaços de sociabilidades que essas mulheres são capazes de (re)criar em ambientes adversos.

2.2 HAITI, *PEYI EMIGRAN*: RETRATOS DA SEGUNDA DÉCADA DO SÉCULO XXI

Nos dados do Departamento de Assuntos Econômicos e Sociais (DESA) das Nações Unidas 2019, o Haiti apresenta-se até meados do ano de 2019 com uma população estimada em 11.305.627 habitantes. No relatório do DESA, ainda salienta que no cenário da migração internacional 18.756 haitianos encontravam-se em contexto migratório, sendo 10.426 imigrantes do sexo masculino e 8.330 do sexo feminino.

O relatório do PNUD 2018 aponta o Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) do Haiti em 2017 em 0.498, o que o coloca entre os países com menor desenvolvimento do mundo. De acordo com o relatório o país ocupa em 2017 a 168ª posição entre 189 países³². Comparando com o ano de 2014, no qual o país ocupava a 163ª posição entre 188 países, é notório que a situação daquele país caribenho piorou nos anos seguintes.

Uma parte considerável dos haitianos não possui acesso às políticas públicas; 50% da população não tem acesso à saúde, 45% não têm água potável, 80% dos haitianos vivem com menos de US\$ 2 por dia (DUTRA, 2016).

A economia haitiana é baseada na produção agrícola: frutas, café, arroz, milho e produz carvão em grande quantidade para abastecer 70% da população. (DUTRA, 2016). As nuances na sociedade haitiana expõem um retrato de uma sociedade enfraquecida devido à falta de políticas públicas concretas preocupadas com a realidade dos sujeitos menos favorecidos, os quais formam o maior grupo da sociedade. Os haitianos têm uma expectativa de vida de 62 anos. Mulheres que vivem na zona rural dão à luz em média 7 filhos, enquanto as que moram na cidade entre 3 e 4 filhos (DUTRA, 2016).

³² Consultar Human Development Indices and Indicators: 2018 Statistical Update. Disponível em: <https://www.un.org/en/development/desa/population/migration/data/estimates2/estimates19.as>. Acesso em: 20/11/2019

Grondin (1985) afirmava que o Haiti desde muito tempo foi influenciado pela intervenção internacional, que se fez presente na sociedade haitiana através dos projetos desenvolvimentistas públicos e privados. O autor assinala que na década de 1980 o Haiti se transformou em um “cemitério de projetos” os quais serviram para fragilizar a vida dos haitianos e principalmente a massa de camponeses. Assevera:

Quarenta anos de projetos apressados, o investimento de bilhões de dólares e a contratação de milhares de especialistas internacionais não trouxeram nenhuma mudança significativa para a economia dos setores mais pobres. [...] Os projetos são elaborados – de forma consciente ou não – a partir de critérios e interesses externos. (GRONDIN, 1985, p. 92-95)

Passaram-se algumas décadas, nada ou quase nada mudou na realidade do povo haitiano. O Haiti continua à mercê dos jogadores internacionais, que se configuram naquele país através das ONGs, estas com um discurso de “ajuda humanitária” vão cometendo “racismo humanitário” como afirma Frank Seguy (2015). Esse autor é enfático ao dizer que as políticas implementadas no Haiti pelos organismos internacionais são de bases racistas e que as políticas públicas absorvidas pelos haitianos não têm participação do pensamento haitiano. “‘Humanitária’ passou a ser o apelido de todas as políticas racistas, desumanas e desumanizantes concebidas e aplicadas aos haitianos nos dias de hoje” (SEGUY, 2015, p.147). O autor conclui:

De fato, o racismo vigente no Haiti não deixa livre um campo sequer onde o haitiano é tratado como igual ao cooperante. A concepção do que se deve fazer é de autoria do cooperante, mas mesmo na execução, o haitiano não passa de coadjuvante. [...] Os melhores empregos em termos salariais são oferecidos pelas ONGs, com o detalhe de que são concedidos aos cidadãos de países estrangeiros – os haitianos tendo que se satisfazer com as posições subalternas ou de segunda classe. Nenhum estrangeiro que deixou seu país à procura de emprego na cooperação internacional no Haiti é tratado como imigrante. São chamados de expatriados. Essas designações são carregadas de forte ideologia. O imigrante, no geral, é um candidato aos empregos mais precários e degradantes, enquanto o expatriado é um dominante, um representante de seu país imperialista ou subimperialista numa sociedade periférica. E atua dentro da habitualmente chamada cooperação bi ou multilateral. (SEGUY, 2015, p. 147-148)

Diante desse quadro a grande maioria dos haitianos não encontra alternativa em seu próprio espaço e projeta na emigração a oportunidade de buscar em outras paragens internacionais suportes econômicos e educacionais que possam contribuir para mudanças significativas em suas vidas ou somente amenizar as necessidades

básicas de alimentação, moradia e saúde.

No entanto, as situações de fracassos e tragédias que acontecem na vida daqueles que migram e que atingem todos os outros que dependem do projeto migratório são realidades silenciosas e/ou silenciadas nos escombros da migração. É nesse lugar imaginário que se personifica nos controles migratórios dos órgãos fiscalizadores, nas travessias clandestinas, nos trabalhos insalubres, nos abrigos, leitos de hospitais e acampamentos improvisados que centenas de vidas são paradas, outras fragmentadas, firmando a parte mais cruel do fenômeno migratório e que são invisíveis nos registros estatísticos.

Pierre Bourdieu (2006) em “A ilusão biográfica”, acena para o cuidado ao se investigar a história de vida dos indivíduos para que esta não seja enquadrada como uma sequência de acontecimentos retilíneos, o autor coloca que:

Produzir uma história de vida, tratar a vida como uma história, isto é, como o relato coerente de uma sequência de acontecimentos com significado e direção, talvez seja conformar-se com uma ilusão retórica, uma representação comum da existência que toda uma tradição literária não deixou e não deixa de reforçar. (BOURDIEU, 2006, p. 185)

Para isso é necessário reconstruir o contexto o “lugar social” de ação dos sujeitos, pois “o real é descontínuo, formado de elementos justapostos sem razão, todos eles únicos e tanto mais difíceis de serem apreendidos porque surgem de modo incessantemente imprevisível, fora de propósito, aleatório” (BOURDIEU, 2006, p.185).

Através de um olhar etnográfico (GEERTZ, 2008), aproximam-nos da experiência migratória da família Phirmame³³, uma história invisível, mas que pode exemplificar outras trajetórias malsucedidas e estilhaçadas no universo do sonho migratório.

Uma história não de vida e sim de “vidas” silenciadas arbitrariamente e que fora presenciada por nós na capital manauara. À primeira vista pode parecer uma história desconexa do contexto macro do fenômeno migratório haitiano; pelo contrário é um retrato das dezenas de histórias descontínuas resultantes das políticas desumanizantes (SEGUY, 2015), que invadem e dominam aquele país antilhano desde tempos pretéritos.

³³ É o nome fictício que utilizaremos para identificar um estudo de caso de uma família imigrante haitiana, cujos membros tiveram suas vidas interrompidas na cidade de Manaus.

2.3 PHIRMAME: UM CASO COMO ESTUDO

Morokivasic (1984) no artigo “Os pássaros de passagem também são mulheres”, chama atenção para a participação crescente de mulheres nos movimentos migratórios, e que ainda são invisibilizadas. É fato que diariamente em algum lugar do planeta há pássaros levantando voo rumo ao desconhecido, mulheres que arriscam suas vidas em prol de objetivos, principalmente aquele que é a essência maior do ser humano, o direito à vida.

Um pássaro de passagem - assim como milhares de outros que voam pelo sonho migratório, carregando na bagagem além dos poucos pertences, os sonhos, planos, desejos, medos e principalmente a esperança do (re)encontro com um novo (re)começo - desembarcava na capital amazônica para só mais uma parada que antecedia a última passagem para a concretização do seu projeto migratório.

2.3.1 O roteiro de viagem

Phirgenie era uma mulher de pele preta, cabelos cacheados com mechas loiras, ainda não desbotadas, aparentava ter a altura em torno de um metro e setenta centímetros. As unhas muito bem esmaltadas com uma cor rosa forte compunha o conjunto daquela mulher de aparência serena.

Era a primeira experiência migratória de Phirgenie, ela estava vindo para o Brasil para reencontrar seu companheiro Metellus, o qual já era migrante com remigração Brasil/Haiti/Brasil.

Em conversa com Metellus, este contou-nos que havia migrado para o Brasil no ano de 2017 para cursar mestrado em Agronomia, na Universidade Federal de Uberlândia, estado de Minas Gerais, região sudeste do Brasil. Depois de sua defesa início do ano de 2019, ele retornou ao Haiti, pois queria ficar em seu país, trabalhar e construir família junto com Phirgenie com quem já tinha uma história desde o ano de 2006.

Segundo Metellus, quando retornou ao Haiti viu que seu país continuava em estado de calamidade “meu país, não mudou nada, não tem emprego, não tem comida, as pessoas continuam passando fome, a política do país, não atende às necessidades dos haitianos”. Ainda salientou “comecei a procurar trabalho no Haiti, na capital do país, nas cidades províncias. Multipliquei contatos, mas não consegui.

Fui humilhado”. Diante de tal situação resolveu retornar ao Brasil para tentar conseguir trabalho, juntar dinheiro para trazer Phirgenie.

De volta ao Brasil, Metellus conseguiu trabalho, porém para trazer sua companheira para o Brasil era preciso certa quantia razoável de dinheiro, pois os preços cobrados pelas empresas áreas são altíssimos.

Então aquele imigrante passou a trabalhar dois turnos em empresas diferentes. Trabalhava em torno de 14h diárias na esperança de juntar dinheiro e enviar para que Phirgenie pudesse migrar para o Brasil.

Na tentativa de diminuir os custos com a viagem, mesmo tornando-se esta mais demorada, Metellus optou por um percurso aéreo/terrestre percorrido por quatro países até chegar no Brasil.

O trajeto de Phirgenie iniciou-se no dia 14 de outubro, segunda-feira, quando saiu do Haiti e se dirigiu para Santo Domingo, capital da República Dominicana, na qual faria somente conexão com destino ao Panamá. Segundo Metellus, os desencontros de informações da companhia área foram o impedimento para Phirgenie não seguir viagem. A mesma ficou em trânsito na capital Santo Domingo até o dia 29 de outubro, quando viajou para o Panamá e de lá para a Guiana Francesa³⁴.

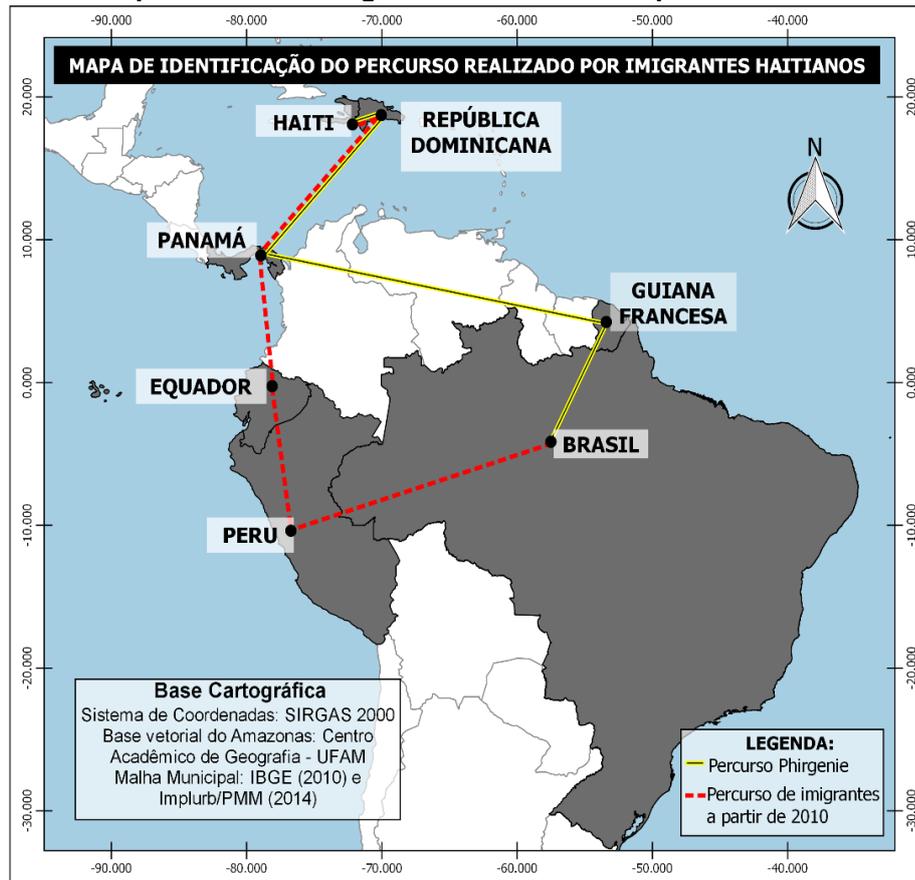
Handerson (2015), chama atenção para a política migratória excludente imposta pelo governo da República Dominicana aos nacionais haitianos. A esses imigrantes é exigido visto múltiplo para que os mesmos possam passar pelo país.

Informação que foi nos confirmada por parentes de haitianos em conversa informal durante atividade de campo. Seria possível ser isso também um fator de retenção e atraso para a continuação do projeto migratório de Phirgenie? Infelizmente não tivemos informações substanciais que nos levassem a uma resposta afirmativa.

Conforme a informação a seguir (mapa 3) é possível comparar o percurso realizado por Phirgenie (linha não pontilhada no mapa) ao de outros imigrantes haitianos (linha pontilhada no mapa) que vieram para o Brasil a partir de 2010. Da saída do Haiti passando pela República Dominicana e chegando até o Panamá ambos percursos se repetem. A partir do Panamá outros pontos foram usados como passagem para o trânsito migratório haitiano para chegar ao Brasil.

³⁴ Não tivemos informações precisas sobre o percurso feito entre Panamá e Guiana Francesa.

Mapa 3: Percurso migratório de haitianos a partir de 2010.



Fonte: Samara Farias, 2019.

Nesse contexto migratório, homens, mulheres, sendo jovens ou idosos, e crianças fizeram o trajeto: Haíti, República Dominicana, Panamá, Equador, Peru e Brasil. Passados os primeiros anos, a Guiana Francesa também passou a figurar como um local de passagem antes de chegar no Brasil, cujo portão de entrada foi pelos estados do Amazonas, do Acre ou Roraima (SILVA, 2016; HANDERSON 2015; BAENINGER, PERES, 2016; RODRIGUES, 2018).

Nos arquivos da Pastoral dos Migrantes da Igreja Nossa Senhora dos Remédios, encontramos registros de 68 imigrantes haitianos, sendo 49 homens e 19 mulheres que chegaram em Manaus no ano de 2010. Conforme as informações presentes nos protocolos, os imigrantes saíram da capital Porto Príncipe de ônibus em direção a Santo Domingo, capital da República Dominicana, desta seguiram viagem de avião até o Panamá, onde fizeram conexão para seguir viagem para o Equador. A partir do Equador até chegar no território do Peru e finalmente no norte do Brasil, os imigrantes sinalizaram que fizeram o percurso de ônibus e em alguns casos também de barco.

É nesse contexto que há expropriação de muitos imigrantes que pode começar já com o agenciamento no Haiti que requer vultosa soma em dinheiro. A situação de espólio se acentua depois que os imigrantes deixam o Panamá e optam por diferentes ramais irregulares para chegar no território brasileiro. A ideia de tomar um caminho mais rápido desviando-se dos impeditivos documentais impostos a quaisquer imigrantes, acaba deixando-os nas mãos do “atravessador irregular”, estes intermediadores irregulares vendem o sonho da facilidade de chegar ao território brasileiro, no entanto o que fazem é rapinar o dinheiro, pertences e o sonho de dezenas de imigrantes (COSTA, 2012).

Um percurso migratório que se tornou uma alternativa para os imigrantes por ser a forma mais rápida e barata, porém perigosa, para chegar ao Brasil. Em conversa informal com um imigrante recém-chegado na capital manauara no ano de 2018, morador em um abrigo de imigrantes³⁵, no bairro Zumbi dos Palmares, o mesmo nos narrou seu percurso migratório até chegar à capital amazonense.

Segundo ele, ao sair do Haiti foi para Santo Domingo, onde ficou hospedado em casa de amigos por cinco dias, depois seguiu para conexão no Panamá e de lá viajou de avião para Georgetown, capital da Guiana Inglesa. A partir de Georgetown continuou o percurso em um micro-ônibus lotado de imigrantes de vários países, além dos 15 haitianos, 9 haitianas, sendo duas crianças, havia também cubanos e africanos.

O caminho percorrido foi por estrada de barro, essa em muitos trechos coberta por lama, exigindo que os passageiros saíssem do micro-ônibus e andassem a pé por alguns minutos. Em outro trecho da viagem passava-se por dentro da floresta, momento em que eram feitas algumas paradas para os imigrantes usarem um lugar da floresta como banheiro improvisado.

Segundo nosso informante, além da mala de roupas, este levava somente uma garrafa com água, pois assim havia sido orientado ainda na capital da Guiana Inglesa pelo motorista do micro-ônibus. Depois de dois dias chegou a Boa Vista, capital de Roraima, onde foi acolhido por outros haitianos até o dia que viajou para Manaus.

Um relato que demonstra uma mobilidade de pessoas arriscando suas vidas em uma viagem irregular, cuja intenção é desviar da fiscalização fronteiriça, ao mesmo

³⁵ De junho a dezembro do ano de 2019, a Pesquisadora e Richemond Dacilien, realizaram trabalho voluntário no um abrigo de imigrantes com aulas de língua portuguesa para comunicação básica para os imigrantes haitianos.

tempo deixa visível a ineficiência da política migratória entre/nos países de onde partem emigrantes e naqueles que recebem os fluxos migratórios.

Nosso interlocutor ainda afirmou que no dia que saiu da cidade de Georgetown, outros micro-ônibus saíam lotados de imigrantes para fazer o mesmo percurso. Essas informações serviram para que percebêssemos o percurso migratório realizado por Phirgenie perpassa o percurso de centenas de imigrantes haitianos que chegaram/chegam ao Brasil pela região norte. Uma dinâmica migratória diária e latente na Amazônia brasileira e que exige esforços múltiplos para visibilizar os sujeitos e suas experiências em mobilidade migratória.

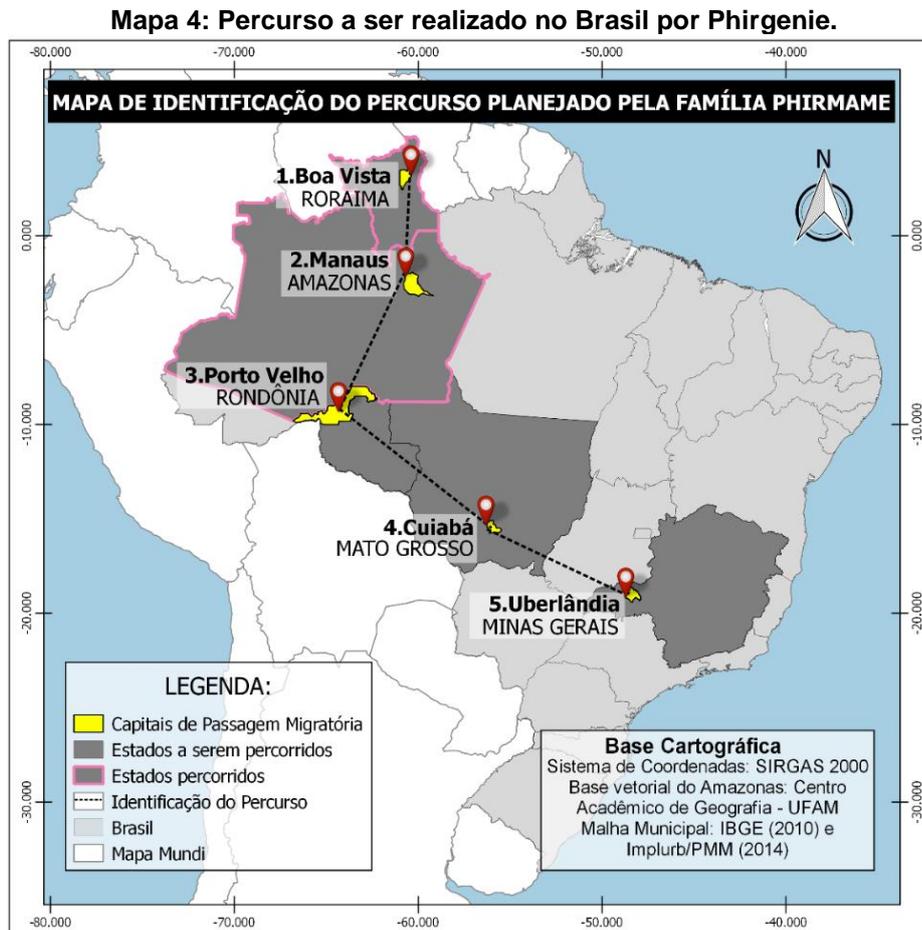
2.3.2 As etapas de um fim em uma parada de passagem

O percurso exposto (mapa 4) foi o planejado para ser realizado por Phirgenie quando estivesse no Brasil. É possível observar na linha traçada no mapa que não seria um percurso curto a ser realizado. Quatro estados brasileiros faziam parte do trajeto migratório da família Phirmame, cidades do norte, centro-oeste e sudeste do Brasil.

Segundo Metellus, sua companheira 30 anos de idade, grávida de 7 meses, chegava no dia 1º de novembro na cidade de Boa Vista, capital do estado de Roraima, localizado na região norte do Brasil. Phirgenie ficou em Boa Vista por alguns dias somente para descansar, devido ao longo e cansativo trajeto que vinha fazendo para chegar ao Brasil; depois dessa parada seguiria rumo à cidade de Manaus.

A capital manauara, distante de Boa Vista 783 km, seria somente uma paragem de passagem para a imigrante, à medida que não intencionava passar nenhum dia na cidade de Manaus, pois ,seus planos, era seguir viagem imediatamente para a cidade de Porto Velho, capital de Rondônia, ainda região norte do Brasil, assim que novos bilhetes fossem comprados para o novo trajeto. No entanto, a realidade imaginada não foi a vivida.

A imigrante foi recebida na rodoviária da cidade de Manaus por Richemond Dacilien, haitiano estudante de Pós-Graduação na Universidade Federal do Amazonas, pessoa a quem foi solicitado por um amigo de Metellus que a recebesse quando ela estivesse de passagem pela capital manauara. Dacilien disse-nos que a ideia era que Phirgenie desembarcasse na rodoviária e novos bilhetes deveriam ser comprados para que ela pudesse continuar o trajeto de viagem.



Fonte: Samara Farias, 2019.

O novo bilhete de passagem foi comprado para às 14h do dia 7 de novembro, uma quinta-feira. O destino era a cidade de Porto Velho, distante de Manaus 889 km, a viagem realizada de ônibus teria duração de mais de vinte e três horas, quase o dobro do primeiro percurso realizado entre Boa Vista e Manaus. Dacilien afirmou que as passagens foram compradas somente para o dia 7 de novembro, pois as companhias de transportes informaram que antes desse dia não havia ônibus saindo para Porto Velho.

De Porto Velho, Phirgenie seguiria viagem para a cidade de Cuiabá, cuja distância da capital de Rondônia é de 1.416 km e o tempo de viagem via transporte terrestre é de mais de vinte e duas horas. A cidade de Cuiabá no estado do Mato Grosso, fica na região centro-oeste brasileira. Era justamente na capital mato-grossense que a imigrante encontrar-se-ia com seu companheiro Metellus, este tinha como responsabilidade sair de Uberlândia, cidade do estado de Minas Gerais, região sudeste, e esperar a chegada de Phirgenie; assim que se reencontrassem retornariam

os dois juntos para à cidade mineira, o destino final para a família Phirmame, cujo projeto migratório visava um novo (re)começo.

O projeto inicial pensado pelos dois imigrantes tomou outra direção desde o momento que Phirgenie desembarcou na rodoviária da cidade de Manaus. A impossibilidade de seguir viagem forçou a imigrante haitiana ficar em Manaus, mesmo sem conhecer e ter amigos na cidade, sendo recebida e abrigada por Dacilien; este nos reportou que não conhecia nem Phirgenie nem seu companheiro Metellus.

Ao ser indagado o porquê de haver hospedado Phirgenie em sua casa, Dacilien respondeu “sinto-me na obrigação de ajudá-la, não importa se eu não a conhecia antes, é uma imigrante. Eu tenho dado abrigo em minha residência para outros imigrantes de passagem, sinto-me no dever de ajudar outros irmãos”.

Neusa Rodrigues (2016) ao estudar as imigrantes haitianas na cidade de Porto Velho, observou que entre elas existia uma rede de ajuda que ia além da questão financeira. A respeito informa a autora:

Em nossos estudos constatamos que as haitianas se ajudam mutuamente, tanto na questão financeira, quanto no que se refere à moradia, além de muitas vezes acolherem seus compatriotas, amigos, parentes, e até pessoas que não conhecem, bastando para isso que sejam de sua terra natal. (RODRIGUES, 2016, p. 94)

Assim como nos dados analisados por Rodrigues, na capital amazônica as imigrantes haitianas firmam redes de relações criando contatos com parentes, amigos, conterrâneos e também brasileiros, contatos que servem de base para ajudar a outros imigrantes que chegam ou que já estejam na cidade.

Ao analisar a fala de Dacilien e o que foi registrado por Rodrigues, é possível identificar uma rede social de conterraneidade entre os nacionais haitianos, o que contribui para dar apoio àqueles que decidem permanecer na paragem receptora ou mesmo que esteja somente de passagem.

Durante a acolhida na casa de Dacilien, na noite do dia 6 de novembro, quarta-feira, Phirgenie queixou-se de não estar se sentindo bem, Dacilien a levou a uma Unidade Básica de Saúde, na qual o orientaram para que a levasse a maternidade. Por volta das 22h, Phirgenie era internada em uma maternidade, localizada na Zona Leste da capital manauara, apresentando perda de consciência o que apontou para

um acometido de pré-eclâmpsia³⁶.

O médico plantonista, ao passar o boletim médico às 11h do dia 8 de novembro, sexta-feira, relatou que a paciente havia dado entrada na maternidade com parada cardíaca, apresentava estado de pré-eclâmpsia e diante do quadro a paciente foi submetida a uma cesariana de emergência. À 1h12min do dia 7 de novembro de 2019, pesando 1,635 kg, nascia Mahalia.

Mahalia nasceu com sete meses e apresentava graves problemas respiratórios e renais, durante o período de internação teve paradas cardíacas não apresentou reação às intervenções dos medicamentos. Do dia 7 ao dia 13 de novembro, silenciosamente, nos escombros da migração na capital amazônica, mãe e filha lutavam pela vida.

Durante a internação de 5 dias, Phirgenie entrou em estado de coma, do qual não saiu mais, indo a óbito às 6h do dia 11 de novembro de 2019, tendo como causa da morte “choque cardiogênico; edema agudo hipertensivo; síndrome help; pós-operatório de cesariana”³⁷. Mahalia continuou internada por mais dois dias, e também não resistiu falecendo dia 13 de novembro.

Geertz (2008, p.16) considera que não é o local que define o objeto de pesquisa do pesquisador: “‘o *locus* do estudo não é o objeto do estudo’. Os antropólogos não estudam as aldeias (tribos, cidades, vizinhanças), eles estudam nas aldeias”. A imersão do pesquisador no campo, de forma participativa, desenvolve a capacidade de interpretar a realidade do grupo social no qual ele se propõe estudar. Para o autor seria “um trabalho de campo quase obsessivo de peneiramento, a longo prazo, principalmente qualitativo, altamente participante” (*idem*). Foi a nossa participação no campo social das(os) imigrantes haitianos na cidade de Manaus, a relação de sociabilidade que ao longo da pesquisa de campo foi construída junto as(aos) imigrantes que nos fez presenciar e vivenciar o drama vivido pela família Phirmame.

³⁶ “A pré-eclâmpsia é uma doença multifatorial e multissistêmica, específica da gestação, classicamente diagnosticada pela presença de hipertensão arterial associada à proteinúria, que se manifesta em gestante previamente normotensa, após a 20ª semana de gestação. Atualmente, também se considera pré-eclâmpsia quando, na ausência de proteinúria, ocorre disfunção de órgãos-alvo. O caráter multissistêmico da pré-eclâmpsia implica a possibilidade de evolução para situações de maior gravidade como eclâmpsia, acidente vascular cerebral hemorrágico, síndrome HELLP, insuficiência renal, edema agudo de pulmão e morte.” (PERAÇOLI *et al*, 2019, p. 258.)

³⁷ Causas especificadas conforme Certidão de Óbito.

2.3.3 Phirgenie, Mahalia, Metellus: retratos borrados no contexto migratório

Para compreendermos a experiência migratória da família Phirmame, narrada nos parágrafos anteriores, torna-se necessário voltar ao começo. A notícia sobre Phirgenie foi dada através de uma mensagem de voz, no dia 7 de novembro por volta das 15h, enviada por Richemond Dacilien, a qual dizia que uma imigrante haitiana tinha chegado da Venezuela e que se encontrava internada em uma maternidade. Naquele momento não entendíamos o porquê daquela mensagem, porém a partir das informações em outras duas mensagens começávamos entender a situação que uma mulher haitiana, grávida de 7 meses, tinha dado entrada na maternidade e encontrava-se em estado grave.

Ela era uma imigrante que viajava sozinha, estava pela primeira vez no Brasil e em trânsito na cidade de Manaus, não tinha conhecidos ou amigos na cidade, viajava para reencontrar o companheiro Metellus que estava na cidade de Uberlândia estado de Minas Gerais, o qual também não conhecia a cidade de Manaus.

2.3.3.1 Registro do contexto

O primeiro contato foi feito com uma amiga pesquisadora da área da migração e como ela trabalhava em uma instituição de apoio a imigrantes e refugiados pensamos que seria uma via de ajuda, apesar de não saber ao certo como poderíamos ajudar naquela situação.

Na mesma tarde do dia 7 de novembro nos dirigimos à maternidade para saber notícias de Phirgenie e como regra, a maternidade não fornecia informações a pessoas que não fossem da família do paciente. Pedimos para falar com setor de assistência social da maternidade, nesse setor, apresentamo-nos em nome da Pastoral da Igreja de São Geraldo porque participamos da rede de voluntários que faz acolhimento aos imigrantes que chegam na cidade de Manaus. Ainda foi explicado que uma rede virtual havia se formado na intenção de dar apoio àquela mulher.

Diante do exposto, a assistente social passou as informações sobre o quadro da paciente, porém avisou-nos que teríamos que retornar na manhã seguinte para falar com médico plantonista para receber o “boletim do dia”, isto é, as informações sobre o estado da paciente.

Oswaldo Truzzi (2008, p. 208) ressalta que *informações* é um elemento

“variável-chave” e o modo como esse elemento se espalha é normalmente através de redes que o dissemina com intensidades distintas.

E foi essa “variável-chave” que possibilitou a formação de uma rede de apoio virtual, composto por professores, alunos da graduação, pós-graduandos e amigos dos amigos destes. Portugal (2006, p. 102) salienta que o desenvolvimento das comunicações, a valorização das relações entre as pessoas e entre essas e outros elementos sociais, levou ao alargamento das redes sociais na sociedade, por isso “ouvimos, hoje, falar de redes em todas as áreas: no território, nas empresas, no estado, no mercado, na sociedade civil, nas universidades, na investigação, na prestação de serviços”.

Uma rede formou-se entre conhecidos e desconhecidos para prestar um serviço humanitário, ações foram delegadas, cada membro do grupo foi tomando sua posição de ajuda, uma rede de relações de laços fracos (GRANOVETTER, 1983), firmava-se para oferecer ajuda e tentar amenizar o sofrimento daquele imigrante/desconhecido. Seu drama familiar nos reportava a centenas de outras famílias de imigrantes que sofrem as desgraças ocorridas durante a mobilidade migratória.

As informações eram repassadas imediatamente para o grupo que no ínterim das informações havia decidido comprar a passagem área de Metellus, pois devido a gravidade do quadro da paciente, fazia-se necessário a presença de um responsável.

No dia 8 de novembro, sexta-feira pela manhã via chamada de vídeo, conversamos com Metellus. Foi o primeiro momento que tivemos com aquele homem – tristeza e silêncio pairavam em seu rosto.

Explicamos de modo geral para ele sobre o quadro de saúde de Phirgenie e que retornaríamos naquela manhã à maternidade e teríamos informações mais precisas. Dissemos a ele que tínhamos formado um grupo de pessoas que se sensibilizaram com a situação de Phirgenie e que iríamos ajudá-lo a vir para Manaus o mais rápido possível. Naquele momento ele nos disse que já havia comprado passagem e que viria de ônibus para Manaus, posição que demonstra que Metellus não tinha conhecimento da região em que se encontrava sua namorada, pois a vinda de ônibus para Manaus, demandaria dias de viagem com conexão em outros estados. Metellus disse então que aceitaria a ajuda e que embarcaria assim que sinalizássemos para ele.

À medida que as horas se passavam, através do grupo de apoio, decisões eram

tomadas. Retornamos à maternidade pela manhã e nos encaminharam à assistente social de plantão naquele dia, a qual também já sabia da situação de Phirgenie. Logo fomos encaminhadas até a Unidade de Tratamento Intensivo (UTI) para que pudéssemos falar com o médico plantonista.

Artur Bento (2009), diz que as redes sociais podem constituir um veículo de circulação de informações de cunho étnico, familiar, político, religioso e cultural que influi na reconstrução dos laços de identidades. Nesse contexto uma rede social formava-se virtualmente, as informações difundidas no grupo levaram a formação de laço de generosidade entre pessoas (des)conhecidas, cujo único objetivo era ajudar a família Phirmame.

Foi na UTI que vimos Phirgenie pela primeira vez. Silenciosa, aparência serena, assistida pelos aparelhos, vestida por uma bata azul, um pássaro de passagem, como assim acentua Morokivasic (1984), parava ali. Ficamos ali alguns minutos olhando para aquela mulher, razão e emoção tomaram conta de nós por alguns minutos. Sabíamos que o projeto de toda uma vida silenciava-se naquele leito de hospital.

Metellus chegou na cidade de Manaus no sábado 9 de novembro, e foi recebido por Dacilien, o qual o abrigou em sua casa e o acompanhou em todos os momentos da passagem na cidade de Manaus. Pela manhã daquele mesmo dia, Metellus foi para a maternidade lá encontramos-nos pela primeira vez, direcionamo-nos ao serviço social e de lá fomos encaminhados até a UTI. Enquanto esperávamos no corredor da UTI, Metellus, perdido em sua própria realidade, dizia não conseguir acreditar no que estava acontecendo: “eu não entendo, minha namorada estava boa, alegre, sorrindo, eu falei com ela meia hora antes de Richemond me ligar e dizer que ela estava sendo internada”. Ele não conseguia acreditar na situação que estava vivendo.

Durante os cinco dias em que passou acompanhando sua companheira e filha na internação, tivemos a oportunidade de conversarmos nos corredores da maternidade ou na sala de recepção. Porém, era preciso respeitar sua dignidade de viver seu momento de sofrimento, de dor, seu direito de chorar por sua mulher amada. A experiência da alteridade nos fazia relativizar aquela realidade de momento tão particular e ao mesmo tempo representava as tantas situações de hostilidade, privações, humilhações, discriminações e preconceitos sofridos por imigrantes em suas experiências migratórias.

Em nossas conversas na recepção da maternidade, Metellus passou a contar sobre o projeto de vida que havia feito junto com Phirgenie e que o Brasil representava

o começo para uma nova vida. Disse que havia planejado a vinda de sua namorada para o Brasil porque queria que a filha deles pudesse nascer aqui: “eu queria que minha filha pudesse nascer no Brasil, aqui eu poderia dar uma vida melhor para ela, no meu país infelizmente eu não conseguiria fazer isso”. Mas o sonho daquele imigrante que transmite o sonho de outros inúmeros imigrantes, não se concretizou, a morte da companheira e da filha redesenhou a vida daquele homem.

Mesmo as estratégias de acolhimento, tentando dar amparo e amenizar o sofrimento de Metellus, não eram capazes de suprir suas reais necessidades diante do que ele estava passando. Todos éramos estrangeiros em uma via de mão dupla. Tedesco (2016) diz que o estrangeiro é carregado com sua diversidade cultural e por mais que a sociedade de destino migratório tente acolhê-lo nunca o atingirá completamente. Segundo o autor:

O estrangeiro é alguém portador de uma diversidade cultural, que está numa posição externa e marginal em relação aos elementos centrais da comunidade de destino, mas produz uma função positiva: sua presença reforça os vínculos internos à comunidade (cria genericamente uma cultura, um pertencimento, um “nós” e um “eles”), sua identidade define seus confins. (TEDESCO, 2016, p. 291)

Ainda o autor ressalta que o estrangeiro e o imigrante são correlacionais, estão na dimensão da aventura, extrapolam as faixas de segurança, correm riscos, expõem-se ao desconhecido e apostam no destino. Metellus colocou-se nesse espaço conflituoso, viveu e compartilhou sua dor maior entre os estrangeiros que lhes prestavam apoio. Mesmo em seu sofrimento silencioso, fez questão de acompanhar todas as etapas burocráticas para o sepultamento de sua companheira e filha.

É importante salientar que é necessário a algumas instituições que prestam atendimento a imigrantes o conhecimento dos direitos legais do imigrante. Em um determinado cartório que fomos para tirar a certidão de óbito de Phirgenie, deparamo-nos com o despreparo da instituição para fazer a expedição do documento.

Ao saber que se tratava de um óbito de imigrante, o cartório alegou que a documentação estava incompleta, argumentaram que o passaporte deveria estar traduzido e que o endereço apresentava dados incompletos. Quando procuramos outro cartório, neste foi confirmada a validade dos documentos e que não havia nenhum empecilho para que a certidão fosse feita. Essa situação demonstrou os desencontros de informações e desprezo com o qual algumas repartições

recepcionam o imigrante.

Florestan Fernandes (2007, p. 322) o artigo intitulado “Tiago Marques Aipobureu: um bororo marginal” faz uma reflexão sobre a história particular de um índio, o qual viveu os dois lados de culturas distintas, a cultura dos ditos “civilizados” e a dos Bororos. Seu transitar entre as duas sociedades fez dele o que o autor classificou de um homem marginal, “o desajustamento de Tiago evidencia a situação do homem marginal, daquele que se situa na divisa de duas sociedades, na margem de duas culturas sem conseguir pertencer integralmente a nenhuma delas”.

A história da família Phirmame é um estudo de caso particular, individual no contexto migratório. Na história de Tiago Marques Aipobureu, Fernandes questionava até que ponto seria válido cientificamente, o estudo de um único caso, como esse? Quais contribuições que um estudo desse tipo poderia trazer? Havia preocupação do autor com as fragilidades e limitações de sua investigação. Dizia ele:

Compreende-se que o valor científico de uma análise deste gênero é bastante relativo e que de fato não pode ter outras pretensões senão a de ser uma espécie de aplicação da teoria dos fatos. Talvez seja possível um procedimento científico mais rigoroso, orientando-se no sentido inverso, que é o normal. Contudo, o número de casos deveria também ser maior e mais variado e o material precisaria ser recolhido por meio de técnicas especiais, a fim de evitar lacunas e obter um rendimento teórico máximo. (FERNANDES, 2007, p. 294)

Ao mesmo tempo, Florestan Fernandes destacava a importância do trabalho para que pudesse despertar outras investigações sobre situações silenciosas, escondidas em distintos contextos sociais. Colocava em termo a atuação dos etnólogos, afirmando que:

Ao trabalho, apenas uma qualidade: a de colocar em termos objetivos um problema que ainda não foi estudado pelos etnólogos que têm trabalhado nas tribos de índios localizados no território brasileiro – os efeitos dos contatos com os brancos do ponto de vista da organização de suas personalidade. Mudança social e marginalidade são dois campos importantes das modernas ciencias sociais. Qualquer contribuição, nesse sentido, tem seu valor. (FERNANDES, 2007, p. 295)

Assim como o Bororo marginal de Fernandes, a história de Phirgenie, Mahalia e Metellus, a família Phirmame, um estudo de caso no contexto migratório entre Haiti e Brasil, apresenta-se como uma interrogação para os tantos pesquisadores que se dispõem a imergir nos estudos migratórios, e pode representar as diversas e distintas

realidades acontecidas com homens, mulheres, jovens, idosos e crianças migrantes.

2.4 MIGRAÇÃO TAMBÉM TEM “CARA” DE MULHER: UM RETROSPECTO DA PARTICIPAÇÃO FEMININA EM CONTEXTOS MIGRATÓRIOS

A presença da mulher não só nos movimentos de mobilidade humana, mas em outros contextos histórico-sociais, gradativamente a partir das últimas décadas do século XX, vem se tornando foco de estudos, no qual destaca-se a luta da mulher por igualdade de gênero tanto no mercado de trabalho como em outros setores da sociedade da qual faz parte.

Segundo Margareth Rago (1995), esse viés investigativo foi resultado dos novos estudos surgidos a partir da década de 80 do século XX, quando houve um redirecionamento epistemológico na investigação do objeto. Segundo a autora os estudos permitiram mostrar a mulher em suas inúmeras faces:

[...] revelar a presença das mulheres atuando na vida social, reinventando seu cotidiano, criando estratégias informais de sobrevivência, elaborando formas multifacetadas de resistência à dominação masculina e classista. (RAGO, 1995, p. 82)

A mudança metodológica no processo investigativo ampliou o campo de pesquisa, assim não é somente a mulher, mas outros elementos³⁸ responsáveis por mudanças significativas nas questões sociais, econômicas e culturais da sociedade que passam a ser sujeito e objeto principal de análise, não mais como elementos secundários nos processos históricos e sociais e sim como seus próprios protagonistas.

A nova epistemologia no processo de pesquisa cria a oportunidade de análise de gênero, assim como outros discursos até então silenciados. Em uma abordagem mais ampla, é notório que mulheres nos processos migratórios constituem práticas sociais articuladas com outros grupos na sociedade, seja na estrutura econômica, social ou nas práticas simbólicas, relações que podem garantir sua própria sobrevivência e manter o seu espaço de fala.

³⁸ Luís Balkar Pinheiro e Maria Luíza Pinheiro (2017, p.31), salientam a nova perspectiva que os estudos a partir da década de 80 do século XX, irão debater trazendo a investigação “...os populares, os trabalhadores e trabalhadoras, dar voz às minorias, até então silenciadas, e percebê-las não como vítimas inertes e incapazes [...] mas, antes como sujeitos sociais dotados da capacidade de pensar, reagir, transgredir e lutar”.

A mulher passa a ser vista com sujeito ativo participante em movimentos migratórios configurando uma categoria com poder de fala e de forma indireta passa a ter peso nas decisões, seja na família, grupo de amigos, e influenciando o marido na decisão de emigrar ou quando não, decide sozinha.

Segundo Glauca Assis (2007), a partir da década de 1970, sendo influenciado pelo feminismo, os estudos sobre o papel da mulher como protagonista e não como coadjuvante nos fenômenos migratórios passou a ser questionado dentro das ciências sociais.

Teresa Lisboa (2006) relembra como a mulher era vista nos movimentos de migrações internacionais, segundo a autora:

Desde o início do fenômeno das migrações internacionais as mulheres eram vistas como agentes passivas no ato migratório, dependentes de seus pais, ou de seus maridos, e apenas os acompanhavam nesse processo, na maioria das vezes sem opção de escolha. A migração feminina era explicada em função da migração masculina, mas nas últimas décadas houve uma reversão nesse processo. (LISBOA, 2006, p. 11)

Morokivasic (1984) coaduna também com a ideia de invisibilidade das mulheres nos processos migratórios. Morokivasic assim como Lisboa, diz que o homem era considerado como o protagonista nos diversos fenômenos migratórios e a mulher somente restava o papel de passividade junto ao companheiro ou algum membro da família que decidia sobre seu futuro.

A ideia que os movimentos migratórios se constituíam a partir das ações masculinas fez com que a variável gênero³⁹ não fosse colocada em debate levando ao negligenciamento da condição da mulher migrante.

No entanto, ao longo dos últimos dois séculos, a mulher torna-se dona de suas próprias escolhas, apesar de colocar-se diante das barreiras das desigualdades sociais, políticas, econômicas e laboral. Nesta última categoria a desvalorização da mulher se dá de forma clara. O Relatório do Desenvolvimento Humano – PNUD (2015)⁴⁰ assinala a condição da mulher no setor laboral:

³⁹ Sentindo do termo “gênero” aqui empregado é segundo o pensamento da historiadora Joan Scott (1995, p. 75), “...maneira de indicar “construções culturais” – a criação inteiramente social de ideias sobre papéis adequados aos homens e às mulheres. Trata-se de uma forma de se referir às origens exclusivamente sociais das identidades subjetivas de homens e mulheres”.

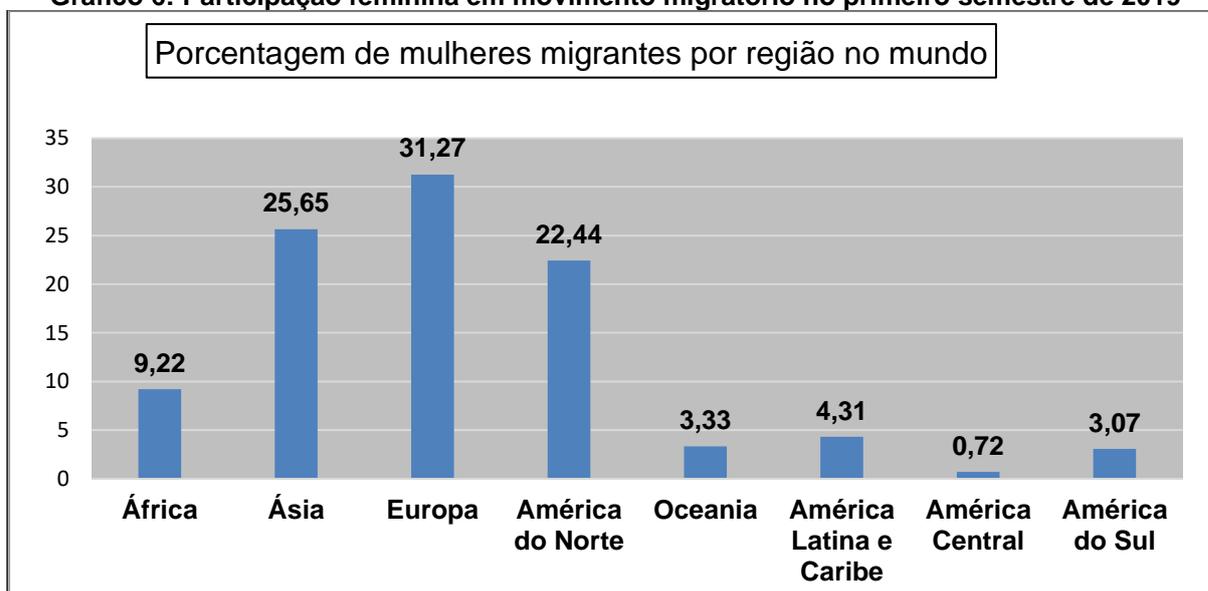
⁴⁰Consulta feita no Relatório do Desenvolvimento Humano – PNUD. Disponível em: <http://hdr.undp.org>. Acesso em: 08/08/2018.

As mulheres de todo o mundo ganham menos 24 por cento do que os homens e ocupam apenas 25 por cento dos cargos administrativos e de gestão no mundo empresarial, sendo que 32 por cento das empresas não têm mulheres em cargos de responsabilidade [...] cerca de 830 milhões de pessoas no mundo são trabalhadoras pobres, que vivem com menos de 2 dólares por dia e mais de 1,5 mil milhões têm emprego vulneráveis, normalmente sem condições de trabalho dignas, sem voz e sem segurança social. (PNUD, 2015, p. 5)

É uma realidade no mundo contemporâneo, porém indica que apesar das desigualdades, a mulher permanece em conflito diário por espaços e melhores condições de vida seja nos campos laboral, doméstico, educacional ou político.

No Relatório do Departamento de Assuntos Econômicos e Sociais (DESA, 2019), havia no mundo 272 milhões de migrantes internacionais. Nessa esteira foi observado até meados de 2019 que a participação feminina nos movimentos migratórios foi constante tendo seu fluxo para mais ou para menos de acordo com a área geográfica. No gráfico a seguir temos uma visão das áreas de maior incidência de mulheres emigrando.

Gráfico 6: Participação feminina em movimento migratório no primeiro semestre de 2019



Fonte: Elaborado pela autora de acordo com dados da UN DESA, 2019.

De acordo com o Relatório, no primeiro semestre de 2019, havia no mundo em torno de 135.269.601 mulheres deslocadas de suas áreas de origem. A Europa é o espaço que apresentou a maior participação feminina um percentual de 31,27% o que equivale a 42.296.878 mulheres, seguida por Ásia 25,65% e América do Norte 22,44%, equivalendo a 34.700.352 e 30.359.550 mulheres respectivamente. A

América Central apresentou a menor participação com percentual de 0,72% com um total de 968.736 mulheres nos movimentos migratórios.

Marinucci (2007) lembra que as estimativas são canais que alguns autores usam para explicar a feminização dos movimentos migratórios, muito embora o aumento ou diminuição estão condicionados a vários fatores de gênero. O autor também afirma a feminização dos movimentos migratórios, ao analisar o quantitativo da participação feminina nesses movimentos a partir dos anos de 1990 em algumas regiões dos distintos continentes.

Marinucci assinala que além do quantitativo é importante também, a observação de outros elementos que permeiam a realidade daqueles que migram e que devem ser analisados, elementos como: situação familiar, mercado de trabalho que são fatores definidores na paragem para onde migram, como as definições dos papéis de gênero na sociedade de origem. A respeito, assinala o autor:

[...] dados atestam a presença maciça de mulheres nos fluxos migratórios internacionais, o que confirma a “feminização quantitativa”. As diferenças entre as várias regiões dependem de muitos fatores. Em termos gerais, os países de antiga tradição imigratória costumam ter um número bastante elevado de mulheres estrangeiras, devido, sobretudo, à reunião familiar; já naqueles que atraem sobretudo mão-de-obra temporária, a migração feminina depende do tipo de emprego que o mercado de trabalho local oferece. Cabe sublinhar, também, que a migração feminina, de um ponto de vista quantitativo, é profundamente condicionada por fatores de gênero. [...] as relações de hierárquicas e patriarcais no interior da família de origem podem prejudicar tanto a decisão autônoma de migrar, quanto o acesso da mulher aos recursos necessários. (MARINUCCI, 2007 p. 4)

Importante sublinhar que os dados percentuais resultou de um contexto feminino muito mais complexo que envolve questões sociais na sociedade de origem que podem ou não influenciar na decisão de migrar, assim como as políticas migratórias da sociedade de destino, além das redes sociais que se tornam um elo importante entre as pessoas que migram. Sobre as políticas migratórias Marinucci destaca ainda que:

[...] podem facilitar ou prejudicar a chegada de mulheres ao estabelecer parâmetros sobre número e tipo de migrantes admitidos. A migração feminina pode ser também desestimulada pelos estereótipos culturais em relação ao papel da mulher no lugar de chegada. Na mesma esteira, as redes sociais – fator importante no ato migratório feminino, sobretudo na escolha do lugar de destino – podem reproduzir padrões patriarcais. No caso das redes ilegais, existe sempre o medo de envolvimento no tráfico de pessoas para fins de exploração sexual ou de sofrer outras formas de violência. (MARINUCCI, 2007, p. 4)

Silvia Yannoulas (2011, p. 271) propõe o uso do termo “feminização” em duas situações. Primeira “refere-se ao aumento do peso relativo do sexo feminino na composição de uma profissão ou ocupação”, medidos através de dados estatísticos. O segundo tem significado qualitativo e alude às transformações e ao valor social de determinadas profissões assumidas por mulheres.

Do mesmo modo, Joana Miranda (2009, p. 23) coaduna com a ideia de que o “discurso da feminização da migração pode ser explicado não apenas por um aumento real no número de mulheres nos fluxos populacionais, mais também pela aceitação do conceito de mulher migrante”.

A partir desse referencial, a feminização dos processos migratórios desprende-se da ideia somente quantitativa e coloca em pauta a feminização do movimento migratório como sendo um cenário no qual a mulher é sujeito social, cuja presença já simboliza quebra de paradigmas em um contexto predominantemente masculino. A mulher passa a ser uma categoria de análise, assume um “lugar” social e político nas migrações (OLIVEIRA, 2016).

Para fins de entendimento sobre a feminização dos movimentos migratórios além do viés quantitativo, priorizamos a presença da mulher migrante, como sujeito social. Assim como acatamos a ideia de que a feminização é “...ato ou efeito de feminizar, dar feição feminina a algum aspecto da vida social” (YANNOULAS, 2011, p. 287).

2.4.1 Paragens migratórias e a presença feminina

Nauar Pantoja (2001), em estudo realizado sobre trabalho de negras e mestiças nas ruas de Belém, Pará, no final do século XIX, observa que as ruas da capital belenense não eram somente espaços de trabalho e sobrevivência para as imigrantes oriundas, principalmente, do estado do Ceará, mas que estas criavam relações de sociabilidades com outras imigrantes para manter possivelmente seus laços identitários. Pantoja argumenta:

Um expressivo número de mulheres dentre as que buscavam o seu sustento por meio do trabalho na Belém daquela época era de negras e mestiças provenientes da região nordeste, sobretudo do estado do Ceará. Testemunhos como os de Delphina Cavalcante de Albuquerque e Florentina das Neves fornecem-nos indícios claros de tais dados. Ambas eram

cearenses que residiam em uma estância com outras mulheres, provavelmente dividindo entre elas o aluguel dos quartos. Após terem se envolvido em um conflito, contam que partiram do estado do Ceará em direção a Belém, sendo provável que tenham feito tal percurso em companhia de outras tantas que também se aventuraram na busca de trabalho e melhores condições de vida. Quando chegavam a Belém, não raro procuravam manter-se próximas umas das outras, e, morar sob o mesmo teto, pode ter sido uma das formas encontrada para manter laços culturais e relações de identidades entre si e com outros sujeitos. (PANTOJA, 2001, p. 127)

A mulher migrante (re)cria condições de vida, mesmo em espaços de precariedade e de exclusão social nas paragens para onde decide migrar, ainda assim (re)constrói sociabilidades através de relações sociais, com *nós* necessários para se manter em constante luta por melhores condições de vida.

Menezes e Matos (2017), em estudos realizados sobre a presença feminina na imigração no Rio de Janeiro na segunda década do século XIX, mostram um número significativo de imigrantes portuguesas. Em um quantitativo de 55.936 portugueses que passaram a residir no Rio de Janeiro, 10.436 eram mulheres, 18,65% do total. Mesmo que a presença da imigrante fosse muitas vezes transparente, elas se faziam presentes em várias áreas de trabalho, como colocam as autoras:

Apesar da dominância portuguesa no comércio, este é um dos setores onde as mulheres aparecem praticamente ausentes. Sabemos, no entanto, que, à medida que o pequeno comércio se expandiu - relacionado principalmente ao comércio de alimentos - o trabalho da mulher tendeu a acompanhar a atuação dos maridos em seus pequenos negócios [...]. (MENEZES; MATOS, 2017 p. 15)

As autoras afirmam que a participação de mulheres portuguesas no processo migratório no final do século XIX, cresceu visivelmente e duplicando-se em 20 anos:

Os números contabilizados no primeiro censo republicano (1890) contemplam as décadas iniciais dos deslocamentos de massa que marcaram a terceira onda dos movimentos migratórios internacionais, responsáveis por verdadeiro êxodo nos países europeus da franja norte-mediterrânea, em especial das penínsulas ibérica e italiana. Segundo esses números, os totais absolutos relativos às mulheres duplicaram em menos de 20 anos, passando de 10.436 em 1872 para 26.221. Considerando-se as tendências gerais da imigração portuguesa na cidade [...]. (MENEZES; MATOS, 2017 p. 16)

As autoras fazem uma temporalidade, 1872 a 1960, através da qual podemos perceber uma feminização no processo migratório, especialmente de imigrantes portuguesas, afirmando:

Considerando-se a temporalidade decorrida entre 1872 e 1960, é possível dizer que a população estrangeira na cidade do Rio de Janeiro, ao longo do tempo, permaneceu sempre impactada pela presença portuguesa. Ao manter patamares percentuais superiores aos 60%, essa presença modelou as tendências relativas à elevação e aos descensos dos números relativos à população de imigrantes fixada na cidade. Com relação às mulheres, considerada a mesma temporalidade, seu peso no conjunto não parou de crescer, independentemente do refluxo das entradas em tempos de guerra. No caso específico das mulheres portuguesas, sua presença no conjunto de sua nacionalidade passou de um percentual de 18.65% em 1872 para 41.87% em 1960 [...]. (MENEZES; MATOS, 2017, p. 23)

É perceptível nos estudos de Menezes e Matos (2017) a feminização nos movimentos migratórios. Pois além do quantitativo que exprime o aumento da participação nos movimentos migratórios em distintos momentos históricos, há a presença ativa das mulheres (re)construindo novas relações sociais e espaços identitários.

Reinventando-se nos espaços sociais de acolhimento, no qual figuram principalmente no setor do comércio informal, nas “vendas de tabuleiro”, nas quitandas, as mulheres imigrantes contribuíram para movimentar a economia do mercado informal nos locais onde decidiram ficar. O tornar visível esse avesso dos movimentos de mobilidade humana é reconhecer a importância da luta de gênero.

Perceber que as mulheres imigrantes exerceram papel importante nas novas configurações para onde decidiram migrar - influenciando nas trocas culturais, costumes e se reelaborando em novas identidades - exige um debruçamento constante nas fontes. Mostrar que essa representação que ficou silenciada e renegada a segundo plano é reconhecer sua contribuição na constituição das relações sociais na sociedade.

Benchimol (2009) já registrava a participação da mulher na terceira onda migratória de judeus. Essas mulheres chegavam à Amazônia, estigmatizada, menosprezadas, segregadas no meio social para o qual foram trazidas. Nas palavras do autor:

[...] famosas e malfaladas polacas, que possuíam os seus cabarés e cassinos em que todas as cidades prósperas do mundo e que por causa da discriminação e segregação das comunidades judaicas tradicionais chegaram a ter as próprias associações, sociedades de socorro mútuo [...]. Essas pobres judias foram vítimas de uma organização criminosa baseada em Varsóvia [...] seus agentes viajavam pelos guetos e aldeias judias (stetl), afirmando serem prósperos judeus, estabelecidos na América do Sul, em busca de casamentos com jovens judias. Com a ajuda de inocentes úteis

casamenteiros adquiriam a confiança da família e o casamento religioso era celebrado. Logo após eram embarcadas em um navio e somente depois descobriam ter sido enganadas [...]. (BENCHIMOL, 2009, p. 310-311)

Essas imigrantes sem estudo eram vendidas a donos de bordéis, tornavam-se mulheres marginalizadas na sociedade local pelos próprios judeus (BENCHIMOL, 2009). Essa emigração forçada, transgredida, na qual seus sujeitos não tiveram escolhas opõe-se à teoria que sustenta o processo migratório como sendo somente a escolha do sujeito, seja essa escolha por questões políticas, religiosas, econômicas ou ambientais. Ainda assim, segundo Benchimol, muitas dessas imigrantes quebraram preconceitos, reconstruíram novos laços de identidades e conseguiram se impor diante das regras impostas pela sociedade.

Para Hall (2002), as identidades estão em movimentos, e são construídas pelos indivíduos ao longo da vida. Isso significa que, de acordo com o contexto, as pessoas podem assumir diferentes identidades. O que se conclui, a partir dessa concepção é que as imigrantes ao longo de sua vida (re)constróem suas identidades, incorporando novos códigos, ressignificando a cultura e os elementos da paragem para onde decidiram migrar.

Oliveira (2016, p. 193) ao analisar algumas categorias de migrantes internos e internacionais na Amazônia percebeu acentuada participação de mulheres, principalmente indígenas e ribeirinhas, isso leva “a suspeitar de que as mulheres indígenas e as ribeirinhas seriam as maiores responsáveis pelo fenômeno da feminização dos fluxos de migração”. Segundo a autora, as mulheres passaram a migrar em busca de educação, saúde e melhores condições de vida.

Joseph Handerson e Rose-Myrlie Joseph (2015) analisam a dinâmica migratória feminina haitiana na França e no Brasil, destacando as experiências laborais de quatro interlocutoras, cujo padrão social era de classe média no Haiti, e na França e no Brasil tornam-se empregadas domésticas, setor de trabalho visto com desprestígio pelas imigrantes caribenhas.

Os autores discutem a experiência das imigrantes haitianas pontuando sobre “como as relações sociais do trabalho, particularmente no setor doméstico, são determinadas pelas diferenças de gênero, de classe, de raça, de origem geográfica e da nacionalidade como dispositivos de discriminação” (HANDERSON; JOSEPH, 2015, p. 28).

A pesquisa de Neusa Rodrigues (2016) aprofunda análise sobre as condições

de inserção laboral e as questões culturais de imigrantes haitianas na cidade de Porto Velho. A autora dialoga sobre o dia a dia das imigrantes na capital rondoniense, e aponta para as dificuldades que enfrentaram na cidade de Porto Velho. No entanto, foi possível ver que são mulheres que conseguiram (re)criar condições para que pudessem permanecer na paragem migratória. Segundo Rodrigues (2016):

Observamos que ao chegarem a Porto Velho, essas mulheres se depararam com algumas dificuldades, principalmente relacionadas à questão de emprego e ao aprendizado da língua portuguesa. No entanto, apesar das dificuldades encontradas, algumas estão trabalhando e já conseguem se expressar em português razoavelmente. [...] constatamos que elas, com enorme esforço, estão conseguindo se adaptar à nossa língua, aos nossos costumes, a nossa alimentação, às nossas músicas, ou seja, estão se abasileirando, contribuindo, assim, para um hibridismo profícuo e a construção de novas identidades, todavia, sem relegarem as suas identidades de origem. (RODRIGUES, 2016, p. 93-94)

Arieche Lima (2014), ao pesquisar a migração guianense para a cidade de Boa Vista, estado de Roraima discute a participação das imigrantes como sujeitos ativos no processo migratório e mostra a dificuldade das mulheres guianenses, principalmente na inserção no mercado de trabalho. Salienta a autora:

Outra dificuldade encontrada pelas guianenses é a inserção no mercado de trabalho formal. A maior parte está em empregos informais, tais como vendedores ambulantes em feiras públicas do Produtor e do Passarão. São Camelôs, domésticas, babás, em condições de vida e trabalho precários e de vulnerabilidade. (LIMA, A. 2014, p. 48)

As pesquisas de Rodrigues (2016) e Lima (2014) e os demais autores citados, reafirmam a participação feminina em contexto migratório. A feminização dos contextos migratórios é marcada pela subalternidade do local que a mulher migrante ocupa.

As trabalhadoras migrantes empregam-se nos setores de menor remuneração, “as mulheres têm uma menor participação no mundo do trabalho remunerado” (PNUD, 2015, p. 120), ou ocupam cargos inferiores aos dos homens com salários inferiores aos destes. São estigmatizadas na paragem migratória onde chegam, o que se torna mais acentuado sua classificação por sua condição de mulher imigrante, preta e oriunda de país pobre.

Rodrigues e Vasconcelos (2012) salientam que das mulheres imigrantes oriundas da América Latina, 27% estão desempenhando trabalhos domésticos.

As imigrantes haitianas na cidade de Manaus viveram o dilema da exclusão. Padre Valdeci Molinari, pároco da Paróquia São Geraldo e membro da Pastoral dos Migrantes, instituição religiosa que fez acolhimento aos haitianos e haitianas que chegaram na cidade de Manaus a partir do ano de 2010, em entrevista ao canal online *O Estrangeiro*, afirmou que no ano de 2012, empresas do sul do país passaram a contratar haitianos, assim 1.100 haitianos foram para o sul do país com proposta de trabalho. Enquanto às mulheres, não houve interesse por parte das empresas para a contratação da mão de obra feminina. Segundo padre Valdeci:

As mulheres estão tendo muita dificuldade de conseguir emprego. Do grupo requisitado pelas empresas de fora não teve solicitação para contratação de haitianas. Também em Manaus não há procuração pela mão de obra das mulheres, a que tinha antes era para a área do trabalho doméstico, mas em virtude das dificuldades com o idioma e os costumes não houve absorção no mercado. Por isso, cerca de 180 haitianas desempregadas atualmente (O ESTRANGEIRO, 2012)

Afirmção que contribui para mostrar os dilemas que a mulher imigrante enfrenta na paragem receptora ou mesmo antes de chegar até esta e que contribui para a não inclusão efetiva nos bens sociais da paragem receptora.

O percurso realizado por quase a totalidade das mulheres haitianas que chegaram à Manaus nos primeiros anos da migração, deu-se através do agenciamento do *raketè*. Segundo Handerson (2015, p. 29), *raketè* é o sujeito “considerado um esperto que usa vários mecanismos e artimanhas para lucrar na informalidade ou até indevidamente. Também agencia viagem das pessoas”. No Brasil, o *raketè* é conhecido também como “coiote”, “atravessador ilegal” ou “agente irregular”.

É essa categoria que com promessas de viagens seguras e chegada rápida no Brasil (COSTA, 2012), conduziu o deslocamento ilegal de centenas de haitianos e haitianas a partir de 2010. Nesse contexto mulheres haitianas foram exploradas, esturpadas e engravidadas durante o percurso. Situação que podemos perceber na fala de Rosana Nascimento, vice-coordenadora da Pastoral dos Migrantes em Manaus, ao lembrar do atendimento dado a algumas imigrantes haitianas que procuravam acolhimento na Pastoral da igreja de São Geraldo. Assim enfatizou a vice-coordenadora:

Entre 2011 a 2012, o caminho feito pelas imigrantes era feito através dos

raketè ou coiote, nessa época era muito forte o trabalho, destes. Eles faziam percurso pela floresta amazônica: Peru, Equador até chegar no Amazonas, via Tabatinga ou Acre [...]. As mulheres foram muito violentadas nesse trajeto porque os coiotes cobravam determinado valor delas e elas pagavam o valor que os coiotes tinham pedido só que no caminho os acordos eram rompidos porque ali elas já estavam sozinhas então muitas precisavam vender o corpo como forma de moeda [...] e muitas mulheres se descobriam grávidas quando chegavam em Manaus. (ROSANA NASCIMENTO, 2019)

O sofrimento em contexto migratória não é ímpar das mulheres haitianas, centenas de mulheres, crianças em todo mundo são violentadas sexualmente em trocas de abrigo, comida ou por “bilhetes” de entrada no país de destino, desnudas de seus valores morais e culturais passam a engrossar o quadro de pessoas em situação de vulnerabilidade nos processos migratórios (SCHWINN; COSTA, 2016).

Nas considerações de Eduardo Galeano (2008, p. 151) “ninguém emigra porque quer”. As razões que fazem o indivíduo tornar-se migrante deixando, muitas vezes para trás, família, amigos, conhecidos, lembranças e ir em busca de outras paragens, são muito mais complexas e específicas de cada sociedade.

As mulheres imigrantes, entretanto, são, teimosamente migrantes, mesmo sendo expostas a situações excludentes e degradantes, estarão sempre de passagem (MOROKIVASIC, 1984) em algum espaço geográfico. Inseridas ou no mercado de trabalho formal ou da informalidade, as imigrantes se reinventam transformando um local de exclusão e vulnerabilidade em lugar de sociabilidades. A formação das relações sociais na sociedade migratória onde decidiu ficar é elemento balizador para a continuidade ou decisão de partir novamente.

Oliveira (2016) salienta que a dinâmica migratória na Amazônia traz à tona as diversas realidades dos migrantes em mobilidade na Amazônia e a necessidade de formular políticas migratórias para os novos rostos que configuram na Amazônia nas últimas décadas do século XX e as primeiras do XXI. Dentre os vários atores em deslocamento na Amazônia, elenca:

[...] indígenas, estrangeiros indocumentados ou irregulares, refugiados, ribeirinhos e outras categorias específicas decorrentes de novos eventos, como o contrabando de migrantes, a feminização da migração e o tráfico internacional de mulheres para fins de exploração sexual” (OLIVEIRA, 2016, p.19)

Oliveira ainda propõe um olhar diferenciado sobre a mobilidade humana na região amazônica porque para a autora o debate sobre migração está sistematizado,

muitas teorias migratórias ocupam-se das análises dos processos das migrações em suas imbricações macros/micros, cujas causas são oriundas da dinâmica do capital. Em contrapartida, o sujeito migrante protagonista do processo continua na invisibilidade.

Pensar sobre a migração na Amazônia pode ser feito a partir do ponto principal do processo, o migrante, este sendo observado como sujeito social, constituído como categoria sociológica, dentro do processo e não sendo visto “como uma vítima dos processos sociais, econômicos e políticos impostos de forma arbitrária pelas políticas migratórias internacionais” (OLIVEIRA, 2016, p. 34).

As dinâmicas mais recentes dos movimentos migratórios na Amazônia dar-se-ão a partir das últimas décadas do século XX, estendendo-se nas duas primeiras décadas século XXI (OLIVEIRA, 2016; HANDERSON, 2015).

A mulher imigrante, cuja presença foi notada em outros fluxos migratórios em diferentes contextos da história da Amazônia (PANTOJA, 2001; OLIVEIRA, 2016; ASSIS, 2007; BENCHIMOL, 2009), foi/é responsável para transformar, alterar, contribuir com novos elementos sociais na paragem migratória na qual decide ficar e o reconhecimento dessa contribuição vem ajudando a quebrar paradigmas teóricos.

No espaço social manauara de vendas de calçadas é possível observar, ao longo dos anos, mulheres imigrantes de várias nacionalidades, venezuelanas, peruanas e colombianas, vendendo os seus produtos, expostos em cima de pedaços de lonas esticadas no chão ou pendurados nos braços ou, quando não, expostos nos tabuleiros improvisados. Dessa forma, diariamente essas mulheres imigrantes vêm disputando as vendas de seus produtos aos transeuntes que por ali passam.

A partir do ano de 2010 com a chegada dos imigrantes haitianos na cidade de Manaus, o comércio de calçadas recebe novos sujeitos que passaram a trabalhar nas vendas de tabuleiro. As imigrantes haitianas (foto 4), eram as trabalhadoras que engrossaram o comércio de vendas de meias, frutas, verduras e bombons.

Foto 4: Imigrantes haitianas na organização dos tabuleiros improvisados para expor as meias e começar mais um dia de trabalho. Manaus/AM.



Fonte: Foto feita por Eduardo Brandão, colaborador e responsável pelos registros fotográficos, 2019.

O registro fotográfico acima foi realizado em uma rua do centro comercial de Manaus, durante um dia de semana, às 7h da manhã. Durante esse trabalho de campo, pontuamos a dinâmica de mais um dia de trabalho das mulheres imigrantes vendedoras de tabuleiro que começa com a disposição dos carrinhos nas calçadas e a organização das mercadorias para serem vendidas; no caso desse registro, tivemos principalmente tabuleiros com vendas de meias.

2.5 A MOBILIDADE HAITIANA NA AMAZÔNIA BRASILEIRA

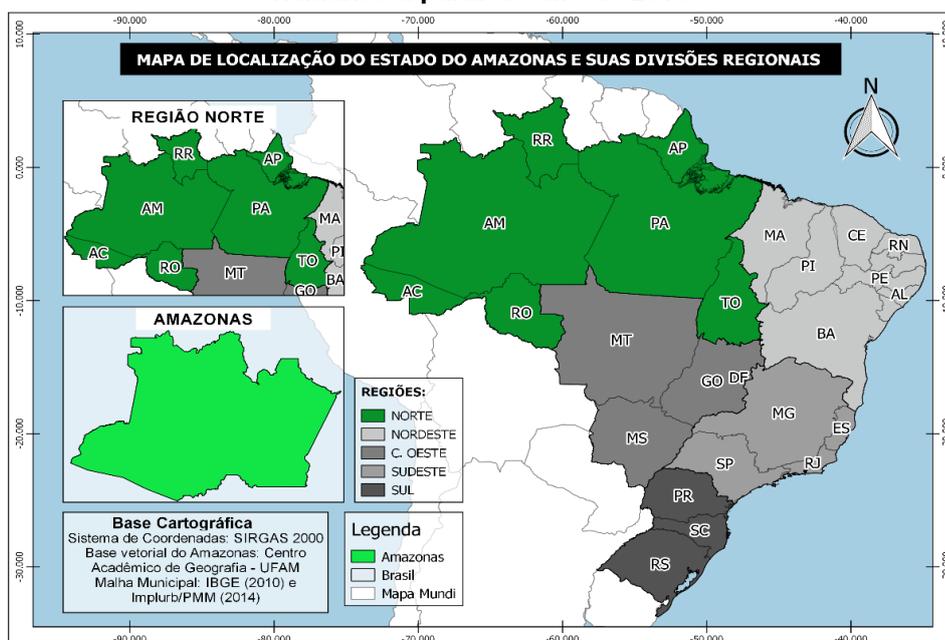
Handerson (2015), em estudo sobre a imigração haitiana na tríplice fronteira Brasil, Suriname e Guiana Francesa, registrou a chegada dos primeiros grupos de haitianos nessa paragem amazônica, ao qual identificava como o quarto fluxo migratório na história da emigração haitiana. A respeito aduz o autor:

O quarto registro de fluxo de mobilidade haitiana iniciou-se a partir de 2010. Diante dos diversos tipos de insegurança: pública, política, socioeconômica, alimentícia, educacional, incluindo a área da saúde e do saneamento básico, todas elas em decorrência do quadro empobrecido e precário do Haiti, agravado pela tragédia provocada pelo terremoto de janeiro do referido ano, a mobilidade Haitiana ganhou especial significância, volume e crescimento de novos sujeitos e circuitos no espaço migratório internacional. (HANDERSON, 2015, p. 73)

O terremoto de magnitude 7.0 que atingiu o Haiti no ano de 2010 deixou 240 mil mortos, em torno de 1,5 milhão de desabrigados, infraestruturas habitacionais e governamentais importantes sob escombros (MAMED; LIMA, 2016). O Brasil, após este evento, torna-se uma paragem alternativa para os imigrantes haitianos.

No ano de 2010, o Brasil começou a receber grupos de imigrantes haitianos com maior visibilidade. Anteriormente já se tinha a presença de haitianos no país, porém invisíveis aos olhos da sociedade brasileira (VILLA, 1996; TÉLÉMAQUE, 2012). As principais vias de entrada no Brasil foram feitas por portos amazônicos através dos estados do Acre e Amazonas (FERNANDES; CASTRO, 2016; RODRIGUES, 2018).

Mapa 5: Localização do Estado do Amazonas, um dos portos de entrada de migrantes haitianos a partir do ano de 2010



Fonte: Samara Farias, 2019.

O Estado do Amazonas, destacado no mapa 5, localizado na região Norte brasileira, foi paragem de passagem e permanência para centenas de imigrantes compostas de diversas categorias que começaram a chegar ao Brasil a partir do ano de 2010, através da cidade de Tabatinga.

Handerson (2015, p. 31), registra a entrada dos primeiros haitianos em mobilidade na Amazônia brasileira em fevereiro do ano de 2010, na cidade de Tabatinga: “na segunda semana de fevereiro de 2010, chegara um primeiro grupo de doze haitianos: quatro mulheres (duas menores de dezesseis e dezessete anos) e

oito homens pedindo ajuda”. Segundo o autor, na semana seguinte já se contabilizava 150 imigrantes morando em Tabatinga. A partir de então, centenas de haitianos passaram a chegar àquela paragem amazônica.

Mamed e Lima (2016), embasados em dados da Polícia Federal Brasileira, verificaram que de 2010 até setembro de 2014 entraram no Brasil mais de 39 mil haitianos indocumentados, os quais fizeram solicitação da condição de refugiados.

Baeninger e Peres (2016), em relação ao fluxo migratório de haitianos documentados no Brasil no período entre 2000 a 2014, mostram a entrada de 18.708 imigrantes haitianos, destes 14.283 eram homens e 4.425 mulheres. Para Durval Fernandes e Andressa Virgínia de Faria (2016) no final do ano de 2014, no Brasil, o número de haitianos chegava a mais de 50 mil. O estado do Amazonas foi uma das principais entradas de grupos de imigrantes haitianos.

O Relatório Anual 2019 do Observatório das Migrações Internacionais (OBMIGRA, 2019) registra entre 2011 a 2018 a quantidade de 492,7 mil imigrantes legais e com permanência superior a um ano no Brasil. Desse total 106,1 mil imigrantes são de nacionalidade haitiana, sendo 61,4% do sexo masculino e 38,6% do sexo feminino.

Tabela 1: Número de solicitações de reconhecimento da condição de refugiado feita por haitianos no Amazonas.

Meses/Anos	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016	2017	2018	2019	Total
Janeiro	-	-	1	22	5	-	8	1	77	12	-
Fevereiro	1	-	23	-	18	8	10	3	11	11	-
Março	14	1	12	16	15	10	4	6	8	5	-
Abril	2	-	24	76	4	6	7	5	9	-	-
Maio	3	47	24	69	10	9	-	27	19	-	-
Junho	20	5	2	20	5	2	-	17	29	-	-
Julho	-	-	9	14	3	12	10	6	47	-	-
Agosto	9	11	9	17	9	2	-	3	29	-	-
Setembro	8	144	46	10	5	11	2	27	19	-	-
Outubro	8	17	-	9	13	3	4	47	27	-	-
Novembro	20	56	16	12	10	36	1	47	13	-	-
Dezembro	24	59	-	25	6	1	-	24	11	-	-
Total	109	340	166	290	103	100	46	213	299	28	1694

Fonte: Elaborado pela autora de acordo com dados do CONARE, 2019.

A tabela acima, mostra o número de pedidos da condição de refugiados⁴¹ feitos por haitianos entre os anos de 2010 a 2019. Ressalta-se que o número de pedidos de refúgio é oscilante tendo sua grande demanda, nos anos de 2011, 2013 e 2018. Nesse último ano é significativo o aumento no pedido de refúgio porque muitos haitianos remigrados⁴² compunham o fluxo migratório venezuelano que começa a chegar a Manaus no final de 2016 e se intensifica nos anos seguintes⁴³.

Importante lembrar que nem todos os haitianos são registrados por esse sistema, pois dependendo da situação documental que entraram no Brasil, alguns preferem não procurar os órgãos reguladores. Apesar dessa fonte de dados não permitir a identificação da presença feminina, é significativo mostrar a dinâmica dos haitianos. Além de ressaltarmos que muitos haitianos e haitianas entraram no Brasil com “visto humanitário” não fazendo solicitação de refúgio.

No ano de 2019, das 59 interlocutoras residentes em Manaus a mais de um ano, 35 afirmaram estar no Brasil com “visto humanitário”, 3 afirmaram se enquadrar em outras categorias e 21 mulheres afirmaram ter realizado solicitação de refúgio.

No ano de 2012, com o propósito de dar uma resposta às pressões da sociedade civil sobre a situação dos imigrantes haitianos que continuavam a rumar para o Brasil e centenas deles retidos na fronteira norte brasileira o Governo Federal, através do Conselho Nacional de Imigração (CNIg), criou a resolução normativa nº 97 de 12 de janeiro de 2012 a qual outorgava a política pública denominada “Visto Humanitário”, esta intencionava margear a entrada dos imigrantes haitianos no Brasil (DUTRA, 2016). A referida Resolução nº 97 de 12 de janeiro de 2012, dispõe:

Artigo. 1º

Ao nacional do Haiti poderá ser concedido o visto permanente previsto no art. 16 da Lei nº 6.815, de 19 de agosto de 1980, por razões humanitárias, condicionado ao prazo de 5 (cinco) anos, nos termos do art. 18 da mesma Lei, circunstância que constará da Cédula de Identidade do Estrangeiro.

Parágrafo único

⁴¹ Para o Ministério da Justiça e Segurança Pública, a condição de solicitante de refúgio são pessoas que fizeram o pedido na condição de refugiado ao Estado Brasileiro e que ainda não tiveram o pedido deliberado pelo CONARE. Enquanto espera a decisão o/a solicitante encontra-se em situação regular no Brasil, tendo a posse do protocolo e o Registro Nacional Migratório (RNM).

⁴² Para esta análise utilizamos o termo *remigrados* para indicar mulheres e homens haitianos que já tinham emigrado em outro momento para a Venezuela, onde tornaram-se residentes, mas devido a difícil situação política e econômica daquele país, os levaram a remigrar.

⁴³ Decreto nº 3819 de 22/09/17. Disponível em: <https://leismunicipais.com.br/a/am/m/manaus/decreto/2017/381/3819/decreto-n-3819-2017>. Acesso em: 20/08/2019.

Consideram-se razões humanitárias, para efeito desta Resolução Normativa, aquelas resultantes do agravamento das condições de vida da população haitiana em decorrência do terremoto ocorrido naquele país em 12 de janeiro de 2010.

A normativa, embora tenha tido o propósito de sanar as questões legais de ingresso dos imigrantes haitianos, tornou-se somente um elemento atenuante da política migratória brasileira uma vez que findando as duas primeiras décadas do século XXI, imigrantes haitianos ainda arriscam suas vidas nas mãos dos agentes irregulares que agem com esbulho junto aos imigrantes, que para entrar no Brasil, optam por rotas consideradas clandestinas.

Sidney Silva (2016), em pesquisa nos arquivos da Pastoral dos Migrantes de Manaus, encontrou registros de mais de 8 mil imigrantes haitianos entre 2010 e 2014 que passaram pela capital amazonense e destes, mais de 1 mil estariam morando na capital no ano de 2016.

Nossa pesquisa, no ano de 2019, nos arquivos da Pastoral dos Migrantes – Igreja de São Geraldo (localizada na zona Centro-Sul da capital) levou-nos aos registros de imigrantes haitianos dos anos de 2013 a 2015. Através destes dados pudemos fazer um quadro demonstrativo sobre a participação feminina na migração haitiana na cidade de Manaus. A Paróquia de São Geraldo, a partir de 2010, tornou-se um dos principais pontos de acolhimento para imigrantes haitianos.

Tabela 2: Quantidade de imigrantes haitianos em passagem pela Pastoral dos Migrantes – Paróquia São Geraldo.

Imigrantes/ano	2013	2014	2015	Total categoria
Homens	1224	748	155	2127
Mulheres	281	204	22	507
Crianças	34	39	16	98
Total de imigrantes	1539	991	193	2723

Fonte: Elaborado pela autora de acordo com dados do SPM, Manaus, 2019.

Do total de 2.723 fichas encontradas nos arquivos⁴⁴, 507 registros eram migrantes do sexo feminino. O que significa que 78,11% migrantes eram homens e 18,62% mulheres. A vice-coordenadora arquidiocesana da Pastoral dos Migrantes de

⁴⁴ Esse número pode ser maior, uma vez que as fichas do protocolo não seguiam uma padronização, em muitas delas não tinha identificação do sexo do/a migrante.

Manaus, senhora Rosana Nascimento, em matéria na revista Arquidiocese 2019, afirmou que dos imigrantes haitianos que passaram pela capital amazonense desde o ano 2010, até o ano de 2019, era possível que 3,5 mil tinham fixado residência em Manaus.

O processo migratório é muito dinâmico, o vaivém dos sujeitos é constante, não temos um elemento balizador que garanta em totalidade o número exato de homens e mulheres imigrantes haitianos que passaram e/ou permaneceram na capital manauara.

CAPÍTULO III
HAITIANAS NA CIDADE DE MANAUS NA SEGUNDA DÉCADA DO SÉCULO XXI:
ENTRE REDES E SOCIABILIDADES NO MUNDO DO TRABALHO INFORMAL
FEMININO

A multiplicidade da migração vem transformando a Amazônia em um mosaico de sujeitos multiétnicos, com novas elaborações multiculturais e novas configurações identitárias. Em um contexto marcado pela sociodiversidade, os migrantes provocam importantes mudanças nas relações sociais, políticas, econômicas e culturais em toda a região.

(Márcia Oliveira)

Neste capítulo temos como expectativa dialogar sobre as redes sociais que foram/são (re)criadas pelas imigrantes haitianas na cidade de Manaus, especialmente as trabalhadoras imersas na informalidade. Nesta seara lançamos o olhar principalmente sobre o comércio informal de vendas de rua, pontuadas nesta dissertação como “vendas de tabuleiro”, assim como outros locais que as mulheres haitianas desenvolviam atividades.

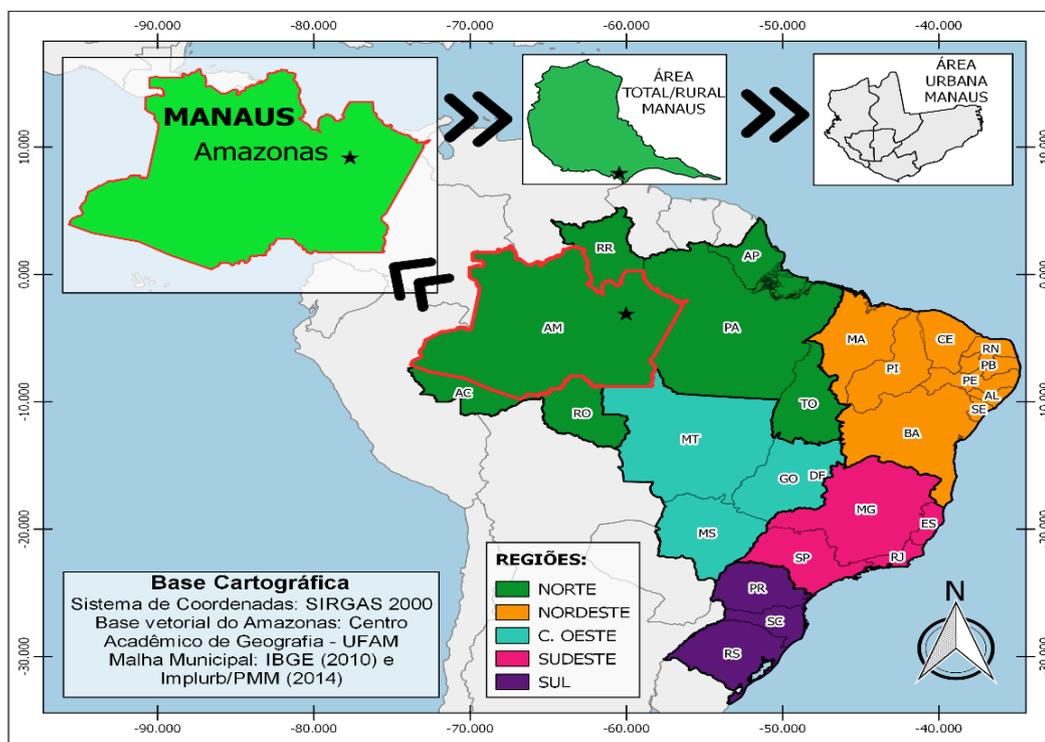
No nosso entendimento esses espaços de vendas e de outras atividades laborais, firmam-se como espaços sociais de sociabilidades entre as imigrantes haitianas e outros atores sociais. Consideramos que o comércio informal, as atividades de comercialização de produtos de baixo valor nas calçadas das ruas e avenidas e as atividades na área de costura e cozinha, mesmo que não sejam realizadas nas ruas, fazem parte da informalidade (CACCIAMALI, 2000; NORONHA, 2003).

Nesse contexto, tentamos retratar alguns aspectos do cotidiano, do vaivém das imigrantes, as dificuldades, decepções, medos, sonhos, alegrias e conflitos que permeiam a experiência de vida dessas mulheres imigrantes na paragem migratória manauara.

Castells (2004) argumenta que o espaço não pode ser definido sem as práticas sociais, estratégias, conflitos, pois é essa dinâmica que dá vida ao espaço social. Partindo desse princípio e coadunando com a ideia de Santos (1988), ao afirmar que o espaço não pode ser somente físico e sim formado por todos que nele se encontram, é que discutiremos sobre as relações sociais das imigrantes haitianas no dia a dia na cidade de Manaus.

3.1 MANAUS: UMA PARAGEM DE DESTINO OU PASSAGEM PARA MIGRANTES

Mapa 6: Localização da cidade de Manaus.



Fonte: Samara Farias, 2019.

A cidade de Manaus, capital do estado do Amazonas, é considerada como uma das metrópoles regionais⁴⁵ mais importantes da região norte. É a sétima cidade mais populosa do país, com uma população estimada para o ano de 2019 em 2.182.763 pessoas e possui extensão territorial de 11.401.092 km² (IBGE, 2019). Ela foi/é

⁴⁵ Metrópoles regionais são cidades que atingem diretamente uma área territorial limitada, com uma região de entorno não muito abrangente. Mesmo assim, essas metrópoles costumam apresentar um elevado grau de crescimento populacional e econômico, podendo, futuramente, alcançar um nível mais alto nessa hierarquia. São exemplos de metrópoles regionais Goiânia, Belém, Manaus e Campinas. Disponível em: <https://mundoeducacao.bol.uol.com.br/geografia/metropole.htm>. Acesso em 24/10/2019.

paragem escolhida por muitos imigrantes que a veem como lugar das oportunidades, principalmente de conseguir trabalho, porém muitos desses imigrantes com menos qualificação profissional acabam na informalidade. Marcos de Lima (2014), ao estudar a transformação urbana da cidade de Manaus chamava a atenção para o seu crescimento e importância. Segundo o autor:

Manaus cresceu a ponto de se tornar a cidade mais importante e hoje se constituir na metrópole de uma região Metropolitana de dimensões superlativas, em relação as demais RM'S brasileiras, com quase dois milhões de habitantes [...] e responsável pela maioria da arrecadação dos impostos e da riqueza total do estado do Amazonas [...]. (LIMA, 2014, p. 16)

O crescimento populacional e desenvolvimento econômico têm como fatores influenciadores a presença e atuação de mão de obra de imigrantes tanto nacionais quanto internacionais que passaram a rumar para a capital manauara desde outros contextos históricos contribuindo não só com a força de trabalho, mas com elementos culturais: comida, música, língua, religião e outros.

Segundo Luís Pinheiro e Luíza Pinheiro (2017), o mercado de trabalho informal na cidade de Manaus tem sido um espaço de grande absorção da mão de obra migrante, principalmente trabalhadores e trabalhadoras com baixa qualificação profissional. Esses, quando chegam nessa paragem migratória, não tendo outros meios para sobreviver, procuram realizar atividades que não exigem especialização na execução. No entanto, esses trabalhadores se sujeitam a uma jornada diária intensa, passando até 12h desempenhando atividades em lugares insalubres e não tendo as garantias sociais que dispõe a legislação trabalhista brasileira.

Márcia Oliveira (2010, p. 113), em pesquisa realizada sobre as dinâmicas dos migrantes urbanos na capital manauara, ressalta que a “grande maioria dos migrantes veio para Manaus em busca de trabalho e melhores condições de vida, de assistência à saúde, de acesso à educação”. No contexto atual é ainda uma ideia predominante no pensamento daqueles migrantes que chegam na capital manauara. No entanto, a cidade idealizada é bem diferente da real. Uma parte considerável de trabalhadores e trabalhadoras tem como destino a informalidade.

3.1.1 Entre o legal e o “ilegal”: ocupação subversiva no comércio informal

A participação de mulheres imigrantes atuando no comércio de rua é uma

constante. No Brasil, a presença no comércio de rua remonta ao período colonial. Para Orlando dos Santos (2015), a composição do comércio de rua foi resultado da estrutura social brasileira e de classes que relegou o lugar “subalterno” à população afro-brasileira. O autor aponta que:

O conjunto de populações resultantes do legado escravista e colonial continua confinado às ocupações instáveis ou mesmo a não ocupação. Serviços domésticos, comércio de rua, artesanato caseiro continuam a constituir-se como atividades fundamentais para a sobrevivência de um número considerável da população soteropolitana, particularmente a sua parcela afrodescendente. (SANTOS, 2015, p. 20)

Martini (2007) chama atenção que desde os primeiros registros das atividades de comércio de rua exercido por mulheres, particularmente na cidade de Salvador no período colonial, a atividade já era regulamentada pelo poder público. A autora expõe:

A atividade das vendedoras, no entanto, guardou a particularidade de vir sendo recorrentemente regulamentada desde o princípio de sua consolidação [...]. Desde cedo, a licença e o registro implicavam em tributo e receita, mas a questão nunca se reduziu ao aspecto econômico. Se em 1641, as “pretas” deveriam ter licença para vender nas ruas – o que foi uma das primeiras formas de controle por parte do governo português – já temos notícias, em 1769, de uma tentativa de reforma urbana [...]. Caracteristicamente, a reforma, que pretendia organizar a cidade, tentou tirar as quitandas das ruas. (MARTINI, 2007, p. 163)

Santos (2015) reitera que novos fenômenos se juntam aos elementos tradicionais como globalização, transformações do mercado de trabalho a nível local, nacional e global e são impulsionadores do comércio de rua. O autor esqueceu de citar que o fenômeno migratório também é um elemento propulsor para o trabalho informal e conseqüentemente para o comércio de rua, pois é este o espaço de destino para uma parcela considerável de trabalhadores migrantes.

A atividade informal na cidade de Manaus é regida pela Lei Municipal nº 674 de 04 de novembro de 2002. A lei trata de licenciamento e fiscalização de atividades em estabelecimentos e ruas que integram o Conjunto de Posturas do Município de Manaus, Estado do Amazonas⁴⁶. O dispositivo classifica e controla todas e quaisquer atividades de vendas consideradas informais. Em seu Art. nº115 dispõe que “qualquer atividade econômica nos logradouros de Manaus só poderá ser exercida mediante

⁴⁶ Maiores informações disponível em: <<https://www.mpam.mp.br/contra-cheque/59-cao-prodemaph-urb-legislacao/municipal/4844-lei-nd-67402>> Acesso em: 30/04/2019.

autorização da prefeitura” (MANAUS, 2002).

A lei pontua a forma que as atividades de vendas informais serão realizadas nas ruas e avenidas da cidade de Manaus. De acordo com o Art. nº 116 “as atividades econômicas em logradouros públicos poderão ser exercidas em ponto fixo ou em caráter itinerante ou ambulante”. Ainda segunda a mesma lei no seu Art. nº 42, na tentativa de definir os locais de vias públicas que podem ou não ser dada autorização para uso com fins comerciais define:

Consideram-se logradouros públicos os *espaços destinados à circulação de pessoas*, veículos ou ambos, compreendendo ruas, travessas, praças, estradas, vielas, largos, viadutos, escadarias e etc. que se originem de processo legal de ocupação do solo ou localizados em Áreas de Especial Interesse Social. (LEI 674/02, MANAUS/AM. Grifo nosso)

A referida Lei, ainda classifica diversos pontos dos logradouros da cidade e dentre eles aquele que classifica de *passeios*. No 1º parágrafo do Art. nº 44 da lei define que “os passeios deverão ser livres de qualquer entrave ou obstáculo, fixo ou removível, que limite ou impeça o acesso, a liberdade de movimento e a circulação com segurança das pessoas”. As vendas de tabuleiro são realizadas nos locais que a lei classifica de *passeios*. São esses *passeios* ocupados subversivamente por homens e mulheres vendedores⁴⁷ de várias nacionalidades que diariamente disputam táticas⁴⁸ para permanecer usando o espaço público, que se transformam em espaço social.

Rogério Leite (2002, p. 116), em estudo sobre a importância dos lugares nos espaços urbanos, tece considerações que o espaço público não se limita somente à rua como, espaço geográfico, pelo contrário é preciso entendê-lo como “uma dimensão socioespacial da vida urbana, caracterizada fundamentalmente pelas ações que atribuem sentidos a certos espaços da cidade e são por eles influenciados”.

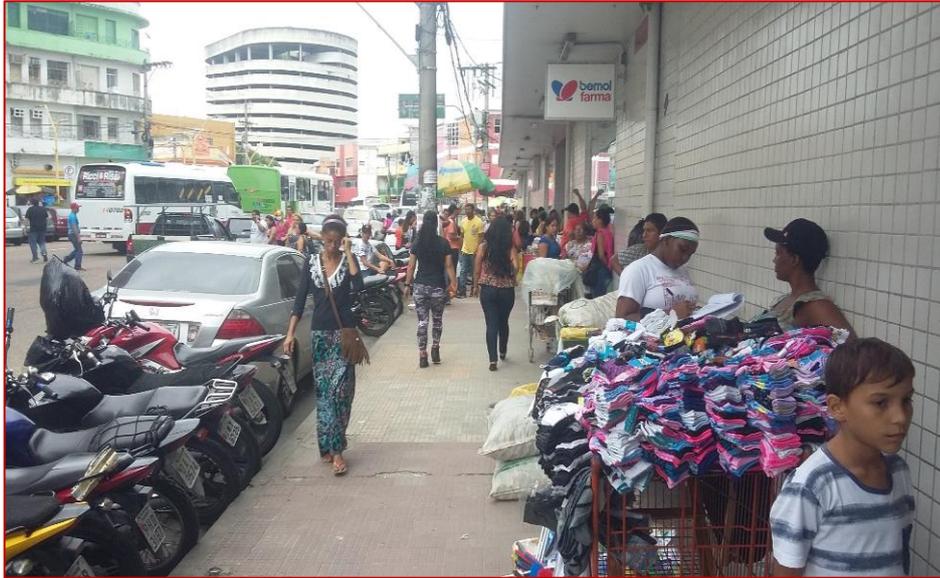
Dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) apontam que até meados do ano de 2019 em Manaus, 333 mil pessoas trabalhavam na informalidade, um percentual de 38,2%. O IBGE, entende como informalidade os trabalhos em empresas privadas sem carteira assinada e por conta própria (sem CNPJ), sem contribuição para Previdência Social, trabalhos domésticos sem carteira assinada.

⁴⁷ Quando utilizamos a palavra *vendedores*, estamos identificando tanto homens quanto as mulheres que realizam o comércio informal de vendas de calçadas.

⁴⁸ Aportamos da concepção de Leite (2002, p. 122) que preceitua “As ‘trajetórias táticas’ são, portanto, percursos temporais dos destituídos de poder e de um lugar que lhes seja ‘próprio’. Elas ocorrem justamente no interior dos espaços estratégicos, subvertendo sentidos por não serem coerentes com esses espaços.”.

Em nossa pesquisa, frisamos 150 mulheres haitianas imersas em distintas áreas da informalidade na cidade de Manaus, na ala do comércio de vendas nas calçadas são bem representativas.

Foto 5: Imigrante haitiana na “venda de tabuleiro” no centro da cidade de Manaus/AM, 2019.



Fonte: Foto feita por Eduardo Brandão, colaborador e responsável pelos registros fotográficos, 2019.

Especialmente no centro da cidade de Manaus, imigrantes haitianas apropriam-se dos espaços públicos e apresentam-se com seus tabuleiros improvisados (foto 5), arbitrariamente transformando os passeios em *lugares* de identificação. Apoiando-nos em Rogério Leite (2002) ao dialogar sobre os contra-usos do espaço público, diz que os lugares tomam identificações de acordo com os usos pelos sujeitos. A autor entende o lugar como sendo:

[...] uma determinada demarcação física e/ou simbólica no espaço, cujos usos o qualificam e lhe atribuem sentidos diferenciados, orientando ações sociais e sendo por estas delimitado reflexivamente. Um *lugar* é, assim, um espaço de representação, cuja singularidade é construída pela ‘territorialidade subjetiva’, mediante práticas sociais e usos semelhantes. (LEITE, 2002, p. 123)

De acordo com a opinião de Leite (2002), é possível afirmar que os passeios públicos tornam-se lugares de identificação à medida que são ocupados pelas vendedoras e vendedores e seus tabuleiros. Simbolicamente as várias nacionalidades marcam lugar nesse espaço social manauara, isto pode ser percebido pelo colorido das peles, tipo físico, cabelo, os diferentes idiomas que ecoam diariamente atrás de

um tabuleiro de meias, frutas, verduras e bombons, assim como, nos outros vendedores ambulantes que levam pendurados em seus braços e pescoço seus produtos de vendas.

No movimento de ir e vir pelas ruas e calçadas, mulheres e homens passam anunciando - doces (brigadeiros, tortas), salgados (esfirra, coxinha, croquete, pastel), limonada, suco de laranja (este feito na hora artesanalmente e sem adição de açúcar, é servido bem gelado). São também vendidos: trufa (bombom recheado com doce de frutas ou creme de frutas), óculos de sol, bolsas, pentes, lanternas, remédios fitoterápicos além de água, bolos e almoço conhecido entre os vendedores como “quentinha” ou o “prato do dia”. São comidas e utensílios vendidos a preços acessíveis, cuja clientela é formada por pessoas com baixo poder de compra.

Culturas que se encontram, entrelaçam-se, firmam-se no espaço de calçadas. As imigrantes haitianas, por não dominarem a língua portuguesa, ensaiam um *portkreyòl* para a comunicação com os clientes são frases como: “*senk reais zanmi*” (cinco reais, amigo), “*anpil boa meia*” (muito boa a meia), “*achte meia zanmi*” (comprar meia amiga) que permitem a realização das vendas dos produtos à medida que contribuem para suas permanências nessa seara de trabalho. É esse espaço social que na visão do poder municipal é ocupado arbitrariamente pela grande maioria dos vendedores e vendedoras de tabuleiro, pois estes não possuem a licença legal para atuar nos logradouros.

Essa categoria “vendas de tabuleiro” não encontra guarida na lei. A lei categoriza vários tipos de vendas no mercado informal. Entre elas está a categoria ambulante; no Parágrafo 2º da Lei Municipal nº 674 de 04 de novembro de 2002, vendas ambulantes são:

As atividades econômicas em logradouros públicos serão consideradas ambulantes quando admitirem o deslocamento durante seu exercício, obedecendo trajeto ou área de abrangência definidos pela Prefeitura, podendo ser exercidas a pé, em carrocinhas, triciclos ou equipamento móvel similar. (MANAUS (AM), 2002)

Conforme o ditame da lei para não serem considerados ilegais os trabalhadores das vendas de tabuleiro teriam duas alternativas de legalidade. Primeiro ter autorização e local demarcado pela secretaria municipal para realização das vendas, o que demandaria meses e em muitos casos até anos de espera; segundo realizarem as vendas de seus produtos no vaivém pelas ruas e calçadas.

Nesta segunda alternativa, seria uma situação desumana para todos os vendedores de tabuleiro, pois os tabuleiros são carrinhos de mão ou de supermercados coberto por um tampão de madeira, uma estrutura não apropriada para deslocamento constante.

Não conseguindo se adequar a nenhum dos dois itens, as imigrantes haitianas e demais vendedores do comércio informal das vendas de calçadas tomam os contras-usos desses espaços públicos, ou seja, ocupam de forma arbitrária aos olhos do poder legal, os locais “proibidos” para realização de vendas.

Essa situação que gera um conflito diário entre os representantes do poder público, os permissionários (vendedores ambulantes que possuem licença para exercer o comércio informal), e os “invasores”, identificação feita aos vendedores que praticam o comércio informal sem licença do poder municipal para ocupar e vender nos espaços públicos.

Nessa categoria de “invasores” é que se inserem as imigrantes haitianas, vendedoras de tabuleiro, uma vez que não se enquadram no que dispõe a lei sobre a prática do comércio informal na cidade de Manaus.

No entanto, o que é subversivo ou “ilegal” à vista do poder público, para as centenas de vendedores é uma forma de manter as despesas de água, luz, aluguel, telefone e alimentação. Os sujeitos transformam as calçadas em um espaço social, (re)criando sociabilidade, essa recheada de conflitos, desafios e disputas, mas também alegrias.

Leite (2002), ao se referir à apropriação dos espaços públicos, cujos usos foram “limitados” a determinados grupos sociais, diz que essa apropriação arbitrária pode despertar novas formas táticas de espacialização simbólica, criando um espaço social de reivindicação de direito, com suas próprias regras. Nesse espaço é possível:

[...] estabelecer itinerários próprios, de fazer do espaço público contemporâneo, enfim, um legítimo espaço político da diferença. Ao contrário de significar uma espécie de “privatização” do espaço público – pelo aparente excesso de segmentação especializada de modos de conduta pública –, a construção social dos lugares politiza o espaço urbano [...]. (LEITE, 2002, p. 130)

Alinhado ao pensamento do autor, entendemos que os vendedores e vendedoras ao se apropriarem dos passeios, dão a estes uma identificação própria. As diversas nacionalidades que se escondem em cada vendedor e vendedora criam

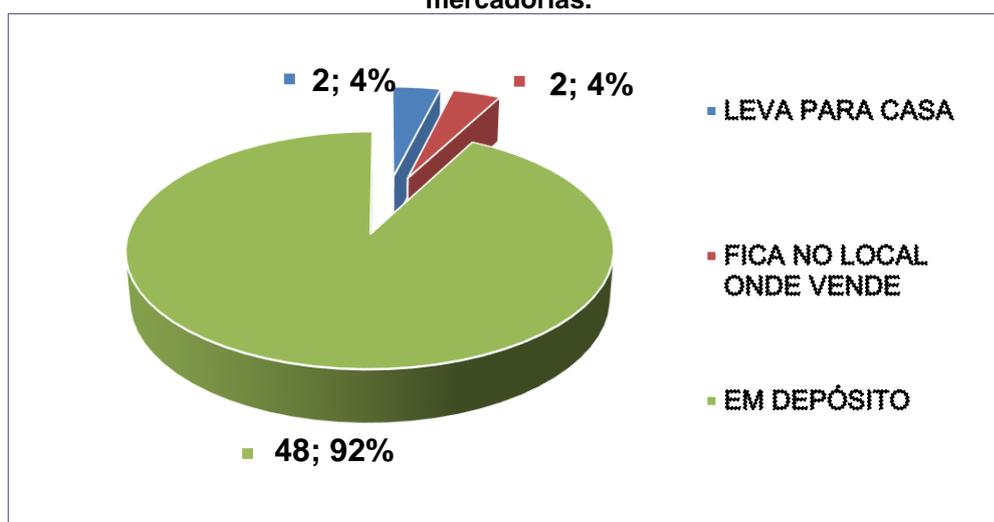
condições para intercâmbio social com códigos de condutas que sustentam cada um dos sujeitos em suas relações sociais em um cotidiano subversivo. É, portanto, nas vendas de calçadas que os diferentes sujeitos - vendedores de doces, água, meias, frutas, verduras e utensílios diversos - se articulam formando distintas redes de relações de laços fracos (GRANOVETTER, 1983), pois compõem-se por sujeitos pertencentes a distintas categorias.

Parafraseando Ferreira Filho (1994), as calçadas que para muitos transeuntes é somente um lugar de passagem, são para os tantos trabalhadores do comércio informal que delas se apropriam um espaço de vida e sobrevivência.

3.1.2 “Guardo no depósito”, os laços que enlaçam vendedoras e depósitos

As imigrantes haitianas que trabalham nas vendas de calçadas no centro da capital manauara, residem em localidades distantes como bairros de São Jorge (Zona Oeste), Nossa Senhora das Graças (Zona Centro-Sul) e Alvorada (Zona Centro-Oeste), bairros próximos do centro da cidade se comparados aos bairros: Santa Etelvina, Viver Melhor, Monte Horebe⁴⁹, Manoa (todos na Zona Norte) e localizam-se em áreas mais afastadas da área central da cidade. No gráfico seguir é possível notar a necessidade dos depósitos para as vendedoras haitianas.

Gráfico 7: Quantitativo de vendedoras que dependem dos depósitos para guardar mercadorias.



Fonte: Autora, 2019.

⁴⁹ No dia 2 de março de 2020, a ocupação irregular Monte Horebe foi reintegrada pelo governo estadual. Nesta comunidade moravam famílias de imigrantes haitianos. Doze imigrantes que participaram da pesquisa haviam mudado para esta comunidade no ano de 2018.

Os dados (gráfico 7) mostram que 48 (92%) de 52 mulheres entrevistadas afirmaram que utilizavam os espaços dos depósitos para guardar seus carrinhos com tabuleiros e mercadorias, enquanto que 2 (4%) disseram levar para casa, pois moravam próximo do ponto de suas vendas, e as outras 2 (4%) deixavam no mesmo local em que trabalhavam.

Assim como as vendedoras que atuavam no centro comercial da capital manauara, as que vendiam nas zonas leste e norte, também confirmaram que dependiam dos espaços dos depósitos para guardar seus materiais. O gráfico a seguir demonstra a situação que fora exposta.

A cidade de Manaus como uma paragem migratória na Amazônia brasileira, constitui-se em um espaço social com redes que viabilizam as interações das imigrantes e que por sua vez conseguem no dia a dia manter-se em sociabilidade. Manuel Castells (2004), ressalta que o espaço social deve ser visto como lugar de interação entre os elementos que compõem o meio e as práticas sociais que nelas são feitas. Segundo o autor:

Em teoria social, espaço não pode ser definido sem referências às práticas sociais [...] as formas e processos espaciais são constituídos pela dinâmica de toda a estrutura social. Há inclusão de tendências contraditórias derivadas de conflitos e estratégias entre atores sociais que representam interesses e valores opostos. (CASTELLS, 2004, p. 500)

Partindo então da concepção que espaço e práticas sociais fazem parte da mesma dinâmica social, procuramos entender as relações sociais entre as imigrantes haitianas e os demais elementos integrantes do seu cotidiano. Constatamos que os depósitos são um dos *nós* na rede de relações que sustenta não somente a permanência das imigrantes haitianas no comércio informal e também dos demais sujeitos que se encontram nesse espaço.

Para identificarmos o tipo de rede que envolvia as imigrantes haitianas vendedoras de tabuleiro e os depósitos, aportamos na ideia de Granovetter (1983) e Portugal (2007) sobre os tipos de laços que ligam os *nós* em determinados contextos sociais.

Granovetter (1983), sugere que as relações sociais com redes de laços fracos são formadas por indivíduos pertencentes a grupos sociais distintos, cujos interesses e objetivos são diversos e ao mesmo tempo convergem para algumas finalidades em

comum aos membros do grupo.

Para o autor nesse tipo de relação deve ser levado em consideração a duração do tempo e aproximação da relação, a intensidade das emoções e as trocas recíprocas entre os sujeitos.

Portugal (2007), reconhece as relações de laços ativos e passivos nesses tipos de redes; aqueles se baseiam em uma relação pessoal frequente ou em interações afetivas, porém irregulares. Portugal expõe a seguinte opinião:

Os laços ativos e passivos são ambos importantes no apoio aos indivíduos, mas tendem a operar de modo distintos. Os laços ativos incluem interações rotineiras que, em geral, envolvem ajudas diretas, conselho e críticas, apoio e interferência. Os laços passivos, apesar de não envolverem uma interação cotidiana, podem ser igualmente importantes do ponto de vista da segurança individual e familiar – os laços existem e os indivíduos sabem que podem contar com eles quando necessário. (PORTUGAL, 2007, p. 25)

De acordo com nossas pontuações no campo de pesquisa, apuramos que as relações que enlaçam as imigrantes haitianas e os depósitos sustentam-se por meio de relações sociais rotineiras e constantes, com trocas de serviços e com objetivos distintos. Para o dono do depósito, interessa ganhar dinheiro alugando os locais que são guardados os carrinhos, tabuleiros e mercadorias. Já as vendedoras haitianas precisam desses locais, pois sem eles ficaria praticamente impossível manter-se nas vendas de calçadas, uma vez que moram em bairros distantes e não teriam como trazer e levar o material de trabalho.

Os depósitos⁵⁰ localizam-se em sua grande maioria nos espaços de subsolo de casas antigas, galpões, antigos quartos de aluguéis ou garagens. Estão situados nas ruas com menor movimento comercial e estão localizados distantes do local no qual será montada a “venda de tabuleiro”.

Em um final de tarde de sábado, por volta das 17h, no centro comercial da cidade de Manaus, acompanhamos o retorno de duas vendedoras a um depósito para guardar seus carrinhos e mercadorias, observamos que ali também funcionava uma pequena distribuidora de vendas de água, refrigerantes e cervejas, situação que foi observada por nós em outros depósitos.

A dinâmica diária nos depósitos, dava-se na retirada e retorno dos tabuleiros e mercadorias pelas vendedoras e vendedores, havia sempre uma pessoa responsável

⁵⁰ Importante ressaltar que além dos 10 depósitos que visitamos, outros se espalham em outros locais do centro da capital assim como nas outras áreas que são realizadas vendas de calçadas.

para atender que ficava na entrada do depósito, controlando o vaivém de chegada e saída dos vendedores. A seguir (foto 6), é possível observar a chegada das vendedoras ao depósito para guardar seus carrinhos e mercadorias. Registro feito em um final de tarde de sexta-feira, mês de junho de 2019. Manaus/AM.

Foto 6: Imigrantes retornando ao depósito para guardar seus carrinhos e mercadorias. Registro feito em um final de tarde de sexta-feira, mês de junho de 2019. Manaus/AM.



Fonte: Foto feita por Eduardo Brandão, colaborador e responsável pelos registros fotográficos, 2019.

Entre os dez depósitos que percorremos, em três deles tivemos a autorização dos responsáveis para fazermos a observação do espaço interno. Observamos nesses três depósitos, um local com pouca higiene, iluminação e ventilação precárias.

Notamos, em um desses depósitos, que os locais ocupados pelos vendedores eram identificados por suas nacionalidades. Simbolicamente uma marcação feita com fita no chão sinalizava a divisão do depósito em duas alas: de um lado eram vendedores estrangeiros e de outros brasileiros. Para os vendedores imigrantes existia a identificação dos locais feita em letreiro com o nome de cada um e fixada na parede no espaço que ficava suas mercadorias.

Observamos a dinâmica nesse local durante todo o dia, pois esperamos o final da tarde para que pudéssemos falar com o responsável do local. Em meio ao entra e sai de vendedores, o responsável pelo depósito conversou conosco. Ele contou-nos que 15 vendedoras haitianas alugavam os locais além de outros vendedores haitianos, brasileiros e de outras nacionalidades. Ele salientou que os imigrantes eram pessoas honestas e cumpridoras de suas responsabilidades com o espaço do depósito.

Nosso interlocutor contou que muitos haitianos e haitianas, uma vez na semana, no final do dia, se reuniam naquele espaço e aproveitavam para conversar, fumar, outros bebiam cerveja, escutavam músicas haitianas, as mulheres mostravam uma para outra algum produto novo que tinham adquirido. O depósito, nesse momento transformava-se em um *baz* haitiano na informalidade migratória na cidade de Manaus.

Pedro Braum (2014), em sua tese de doutorado – *Rat pa kaka: política, desenvolvimento e violência no coração de Porto Príncipe* – afirma que a palavra *baz* fazia parte do vocabulário da maioria das pessoas com as quais ele conversava no bairro Bel Air, em Port-au-Prince. Segundo o autor, *baz* era palavra usada por distintos sujeitos nos diversos espaços haitianos por onde andou. Assim dispõe o autor:

Eu me acostumei a ouvir a palavra “base” (*baz*) desde que coloquei meus pés em Bel Air e no Haiti. Ela aparecia em contextos distintos e era dita pela população como um todo, especialmente os militantes políticos (*militan*), os líderes comunitários (*lidè*), os membros de associações de moradores, de jovens, de mulheres, os soldados (*solda*) de gangues ou grupos armados diversos. (BRAUM, 2014, p. 10)

Braum (2014) ainda elenca categorias que podem ser referidas com a palavra *baz*:

- 1) às formas diversas de associação comunitária, a uma turma de amigos ou a uma organização política local (como na frase “nós somos a Base Zanmi Lari”, *nou se baz gran blak*);
- 2) ao território com o qual elas mantinham vínculos, como umas ruas, um corredor, um bairro, uma sede, uma casa, um conjunto de casas ou um espaço comum de sociabilidade (como na frase “aqui é nossa base”, *la se baz nou*);
- 3) a uma gangue ou grupo armado (como na frase “a base é perigosa”, *baz la se danjere*);
- 4) ou simplesmente como forma de demonstração de afeto ou de cumplicidade entre duas pessoas ou mais (como na frase “como você está minha base?”, *sak pase baz mwen?*). (BRAUM, 2014, p. 12)

Partindo do pressuposto sustentado pelo autor que o termo é polissêmico, entendemos que os depósitos e outros locais da cidade de Manaus, nos quais os haitianos e haitianas se reúnem, caracteriza um *baz* haitiano na capital amazônica. Afirmação que se ampara no pensamento de Handerson (2015, p. 75), onde *baz* na diáspora é empregado como espaço de sociabilidade, para mostrar “o modo de os interlocutores ocuparem os espaços sociais numa escala supranacional, reproduzindo dessa forma, práticas sociais do Haiti”.

Em nossas considerações, os depósitos representam *nós* em uma rede de relações sociais de laços fracos (GRANOVETTER, 1983; PORTUGAL, 2007) e ainda é um *baz* de reafirmação para práticas sociais haitianas.

3.1.3 Na calçada, os tabuleiros: sociabilidade que se firma entre imigrantes

As vendas de calçadas exigem dupla jornada de trabalho que começa antes mesmo da montagem dos tabuleiros. Como já explicitado no primeiro capítulo, o que identificamos como tabuleiros é na realidade o carrinho de mão ou supermercado em cima dos quais se adaptam um tampão móvel de madeira para servir como base para expor as mercadorias.

No carrinho de mão geralmente é adaptado mais uma roda dianteira e duas traseiras, pois isso facilita a mobilidade e requer menos força para manuseá-lo até o ponto de vendas; já no carrinho de supermercado é colocado somente um tampão de madeira, cujo desmonte é rápido e fácil. Essa forma dos tabuleiros funciona como uma estratégia para o deslocamento diante da fiscalização.

A jornada diária é exaustiva, requer paciência e persistência, enfrentando as altas temperaturas amazônicas com sensações térmicas que alcançam os 38°C ou as fortes chuvas que caem inesperadamente.

As imigrantes haitianas começam a primeira etapa do trabalho por volta das 6h da manhã quando retiram seu material de trabalho dos depósitos. Aquelas que trabalham nas vendas de frutas e verduras retiram dos depósitos os seus tabuleiros já com seus produtos preparados para as vendas, enquanto que as vendedoras de meias, acessórios de cabelo, cozinha, bolsas, etc., guardam seus produtos em sacolas e realizam duas ações: levar as sacolas com seus materiais e o carrinho com o tampão.

Do depósito até o ponto de vendas, as imigrantes realizam o percurso empurrando seus carrinhos ou carregando na cabeça o material que será vendido. Atravessando ruas e vielas, passando entre carros, ônibus e debaixo de olhares curiosos dos transeuntes que por ali passam, as imigrantes haitianas cumprem um ritual diário que pode durar até 20 minutos, sendo realizado duas vezes ao dia. O primeiro no início da manhã, entre as 6h e 7h e o segundo no final da tarde entre 17h e 18h.

Nesse momento em que se dá a “arrumação” para as vendas existe uma rede

de ajuda mútua entre as vendedoras, situação que foi observada por nós e confirmada por uma vendedora, a qual para montar seu tabuleiro atravessava, subia e descia por algumas ruas empurrando seu carrinho com a mercadoria. Perguntamos como fazia para montar sua venda de tabuleiro de meias, pois ela caminhava por mais de 10 minutos e não conseguia de uma única vez levar consigo todo seu material. Ela então nos respondeu:

Aqui nas vendas, a gente tem que se ajudar, se eu não consigo trazer tudo, a amiga fica olhando aí vou lá no depósito e trago o resto do meu material. Porque depois ela pode precisar de mim e eu vou também ajudar. Aqui se eu precisar sair para comprar meia, qualquer amigo que vende perto de mim pode tomar conta. (MARTINE, INTERLOCUTORA, 2019)

É possível perceber através desta fala que existe uma rede de confiança entre as vendedoras e todos os outros sujeitos que ali estão. As relações firmadas são elementos definidores para identificar as vendas de tabuleiro como espaço de sociabilidade.

Simmel (2006) argumenta que a sociabilidade só se materializa em um determinado espaço social à medida que os interesses, objetivos, desejos, sonhos e raivas que constituem a pessoa em sua particularidade são colocados em práticas em uma ação com o outro, para o outro ou contra o outro, daí surgindo a interação entre os sujeitos. Dessa forma, os sujeitos pertencentes a determinado grupo, classe, espaço, lugar e religião estariam em sociabilidade. As redes sociais firmadas pelos e para os sujeitos criam valores, cuja intenção é manter o interesse do grupo.

José Domingues (2001, p. 21), afirma que a sociabilidade é “o tipo de atitude manifestada pelos sujeitos uns em relação aos outros no curso das interações sociais”. Interações que se firmam, na maioria das vezes, no espaço de vendas pelos logradouros da cidade de Manaus.

Durante o ano de 2018 e 2019, durante duas a três vezes na semana em diferentes horários durante o dia, tivemos a oportunidade de estar presentes nas vendas de calçadas e observar a dinâmica das interações sociais entre os sujeitos que faziam parte daquele espaço social. Um lugar onde são firmadas relações pessoais e interpessoais, cujo referência são as bancas de tabuleiro.

Observamos que havia uma relação de cumplicidade entre os vendedores para se auxiliarem em atividades corriqueiras e outras recorrentes, e, pedir para o vendedor(a) que está ao lado do tabuleiro que repare ou realize as vendas das meias,

frutas, verduras ou bombons, enquanto se vai até a galeria ou mercado comprar novas mercadorias; ou ainda quando precisa ir a uma consulta médica, e deixa sua banca na responsabilidade de outra haitiana até que retorne.

Outras situações que demonstram uma rede de ajuda mútua, baseada na confiança e amizade, é expressa não apenas entre as vendedoras, mas também quando por exemplo, uma das vendedoras haitianas espera por uma amiga brasileira, que marcou de retornar à banca de tabuleiro para auxiliar no preenchimento do formulário para ser levado à Polícia Federal. Ou ainda para que a brasileira possa ajudar junto à casa de câmbio, para que se possa retirar ou enviar uma remessa de dinheiro.

Essas observações foram registradas na dissertação de Ferreira Filho (1994) - *Salvador das Mulheres: condição feminina e cotidiano na Belle Époque imperfeita*, ao analisar as condições das mulheres das classes populares na cidade de Salvador no primeiro período republicano, na qual ressalta a participação das mulheres negras no comércio de rua. Segundo o autor além da atuação nas vendas as mulheres ainda construíam redes que iam de ajuda mútua entre os vendedores às negociações com o poder público. Essas estratégias contribuía para enfrentar os desafios do dia a dia das ruas, assim como a sua condição de gênero e classe.

Durante uma manhã de sábado, acompanhamos o dia de trabalho de Berthise. Ao organizar seus bombons, bolachas, cigarros e banana frita no tabuleiro e água, refrigerantes na caixa de isopor, esta percebeu que não tinha água suficiente para colocar à venda naquele sábado. Então, Berthise terminou de organizar tudo, pegou sua carteira se virou e nos falou “*Kounye ou wè vann, mw vini vit*” (agora você repara a venda, eu volto rápido). E saiu caminhando. Em torno de uma hora ficamos ali sendo responsáveis pelo trabalho de Berthise.

A relação de confiança e ajuda mútua entre os vendedores e entre estes e outros indivíduos que frequentam o comércio informal foi registrada por Márcio de Oliveira (2012) ao pesquisar sobre os camelôs permissionários no centro da cidade de Manaus. Segundo o autor:

[...] a ajuda mútua e a parceria entre os camelôs são essenciais. Elas podem acontecer a partir do momento em que um dado problema surge e pode afetar a todos. Também, pode contribuir da necessidade em contribuir para a realização de determinadas tarefas corriqueiras ou recorrentes. [...] conhecidos e amigos do permissionário faziam a ajuda como uma solicitação em consequência da saída do permissionário para resolver algum problema,

fazer compras de mercadorias para a banca ou por motivo de doença. (OLIVEIRA, 2012, p. 145-147)

A venda de tabuleiro de Berthise tornou-se um lugar de sociabilidade, no qual muitos haitianos e haitianas que trabalhavam com vendas de picolé e água nas ruas paravam para descansar e, nessas “paradas”, aproveitavam para conversar. Observou-se que os diálogos entre eles se davam em tom de voz alta, o que para muitos transeuntes parecia haver ali uma discussão. Nas conversas falavam sobre trabalho, trocavam informações sobre algum conhecido, cujo membro da família havia chegado ou emigrado de Manaus, assim como aproveitavam para escutar uma *kompas* haitiana, ligavam para a família no Haiti ou para algum amigo em outro estado brasileiro.

Berthise tinha uma boa relação social com brasileiros que trabalhavam nas proximidades. Eram seus clientes e entre esses alguns tornaram-se seus conhecidos. Quando paravam para comprar alguma coisa tentavam conversar com ela perguntando como ela estava, porque ela não tinha armado seu tabuleiro tal dia, outros perguntavam se seu marido já tinha conseguido trabalho.

Muitos usuários do transporte público que precisavam pegar ônibus naquela parada recorriam àquela imigrante perguntando se determinado ônibus passava por ali. Berthise sabia informar todos os coletivos que passavam, apesar de não compreender as frases em sua totalidade, pois ela conhecia somente algumas palavras da língua portuguesa. Ela, no entanto, arriscava uma comunicação em *portkreyòl*. Este local se transformou em um espaço social de interação entre haitianos e entre estes e brasileiros.

Ana Lúcia Alencar (2007) ao tecer opinião sobre os sujeitos e o espaço de sociabilidade, assevera que os principais interessados entrarão em socialização com outros sujeitos que tenham interesses afins. A autora afirma que a sociabilidade dos sujeitos envolvidos depende dos *nós* e *laços* mais ou menos sólidos e exclusivos que cada sujeito social estabelece com outros pares e esses estabelecem relações com outros sujeitos.

Berthise continua dia a dia naquele local e, tal qual outros vendedores, exposta à insegurança física e as intempéries naturais. A primeira diz respeito aos furtos e roubos que acontecem nos locais e deixam a sensação de perigo e a segunda por ficar exposta ao sol do verão amazônico, cuja sensação térmica oscila entre os 35°C a 37°C, e no período do inverno as chuvas fortes. Junta-se a isso a falta de banheiro

público, ajudando a compor a precariedade na qual trabalham as imigrantes haitianas.

Para se proteger do sol e da chuva as imigrantes haitianas armam sombrinhões, cobrem os tabuleiros com plástico, ou quando fazem amizade com dono de algum estabelecimento comercial, abrigam-se debaixo da marquise da loja.

Routleau-Berger (1988) afirma que são os sujeitos que dão aos espaços um sentido positivo, apesar das situações de precariedade. Dessa forma entendemos que as mulheres haitianas ressignificam as vendas de calçadas e outras áreas da informalidade dando um significado social, (re)criando interações sociais que facilitam suas permanências na cidade de Manaus.

3.2 REDES QUE SE CONSTROEM NA BANCA DE TABULEIRO

Sidnei Dornelas (2010, p. 284), ao pesquisar sobre inserção dos imigrantes nordestinos na cidade de São Paulo, observa que havia uma demanda significativa de indivíduos que através das redes de migrantes tentavam se estabelecer na capital. Segundo o autor, “uma multiplicidade de redes de migrantes tenta se estabelecer, encontrar trabalho e se organizar como grupo, seja de maneira formal ou informal”.

Dornelas ao identificar os espaços informais de sociabilidade, nos quais as redes de migrantes nordestinos ganhavam visibilidade, identifica a Praça Sívio Romero como ponto de encontro para dezenas de migrantes nordestinos. A respeito do local o autor escreve:

Trata-se de um ponto de encontro, em que indivíduos que se conhecem de uma mesma região de origem, unidos por laços de confiança e parentesco, se reúnem para receber e enviar suas encomendas, receber notícias, conversar com conterrâneos que moram em diferentes bairros e trocar informações sobre oportunidades de trabalho, lazer e negócios. Apesar de estarem numa praça pública, entre eles os laços de sociabilidade fazem com que se crie um ambiente a parte, em que “estranhos” que busquem se aproximar ou envolver-se são facilmente identificados, e geralmente se sintam “deslocados”. (DORNELAS, 2010, p. 284-285)

Nosso trabalho de campo⁵¹, realizado no espaço social das vendas de calçadas

⁵¹ Gil (2010) conceitua que a observação participante leva a uma visão holística ao pesquisador, quando este usa a etnografia na investigação de determinado grupo social. Embasada nessa visão que utilizamos a observação participante para tentar compreender o dia a dia das imigrantes haitianas.

e em outras áreas da informalidade⁵², identifica estes como lugar de interações sociais nos quais as objetividades, os desafios, decepções dos sujeitos entram em conflitos diários. Esse espaço de sociabilidade mostrou-nos um cenário com grande intercâmbio social entre os elementos que dele fazem parte. A morfologia das relações sociais revelou-nos algumas redes construídas entre as imigrantes haitianas, conhecidos, amigos, familiares, conterrâneos e instituições na capital manauara.

Foi registrado que durante as vendas forma-se uma rede de informação, através da qual as mulheres haitianas trocam informações sobre situações corriqueiras: um conhecido passou na venda de tabuleiro e avisou que chegou novas mercadorias nos fornecedores; um conterrâneo voltou do supermercado e avisou que era dia de promoção de frutas e verduras; alguém avisa que um membro de sua família chegará em Manaus nos próximos meses; outro passa informação via telefone para um amigo de um amigo dizendo a quem procurar quando chegar no destino, na próxima paragem migratória; e ainda que a filha de uma amiga se casaria no final de semana.

Uma rede que se forma baseada na confiança entre os participantes e que não está alicerçada em bases profundas. Martes (2000), ao analisar migrantes brasileiros nos Estados Unidos, especialmente na região de Boston, observou que o contato entre as pessoas era importante, mas não era primordial a existência de laços fortes entre os imigrantes para que ocorresse a ligação a outras redes. A autora ainda afirma que é por meio das “redes que são veiculadas informações e opiniões que condicionam a favor da emigração” (MARTES, 2000, p. 73). Assim, as redes sociais são propagadoras de informações que influenciam diretamente nas decisões corriqueiras ou recorrentes dos indivíduos.

Truzzi (2008) salienta que a rede de informação pode ser decisiva para definir o ato de emigrar interferindo na escolha da paragem receptora. Ainda o autor, ao analisar a informação nos processos migratórios, salienta que dependendo como a informação é repassada, esta pode influenciar positivamente ao ato de emigrar.

Informações sobre oportunidades ou sobre dificuldades fluem, auto-

⁵² Acompanhei durante vários dias, durante o ano de 2019, o trabalho na cozinha da Pastoral da Igreja de São Geraldo, e também na casa de algumas haitianas que trabalham com costura e pequenas vendas. Essas imigrantes trabalham por conta própria no mercado informal, porém não estão nas ruas com vendas de tabuleiro. A cozinha da Pastoral da Igreja de São Geraldo é local de grande circulação diária de haitianos e haitianas. Funciona como restaurante, os clientes são haitianos e haitianas vendedores de picolé, de água e banana frita, além dos que moram nas proximidades.

regulando o sistema. Assim, cada informação sobre um indivíduo em sua trajetória influencia o sistema como um todo. Nesse mesmo sentido, outro ponto importante é a confiabilidade atribuída a tais informações. (TRUZZI, 2008, p. 206)

A importância das redes e da informação como elemento-chave pode ser registrada no relato de Marie, imigrante haitiana que chegou a Manaus no ano de 2013. Marie não conhecia nada sobre o Brasil e por informações de uma amiga decidiu emigrar. Assim disse ela:

Relato 1

No dia que decidi viajar eu tinha uma amiga que me falou do Brasil, ela falou bem assim para mim “Marie tem um lugar onde estão recebendo haitianos, é o Brasil”. Eu perguntei se era verdade e ela me falou que sim e daí ela continuou me contando e me orientando sobre a quantidade de dinheiro que ia pagar, tanto para o visto quanto para fazer o pedido do visto. (MARIE, INTERLOCUTORA, 2019)

Diante da fala da interlocutora notamos que a rede que enlaça as imigrantes é composta por indivíduos de distintos grupos: familiar, amizade, conhecidos, conterrâneos e que são relações assentadas em laços fracos. Consideramos a opinião de Michel Bertrand ao acentuar que as redes sociais são:

Uma estrutura construída pela existência de laços e das relações entre os diversos indivíduos [...] um sistema complexo de vínculos que permitem a circulação de bens e serviços, materiais e imateriais definido nas relações estabelecidas entre seus membros⁵³. (BERTRAND, 2012, p.61-62. Tradução nossa)

Percebemos, a partir do campo, que entre as mulheres haitianas emigradas de distintas províncias do Haiti (Porto Príncipe, Gonaives, Cabo Haitiano dentre outras), algumas já haviam remigrado de outros países, como Venezuela, Guiana Francesa e República Dominicana e obtiveram informações sobre o Brasil, e conseqüentemente sobre Manaus, ainda no seu local de origem através de algum familiar, amigo ou conhecido. Esse contexto nos leva a concluir que uma das redes que se firma no cotidiano das imigrantes haitianas configura-se de laços fracos com composição de

⁵³ Citação original: “una estructura construida por la existencia de lazos o de relaciones entre diversos individuos”, [...] un complejo sistema de vínculos que permiten la circulación de bienes y servicios, materiales e inmateriales, en el marco de las relaciones establecidas entre sus miembros.

membros oriundos de diferentes grupos sociais.

Portugal (2006) lista algumas características das redes: a dimensão, isto é, o número de elementos que a constituem; a densidade das relações entre laços e os membros da rede; elementos pertencentes a diferentes redes de parentesco, amizade, vizinhança.

Essas características vão ao encontro das falas da maioria das haitianas, em nossa pesquisa, quando afirmam que as notícias sobre a cidade de Manaus foram através de algum membro da família, de um parente, amigo ou um conhecido do mesmo país de origem que já estava na capital manauara, ou que já havia passado por ela (Manaus) e transmitiu informações necessárias de como agir para chegar nessa paragem, seja na assistência ao migrante ou na inserção no mercado de trabalho.

Assim, na cidade de Manaus, o comércio informal, tendo as vendas de tabuleiro no espaço físico das calçadas, tomadas subversivamente pelos distintos sujeitos que ganham a vida nas vendas de produtos de pouco valor monetário, tornou-se espaço social e de sociabilidade, no qual percebemos que redes de laços fracos (GRANOVETTER, 1983) se constituem entre as imigrantes haitianas, conhecidos e conterrâneos.

As imigrantes recebem ali conterrâneos que passam e param, seja para só dar um “bom dia”, “boa tarde” ou para descansar do vaivém da venda nos carrinhos de picolé ou banana frita, ou mesmo para trocar informações a respeito de emprego, notícias do Haiti ou sobre algum amigo ou conhecido que migrou para outra região do país ou que retornou a sua terra.

Nessas “paradas” também aproveitam para escutar uma música típica de seu país (*kompas*), telefonar para algum amigo ou parente dentro ou fora do Brasil, diálogo que ocorre em crioulo haitiano. Uma rede se constitui nesses espaços de sociabilidade, nos quais as informações funcionam como estratégias de sobrevivência no cotidiano da cidade de Manaus. Caillé (1998, p. 18) coloca a importância da rede para a manutenção do grupo: “a rede é o conjunto das pessoas em relação às quais a manutenção de relações interpessoais, de amizade ou de camaradagem, permite esperar confiança e fidelidade”.

3.2.1 “Lá vem o fiscal”: o papel da rede de informações entre vendedoras e as estratégias de proteção

“Lá vem o fiscal” essa frase soa como uma sirene de alerta para todos os vendedores de vendas de calçadas também chamados de “invasores” e as quais o poder fiscalizador denomina de “ilegais”. Os permissionários, aqueles que são autorizados pelos órgãos competentes a realizar as vendas, também classificam os vendedores não autorizados de “invasores” (OLIVEIRA, 2012).

Durante o primeiro semestre de 2019 presenciamos a dinâmica de vendas de calçadas, fizemos isso em dias, horários e lugares diferentes tanto no centro comercial manauara, quanto nos outros locais nos quais a pesquisa delimitou-se. Percebemos que no centro comercial da capital manauara a fiscalização se dá de maneira mais intensa, enquanto que nos outros pontos não foi percebida a presença dos fiscais. Simbolicamente os fiscais representam a legalidade das vendas enquanto que os tabuleiros representam a ocupação subversiva dos logradouros.

Edinea Dias (1999), ao analisar as transformações da cidade de Manaus no período de 1890 a 1920, identifica que a política de embelezamento da cidade criou códigos de posturas para controlar a vida social urbana. Para a autora, as normas e leis criadas com a desculpa de “organizar” o espaço urbano foram, na realidade, pensadas para atrair os investidores estrangeiros, além de terem contribuído para segmentar categorias. Assim aduz a autora:

O poder municipal utiliza-se de uma série de instrumentos para fazer funcionar sua política de espaço urbano saneado, impondo através das posturas e decretos municipais, todo um conjunto de ações disciplinando a vida do cidadão urbano. As proibições com penas de multas e prisões transformaram-se em medidas eficazes no processo ‘civilizatório’. (DIAS, 1999, p. 136)

Dias lembra que as categorias que mais sentiram os efeitos dos mecanismos de controle das demandas do poder público foram os segmentos mais pobres da população. Dentre as várias categorias que foram excluídos do convívio social estavam os sujeitos que realizavam atividades nas ruas. Assim expõe a autora:

Se em outras épocas os ambulantes gozaram de um certo privilégio na cidade, o mesmo não se pode dizer agora. A Lei nº 400, de 1º de março de 1905, proíbe a permanência dos vendedores ambulantes estacionados em lugares determinados, mesmo sendo portadores de licença. Os ambulantes

deveriam limitar-se a percorrer a cidade para vender seus artigos, sem contudo, parar nos passeios, ruas ou praças. (DIAS, 1999, p. 159)

Diante da ideia da autora é possível concluir que os trabalhadores e trabalhadoras de vendas de ruas em diferentes épocas tiveram que lidar com as imposições do poder público. Não podemos esquecer que a cidade de Manaus, ao longo de sua história, sempre atraiu imigrantes tanto nacionais quanto de outras nacionalidades. (PINHEIRO; PINHEIRO, 2017; OLIVEIRA, 2016; DIAS, 1999), muitos desses imigrantes transformavam-se em trabalhadores em alguma área da informalidade e quando tratava-se do comércio informal os desafios tornavam-se maiores.

Passaram-se as décadas e as formas de controle do uso dos espaços públicos por vendedores não autorizados dá-se pelos mesmos mecanismos de outrora. De acordo com o Decreto nº 2580, de 22 de outubro de 2013, cabe à Secretária Municipal de Feiras, Mercados, Produção e Abastecimento (SEMPAB), a fiscalização das atividades do comércio informal nos logradouros da cidade de Manaus. O Art. nº 16 define suas atribuições:

I - exercer o poder de polícia administrativa de acordo com a normatização pertinente;

II - expedir autos de infração;

III - promover, de forma permanente e sistemática, a fiscalização das atividades do comércio informal e ambulante desenvolvidas nos logradouros públicos, observando o cumprimento das normas, instruções, regulamentos ou quaisquer outros atos administrativos emitidos pelo Poder Público, em articulação com os demais órgãos e autoridades competentes;

IV - proceder à remoção de bancas, barracas e trailers, em situação irregular, lavrando-se auto de infração e conferindo ciência imediata ao Secretário;

V - desenvolver outras atividades correlatas.
(MANAUS (AM), 2013)

Observando os incisos III e IV, passamos a entender porque a presença da fiscalização é momento de muita apreensão por parte de todos aqueles que não têm autorização para atuar nas vendas de calçadas. Os fiscais, investidos do poder fiscalizador, tentam cumprir as demandas que preceitua a lei, enquanto dezenas de vendedores “invasores” – os subversivos das vendas de calçadas – criam estratégias de proteção para enfrentar as demandas do poder público. Nesse momento a rede de informação funciona como uma eficiente estratégia.

Neste cenário, os laços de proteção são firmados com outros atores sociais imersos no mundo do trabalho informal e juntos teimosamente se dão guarida diante do poder fiscalizador municipal, este simbolizado pela figura dos fiscais tentando cumprir o que dita a lei sobre as ocupações dos espaços públicos para atividades econômicas (OLIVEIRA, 2012).

Durante atividade de campo tentamos algumas investidas para conversamos com algum fiscal em atuação nas ruas que fazíamos o registro da dinâmica do dia a dia nas vendas de tabuleiro. Tivemos negativa, alguns salientavam que não eram autorizados a falar, mas devido a nossa persistência, em um determinado dia uma fiscal aceitou conversar informalmente sobre sua função nos logradouros. Segundo essa fiscal, eles (fiscais) realizavam o trabalho de não deixar que os passeios (calçadas) e outras áreas específicas dos logradouros fossem ocupados por vendedores ambulantes ilegais.

Nossa informante ainda salientou que o trabalho que realizavam era baseado na orientação, porém em algumas situações eles realizavam a “retirada” das bancas de tabuleiros ou outras formas de vendas, os produtos recolhidos eram levados para lugar específico ficando sob a guarda do poder municipal e que os donos das mercadorias depois de pagar uma taxa tinham direito de reavê-las.

A mesma ainda ressaltou que apesar de todo esforço de fazer cumprir a lei, existiam muitos vendedores que atuavam ilegalmente nos logradouros do centro comercial da capital. Quando perguntado o que não caracterizava uma venda ilegal para aqueles vendedores que não tinham autorização para vender, a mesma disse que eles (ambulantes) não podiam ficar parados, fixos nas calçadas, empatando a passagem das pessoas, para eles não descumprirem a lei deveriam andar com seus produtos, deslocando-se, não nas calçadas, mas pelas ruas.

A relação social entre fiscalização e as vendedoras imigrantes e demais vendedores é conflituosa, tensa. A presença da fiscalização para essas categorias não é vista com bons olhos. Nossa pesquisa de campo confirmou essa situação quando, da entrevista com vendedoras no centro da capital, 54 mulheres afirmaram que o problema maior que enfrentavam era a fiscalização. É um quadro que já fora registrado em outros contextos históricos (PANTOJA, 2001; MARTINI, 2007).

Os vendedores e vendedoras do comércio informal, através das interações criadas no espaço social, tomam estratégias de proteção contra as demandas do poder público. A rede de informações tornou-se um elemento-chave (TRUZZI, 2008)

para essa categoria se proteger do poder fiscalizador.

Essa é uma das relações sociais conflituosas que se apresentam nesse espaço de sociabilidade. A informação “lá vem o fiscal” é o código para avisar que todos que ali estão e são “invasores” deverão se proteger. É um momento de maior tensão para as imigrantes vendedoras de tabuleiro, entretanto mostra a cumplicidade entre os sujeitos que se incluem nesse mundo subversivo. A informação é socializada por uma rede composta por vendedores(as) de meias, frutas, água, doces, salgados, suco, quentinhas, etc., assim como pelo taxista e mototaxista que ali faz ponto, ou mesmo pelo transeunte ou cliente que está passando naquele momento.

O código é repassado de um para o outro (sujeito) que se encarrega se passar adiante. A informação pode ser passada de boca em boca ou ser socializada através de ligação ou mensagem de celular; o mais importante nesse momento é que a informação possa chegar o mais rápido possível a todos que estão com seus produtos à venda.

A partir do momento que circula a informação que os fiscais estão chegando é hora de desmontar o tabuleiro, guardar a mercadoria e sair empurrando o carrinho. Tudo é feito de maneira muito rápida.

FOTO 7: Vendedoras imigrantes em deslocamento durante a chegada da fiscalização do poder municipal, Manaus/AM, 2019.



Fonte: Foto feita por Eduardo Brandão, colaborador e responsável pelos registros fotográficos, 2019.

O registro acima (foto 7) simboliza para nós a mais bela estratégia de proteção

das imigrantes haitianas contra as proibições das vendas nas calçadas. O deslocar-se em direção a lugar nenhum transforma as “invasoras” em um transeunte normal, agindo dentro da legalidade e mostra a capacidade do indivíduo de se reinventar diante das dificuldades que a vida impõe.

Perguntamos em determinado momento para uma vendedora, que saía em deslocamento, para onde ia quando acontecia isso. Ela respondeu-nos que não tinha o “onde”, o que precisava naquele momento era recolher sua mercadoria, sair do local e andar pela rua aleatoriamente. Segundo a vendedora essa era a única forma de não ser abordada pela fiscalização. Assim como esta, todos os vendedores “invasores” realizavam o mesmo ritual várias vezes ao dia, uma estratégia utilizada em outros contextos históricos por imigrantes que encontraram nas vendas de calçadas o único meio para sobrevivência.

Existia tabuleiro que não dava para ser desmontado, devido sua base ser maior que o suporte do carrinho e também por conter muita mercadoria. Nesse caso era necessário um esforço maior para empurrá-lo, pois como já mencionado, o carrinho que compõe o tabuleiro é uma adaptação do carrinho de mão de construção civil e supermercado.

Os chamados “invasores” por outros sujeitos imersos naquele campo multidimensional (OLIVEIRA, 2012), no centro comercial da cidade de Manaus, adquiriram estratégias⁵⁴ contra a presença do poder legal. O deslocamento é uma estratégia silenciosa e de proteção articulada nesse espaço de sociabilidade

A rede de informação que se constituía nesse quadro tem suas bases nas relações sociais de laços fracos, pois sua composição faz-se por indivíduos de distintas categorias que disseminavam a informação de forma rápida.

O que presenciamos nesse mundo do trabalho informal foi a luta de mulheres imigrantes pertencentes a uma categoria excluída. Elas ficam expostas à precariedade do local, à falta de banheiros públicos o que leva à privações das necessidades fisiológicas (podendo causar problemas de saúde), mas quando extremamente necessário usam o banheiro de lojas e restaurantes. Em uma de

⁵⁴ O dicionário define estratégia como: “1. Arte militar de planejar e executar movimento e operações de tropas, navios e/ ou aviões para alcançar ou manter posições relativas e potenciais bélicos favoráveis a futuras ações táticas. 2. Arte de aplicar os meios disponíveis ou explorar condições favoráveis com vista a objetivos específicos” (DICIONÁRIO AURÉLIO, 2012, p. 321). Pode-se definir Estratégia como um guia para decisões sobre interações com oponentes, de reações imprevisíveis, que compreende duas partes: ações e reações envolvendo aspectos do negócio, e preparação para obter vantagens nas interações (ZACCARELLI, 2012).

nossas observações, quando acompanhávamos uma haitiana indo a uma determinada loja para utilizar o banheiro, percebemos que ao entrar na loja a mulher tornou-se apressada e uma timidez tomou conta de seu rosto. Tivemos a impressão que ao adentrar aquele ambiente aquela pessoa sorridente de minutos antes havia desaparecido. Ao retornarmos a venda, ela nos disse que tinha vergonha de usar o banheiro da loja, pois sabia que o banheiro era para os clientes, no entanto precisa fazer aquilo, pois passava mais de 8h fora de casa.

Porém, mesmo diante de um contexto estranho que pouco tem a oferecer, essas mulheres imigrantes se reinventam (re)criando alternativas que possam amenizar suas angústias. Para tanto formam redes, adquirem estratégias que as fazem permanecer na paragem migratória.

As imigrantes haitianas têm uma rotina pesada, chegam a passar até 10h diárias nas vendas de calçadas; se computarmos a saída e retorno para suas casas, tem-se um tempo estimado em até 14h dedicados ao trabalho. Algumas fazem duas refeições, outras fazem apenas uma refeição diária.

O café da manhã era composto de um copo de café com leite ou suco, acompanhado por um pão com manteiga ou um pedaço de bolo; almoço composto de feijão, arroz, macarrão, salada⁵⁵ ou, quando não, trazem de casa frango frito ou no molho, banana, arroz e *pikliz*⁵⁶. Alimentadas desse modo, as mulheres haitianas mantêm-se em um dia de trabalho.

3.3 “CRECHE”, UM NÓ NA REDE DAS MÃES IMIGRANTES

O grande número de imigrantes haitianos que passou a chegar na cidade de Manaus no ano de 2010, e que se intensificou nos anos seguintes, exigia ações estatais para uma resposta concreta ao acolhimento. Borba e Moreira (2016), lembram que no acolhimento dos imigrantes haitianos foram as instituições da sociedade civil, religiosa, associações e ONG que prestaram serviços da ordem de políticas públicas aos recém-chegados, superando as representações estatais. A respeito comentam as autoras:

⁵⁵ Essa refeição é comprada à moda *Quentinha*, nome que popularmente é conhecido a comida servida em recipiente de alumínio ou isopor. A composição de uma refeição à moda quentinha é de arroz, feijão, macarrão, salada, carne ou frango e farinha, equivale a uma refeição servida em prato médio.

⁵⁶ O almoço quando feito pelas próprias imigrantes, usa os padrões da culinária haitiana, substituindo somente alguns elementos.

[...] as relações promovidas no âmbito das instituições da sociedade civil – sobretudo as religiosas – são capazes de formar as bases para que sentimentos de pertencimento, estabilidade e confiança prosperem em meio aos imigrantes. (BORBA; MOREIRA, 2016, p. 455)

Nesse sentido, na capital manauara foram as instituições religiosas, ONGs e grupos de voluntários da sociedade civil que uniram forças para oferecer acolhimento de espaço físico, alimentação e apoio psicológico aos imigrantes e refugiados. Rosana Nascimento (2019), psicóloga e responsável pela Casa de Apoio São Geraldo, afirmou que no ano de 2012, entre os inúmeros haitianos que procuravam ajuda na Pastoral dos Migrantes (Igreja de São Geraldo), havia mães com crianças de colo que buscavam ajuda para trabalhar, porém não tinham com quem deixar seus filhos.

Diante dessa realidade surgiu a necessidade da construção de um espaço para receber os filhos das imigrantes para que as mesmas pudessem procurar inserção no mercado de trabalho. Assim, a Pastoral dos Migrantes, junto com a Paróquia de São Geraldo, estando à frente do projeto Padre Gelmino Costa e Valdeci Molinari e com contribuição da Fundação Alan Kardec, empreenderam a construção de uma estrutura que deu origem à Casa de Apoio São Geraldo “Creche”.

Foto 8: Filhos de imigrantes na Casa de Apoio São Geraldo, 2019.



Fonte: Coordenação da Casa de Apoio São Geraldo, 2019.

O registro acima (foto 8) mostra filhos de imigrantes haitianos na Casa de Apoio São Geraldo “Creche”⁵⁷, inaugurada no ano de 2013, localizada nos fundos da quadra de esporte da Igreja de São Geraldo, aberta das 7h às 17h30min. É um espaço físico formado por duas salas de acolhimento, uma sala de atendimento, um banheiro e uma cozinha. Conta com o apoio de quatro cuidadoras, uma cozinheira, uma serviços gerais e voluntários. Um espaço que simbolicamente representa um *nó* importante para a rede de sociabilidade das mães imigrantes trabalhadoras. Portugal (2007, p. 24) enfatiza que os “*nós* são os elementos da rede, identificados pela relação que têm com *ego*”, os elementos podem tanto ser pessoas, associações, instituições que se ligam por relação social.

Desde o início de seu funcionamento, no ano de 2013, a Casa de Apoio São Geraldo vem acolhendo as crianças filhos de mulheres imigrantes de várias nacionalidades, muito embora os filhos de haitianas estejam em maior número.

Durante o mês de janeiro de 2019, fizemos voluntariado na Casa de Apoio São Geraldo, junto às cuidadoras das crianças. Naquele momento a instituição atendia a 32 crianças com idades de 6 meses a 4 anos, 28 eram filhos de mães e pais haitianos e 4 filhos de venezuelanos. Um dos critérios da Casa de Apoio para a permanência das crianças na casa é que um dos responsáveis pela criança esteja trabalhando. Observamos que existia uma preocupação por parte da coordenação de realizar reunião com os pais, cujo objetivo era aproximá-los da instituição.

A Casa de Apoio São Geraldo também depende de parcerias com outras instituições que realizam doações de fraldas, leite, material pedagógico e das campanhas realizadas pela coordenação junto a toda população manauara.

Nossa observação sobre a dinâmica daquele espaço social fez-nos perceber que a Casa de Apoio é um dos *nós* que constituem a sociabilidade das imigrantes haitianas (mães) permitindo suas permanências no mercado de trabalho. As mães haitianas que deixavam suas crianças na “creche”, com exceção de uma que era dona de um mercadinho, eram vendedoras de meias, frutas e verduras no centro de Manaus e de picolé e água nos sinais de trânsito nas avenidas do entorno da Paróquia de São Geraldo.

⁵⁷ As informações sobre a Casa de Apoio São Geraldo foram fornecidas por Rosana Nascimento, psicóloga responsável direto pela instituição, vice-coordenadora da Pastoral dos Migrantes da Arquidiocese de Manaus e coordenadora de projetos sociais da Associação Scalabrini a Serviço dos Migrantes (que funciona na Paróquia de São Geraldo).

Em conversa informal com algumas mães sobre a importância da Casa no seu dia a dia, elas nos disseram que sem a Casa de Apoio seria muito difícil continuar trabalhando, pois não teriam com quem deixar as crianças. Porém sinalizaram para a dificuldade de participar das reuniões, uma vez que o domínio da língua portuguesa era muito pouco.

Durante nosso voluntariado, inferimos que as relações entre a Casa de Apoio e as mães imigrantes assentam-se nas relações sociais de laços fracos (GRANOVETTER, 1983), são efêmeras, rotineiras e compõem-se com sujeitos de grupos distintos. Dessa forma, a Casa de Apoio é um *nó* necessário para subsidiar a permanência das imigrantes haitianas em suas rotinas.

3.4 “EU TAMBÉM PASSEI POR LÁ”: A IMPORTÂNCIA DO ACOLHIMENTO NA PASTORAL DE SÃO GERALDO PARA OS IMIGRANTES HAITIANOS

Relato 2

O meu marido tinha a prima dele já que morava aqui Manaus, mas ela morava no refúgio do padre Gelmino, na verdade ele era o responsável naquela época, ela estava doente então eu também fui para o refúgio. (MARIE, INTERLOCUTORA, 2019)

Relato 3

Aqui em Manaus eu não tinha ninguém, então aquela mulher que conheci na Venezuela tinha me falado de São Geraldo, ela falou pra mim “você vai pegar ônibus e quando você chegar na rodoviária em Manaus, você pega táxi e diz pra ele levar você lá em São Geraldo, você só precisa falar isso”, porque eu não sabia falar. Quando peguei taxi, ele me levou lá com o padre Gelmino no São Geraldo.... (NACY, INTERLOCUTORA, 2019)

É dessa forma que Marie e Nacy se referiram à Pastoral dos Migrantes, na época que conversamos (entrevista) com elas sobre suas experiências no processo migratório. Ao serem indagadas de como tinham agido quando chegaram a Manaus.

As falas das participantes e também de tantas outras falas ditas e não escritas, de haitianas e haitianos durante a pesquisa de campo, entre um assunto e outro quando falávamos sobre a Pastoral, escutávamos a frase “eu também passei por lá”. Isso levou-nos a perceber o quanto foi e continua importante o acolhimento feito pelas pastorais aos recém-chegados.

O Serviço Pastoral dos Migrantes (SPM), inicia-se na cidade de Manaus no ano de 1992⁵⁸, com o propósito de dar auxílio aos imigrantes que rumavam para a cidade de Manaus, tanto dos municípios do interior do Amazonas e de outros estados brasileiros quanto de outros países.

Desde o início das atividades na cidade de Manaus, o Serviço Pastoral dos Migrantes, através da Arquidiocese de Manaus, tornou-se conhecido por suas ações humanitárias e de acolhimento aos imigrantes. Dois locais tornaram-se referências para recepcionar os recém-chegados: um espaço anexo da Igreja Nossa Senhora dos Remédios e a Paróquia de São Geraldo, na Igreja de São Geraldo. Em documento de 2011, o Serviço Pastoral dos Migrantes é descrito como:

Ajudar as pessoas a adquirir documentação, moradias, trabalho e na comunicação através do ensino do idioma português. No espaço da pastoral, os imigrantes encontram acolhimento, serviços de orientação, encontros de formação efetivados por pessoas voluntárias e profissionais que conhecem sua cultura e o idioma. (SERVIÇO PASTORAL DOS MIGRANTES, 2011)

Essa proposta de acolhimento da Pastoral pudemos ver configurada na fala da nossa interlocutora Nancy, ao narrar do seu atendimento na Paróquia de São Geraldo:

Relato 5

[...] fui lá no padre Gelmino, no São Geraldo, aí me levaram no refúgio que tinha um período de 45 dias. [...] era uma casa grande com várias camas limpas davam lençol para nós, tinha alimentos, fogão, frizer, geladeira. As mulheres eram bem atendidas [...]. (NACY, INTERLOCUTORA 2019)

Nesse contexto, Serviço Pastoral dos Migrantes⁵⁹ e Paróquia de São Geraldo, passam a ter o mesmo sentido para os imigrantes e a partir do ano de 2010 tornou-se o referencial para aqueles que chegaram à capital manauara. A Paróquia de São Geraldo ficou/é popularmente conhecida pelos imigrantes por “Pastoral de São Geraldo” e que em nosso entendimento tornou-se um espaço de sociabilidade para as imigrantes haitianas. Silva (2016) ressalta a importância das igrejas no acolhimento

⁵⁸ As informações sobre o Serviço Pastoral dos Migrantes foram coletadas em documentos guardados no arquivo do Centro de Pastoral de Atendimento aos Migrantes – anexo – Igreja Nossa Senhora dos Remédios, durante nossa pesquisa de campo no ano de 2018.

⁵⁹ Importante lembrar que além dos pontos de acolhimento citados no texto, nos anos seguintes a 2010, outros locais de acolhimento também receberam os imigrantes: Casa Jacamim, Paróquia de São Raimundo, Paróquia de São Sebastião, Abrigo no Bairro Zumbi dos Palmares, Grupo de voluntário no bairro Parque Dez de Novembro.

dos Haitianos:

[...] as igrejas têm tido, em geral, um papel fundamental no processo de inserção dos haitianos na cidade, sobretudo no momento da chegada, particularmente para quem não conta com a ajuda de amigos ou parentes para resolver os primeiros desafios de todo migrante: encontrar trabalho e moradia. Outras questões, como encaminhar documentos, aprender o português, qualificar-se profissionalmente e defender direitos, são alguns dos serviços oferecidos por igrejas e ONG da cidade. Nesse sentido, a Pastoral do Migrante da Igreja Católica tem sido um espaço de solidariedade e articulação dos haitianos num contexto marcado, às vezes, pela indiferença de governos locais e por preconceitos de brasileiros. (SILVA, 2016, p. 146-147)

A “Pastoral de São Geraldo” a partir do ano de 2010 passou a atender milhares de imigrantes em sua maioria haitianos (PENA, 2019). O objetivo era dar a melhor acolhida - moradia, alimentação, trabalho - para aqueles que chegavam, pois a condição de migrante, tornavam-nos excluídos na paragem migratória.

A exclusão a qual nos referimos é entendida aqui, a partir da concepção de Marc Augé (2010, p. 48) em *A cegueira dos olhares*, o qual diz que a exclusão subentende “a existência de um interior e de um exterior, de um corte e de uma fronteira”. Corte e fronteira se diferenciam em suas vias, assim diz o autor:

Corte e fronteira físicos, geográficos, quando se trata do controle das fronteiras nacionais face à pressão das pessoas originárias dos países pobres que buscam ter acesso às regiões ricas do mundo, colocando, constantemente, suas vidas em risco. Corte e fronteira sociológicos quando pensamos em todos aqueles que, mesmo no interior dos países ricos, não se beneficiam, ou se beneficiam muito pouco, dessa riqueza, e entre os quais se encontra justamente certo número dos que fugiram das zonas mais pobres do mundo (AUGÉ, 2010, p. 48-49).

Pena (2019) lembrava que o Serviço Pastoral dos Migrantes e Paróquia de São Geraldo, em ação conjunta, realizaram ao longo de dez anos construção e aquisição de imóvel para receber o imigrante. A respeito dispõe o autor:

Duas casas de acolhida alugadas, uma no bairro Santo Antônio, maioria venezuelana, e outra no bairro do Zumbi, com a maioria de haitianos; a construção de uma creche na área da quadra da paróquia, atualmente com 32 crianças dos seis meses aos quatro anos, todas filhas de migrantes; além da fábrica de picolé instalada nas dependências do salão paroquial, fundada em 2014, funcionando das 8h às 18h, com cinco funcionários e uma produção média de 2 mil picolés (PENA, 2019).

Dessa maneira a “Pastoral de São Geraldo” aparece como uma das principais

protagonistas da sociedade civil atuando nas práticas assistenciais que favorecem a inclusão dos imigrantes na sociedade manauara.

Desse modo a “Pastoral de São Geraldo” assumem uma postura inclusiva, cuja intenção é fazer com que o imigrante se sinta recebido nessa paragem amazônica. A “Pastoral de São Geraldo” é mais um dos *nós* que se apresenta nas relações sociais das imigrantes e conseqüentemente um elemento importante no processo de sociabilidade.

A primazia do acolhimento da “Pastoral de São Geraldo” traduz-se na possibilidade da hospitalidade pensada por Jacques Derrida (2003). O autor discute uma hospitalidade a partir da desconstrução das construções totalizantes impostas no campo da cultura pelo pensamento ocidental. A hospitalidade quando vista pela desconstrução não pede identidade, ela se coloca como um direito moral do indivíduo. No pensamento derridiano a hospitalidade significa o acolhimento incondicional àquele que chega, um ato de generosidade, um deixar vir o outro. Porém o autor chama atenção para a hospitalidade, pois mesmo essa sempre se dá em contextos com reservas para aquele que chega e para o que acolhe.

3.4.1 *Fèt nan* Pastoral: *baz* importante para reafirmação cultural

Durante os dois anos da construção dessa pesquisa tivemos algumas oportunidades de presenciar momentos que simbolizam a presença da cultura haitiana na cidade de Manaus. A primeira ocorreu durante a “Festa dos Migrantes”, coordenada pela Pastoral dos Migrantes e que se realiza todos os anos entre os meses de junho e setembro (LOURENÇO, 2019). A segunda foi a “Festa Cultural AMAHAITI” que tem o apoio da Pastoral, mas organizada pelos próprios haitianos e acontece no mês de dezembro.

Rodrigues e Vasconcelos (2012), ao analisarem a migração transfronteiriça guianesa para Boa Vista, capital de Roraima, identifica que os sujeitos migrantes criam espaços de identificação, nos quais podem se reunir reproduzindo elementos culturais da sociedade de origem. Assim afirmam as autoras:

O encontro desses indivíduos com outros, de sua mesma nacionalidade ou que vivem em situação análoga a sua, faz com que reproduzam nos espaços do bairro ou de lugares de encontro como as feiras públicas e os bares da cidade, signos, crenças e hábitos que favorecem a reprodução de elementos da sociedade de origem em Boa Vista. É nesse pequeno espaço, do encontro

das diferenças, que os imigrantes reforçam a origem comum, apegando-se à sua nacionalidade como algo socialmente construído. (RODRIGUES; VASCONCELOS, 2012, p. 236)

Diante da observação feita pelas autoras, entendemos que na cidade de Manaus as haitianas e haitianos compartilham de elementos culturais durante as duas festas que são realizadas durante o ano. Uma demonstração disso (foto 8) pode ser notado no registro fotográfico que fizemos durante a Festa Cultural AMAHAITI, no final do ano de 2019. A foto mostra momento que jovens haitianas apresentavam uma dança típica do Haiti para um público predominantemente haitiano.

Foto 9: Festa Cultural Haitiana AMAHAITI realizada na Quadra Poliesportiva da Igreja de São Geraldo, Manaus/AM, 2019.



Fonte: Autora, 2019.

Essas festas são momentos regados por músicas, principalmente ritmos haitianos, como o *kompas*. Segundo conversa com amigos haitianos presentes na festa, *Kompas* é o ritmo predominante no Haiti. As comidas: *pikliz* (salada picante), *banann ak sos* (banana caramelizada), *soupe joumou* (sopa de abóbora), *pwason gwo sèl* (peixe salgado), *legim* (legumes) etc. Como bebida, servem o *Kremas*. Segundo Nascimento (2019), as festas têm como objetivo “dar visibilidade ao valor cultural que os migrantes trazem consigo e que contribuem de forma muito significativa na construção da nossa identidade social, cultural e gastronômica”.

De acordo com as considerações de Braum (2014) e Handerson (2015), *baz* é lugar de reunião, momento de sentar para conversar, trocar ideias, comer, beber, sorrir. Na perspectiva migratória, esse momento torna-se um espaço de sociabilidade,

no qual os emigrados podem firmar seus elementos culturais. Diante disso, entendemos que “*Fèt nan Pastoral*” configura-se como mais um *baz* no mosaico migratório haitiano na cidade de Manaus.

3.5 REDES ALÉM-FRONTEIRAS: FAMÍLIAS TRANSNACIONAIS

Durante o trabalho de campo estivemos presente no cotidiano de muitas mulheres haitianas, nas atividades laborais, em suas casas em momentos comemorativos ou em uma rotina normal do dia a dia. Momentos de observações que nos ensinaram muitas coisas sobre pessoas que vivem em contexto migratório. Mulheres que ainda em sua sociedade tomaram a decisão de partir, isto devido a diversos fatores que as impulsionaram a sair de suas paragens.

A falta de direitos básicos como moradia digna, segurança, boa alimentação, atendimento à saúde, educação, lazer, participação política e oportunidade de trabalho - direitos esses que são ditados pela Declaração Universal dos Direitos Humanos (DUDH) - e que são violados na sociedade haitiana ao longo de décadas são fatores determinantes para que mulheres tomem a decisão de emigrar e rumar para outras paragens além-fronteiras.

A Declaração Universal dos Direitos Humanos, adotada em 10 de dezembro de 1948, preceitua esses e outros direitos fundamentais para o ser humano (PEDROSO, 2005, p. 32).

Artigo 23:

1. Toda pessoa tem direito ao trabalho, à livre escolha de emprego, a condições justas e favoráveis de trabalho e à proteção contra o desemprego.
2. Toda pessoa, sem qualquer distinção, tem direito a igual remuneração por igual trabalho.
3. Toda pessoa que trabalhe tem direito a uma remuneração justa e satisfatória, que lhes assegure, assim como à sua família, uma existência compatível com a dignidade humana, e complementada, se necessário, por outros meios de proteção social.

Artigo 25:

1. Toda pessoa tem direito a um padrão de vida capaz de assegurar a saúde e bem-estar de si mesmo e da sua família, inclusive alimentação, vestuário, habitação, cuidados médicos e os serviços sociais indispensáveis, e direito à segurança em caso de desemprego, doença, invalidez, viuvez, velhice ou outros casos de perda dos meios de subsistência fora do seu controle.

2. A maternidade e a infância têm direito a cuidados e assistência especiais. Todas as crianças, nascidas dentro ou fora do matrimônio, gozarão da mesma proteção social.

Esses e outros direitos são cerceados aos nacionais haitianos, um quadro que colabora para o surgimento de categorias de sujeitos migrantes que rumam para lugares estrangeiros buscando trabalho, educação para os filhos e melhores condições de vida. Entretanto, Assis (2007) afirma que as imigrantes contemporâneas são mulheres que também fogem da opressão de papéis de gênero, aproveitam das oportunidades e rumam em migração. Aduz a autora:

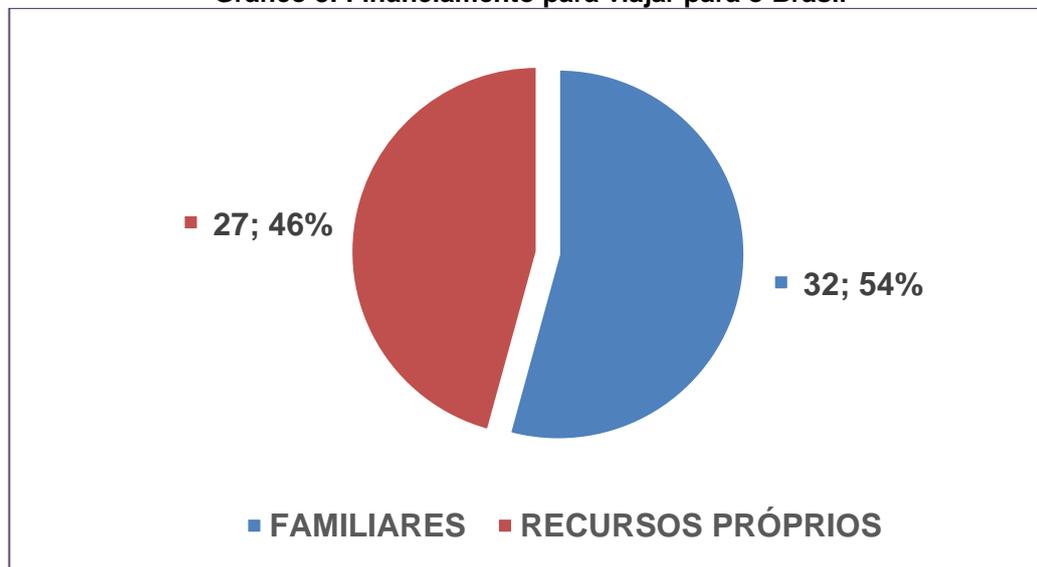
[...] as mulheres migram não apenas por razões econômicas, mas também por rompimento com sociedades discriminatórias, nas quais estariam em posição subordinada. [...] as imigrantes contemporâneas beneficiam-se da expansão das oportunidades educacionais e de emprego, além de uma legislação liberalizante no que se refere ao divórcio e as discriminações de gênero” (ASSIS, 2007, p. 750-751)

As mulheres haitianas criam relações sociais tanto no seu local de origem como na paragem migratória, através das quais formam-se redes para sustentar os projetos migratórios. Redes familiares, de parentesco, amigos e até conterrâneos. Handerson (2015) afirma que o projeto familiar haitiano está diretamente ligado ao processo de mobilidade. Desde muito cedo os membros das famílias já convivem com alguém que partiu ou vai partir. Segundo o autor:

Há uma relação estreita entre as pessoas que partem e as que ficam. Isso incide especialmente nas relações diferenciais entre os maridos que viajam e as mulheres que ficam e vice-versa; entre pais e filhos, tios e sobrinhos. A mobilidade molda as relações internas da família num contexto de circulação. Desde cedo as crianças convivem com a mobilidade dos seus colegas da escola ou dos seus bairros, partindo ou viajando. A mobilidade é constitutiva do cotidiano haitiano. (HANDERSON, 2015, p. 186)

Essa afirmação de Handerson pode ser confirmada em relação à imigração feminina na capital manauara. Conforme dados levantados junto às participantes de nossa pesquisa identificamos que a organização antes de sair do Haiti e rumar para outras paragens é feita de forma estratégica.

Os dados (gráfico 8) a seguir permitem avaliar que o emigrar haitiano configura-se em um projeto familiar que assenta-se em responsabilidade mútua, diríamos nós, em “conversas familiares pactuais”, entre aqueles que partem com os que ficam.

Gráfico 8: Financiamento para viajar para o Brasil

Fonte: Autora, 2019.

Visto que 54% afirmaram receber ajuda de vários membros da família e 46% financiaram com os próprios recursos (em determinadas situações tiveram que vender algum bem como: casa, moto ou terreno). Tal realidade aponta para uma migração feminina haitiana com base em um projeto familiar, cujos itens avaliados vão desde o montante de dinheiro para a mobilidade, se não tem o valor necessário, como/ou quem poderá ajudar a compor o valor da viagem até a decisão se é viável emigrar com filhos, caso os tenha, ou quem será o responsável por eles a partir do momento que sair do país.

Outros membros da família são consultados, coloca-se em pauta o destino da viagem, quais as possibilidades de encontrar emprego, se tem algum familiar, amigo ou conhecido que possa recebê-las. Firma-se o comprometimento de quando chegar na paragem migratória e começar “ganhar dinheiro” deverá enviar remessas para ajudar os que ficaram. Depois da formação dessa rede familiar de ajuda mútua é tomada a decisão de viajar/emigrar.

Segundo Handerson (2015), as mulheres haitianas ao chegarem à sociedade de destino passam a formar o modelo de família transnacional. Nossas andanças no espaço social haitiano na cidade de Manaus, levou-nos a ficar perto de um viver migrante e fizeram perceber como essas pessoas lidam com a separação geográfica.

Esta, apesar de representar a ausência física, não impede que os imigrantes mantenham os laços culturais, as responsabilidades econômicas, os sentimentos de tristeza e também de alegria com aqueles que lá ficaram. Esse modo de viver, em nosso entendimento, constitui-se um viver transnacional.

Para Julia Cerda (2014), por família transnacional entende-se:

Grupos familiares nos quais, apesar da distância geográfica entre o migrante e sua família, os relacionamentos não são fraturados; pelo contrário, eles são sustentados de maneira diferente, utilizando dois elementos de grande importância para sua contribuição como mecanismos de ligação: os meios de comunicação e remessas⁶⁰. (CERDA, 2014, p. 80. Tradução nossa)

Segundo Denise Cogo (2017, p. 185) as famílias transnacionais sempre se fizeram presentes na história das sociedades, foram resultados dos movimentos migratórios contemporâneos, porém, segundo a autora, o que as diferenciam das atuais é “a presença de uma subjetividade e de vínculos relacionados à consciência de ser e forjar uma família à distância”.

Tendo como base o pensamento dos três autores Handerson (2015), Cerda (2014) e Cogo (2017), o contexto das imigrantes haitianas na cidade de Manaus firma-se por um estilo de família transnacional entre as quais existe uma rede de acolhimento, tanto para inserção no mercado de trabalho, quanto para situações pessoais, corriqueiras ou recorrentes. Nos relatos e através de observações nas residências e nas vendas de calçadas foi possível perceber o acolhimento.

Petty, uma de nossas interlocutoras, tinha 25 anos, solteira, mãe de um menino de 8 anos, o qual havia ficado no Haiti. Petty não falava português, comunicava-se em crioulo haitiano, falava pouco a língua francesa e não havia concluído o ensino fundamental. Conhecemos essa imigrante em uma venda de tabuleiro no centro da capital manauara.

Através do relato de Petty, sobre como iniciou como vendedora de tabuleiro no centro de Manaus, conseguimos perceber as relações sociais que as imigrantes constroem entre si e que se tornam uma base de sustentação para sua permanência no espaço social no qual estão inseridas. Nossa interlocutora disse que:

⁶⁰ A citação original : “grupos familiares en los que, a pesar de la distancia geográfica entre el migrante y su familia, las relaciones no se fracturan, al contrario, se apuntalan de distinta manera echando mano de dos elementos de suma importancia por su contribución como mecanismos de enlace: los medios de comunicación y las remesas.

Relato 6

Quando cheguei em Manaus, uma conhecida haitiana me ajudou, ela me hospedou na casa dela até eu conseguir alguma coisa, passou o tempo ai eu não conseguir nada porque eu não falo o português então fica difícil, ela (amiga) já vendia meia no centro, então ela me ajudou a comprar as meias, mandar fazer o tabuleiro. Aí eu comecei a trabalhar vendendo [...]. (PETTY, INTERLOCUTORA, 2019)

Além do relato dessa participante registramos mais duas passagens nas informações de Marie e Nancy que nos respaldam a afirmativa da formação de uma rede de acolhimento entre elas.

Relato 7

Quando me deram o visto, eu ainda não tinha ninguém para me receber, então o meu marido tinha uma prima que já morava aqui em Manaus, uma irmã da prima dele me passou o número para eu poder ligar para ela, quando liguei ela falou bem assim se “Marie, você quiser vir pode vir na minha casa” então a gente manteve contato. (MARIE, INTERLOCUTORA, 2019)

Relato 8

[...] desde o refúgio no ano de 2015, muitas mulheres que conheci lá até agora somos amigas a gente se ajuda, quando tem algum problema aí a gente se fala e nos ajudamos, eu fiquei com o filho de uma minha amiga aqui em casa, ele era pequeno, eu fiquei porque ela precisa trabalhar [...]. (NACY, INTERLOCUTORA 2019)

Os relatos mostram as relações sociais que as imigrantes haitianas passaram a construir e neles percebemos que não existia uma proximidade de parentesco. Porém, a questão do reconhecimento da identidade haitiana era a base para manter laços entre elas.

3.5.1 A comunicação com os parentes, amigos e conterrâneos

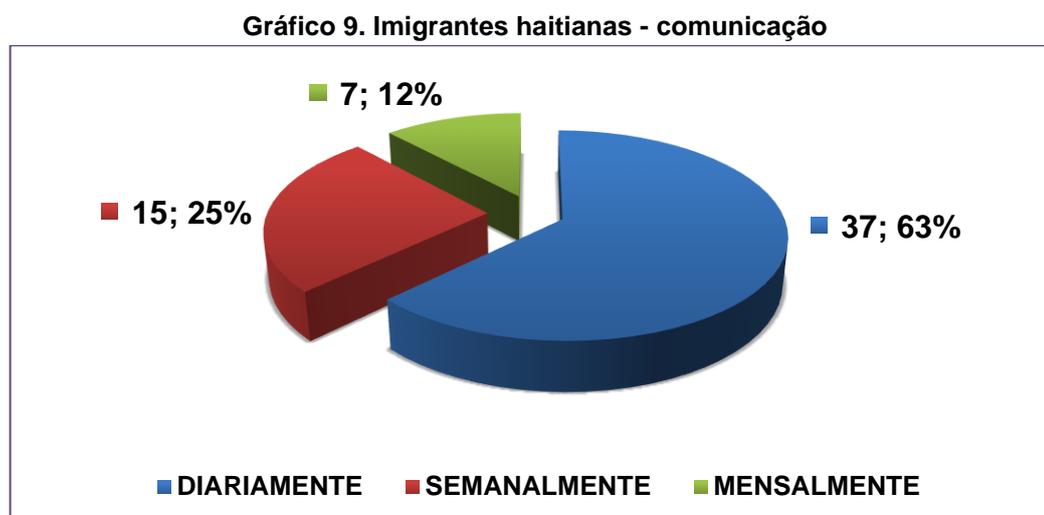
Eric Hobsbawm (2007) analisa a importância das transformações nos meios de comunicação. O autor afirma que a revolução tecnológica no custo e na velocidade da comunicação permite que pessoas possam se comunicar, circular informações de uma maneira nunca vista antes. Aduz o autor:

Graças à revolução tecnológica no custo e na velocidade da comunicação permitiu que os emigrantes de longo prazo do século XXI, ao contrário dos emigrantes do século XIX, já não estejam efetivamente separados das suas comunidades de origem, como antes estavam, a não ser por cartas, visitas ocasionais ou, no máximo, através do “nacionalismo de longa distância” das organizações de emigrantes que financiavam organismos políticos dos seus países de nascimento. [...] mesmo os mais pobres podem fazer telefonemas baratos [...]. (HOBSBAWM, 2007, p. 90)

Efetivamente, a comunicação entre as imigrantes haitianas com família, parentes, amigos e conterrâneos que se encontram em outras cidades brasileiras e também em outros países, dá-se, diariamente. Durante nossa permanência no espaço de sociabilidade das haitianas, nas vendas de tabuleiros e em suas residências, observamos que elas prezam por uma rotina de comunicação que pode ser diária, semanal ou mensal.

A tecnologia que viabiliza a comunicação além-fronteiras das imigrantes haitianas na paragem manauara é a internet. A internet é um elemento essencial nas relações transfronteiras das imigrantes, pois é através dessa tecnologia que as informações circulam entre Manaus, Haiti, Estados Unidos, França, Canadá, República Dominicana e Venezuela, assim como os estados de São Paulo e Santa Catarina, principalmente.

Fizemos um levantamento da frequência de comunicação das nossas informantes e obtivemos o seguinte resultado, conforme gráfico a seguir:



Fonte: Autora, 2019.

Nos dados (gráfico 9) foram observados que 63% das imigrantes haitianas

fazem contato diariamente, 25% semanalmente e 12% afirmaram ter contato com familiar, amigo ou conhecido mensalmente.

Diariamente ou semanalmente as imigrantes se comunicam com alguém da família (filho, filha, mãe, pai, irmão, irmã), amigo ou conhecido. Através dos recursos tecnológicos (Whatsapp, Menssenger, Facebook) são trocadas mensagens que levam e trazem informações sobre assuntos diversos.

A comunicação virtual é um laço importante para as imigrantes porque as mantêm próximas das situações do dia a dia e daqueles que lá estão. Dessa forma muitas mães haitianas conversam com filho ou filha dando aconselhamentos, pedindo que obedeçam a tia ou a avó. Outras falam com namorados, contam de situações do cotidiano na cidade de Manaus. Assim como recebem notícias sobre doença ou falecimento de alguém.

Em cerimônia de casamento de um jovem casal haitiano na qual estivemos presentes no mês de novembro de 2019, momentos do evento eram compartilhados por parentes da noiva e do noivo com familiares que estavam no Haiti. Os compartilhamentos eram feitos por chamada de vídeo.

Parafraseando Castells e Cardoso (2005), as imigrantes haitianas vivem em uma sociedade de rede, recebem e trocam informações e absorvem as que bem lhes convém. Castells e Cardoso lembram ainda que:

Os sistemas de comunicação mediáticos criam os relacionamentos entre instituições e organizações da sociedade e as pessoas no seu conjunto, não enquanto indivíduos, mas como receptores coletivos de informação, mesmo quando a informação final é processada por cada indivíduo de acordo com as suas próprias características pessoais. (CASTELLS; CARDOSO, 2005, p. 23)

É através dessa comunicação que vários elementos da cultura haitiana chegam até Manaus. Músicas, modas, documentários, etc., são enviados para as imigrantes em Manaus. Muitas mulheres procuram saber se tem algum conhecido vindo para o Brasil, pois querem encomendar um *cheve* (cabelo), *remèdik* (remédio). E algumas se reportam a alguns produtos que não são encontrados em Manaus, afirmando: “só no Haiti tem desse jeito”.

3.5.2 Os envios das remessas: acordo que se firma antes do emigrar

A Organização das Nações Unidas (ONU) no ano de 2018 proclamou 12 de

junho, o Dia Internacional das Remessas de Família, como reconhecimento da importância do dinheiro que os imigrantes de todo mundo enviam para seus países de origem.

A Organização das Nações Unidas (ONU), afirmou que no de 2018, as remessas para os países pobres e em desenvolvimento atingiram um novo recorde e se tornaram a principal fonte de financiamento externo para essas economias. Os imigrantes no referido ano enviaram cerca de 529 bilhões de dólares para países de baixa e média renda o que significou 8,8% a mais que em 2017.

Oliveira (2019) diz que na economia moderna Remessa pode ser entendida como os recursos, especialmente em dinheiro que os migrantes enviam para as suas famílias em sua terra natal.

Com relação às 59 haitianas participantes da pesquisa, todas afirmaram enviar remessas para suas famílias e tentavam manter uma regularidade mensal, mas isso depende da situação do trabalho; se está ruim, passam a economizar durante dois meses para poder enviar. Algumas que ainda moravam em casas alugadas salientaram que precisavam reservar dinheiro para pagar aluguel, comprar comida, remédios e manter os gastos com celular.

Os valores são variados, oscilando entre R\$ 300,00, R\$ 350,00, R\$ 380,00, R\$ 450,00 e R\$ 500,00 e R\$ 650,00 reais. Dinheiro este que quando convertido para o *goud*, moeda oficial do Haiti, gera renda para as famílias. Quando a moeda brasileira é convertida para a moeda haitiana tem-se uma quantia expressiva para famílias que sobrevivem com renda mínima. Por exemplo, R\$ 100,00 reais equivale a 2.326,37G⁶¹. Então, R\$ 300,00 reais quando convertido transforma-se em uma ajuda necessária.

As imigrantes nos afirmaram que as remessas atendem à ajuda com alimentação, escola, reforma de algum imóvel e outras necessidades. É fato que essas mulheres fazem um grande esforço para manter a responsabilidade dos envios de remessas. É conveniente lembrar que lidamos com participantes inseridas na informalidade, nas vendas de calçadas e em outras atividades informais, áreas de trabalho que demandam dias (trabalham de segunda a sábado) e horas de dedicação, além de suas responsabilidades se estenderem às atividades domésticas.

Aos domingos, muitas frequentam a igreja ou aproveitam para *trese cheve* (trançar o cabelo). Nesse cenário é possível ver uma rotina em que pouco tempo sobra

⁶¹ Os dados foram obtidos através da pesquisa *Survey* realizada nos primeiros quatro meses do ano de 2019.

para outras atividades como passear ou conhecer espaços públicos de lazer.

É apropriado lembrar que registramos o recebimento de remessas por algumas das imigrantes e que havia sido enviadas por algum familiar ou amigo que se encontrava ou no Haiti ou em outro país estrangeiro. Comprovamos essa situação durante observação na agência de câmbio.

À medida que os meses dedicados à pesquisa avançavam, criou-se laços de amizades com os tantos que conhecemos nesse percurso. Passamos então a sermos chamados para ajudar em algumas situações, pois o não domínio da língua portuguesa por nossos amigos e amigas ainda é um obstáculo para efetivar algumas ações do dia a dia.

E assim, ajudando em momentos de precisão, chegamos a conhecer a dinâmica das remessas. Observamos que as relações sociais transnacionais das imigrantes haitianas expressam a dinâmica migratória do mundo do trabalho informal que envolve sujeitos migrantes em diversas paragens no mundo.

3.5.3 “*Manje nou an bon anpil*”: a importância da comida haitiana como identificação cultural

Bourdieu (1973) propõe o conceito de *habitus* definindo-o como um sistema de disposições, representações e práticas sociais como resultado da interiorização das estruturas objetivas que caracterizam um sistema comum a um grupo ou classe social. Entendemos por esse olhar que os padrões alimentares enquadram-se no *habitus*, por consistirem em um saber social incorporado e de trocas, na sociedade, isto é, o indivíduo é socializado, internaliza aquilo que a família, escola, amigos, igreja, e meios de comunicação lhe oferece. Dentre essas informações tem-se a comida, sua composição, seu preparo e o que esta passa a simbolizar para o grupo.

A comida haitiana está presente no espaço de sociabilidade das imigrantes haitianas na cidade de Manaus: no almoço do dia-a-dia, em comemorações, festivas, aniversários, casamentos ou em datas comemorativas que simbolizam a história do povo haitiano.

Segundo Elisa Franzoni (2016), a gastronomia soma um conjunto das práticas culturais relacionadas com a alimentação, sendo um elemento essencial para diferenciação social. Segundo a autora, em contexto multicultural, no qual são discutidos os meios de inserção sociocultural dos imigrantes, a alimentação pode ser

uma grande aliada para a inclusão.

Jean-Pierre Poulain (2013) sinaliza que a alimentação traduz a identidade do grupo social, as suas representações e evidencia a dinâmica cultural de grupos dentro de um espaço social. Por essa ótica, entendemos que a comida é responsável pela construção e manutenção da memória coletiva e social no que tange aos processos históricos (HALBWACHS, 2003). Assim, é possível identificar a comida haitiana como elemento cultural na migração feminina na capital manauara.

“*Manje nou an bon anpil*” (nossa comida é muito boa), escutamos essa frase diversas vezes quando fazíamos nossa pesquisa de campo no comércio das vendas de calçadas. As vendedoras que levavam suas “quentinhas” preparadas em casa, preservavam em sua alimentação comidas à moda haitiana. A banana frita, frango frito ou “*fritay*”, “*pikliz*” (salada picante) e “*legim*” (legumes) são comidas que estão no dia a dia das mulheres haitianas. Nas datas especiais soma-se “*Diri kole*” (arroz com feijão), “*Griyo kochon*” (carne de porco frita), etc., como bebida o *Kremas* (bebida alcóolica feita com coco), e em todo primeiro de janeiro a “*Soup Premye Janvye*” (Sopa da Independência).

Era notável a satisfação das imigrantes ao relembrem na memória a alimentação do dia a dia, quando ainda estavam no Haiti. Em uma ocasião Berthise dividiu seu almoço conosco e comemos na mesma vasilha. A comida era composta de pedaços de frango, legumes, pedaços de banana cozida, tudo misturado e imerso em um delicioso molho. Berthise falou-nos naquele dia que fazia questão de levar a comida de casa para almoçar no trabalho porque sentia saudades da comida do Haiti.

Marie tem uma “cozinha-restaurant”, seus clientes são quase 100% haitianas e haitianos. A comida que é servida todos os dias é composta por alimentos da cozinha brasileira, mas não pode faltar *fritay* e *pikliz*. A banana frita, que compõe o *fritay* tem todo um preparo especial. Segundo Marie, a banana verde é cortada em pedaços médios e colocados para cozinhar por alguns minutos, depois disso são retirados da água fervente e amassados. Molda-se então a banana em pequenos pedaços em forma de discos que são fritos em bastante óleo e em temperatura elevada.

Nossa interlocutora ainda ressaltou que o *pikliz* é uma salada feita de repolho branco, cenoura, cebola, alho e pimenta ardosa, conservada em vinagre branco. Dessa forma temos alguns elementos típicos da culinária haitiana reafirmando a identidade cultural no espaço de sociabilidade das imigrantes haitianas na cidade de

Manaus.

A “*Soup Premye Janvye*” (Sopa da Independência) é um elemento de grande simbolismo na história da independência do Haiti. No dia primeiro de janeiro do ano de 2019, estivemos presente na casa de Nancy, pois fomos convidados a tomar a “*Soup Premye Janvye*”. Naquele momento, nossa anfitriã, com toda satisfação relatou-nos as etapas do fazimento da sopa e a importância dessa para os haitianos.

Relato 9

Todo primeiro de janeiro, nós haitianos preparamos a Sopa da Independência, essa sopa é para nós celebrarmos o dia da nossa independência. Quando vamos preparar a sopa levantamos 4h da manhã porque às 6h a sopa precisa estar pronta. Leva cenoura, batata, repolho, verduras, macaxeira, inhame branco, duas carnes, a carne de boi e de porco, pode ser também de cabeça de peixe, e abóbora que é ingrediente principal. A gente faz assim: descascamos todos os vegetais, lavamos e colocamos para cozinhar, mas a abóbora é cozida separada [...] quando a abóbora está cozida a gente amassa e passa na peneira para que vire um purê e depois mistura com os outros legumes que já estão sendo ferveidos. O repolho e o macarrão são colocados depois. A carne é feita separada também, preparamos a carne guisada com molho bem grosso e quando está quase pronta para servir, misturamos aquela carne nos legumes, repolho e macarrão. Fica uma delícia. Quando ficava pronta, 6h eu já levava para minha mãe, eu comia da sopa que minha mãe tinha feito, eu levava para minhas vizinhas e essas levam para outras conhecidas. [...] assim é uma coisa muito emocional, não tem comparação. No Brasil eu faço minha sopa porque as pessoas levam no sangue, entendeu? Eu convido minhas amigas haitianas para vir comer sopa comigo todos os anos [...] eu tenho outra amiga que me mandou foto da sopa dela. É um dia de comemoração porque ainda que longe do país mais a gente conserva o costume da sopa. (NACY, INTERLOCUTORA, 2019)

É possível perceber o simbolismo histórico que a sopa da independência tem para os haitianos, hábito que é reiterado no espaço de sociabilidade no contexto migratório manauara reafirmando a identidade haitiana. Durante nossa visita na casa de Nancy, tivemos a oportunidade de registrar (foto 8), a panela de Sopa da Independência, e percebemos que alguns ingredientes foram substituídos por outros da região amazônica. Nancy durante aquele dia, além nos proporcionar um delicioso prato de sopa, também distribuiu para os vizinhos. À medida que chegava um vizinho para pegar um pouco de sopa, Nancy repetia a frase “essa sopa haitiana representa a independência do nosso país, Haiti”.

Foto 10: Sopa da Independência, registro feito em 1º de janeiro de 2019. Casa de Nancy, Manaus/AM.



Fonte: Autora, 2019.

O significado da Sopa da Independência foi-nos dito pelo senhor Dugas, durante uma aula de crioulo haitiano. Segundo o senhor Dugas, na história do Haiti consta que escravos da colônia eram proibidos de muitos alimentos, a sopa era um item reservado aos senhores brancos donos de escravos, portanto proibido o consumo pelos escravizados. Após a luta e vitória dos negros contra o exército napoleônico e a proclamação da independência no dia 1º de janeiro de 1804 por Jean Jacques Dessalines, este ordenou que a sopa fosse feita e consumida por todos os cidadãos (ex-escravos) livres do país chamado Haiti.

Assim, segundo o senhor Dugas a sopa passou a representar ao longo dos séculos, a liberdade do povo haitiano do domínio francês. Nossa imersão no campo colocou-nos de frente com simbolismos culturais no espaço social transnacional das imigrantes haitianas. A comida vai muito além de uma necessidade do organismo e transforma-se em signos, cujas dimensões podem servir para explicar a história de

um povo.

3.5.4 *Trese cheve*, o embelezamento haitiano nas calçadas da capital manauara

Em seu cotidiano - apesar das dificuldades enfrentadas nos espaços de vendas de calçadas, perante o risco de ser abordadas pela fiscalização, as intempéries da natureza, brigas, disputas por locais para montar os tabuleiros, as responsabilidades com pagamento de aluguel, envios de remessas para a família - as mulheres haitianas criam seus espaços de embelezamento.

Paul Schilder (1999) tornou-se um dos autores mais importantes em estudos direcionados para a imagem corporal, tendo publicado no ano de 1935 a obra *A imagem do corpo: as energias construtivas da psique*. Nesse trabalho Schilder propunha um estudo sobre a imagem do corpo não ligada estritamente ao neurológico, mas em uma abordagem integrada, através do que se considera uma perspectiva sistêmica.

A visão do autor tornou-se inovadora por considerar a imagem corporal que o indivíduo construía de si mesmo com ser resultado também das influências dos desejos individuais e das interações de cada indivíduo na sociedade da qual fazia parte. Dessa maneira a imagem que cada indivíduo constrói de si compõe sua identidade.

A partir do pressuposto de Schilder (1999), acreditamos que entre as imigrantes haitianas na capital manauara, um elemento que identifica e compõe o conjunto da mulher haitiana é o cabelo. O *trесе cheve* faz parte do embelezamento, é sinônimo de autoestima das imigrantes haitianas. Em uma experiência de campo, notamos que uma amiga-interlocutora, naquele dia, não usava o cabelo com longas tranças que costumávamos vê-las em outros dias. Nesse dia pedimos para tirarmos uma foto com ela, imediatamente ela nos respondeu “*non, jodi a non, mw bezwen tresе cheve*” (não, hoje não, eu preciso trançar o cabelo).

Nossas interlocutoras em quase sua totalidade afirmaram-nos que trançar o cabelo faz parte do cuidado que a mulher haitiana tem com ela mesma. Esse cuidado torna-se transnacional à medida que são continuados no espaço de sociabilidade das imigrantes. É um elemento de embelezamento que identifica culturalmente as mulheres haitianas na cidade de Manaus.

As mulheres primam por esse padrão de beleza; *trесе cheve* significa trançar

fio no cabelo, fazer o cabelo. Nesse procedimento, fios sintéticos ou de lã imitando fios de cabelos são trançados no cabelo natural fazendo longas tranças com lindos penteados. Como também pode ser um *trese cheve* na altura do ombro com mechas encaracoladas. Entre as mulheres mais jovens há aquelas que usam com cores diversas.

Existe uma rede comercial que atende esse nicho imigrante, talvez um campo de pesquisa ainda a ser explorado. Algumas haitianas compram na internet os cabelos. Outras, na oportunidade de conhecer alguém vindo do Haiti para Manaus, encomendam o cabelo. O *trese cheve* é feito no horário de trabalho, durante as vendas de calçadas, ou através de horário marcado aos domingos na casa da haitiana que tem a habilidade para trançar o cabelo.

É uma prestação de serviço que gera renda para as mulheres que realizam o trabalho. Uma haitiana que tem venda de tabuleiro em uma das avenidas mais movimentadas no centro de comércio da capital manauara, realiza o *trese cheve* em algumas clientes manauaras, assim como em turistas que por ali passam.

Além do uso dos cabelos, as imigrantes consomem produtos haitianos: perfumes, hidratantes para o corpo, creme facial, sabonetes, remédios. Em nosso levantamento de informações, em pesquisa *in loco*, encontramos um imigrante haitiano que montou no pátio de sua casa um espaço de vendas de produtos haitianos. Nesse comércio pode ser encontrado desde creme desodorante até calçados. Um contexto que no nosso entendimento reafirma na sociabilidade das mulheres imigrantes a presença e reafirmação dos costumes e hábitos e consequentemente da cultura haitiana na cidade de Manaus.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta Dissertação se insere nas reflexões sobre a participação feminina em contextos migratórios. Nosso recorte espaço-temporal delimitou-se na cidade de Manaus, capital do Estado do Amazonas, entre os anos de 2010 a 2019, tendo as experiências das mulheres imigrantes haitianas como nosso ponto de análise. A nossa intenção desde o início foi pensar essa mulher imigrante como sujeito social ativo em suas ações no seu contexto migratório, mostrar o dia a dia, o lugar que passa a ocupar na paragem migratória, as dificuldades, alegrias, conflitos e as interações que levam às construções das redes necessárias para sua permanência na paragem de destino.

As mulheres haitianas compuseram os primeiros grupos de imigrantes haitianos que chegaram à cidade de Manaus no ano de 2010 e nos anos que se seguiram dezenas delas passaram a compor alguma ala de trabalho na informalidade. Trabalhando no comércio de calçadas, principalmente nas “vendas de tabuleiro” nos quais vendiam/vendem meias, frutas, verduras, bombons e outros acessórios. E nos semáforos de algumas avenidas vendiam/vendem picolé, banana frita, água mineral, assim como em outras locais desempenhando papel de costureira e cozinheira.

Dessa maneira, desafiamo-nos a tentar mostrar as redes e as sociabilidades (re)construídas no cotidiano manauara por essas mulheres imigrantes oriundas de um país empobrecido, o Haiti, mas mulheres corajosas, cheias de desprendimentos e empoderadas que se permitiram/permitem sonhar com mudanças significativas em suas vidas e daqueles que delas dependem, mesmo que na paragem de destino ocupem um lugar precário e que as expõem as vulnerabilidades.

Nossa pesquisa deparou-se com imigrantes com baixa escolaridade, casadas em sua grande maioria, na faixa etária mais expressiva entre 30 a 45 anos, quase 100% têm filhos. Trabalhadoras da informalidade tanto no seu local de origem (Haiti ou Venezuela) quanto na sociedade de destino. Uma parcela considerável delas fez o percurso migratório sem companhia de marido, amigo/a ou filhos. Tem-se na migração haitianas na cidade de Manaus uma migração motivada pela busca de trabalho e por melhores condições de vida.

A imersão no campo de pesquisa sinalizou-nos uma realidade (in)visível principalmente nas vendas de tabuleiro. Um local de ocupação subversiva (LEITE, 2002), ressignificado como lugar para se firmar relações sociais. A partir desse espaço social identificamos através das redes, as relações (re)construídas diariamente entre

as próprias imigrantes e seus conterrâneos e também com brasileiros.

Podemos afirmar que o espaço social das vendas de tabuleiro, ocupado subversivamente na ótica do poder público, para essas imigrantes é além de um espaço de trabalho, lugar de interações sociais e de encontrar um familiar, amigo, conhecido ou algum conterrâneo que esteja chegando ou passando por Manaus.

Mesmo no tumultuado dia-a-dia, do vaivém de pessoas que buscam por suas sobrevivências, nas vendas de tabuleiro, entre um anunciado e outro “*meia senk reais*”; “*zanmi, meia anpil bon*”, tem-se um lugar de conversa com um amigo que por ali passa e comenta sobre sua situação em Manaus, se conseguiu emprego ou continua a procura. Também pode-se comentar sobre uma *zanmi* que chegou com *trese cheve* colorido ou presenciar uma confusão entre duas vendedoras por espaço para montar seu tabuleiro.

É lugar no qual se telefona para o/a filho/a, marido, namorado, estes estando no Haiti ou em outra paragem migratória. A conversa gira em torno das notícias sobre como está o filho/a, se está com saúde ou doente. Também é oportunidade para “brigar” com o filho/a porque este não vai bem na escola. Fala-se também das remessas, marca-se dia para enviar, ou se a situação não está boa em Manaus pede-se ajuda. Através das chamadas de vídeo conseguem acompanhar o cotidiano de familiares, falam sobre autoajuda do novo projeto migratório de alguém da família. Dessa forma, firmam um modelo de família transnacional.

É também momento de escutar uma *Kompas* nova que alguém enviou, de saborear um *legim* feito em casa ou *fritay* acompanhado por *pikliz*. Porém, é nesse espaço que se vive em constante estado de sentinela diante do poder fiscalizador municipal. Porém, os excluídos criam as estratégias de defesa, protegem-se contra as demandas do poder legal utilizando suas próprias táticas e assim conseguindo permanecer subversivamente nos espaços de calçadas.

Entre 133 mulheres trabalhando no centro comercial da cidade de Manaus, em torno de 125 vivem diariamente um movimento de migração e remigração espacial dos locais onde montam seus tabuleiros. Um quadro que não é uma particularidade na cidade de Manaus, pelo contrário está presente em outros estados brasileiros desde séculos atrás.

Em nossa pesquisa de campo, notamos que é nesse lugar excluído que essas mulheres imigrantes, mesmo diante do obstáculo do idioma, pois a maioria não fala a Língua Portuguesa, por meios de relações sociais de laços fracos com outras

imigrantes, brasileiros e instituições, criam redes que as respaldam a reafirmar a identidade por meio dos seus elementos culturais: música, comida, língua e comportamento, mesmo tendo que se ajustar a muitas demandas da paragem receptora.

Vistas como mulheres trabalhadoras e honestas, entretanto sofrem a exclusão social do silenciamento do Outro. Silenciamentos configurados no frouxo atendimento nos postos de saúde, escolas, lojas, cartórios, supermercados; a estes pouco interessa o que quer e o que sente, quais necessidades reivindica-se. Lugares que significam as fronteiras sociais quase que intransponíveis pelo estrangeiro e imigrante.

Como nos lembra Sayad (1998, p. 110). as “pessoas deslocadas” estão sujeitas às privações no lugar para onde decidem migrar, nessas paragens migratórias sofrem com as classificações, rótulos que os desnudam e arrancam de seus direitos, deixando-as à mercê do olhar do Outro: “o imigrante é atopus, sem lugar, deslocado, inclassificável [...]. Nem cidadão nem estrangeiro, nem totalmente do lado do mesmo, nem totalmente do lado do Outro, o imigrante situa-se nesse lugar ‘bastardo’”.

Os imigrantes continuam na fronteira, eles não são desejados porque “dão trabalho”, a começar porque não falam a língua portuguesa. Para o Outro seria uma obrigação, um dever do estrangeiro saber sua língua. Diante disso são vistos com olhares indesejados e tratados com descaso. Mesmo que a lei em suas bem estruturadas linhas respalde a condição do imigrante como ser provido de direitos na sociedade, na qual tornou-se migrante, na prática temos uma realidade antônima.

Na capital manauara o acolhimento deu/dá-se, principalmente por meios das instituições religiosas, fundação espírita e grupos de voluntários da sociedade civil os quais tentaram/tentam amenizar o sofrimento dos recém-chegados. Cotidianamente as imigrantes haitianas (re)criam com essas instituições, redes sociais importantes, que de certa maneira, proporcionam suas permanências nessa paragem receptora.

Queremos que as inúmeras lacunas deixadas nesta pesquisa possam ser o ponto de continuação para novas pesquisas que tragam à reflexão as experiências de mulheres imigrantes em contextos migratórios, e que essas mulheres sejam vistas como sujeitos participativos nos espaços sociais na paragem de destino em que escolheram ficar. Aqui nos esforçamos para mostrar as imigrantes haitianas na cidade de Manaus, capital do estado do Amazonas.

À guisa da conclusão, tentamos caminhar pelo cotidiano das mulheres imigrantes haitianas, na capital manauara, tentando tornar visível aquilo que talvez

pouco interessa para uma maioria: suas experiências e mostrar que essas mulheres são mulheres imigrantes empoderadas porque assumem desafios diante do desconhecido, mesmo expostas às vulnerabilidades sociais; que são sonhadoras e em busca desse sonho criam e (re)constroem relações sociais transnacionais, redes importantes para manter seus laços familiares e culturais com seu país de origem.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ACIOLI, Sônia. Redes sociais e teoria social: revendo os fundamentos do conceito. *Inf. Inf.* Londrina, v. 12, n. esp, p. 1-12, 2007.
- ALENCAR, Ana Lúcia Hazin. **Estilo de vida e sociabilidade**: relações entre espaço, percepções e práticas de lazer na sociedade contemporânea. Um estudo de caso em Gravatá, Pernambuco. 2007. f. 291. Tese (Doutorado em Sociologia) – Universidade Federal de Pernambuco – UFPE. Pernambuco.
- AUGÉ, Marc. **Por uma antropologia da mobilidade**. Maceió: EDUFAL, 2010.
- ARAÚJO, Adriano Alves de Aquino. Limitações e estratégias de ação feminina na sociedade haitiana: categorias de articulação/interseccionalidades. **Revista eletrônica Agenda Social**, v. 9, n. 2, p. 19-28, 2015. Disponível em: <http://www.revistaagendasocial.com.br/index.php/agendasocial/article/viewFile/261/132>. Acesso em: 12/11/2019.
- ARAÚJO, Ângela Maria Carneiro. Informalidade e relações de gênero. *In*: GEORGES, Isabel P. H.; LEITE, Márcia de Paula (orgs.). **Novas configurações do trabalho e economia solidária**. São Paulo: Annablume, 2012.
- ASSIS, Glaucia de Oliveira. **De Criciúma para o mundo**: rearranjos familiares e de gênero nas vivências dos novos migrantes brasileiros. 2004, f. 348. Tese (doutorado em Ciências Sociais) – Departamento de Sociologia do Instituto de Filosofia Ciências Humanas. Universidade Estadual de Campinas. São Paulo.
- ASSIS, Glaucia de Oliveira. Mulheres migrantes no passado e no presente: gênero, redes sociais e migração internacional. **Estudos Feministas**. Florianópolis, n. 15 (3), set/dez, p. 745-772, 2007.
- BABBIE, Earl. **Métodos de Pesquisas de Survey**. Tradução. Guilherme Cezarino. Belo Horizonte: UFMG, 2003.
- BAENINGER, Rosana; PERES, Roberta G. Imigração haitiana em São Paulo: perfil e ocupação. *In*: BAENINGER, Rosana *et al* (orgs.). **Imigração haitiana no Brasil**. Jundiaí: Paco Editorial, 2016.
- BARBOSA, Lúcia Maria de Assunção; SÃO BERNARDO, Mirelle Amaral de. A importância da língua na integração dos/as haitianos no Brasil. **Périplos: Revista de Estudos sobre Migrações**, v. 1, n. 1, p. 58-67, 2017.
- BAQUERO, Rute Vivian Angelo. Empoderamento: instrumento de emancipação social? – Uma discussão conceitual. **Revista Debates**. Porto Alegre, v. 6, n. 1, p. 173-187, jan.-abr. 2012.
- BENCHIMOL, Samuel. **Amazônia**: um pouco-antes e além-depois. Manaus: CODEAMA, 1977.
- BENCHIMOL, Samuel. **Amazônia: formação social e cultural**. 3 ed. Manaus: Valer,

2009.

BENTO, Artur Monteiro. **Memória, espaço e identidade**: a experiência de imigrantes caboverdianos no Rio de Janeiro (1950-1973). 2009, f. 191. Tese (doutorado em Memória Social) – Universidade Federal do Rio de Janeiro – INIRIO. Rio de Janeiro.

BERTRAND, Michel. De la família a la red de sociabilidade. **Páginas, revista digital de la escuela de historia**. Rosário, ano 4, n. 6, p. 47-80, 2012.

BORBA, Janine Hadassa Oliveira Marques de; MOREIRA, Julia Bertino. Integração local de Haitianos em Santo André: integração entre poder público e entidades religiosas. *In*: BAENINGER, Rosana *et al* (orgs.). **Imigração haitiana no Brasil**. Jundiaí: Paco Editorial, 2016.

BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. *In*: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (orgs.). **Usos e abusos da história oral**. 8 ed. Rio de Janeiro: FGV, 2006. pp. 183-191.

BOURDIEU, Pierre. **Coisas ditas**. Tradução. Cássia R. da Silveira e Denise Moreno Pegorim. São Paulo: Brasiliense, 2004.

BOURDIEU, Pierre. **Razões Práticas**: sobre a teoria da ação. Tradução. Mariza Corrêa. São Paulo: Papirus, 1996.

BOURDIEU, Pierre. **Sociologia**. São Paulo: Ática, 1983.

BOURDIEU, Pierre. The forms of capital. *In*: J. G. Richardson (org.). **Handbook of Theory and Research for the Sociology of Education**, Nova Iorque, Greenwood, p. 241-258, 1985.

BRAUM, Pedro. **Rat pa kaka: Política, desenvolvimento e violência no coração de Porto Príncipe**. 2014, f. 461 Tese (Doutorado em Antropologia) – Universidade Federal do Rio de Janeiro/UFRJ, Rio de Janeiro.

CACCIAMALI, Maria Cristina. **Um estudo sobre o setor informal urbano e formas de participação na produção**. 1982. Tese (Doutorado em Economia) - Universidade de São Paulo. São Paulo.

CACCIAMALI, Maria Cristina. Globalização e processo de informalidade. **Economia e Sociedade**. Campinas, n.14, p. 153-174, jun. 2000.

CAILLÉ, Alain. Nem holismo nem individualismo metodológico: Marcel Mauss e o paradigma da dádiva. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 13, n. 38, p.5-38, 1998.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em Rede**. A era da informação: economia, sociedade e cultura. São Paulo: Paz e Terra, 2004.

CASTELLS, Manuel; CARDOSO, Gustavo (orgs.). **A sociedade em rede**: do conhecimento à acção política. Portugal: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 2005.

CASTOR, Suzy. **La ocupación norteamericana de Haití y sus consecuencias (1915-1934)**. Santo Domingo, República Dominicana, Fundación Juan Bosch, 2016.

CERDA, Julia. Las familias transnacionales. **Revista Espacios Transnacionales**, n. 2, p. 78-88, enero/junio 2014.

CHIZZOTTI, Antonio. **Pesquisa em ciências humanas e sociais**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1995.

CIAVATTA, Maria. O mundo do trabalho em imagens: memória, história e fotografia. **Regista Psicologia: organização e trabalho**, v. 12, n. 1, p. 33-45, jan/abr. 2012.

COGO, Denise. Comunicação, migrações e gênero: famílias transnacionais, ativismos e usos de TICs. **Intercom-RBBC**, v. 40, n. 1, p. 177-193, jan./abr. 2017.

COMISSOLI, Adriano; COSTA, Miguel, Ângelo Silva da. Estrelas de primeira grandeza: reflexões sobre o uso de redes sociais na investigação histórica. **Métis: história e cultura**, v.13, n. 25, p. 13-30, jan/jun. 2014.

COSTA, Felizardo Tchiengo Bartolomeu; JUSTO, José Sterza. Imigração e relações de gênero: Subjetividades emergentes em recomposição? **Revista Latino-americana de Geografia e Gênero**. Ponta Grossa, v.7, n. 2, p.34-53, ago/dez. 2016.

COSTA, Gelmino. **Memória da chegada de imigrantes haitianos a Manaus, 2010-2014**: presença da Pastoral do Migrante. São Paulo: Max Editora, CEM Cadernos de migração, n. 8, 2016.

COTINGUIBA, Geraldo Castro. **Imigração haitiana para o Brasil**: a relação entre trabalho e processos migratórios. 2014, f. 154. Dissertação (Mestrado em História e Estudos Culturais) – Universidade Federal de Rondônia/UNIR, Porto Velho, Rondônia.

DERRIDA, Jacques. **Anne Dufourmantelle convida Jacques Derrida a falar da Hospitalidade**. São Paulo: Escuta, 2003.

DESLANDES, Suely Ferreira; GOMES, Romeu. A pesquisa qualitativa nos serviços de saúde. *In*: BOSI, Maria Lúcia Magalhães; MERCADO, Francisco Javier (orgs.). **Pesquisa qualitativa de serviços de saúde**. Petrópolis: Vozes, 2004.

DESROSIERS, Michaelle. **Restauração do capital, lutas feministas ditas progressistas e projeto de emancipação humana**: crítica a advocacia enquanto instrumento da “política do possível” assumida pela “sociedade civil organizada”. 2009, f. 218. Dissertação (Mestrado em Serviço Social) – Universidade Federal de Pernambuco. Recife.

DIAS, Edinea Mascarenhas. **A ilusão do fausto**: Manaus 1890-1920. Manaus: Valer, 1999.

DINIZ, Eder Carlos Cardoso. Migração feminina e redes sociais: brasileiras em Lisboa – Portugal. *In*: **Sociologia & Política**. I Seminário Nacional Sociologia & Política.

UFPR, 2009.

DOMINGUES, José M. **Teorias sociológicas no século XX**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

DORNELAS, Sidnei Marco. Estratégias de inserção dos migrantes nas cidades e a acolhida institucionalizada. *In*: SILVA, Sidnei Antonio da. (org.). **Migrantes em contextos urbanos**: uma abordagem interdisciplinar. Manaus: EDUA, 2010.

DURANS, Cláudia Alves; SANTOS, Rosenverck Estrela. Haiti: significado histórico, realidade e perspectivas. **Revista de Políticas públicas**. São Luís, número especial, p. 127-133, nov. 2016.

DUTRA, Cristiane Feldmann. **Além do Haiti**: uma análise da imigração haitiana para o Brasil. Rio de Janeiro: Lumen Juris, 2016.

ENNE, Ana Lúcia S. Conceito de rede e as sociedades contemporâneas. **Comunicação e Informação**, v. 7, n. 2, p. 264-273, jul./dez. 2004.

FAZENDA, Ivani Catarina Arantes; TAVARES, Dirce Encarnacion; GODOY, Herminia Prado. **Interdisciplinaridade na pesquisa científica**. São Paulo: Papirus Editora, 2015.

FERNANDES, Durval; CASTRO, Maria da Consolação Gomes de. A integração na perspectiva do enriquecimento mútuo: experiências dos que emigram e os desafios dos que acolhem. *In*: BAENINGER, Rosana *et al* (orgs.). **Imigração haitiana no Brasil**. Jundiaí: Paco Editorial, 2016.

FERNANDES, Durval; FARIA, Andressa Virgínia de. A diáspora haitiana no Brasil: processo de entrada, características e perfil. *In*: BAENINGER, Rosana *et al* (orgs.). **Imigração haitiana no Brasil**. Jundiaí: Paco Editorial, 2016.

FERNANDES, Florestan. Tiago Marques Aipobureu: um bororo marginal. **Revista de Sociologia da USP – Tempo Social**, São Paulo, v. 19, n. 2, p. 293-323, 2007.

FERREIRA FILHO, Alberto Heráclito. **Salvador das Mulheres**: condição feminina e cotidiano na Belle Époque imperfeita. 1994, f. 224. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas/UFBA, Salvador, Bahia.

FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína. (orgs.). **Usos & abusos da História Oral**. Rio de Janeiro: FGV, 3ª ed. 2000.

FIALHO, Joaquim. Pressupostos para a construção de uma sociologia das redes sociais. **Sociologia, Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto**, vol. 29, p. 59-79, 2015.

FRANZONI, Elisa. **A gastronomia como elemento cultural, símbolo de identidade e meio de integração**. 2016. Dissertação (Mestrado em Ciências da Educação). Faculdade de Ciências Humanas. Universidade Nova Lisboa. Lisboa.

GALEANO, Eduardo H. **Espelhos**. Tradutor. Eric Nepomuceno. Porto Alegre: L&PM, 2008.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

GOLDENBERG, Mirian. **A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais**. 12ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2011.

GRANOVETTER, M. The strength of weak ties. *In: American Journal of Sociology*. Chigago: University Chicago Press, v. 78, Issue 6, p. 1930-1938, 1973.

GRANOVETTER, M. The strength of weak ties: a network theory revisited. *In: Sociological Theory*. Califônia: Randall Collins, série Jossey-Bass, v.1. p. 2001-2233, 1983.

GRONDIN, Marcelo. **Haiti: cultura, poder e desenvolvimento**. São Paulo: Brasiliense. 1985.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Tradução. Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2003.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução. Tadeu da Silva e Guacira Lopes. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

HANDERSON, Joseph. **Diaspora. As dinâmicas da mobilidade haitiana no Brasil, no Suriname e na Guiana Francesa**. 2015, f. 429. Tese (doutorado em Antropologia Social) – Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ. Rio de Janeiro.

HANDERSON, Joseph; JOSEPH, Rose-Myrlie. As relações de gênero, de classe e de raça: mulheres migrantes haitianas na França e no Brasil. **Revista de Estudos e Pesquisas sobre as Américas**, v. 9, n. 2, 2015.

HOBBSAWM, Eric. **Globalização, democracia e terrorismo**. Tradução. José Viegas. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

IMÍZCOZ, José María. Actores, redes, procesos: reflexiones para una historia más global. **Revista da Faculdade de Letras – História**. Porto, v. 5, III Série, p. 125-126, 2004.

JAMES, C. L. R. **Os jacobinos negros: Toussaint L'Ouverture e a revolução de São Domingos**. São Paulo: Boitempo, 2000.

LEE, Sabine; BARTELS, Susan. Os filhos abandonados da ONU no Haiti. **El País**, 27 de dezembro de 2019. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/internacional/2019-12-27/os-filhos-abandonados-da-onu-no-haiti.html>. Acesso em: 07/02/2020.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Campinas: Editora da UNICAMP, 2003.

LEITE, Rogério Proença. Contra-usos e espaços públicos: notas sobre a construção social dos lugares na Manguentawn. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 17, n. 49, pp.115-134, jun. 2002.

LEYBURN, James G. **El Pueblo Haitiano**. Buenos Aires: Editorial Claridad, 1946.

LIMA, Arieche Kitiane Silva. **Migração e família: a dinâmica familiar de guianeses na cidade de Boa Vista-RR**. 2014, f.152. Dissertação (Mestrado em sociedade e fronteira) – Universidade Federal de Roraima. Boa Vista, Roraima.

LIMA, Marcos Castro de. **Quando o amanhã vem ontem**: a institucionalização da região metropolitana de Manaus e a indução ao processo de metropolização do espaços na Amazônia Ocidental. 2014, f. 298. Tese (Doutorado em Ciências) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo.

LISBOA, Teresa Kleba. Gênero e Migrações: trajetórias globais, trajetórias locais de trabalhadoras domésticas. **Revista Interdisciplinar de Mobilidade Humana-Centro Scalabrino de Estudos Migratórios**, v. 14, n. 26-27, p. 151-166, 2006. Disponível em: <http://remhu.csem.org.br/index.php/remhu/article/view/39/31>. Acesso em: 19/08/2019.

LONDERO, Raíssa Maria. Como se formaram as desigualdades sociais no Haiti: um olhar a parti de Saint-Domingue. 2017. Trabalho apresentado no **XXXI CONGRESSO ALAS**. Uruguai – Montevideo, 3-8/dez, 2017.

LOPES, Luís Felipe Dias. **Apostila Estatística**. Universidade Federal de Santa Maria. 2003. Disponível em: <http://www.inf.ufsc.br/~vera.carmo/LIVROS/LIVROS/Luis%20Felipe%20Dias%20Lopes.pdf>. Acesso em: 28/08/2019.

LOURENÇO, Ana Paulo Gioia. Festa Cultural dos Migrantes dá visibilidade à cultura de estrangeiros que migraram para Manaus. **Arquidiocese de Manaus**, 25/09/2019. Manaus. Disponível em: <https://arquidiocesedemanaus.org.br/2019/09/25/festa-cultural-dos-migrantes-da-visibilidade-a-cultura-de-estrangeiros-que-migraram-para-manaus/>. Acesso em: 03/01/2020.

MAMED, Letícia; LIMA, Eunice Oliveira de. Movimento de trabalhadores haitianos para o Brasil nos últimos cinco anos: a rota de acesso pela Amazônia sul ocidental e o acampamento público de imigrantes do Acre. *In*: BAENINGER, Rosana *et al* (orgs.). **Imigração haitiana no Brasil**. Jundiaí: Paco Editorial, 2016.

MARINUCCI, Roberto. Feminização das migrações? **REMHU**, v. 15, n. 29, p. 5-22, 2007.

MARQUES, Pâmela Marconatto. Outras histórias haitianas: educação, resistência e esperança no mais desconhecido dos países latino-americanos. **Revista Brasileira de Estudos Latino-Americanos**. Florianópolis, v. 2, n. 2, p. 99-112, jun. 2012.

MARTES, Ana Cristina Braga. **Brasileiros nos Estados Unidos**: um estudo sobre imigrantes em Massachusetts. São Paulo: Paz e Terra. 2000.

MARTINI, Gerlaine Torres. **Baianas do Acarajé**. A uniformização do típico em uma tradição culinária afro-brasileira. 2007, f. 291. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade de Brasília, Brasília.

MÉDICOS SEM FRONTEIRAS. Contra a sua vontade: violência sexual e de gênero contra jovens no Haiti. Haiti, 14 de julho de 2017. Disponível em: <https://www.msf.org.br/fotos/contra-sua-vontade-violencia-sexual-e-de-genero-contra-jovens-no-haiti>. Acesso em: 07/02/2020.

MENEZES, Lená Medeiros de; MATOS, Maria Izilda Santos de. **Gênero e imigração: Mulheres portuguesas em foco (Rio de Janeiro e São Paulo -XIX e XX)**. São Paulo: Manuscrito, 2017.

MIRANDA, Joana. **Mulheres Migrantes em Portugal**: memórias, dificuldades de integração e projetos de vida. Lisboa: Alto-Comissariado para a Imigração e Diálogo Intercultural (ACIDI), 2009.

MOROKIVASIC, Mirjana. Birds of passage are also women. **International Migration Review**, v. XVIII, n. 4, Paris, 1984.

NAÇÕES UNIDAS. ONU reconhece importância das remessas enviadas por migrantes para atingir objetivos globais. Publicado em 18/06/2019. Disponível em: <https://nacoesunidas.org/onu-reconhece-importancia-das-remessas-enviadas-por-migrantes-para-atingir-objetivos-globais/>. Acesso em: 12/02/2020.

NASCIMENTO, Rosana. O fenômeno da migração na arquidiocese de Manaus. **Revista Arquidiocese**. Ano 18, n. 164, jun. 2019. Manaus. Disponível em: <https://arquidiocesedemanaus.org.br/2019/06/06/o-fenomeno-da-migracao-na-arquidiocese-de-manaus/>. Acesso em: 02/01/2020.

NAZARETH, Tayana; BRASIL, Marília; TEIXEIRA, Pery. Manaus: crescimento populacional e migrações nos anos 1990. **Informe Gepec**. Toledo, v. 15, n. 3, p. 488-502, 2011.

NORONHA, Eduardo, G. “Informal”, ilegal, injusto: percepções do mercado de trabalho no Brasil. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 18, n. 53, p. 111-129, out. 2003.

O ESTRANGEIRO.ORG. Da miséria no Haiti às dificuldades no Brasil. Publicado em 28 de agosto de 2012. Disponível em: <https://oestrangeiro.org/2012/08/28/da-miseria-no-haiti-as-dificuldades-no-brasil/>. Acesso em: 23/12/2019.

ODETE CRISTINA. A dura realidade das mulheres no Haiti. **Esquerda Diário**. Publicado em 25 de julho de 2015. Disponível em: <https://www.esquerdadiario.com.br/A-dura-realidade-das-mulheres-no-Haiti>. Acesso em: 21/07/2019.

OLIVEIRA, Márcia Maria de. **Dinâmicas Migratórias na Amazônia Contemporânea**. São Carlos: Scienza, 2016.

OLIVEIRA, Márcia Maria de. Mudanças no percurso migratório de migrantes urbanos: breves reflexões sobre os resultados de Manaus. *In*: SILVA, Sidney Antonio da (org.). **Migrantes em contextos urbanos**: uma abordagem interdisciplinar. Manaus: EDUA, 2010.

OLIVEIRA, Márcia Maria de. A economia das remessas. **O atual**, Amazonas, 23 de janeiro de 2019. Disponível em: <https://amazonasatual.com.br/a-economia-das-remessas/>. Acesso em: 25/11/2019.

OLIVEIRA, Márcio André Araújo de. **Entre árvores e redes**. O camêlo em Manaus. Rio de Janeiro: Livre Expressão, 2012.

PANTOJA, Ana Lúcia Nauar. Trabalho de Negras e Mestiças nas ruas de Belém do Pará (1890-1901). *In*: PINTO, Céli Regina; BRUSCHINI, Cristina (org.). **Tempos e Lugares de Gênero**. São Paulo: FCC, 2001.

PARK, Robert Ezra. A cidade: sugestões para a investigação do comportamento humano no meio urbano. *In*: VELHO, Otávio Guilherme (org.). **O fenômeno urbano**. Rio de Janeiro, 1967.

PEDROSO, Regina Célia. **10 de dezembro de 1948 – A Declaração Universal dos Direitos Humanos**. São Paulo: Editora Nacional, 2005.

PENA, Érico. Paróquia São Geraldo e os trabalhos junto aos migrantes. **Arquidiocese de Manaus**. 6 de junho de 2019, Manaus. Disponível em: <https://arquiocesedemanaus.org.br/2019/06/06/paroquia-sao-geraldo-e-os-trabalhos-junto-aos-migrantes/>. Acesso em: 02/01/2020.

PERAÇOLI, José Carlos *et al.* Pré-eclâmpsia/ eclâmpsia. **FEMINA** - Federação Brasileira das Associações de Ginecologia e Obstetrícia (Febrasgo), São Paulo, v. 47, n. 5, p. 258-273, 2019. Disponível em: <https://www.febrasgo.org.br/media/k2/attachments/Vol.Z47ZnZ5Z-Z2019.pdf>. Acesso em: 26/12/2019.

PERES, Roberta. Imigração e gênero: as mulheres haitianas no Brasil. *In*: BAENINGER, Rosana *et al* (orgs.). **Imigração haitiana no Brasil**. Jundiaí: Paco Editorial, 2016.

PERES, Thiago Brandão. Informalidade: um conceito em busca de uma teoria. **6º SEMINÁRIO NACIONAL DE SOCIOLOGIA E POLÍTICA**. Releituras Contemporâneas: o Brasil nas perspectivas das Ciências Sociais. UFPR, 20 a 22 maio de 2015.

PIMENTEL, Marília Lima; COTINGUIBA, Geraldo Castro. Apontamentos sobre o processo de inserção social dos haitianos em Porto Velho. **Revista Travessia**. São Paulo, v. 70, p. 99-106, 2012.

PIMENTEL, Marília Lima; COTINGUIBA, Geraldo Castro; RIBEIRO, Ailton Artur da Silva. O crioulo haitiano e o seu reconhecimento político. Brasília. **Universitas Relações Internacionais**, v. 14, n. 1, p. 31-40, jan/jun. 2016.

PINHEIRO, Luís Balkar Sá Peixoto; PINHEIRO, Maria Luiza Ugarte. **Mundos do trabalho na cidade da borracha**: trabalhadores, lideranças, associações e greves operárias em Manaus (1880-1930). Jundiaí: Paco Editorial, 2017.

PINTO, Sônia Reis. **A imigração de haitianos para o Brasil e os usos da razão humanitária**. 2014, f. 111. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Instituto Universitário de Lisboa, Lisboa. Portugal.

PIZAIA, Jéssica Costa. **A territorialização de migrantes do Haiti em Cambé-PR e Rolândia-PR**: As demandas das mulheres haitianas e as ações realizadas. 2019, f. 150. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, Paraná

POLLAK, Michael. Memória e Identidade Nacional. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200-212, 1992.

PORTELLI, Alessandro. História Oral como Gênero. Tradução. Maria Therezinha Janine Ribeiro. **Projeto História**, São Paulo (22), p. 9-36, jun., 2001.

PORTUGAL, Sílvia. Contributos para uma discussão do conceito de rede na teoria sociológica. **Oficina do CES**, n. 271, p. 1-35, mar. 2007.

PORTUGAL, Sílvia. **Novas Famílias, Modos Antigos. As redes sociais na produção de bem-estar**. 2006, Tese (Sociologia das Desigualdades Sociais e da Reprodução Social). Faculdade de Economia – Universidade de Coimbra. Portugal.

POULAIN, Jean-Pierre. **Sociologias da alimentação**: os comedores e o espaço social alimentar. 2ª ed. Florianópolis: Editora da UFSC; 2013. 285 p.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. Relatos Oraís: Do Indizível ao Dizível. *In*: VON SIMON, Olga R. de Moraes (org.). **Experimentos com História de Vida (Itália-Brasil)**. São Paulo: Vértice, 1988.

QUEIROZ, Ricardo Moreira de. *et al.* A caracterização dos espaços não formais de educação científica para o ensino de Ciências. **Revista Amazônica para o Ensino de Ciências**. Manaus, v. 4, n. 7, p.12-23, ago/dez. 2001.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade, poder, globalização e democracia. **Novos Rumos**, ano 17, n. 37, p. 4-28, 2002. Disponível em: <http://www2.marilia.unesp.br/revistas/index.php/novosrumos/article/view/2192/1812>. Acesso em: 15/11/2018.

RAGO, Margareth. As mulheres na historiografia brasileira. *In*: SILVA, Zélia Lopes (org.). **Cultura Histórica em Debate**. São Paulo: UNESP, 1995.

RIBEIRO, Nádya Oliveira Vizotto. **O novo olhar sobre a cidade**: uma perspectiva histórica da antropologia urbana no Brasil. Monografia (Graduação em Ciências Sociais) – Instituto de Ciências Humanas, Juiz de Fora, 2013.

RODRIGUES, Francilene dos Santos; VASCONCELOS, Iana Santos. Migração, gênero e empoderamento das migrantes na Pan-Amazônia. *In*: SILVA, Sidney Antonio da Silva. **Migrações na Pan-Amazônia**. São Paulo: HUCITEC, 2012.

RODRIGUES, Iryá. Após ser rota para 50 mil imigrantes, Acre quer que governo federal pague quase R\$ 13 milhões gastos com ajuda humanitária. **G1 AC**, Acre, 12 de março de 2018. Disponível em: <https://g1.globo.com/ac/acre/noticia/apos-ser-rota-para-50-mil-imigrantes-ac-quer-que-governo-federal-pague-quase-r-13-milhoes-gastos-com-ajuda-humanitaria.ghtml>. Acesso em 18/08/2019.

RODRIGUES, Luiz Carlos Balga. **Francês, crioulo e Vodou**: a relação entre língua e religião no Haiti. 2008, f. 259. Tese (Doutorado em Letras) - Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008.

RODRIGUES, Neusa Pivotto. **A realidade social e cultural das mulheres haitianas em Porto Velho**. 2016, f. 108. Dissertação (Mestrado em História e Estudos Culturais) – Universidade Federal de Rondônia – Núcleo de Ciências Humanas, Porto Velho, 2016.

ROUTLEAU-BERGER, Laurence. **Des micro-cultures et des jeunesses au centre et à la périphérie de l'espace urbain. La culture des jeunes de banlieues**. Document de L'Institut National de la Jeunesse, n. 4, 1988.

SACRAMENTA, Diane Maria Oliveira. **"Lugares que migram": as imagens do mundo vivido pelos assentados do Canoas em Presidente Figueiredo (AM)**. 2010, f. 131. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal do Amazonas, Manaus.

SANTIAGO, Adriana (org.). **Haiti por si**: a conquista da independência roubada. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2013.

SANTOS, Carlos Nelson Fernandes dos *et al.* (coord.). **Quando a rua vira casa**. A apropriação de espaços de uso coletivo em um centro de bairro. São Paulo: Projeto, 1985.

SANTOS, Ednaldo Tartaglia. **Imigrantes haitianos**: da dinâmica de saída à dinâmica de entrada. 2014, f.132. Dissertação (Mestrado Acadêmico em Letras) – Universidade Federal de Rondônia – Núcleo de Ciências Humanas, Porto Velho.

SANTOS, Orlando Almeida dos. **Dos cantos aos camelódromos**: comércio de rua e territorialidade negra no Centro antigo de Salvador. 2015, f. 170. Tese. (Doutorado em Ciências Sociais) – Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal da Bahia, Salvador, Bahia.

SAYAD, Abdelmalek. **A Imigração ou os Paradoxos da Alteridade**. São Paulo:

EDUSP, 1998.

SCHILDER, Paul. **A imagem do corpo**: as energias construtivas da psique. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

SCOTT, Joan W. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & Realidade**, v. 20, n. 2, p. 71-99, jun./dez. 1995.

SEGUY, Frank. Humanitarismo e questão racial no Haiti. **Lutas Sociais**. São Paulo, v. 19 n. 34, p.143-157, jan./jun. 2015.

SIMMEL, Georg. **Questões fundamentais da Sociologia**. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

SILVA, Maria Aparecida de Moraes. Contribuições metodológicas para a análise das migrações. *In*: DEMARTINI, Zeila de Brito Fabri; TRUZZI, Oswaldo (orgs.). **Estudos Migratórios**: perspectivas metodológicas. São Paulo: EduFSCar, 2005.

SILVA, Sidney A. da. Entre o Caribe e a Amazônia: haitianos em Manaus e os desafios da inserção sociocultural. São Paulo. **Estudos Avançados**, v. 30, n. 88, p. 146-147, 2016.

SILVA, Sidney A. da. **Migrantes em contextos urbanos**: uma abordagem interdisciplinar. Manaus: EDUA, Manaus. 2010.

SILVA, Sidney A. da. **Migrações na Pan-Amazônia**: fluxos, fronteiras e processos socioculturais. São Paulo: Hucitec, 2012.

SILVA, Sidney A. da; ASSIS, Glaucia O. (orgs.). **Em busca do Eldorado**: O Brasil no contexto das migrações nacionais e internacionais. Manaus: EDUA, 2016.

STRAUSS, Anselm; CORBIN, Juliet. **Pesquisa qualitativa**: técnicas e procedimentos para desenvolvimento de teoria fundamentada. Porto Alegre: ARTMED, 2ª ed., 2008.

SCHWINN, Simone Andrea; COSTA, Marli Marlene Moraes de. Mulheres refugiadas e vulnerabilidade: a dimensão da violência de gênero em situações de refúgio e as estratégias do ACNUR no combate a essa violência. **Revista Signos**. Lajeado, ano 37, n. 2, p. 216-234, 2016.

TEDESCO, João Carlos. O estrangeiro/imigrante na modernidade: horizonte de tensões externas e internas. Síntese de algumas concepções de Simmel, Elias/Scotson e Freud. **Revista de Ciências Sociais**. Fortaleza, v. 47, n. 2, p. 287-321, jul./dez. 2016.

TÉLÉMAQUE, Jenny. **Imigração haitiana na mídia brasileira: entre fatos e representações**. Rio de Janeiro, Monografia (Graduação em Comunicação Social: Publicidade e Propaganda) - Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2012.

TELES, Luciano Everton Costa. **Construindo redes sociais, projetos de identidade**

e espaços políticos: a imprensa operária no Amazonas (1890-1928). 2018, f. 289. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2018.

THOMPSON, E. P. **A miséria da teoria ou um planetário de erros:** uma crítica ao pensamento de Althusser. Tradução. Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

TRUZZI, Oswaldo. Redes em processos migratórios. **Tempo Social** - revista de sociologia - USP, v. 20, n. 1, p. 199-218, jan. 2008.

VILLA, Miguel. Una nota acerca del proyecto de investigación sobre migración internacional en Latinoamérica – IMILA. *In:* PATARRA, Neide Lopes (coord.). **Emigração e imigração internacionais no Brasil contemporâneo.** Campinas: FNUAP, p.107-124, 1996.

WASSERMAN, Stanley; FAUST, Katherine. **Social Network Analysis:** methods and applications. Cambridge: Cambridge University Press, 1994. Disponível em: https://books.google.com.br/books?hl=en&lr=&id=CAM2DplqRUIC&oi=fnd&pg=PR21&dq=info:gET6m8icitMJ:scholar.google.com&ots=HwKure_HLi&sig=MkWb0EL901Ca6VYhBGt7LravHEs&redir_esc=y#v=onepage&q&f=false. Acesso em: 02/03/2019.

YANNOULAS, Silvia. Feminização ou Feminilização? Apontamentos em torno de uma categoria. **Temporalis.** Brasília, ano 11, n. 22, p. 271-292, jul./dez. 2011.

ZACCARELLI, Sérgio Baptista. **Estratégia e sucesso nas empresas.** São Paulo: Saraiva, 2012.

LEIS, DECRETOS, CENSOS E RELATÓRIOS

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988.** Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicaocompilado.htm. Acesso em: 20/08/2019.

DEPARTMENT OF ECONOMIC AND SOCIAL AFFAIRS UN DESA 2019. Disponível em: <https://www.un.org/en/development/desa/population/migration/data/estimates2/countryprofiles.asp> Acesso em: 01/12/2019.

GABINETE DE SEGURANÇA INSTITUCIONAL; Secretaria de Acompanhamento e Estudos Institucionais. **Operação de Paz no Haiti.** Brasília, outubro de 2005. Disponível em: <https://docplayer.com.br/6540880-Palestra-operacao-de-paz-no-haiti.html>. Acesso em: 09/06/2019.

HUMAN RIGHTS WATCH. **Relatório Mundial 2016: Haiti.** Disponível em: <http://www.hrw.org/pt/world-report/2016/country-chapters/285575#151496>. Acesso em: 15/07/2019.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/am/manaus.html> Acesso em: 20/12/2019.

MANAUS. **Decreto Municipal nº 2580 de 22 de outubro de 2013.** Dispõe sobre o Regimento Interno da Secretária Municipal de Feiras, Mercados, Produção e Abastecimento (SEMPAB) e dá outras providências. Disponível em: <https://leismunicipais.com.br/a/am/m/manaus/decreto/2013/258/2580/decreto-n-2580-2013>. Acesso em: 15/10/2019.

MANAUS. **Decreto Municipal nº 3819 de 22 de setembro de 2017.** Disponível em: <https://leismunicipais.com.br/a/am/m/manaus/decreto/2017/381/3819/decreto-n-3819-2017>. Acesso em: 20/08/2019.

MANAUS. **Lei Municipal nº 674 de 04 de novembro de 2002.** Dispõe sobre o Licenciamento e fiscalização de atividade e, estabelecimentos e logradouros, que integra o conjunto de posturas do município de Manaus, Estado do Amazonas, e dá outras providências. Disponível em: <https://leismunicipais.com.br/a/am/m/manaus/lei-ordinaria/2002/67/674/lei-ordinaria-n-674-2002>. Acesso em: 10/10/2019.

MINISTÉRIO DA DEFESA. **O Brasil na MINUSTAH (Haiti).** Disponível em: <https://www.defesa.gov.br/relacoes-internacionais/missoes-de-paz/o-brasil-na-minustah-haiti>. Acesso em: 12/06/2019.

OBMIGRA. **Resumo Executivo. Imigração e Refúgio no Brasil.** Relatório Anual 2019. Disponível em: <https://portaldeimigracao.mj.gov.br/images/publicacoes-obmigra/RESUMO%20EXECUTIVO%20%202019.pdf>. Acesso em 08/11/2019.

ORGANIZAÇÃO INTERNACIONAL DO TRABALHO. A OIT e a economia informal: o trabalho digno e a economia informal. Lisboa, 2006. Disponível em: <https://docplayer.com.br/18125162-Organizacao-internacional-do-trabalho-a-oit-e-a-economia-informal.html>. Acesso em: 03/05/2019.

PNUD. **Ranking IDH e Indicadores 2018.** Disponível em: <https://www.un.org/en/development/desa/population/migration/data/estimates2/estimates19.as>. Acesso em: 20/11/2019.

PNUD. **Relatório do Desenvolvimento Humano 2015.** Disponível em: http://hdr.undp.org/sites/default/files/2015_human_development_report.pdf. Acesso em: 08/08/2018.

PNUD Brasil. **Ranking IDH Global 2014.** Disponível em: <http://www.br.undp.org/content/brazil/pt/home/idh0/rankings/idh-global.html>. Acesso em 20/11/2019.

GLOSSÁRIO⁶²

Bannann ak sòs: Uma sobremesa de banana caramelizada.

Baz: É um espaço de sociabilidade, local onde as pessoas se encontram. O termo é polissêmico, possui múltiplos usos e significados, pode estar relacionado aos grupos de gangue; grupos de pessoas que se reúnem para conversar; local de grupos musicais, de comitês, associações etc. (HANDERSON, 2015).

Comment allez-vous: Expressão da língua francesa usada em apresentações “Como está você”.

Diri kole: Arroz com feijão.

Fèt nan: Expressão usada por muitos imigrantes referindo-se à festa cultural na quadra poliesportiva da Igreja de São Geraldo, significa “festa na”.

Friday: Vem da palavra *fri*, significa fritos, refere-se a uma comida tradicional haitiana, composta por banana verde (esta é cozida depois amassada, forma-se pequenos pedaços em forma de discos que são fritos em óleo), mais carne de porco, carne de boi ou frango frito. Junta-se a tudo isso pikliz, pronto temos o Friday.

Goud: Moeda haitiana.

Griyo kochon: Carne de porco frita

Kounye ou wè vann, mw vini vit: agora você olha a venda, eu volto rápido.

Kremas: Bebida tradicional do Haiti. Servido nas datas comemorativas e em momentos de comemorações especiais: casamentos, aniversários, batizados. É feita de coco com adição de álcool, leite condensado, leite líquido, suco e casca de limão. Não tem adição de água. A bebida é armazenada em recipiente de vidro ou plástico podendo durar vários meses.

Kompas: Ritmo musical popular no Haiti

Legim: Comida à base de legumes.

Manje nou yo bon anpil: Nossa comida é muito boa.

Marronnage: Termo de origem espanhola cunhado durante o regime colonial para identificar os negros que fugiam da escravidão em Santo Domingo. Atualmente um dos usos diz respeito ao processo da mobilidade haitiana transnacional.

Non, jodi a non, mw bezwen trese cheve: Não, hoje não, eu preciso trançar o cabelo.

Non, nou pa pale Fransè: Frase na língua crioula haitiana que significa “Não, nós não

⁶² Os significados das palavras e frases foram repassados por amigos e amigas haitianos durante trabalho de campo, anos 2018 a 2019.

falamos francês.

Nou pale kreyòl: Frase na língua crioula haitiana que significa “Nós falamos crioulo.

Peyi emigran: País de emigrantes.

Pikliz: Salada feita de repolho branco, cenoura, cebola, alho e sabor apimentado. É conservado em vinagre branco.

Portkreyòl: denominação criada por nós sobre a forma de falar juntando palavras da língua portuguesa com a da língua crioula haitiana, durante a pesquisa de campo na cidade de Manaus. As vendedoras haitianas para se comunicarem com brasileiros formulavam frases como “meia senk reais”, “mw rete São Jorge”, “Hoje, nou manje frango”.

Pwason gwo sèl: Prato à base de peixe salgado.

Raketè: É indivíduo que intermedia alguma transação por dinheiro ou outros bens. A intenção principal do raketè é lucro. No processo da migração haitiana ele é o agente que articula o deslocamento ilegal dos imigrantes.

Salut Je m’appelle: Expressão da língua francesa usada em apresentações “oi, meu nome é.”

Soup Premye Janvyè: Sopa da Independência.

Soupe joumou: Sopa de abóbora.

Trese cheve: Trançar o cabelo.

APÊNDICES

1 DIMENSIONAMENTO PARA A PESQUISA SURVEY COM MULHERES IMIGRANTES

Dimensionamento da amostra

Considerando a população de 133 mulheres sendo finita, utilizaremos a fórmula a seguir:

$$n = \frac{Z_{(1-\alpha)/2}^2 N(1-p)}{\varepsilon^2 p(N-1) + Z_{(1-\alpha)/2}^2 (1-p)}, \text{ sendo:}$$

$\alpha = 95\%$; $p=0,5$; $N=133$; $Z_{(1-\alpha)/2}^2 = 1,96$ e ε (erro relativo) = 20%.

Temos $n \cong 57$ mulheres

Considerando $N=150$ mulheres, o tamanho da amostra ficará $n=59$ mulheres

2 QUESTIONÁRIO USADO NA PESQUISA SURVEY

Imigrantes haitianas na cidade de Manaus: mundos do trabalho informal, redes e sociabilidades (2010-2019).

Apresentação da Proposta

O objetivo deste questionário é servir de guia para entrevistar imigrantes haitianas, sujeitos sociais que constituem essa pesquisa, levantar dados sobre as redes sociais que são (re)criadas por elas na cidade de Manaus. Além de obter informações sobre os mecanismos que contribuem para a permanência dessas imigrantes no mercado informal do comércio e o espaço de sociabilidade no qual estão inseridas. A entrevista alcança 59 mulheres haitianas que estão em atividades no mercado de trabalho informal, seja nas vendas de tabuleiro ou exercendo outras atividades. A entrevista se dará por meio de questões semiestruturadas e estruturadas, na língua portuguesa ou em creoulo, se houver necessidade, por interlocutora com domínio da língua crioulo e portuguesa. É uma pesquisa de arcabouço qualitativo e quantitativo para recolher dados para compor a pesquisa. A participação da entrevistada é voluntária.

Questionário

GRUPO I: PERFIL

Identificação

Nome da entrevistada: _____

Endereço -Rua/Avenida: _____

Idioma que fala: () creoulo () creoulo/francês () creoulo e outros

1. Idade: _____

2. Estado Civil:

() solteira () casada () viúva () divorciada () outros

3. Tem filhos? Sim () Quantos? _____ Não ()

4. Escolaridade:

() E.F. completo () E.F. incompleto () E. Médio completo

() E. Médio incompleto ()

() Ensino Superior completo

() Ensino superior incompleto.

Outras informações: _____

GRUPO II: questões migratórias

5. Você é natural do Haiti?

() Capital

() interior

6. Você veio direto do Haiti para o Brasil?

() Sim

() Não. Qual seu percurso até chegar a Manaus? _____

7. Atualmente você é/tem?

() solicitante de refúgio

() visto de estrangeiro

8. Com quem você viajou para o Brasil?

() sozinha () com amigos () algum membro da família () com a família

9. Escolheu vir para o Brasil devido?

() Trabalho () estudo () somente para conhecer

10. Quando chegou a Manaus? _____

Outras informações: _____

GRUPO III: Questões das redes antes e depois da chegada

11. Para sua viagem você recebeu ajuda financeira?

() Família () Recursos próprios

() Organizações humanitárias

() Amigos

12. Você já tinha conhecimento sobre a cidade de Manaus, antes de chegar aqui?

() Sim. () Não

13. Quem informou sobre Manaus

() Família () amigos

() Conhecidos

() Ninguém informou

14. Você está com sua família aqui em Manaus?

() Sim

() Não, mas pretende trazer sua família para Manaus? _____

15. Você tem contato com outros membros de sua família que estão em outro local que não seja o Haiti?

() Sim () Não.

16. A frequência que você se comunica com amigos e família que não estão em Manaus é?

() Diariamente () semanalmente () mensalmente.

17. Você envia ajuda financeira para sua família?

() Sim. Como faz isso? _____

() Não

Outras informações: _____

GRUPO IV: questões de pertencimento

18. Você pretende permanecer em Manaus ou migrar para outra cidade?

() Permanecer em Manaus () Migra para outra cidade

Outras informações: _____

GRUPO V: experiência e inserção laboral

19. No Haiti, você trabalhava?

() Não

() Sim. O que fazia? _____

20. Qual tipo de comércio você realiza aqui em Manaus?

() Vendas de frutas e verduras

() Vendas de comidas prontas

() Meias e outros acessórios

() Outro tipo de atividade. Qual? _____

21. Como foi para começar a exercer essa atividade, em Manaus?

() Se informou através do órgão da prefeitura para tirar licença para trabalhar.

() Foi convidada por amigo(a), esse já trabalhava no comércio de vendas em Manaus?

() Foi contratada por alguma empresa ou instituição

22. Quanto tempo já trabalha nesse comércio, aqui em Manaus?

() 1 a 3 anos () 3 a 5 anos () 5 a 9 anos

23. Você paga alguma taxa para trabalhar no local onde vende diariamente?

() Sim. Quanto? _____

() Não

24. Onde você adquiri os produtos para serem vendidos?

() Loja, supermercado () Feira outros?

25. Os produtos são pagos:

Cartão de crédito

À vista

Cartão de crédito parcelado

26. Onde você guarda seus produtos, quando encerra o trabalho?

Leva para casa

Fica no local onde vende

Em depósito

27. Quando guardado em depósito, o pagamento é?

Diário

Semanal

Mensal

28. Quantos horas você fica no local de trabalho?

De 3 a 6 horas

De 6 a 8 horas

De 8 a 12 horas

29. Qual a maior dificuldade que você enfrenta para se manter nesse setor de trabalho?

Fiscalização

exposição ao sol e chuva

outros

30. A renda mensal nesse trabalho é?

300 a 600 reais

600 a 900 reais

900 a 1.200 reais

mais de 1.500 reais

Outras informações: _____

GRUPO VI: espaço e cotidiano

31. Você teve algum tipo de dificuldade com a língua?

Sim Não

32. Você participou de algum curso de língua portuguesa, aqui em Manaus?

Sim Não

33. Você mantém contato com outros imigrantes haitianos e não haitianos, aqui em Manaus?

Sim. Não

34. Sua residência é ?

() Própria () Alugada () Cedida

35. Você tem uma boa relação com os brasileiros que trabalham no mesmo local que você?

() Sim () Não.

36. No local, onde você trabalha tem outros imigrantes que não sejam haitianos, sua relação com eles é amigável?

37. Seu local de trabalho representa?

() Parte de sua casa

() Espaço onde pode fazer interação com outras pessoas

() Não gosta do local de trabalho

38. A cidade de Manaus é para você?

() Somente um local de passagem

() Local onde pretende morar com a família

Outras informações: _____

3 QUESTIONÁRIO TRADUZIDO PARA A LÍNGUA CRIOLA HAITIANA

Fanm imigran ayisyèn yo nan vil Manaus: mond travay enfòmèl, rezo ak sosyabilite (2010-2019)

Prezantasyon pwopozisyon

Objektif eskript sa a se sèvi kòm yon gid pou entèvyou imigran ayisyèn yo, ki se matyè sosyal ki konstitye rechèch sila a, ak kolekte done sou rezo sosyal yo ki kreye ensèsyon nan sektè komès enfòmèl sitou vann nan lari, avèk "lavant tablo ". Men, entèvyou a rive reyalize tou avèk imigran ayisyèn ki angaje yo nan lòt aktivite ki pa komès. Entèvyou a pral fèt avèk kesyon estriktire epi semi-estriktire, nan Pòtigè oswa kreyòl si sa nesesè, pa yon entèçolkite ki pale lang kreyòl la ak Pòtigè. Li se yon rechèch ki gen fondasyon epi kalite. Epi san konte analiz rapò oral yo, nap bezwen tou koleksyon done pou konpoze rechèch la. Patisipasyon ou nan entèvyou ap volontè.

Kesyonè

GOUP 1: PWOFIL

IDANTIFIKASYON

NON PATISIPAN AN: _____

ADRÈS-RI/ AVNI: _____

LANG OU PALE:

() KREYÒL

() KREYÒL/ FRANSE

(..) KREYÒL E LÒT

1. LAJ OU _____

2 ETA SIVIL:

() SELIBATÈ

() MARYE

() MARI /MADANM MOURI

() DIVOSÈ

() LÒT BAGAY _____

3. OU GEN PITIT?

() WI KONBYEN? _____

() NON

4. NIVO DETID OU:

() ETID PRIME KONPLE

() ETID KONPLE PA KONPLE

() ETID SEGONDÈ

() ETID SEGONDÈ PA KONPLE

() ETID SIPERYÈ KONPLÈ/ PA KONPLÈ

LOT ENFÒMASYON: _____

GROUP II. KESYON MIGRATWA

5. OU SE AYSYÈN NATIF NATAL?

() KAPITAL

() ANDEYÒ

6. OU SOTI AYTI DIRÈK POU VIN BREZIL?

() WI

() NON. KI KOTE OU PASE POU RIVE MANAUS?

7. AKTYÈLMAN OU SE / OU GEN?

() OU BEZWEN REFIJ

() OU GEN VIZA

8. AVÈK KIYÈS OU TE VWAYAJE VIN BREZIL?

() POUKONT OU

() AVÈK YONN ZANMI W

() AVÈK YONN MANB NAN FANMI W

() AK TOUT FANMI W

9. POUKISA OU CHWAZI BREZIL POU VIN RETE?

() TRAVAY

() ETID

() SÈLMAN POU W KONN PEYI A

LÒT ENFÒMASYON: _____

10. NAN KI DAT OU TE RIVE MANAUS? _____

GROUP III. KESYON KI NA RAPO AK REZO ANVAN/APRE WOU RIVE

11. POU TE VINI KILÈS KITE TE EDE OU OSWA BA OU LAJAN?

() FANMI

() PWÒP MWAYEN PA W

() ÒGNIZASYON IMANITÈ

() ZANMI

12. ESKÈ OU TE KONNEN DEJA KÈK BAGAY SOU VIL MANAUS ANVAN W TE VINI?

() WI () NON

13. KILÈS KITE PALE W DE MANAUS?

() FANMI W

() ZANMI W

() MOUN OU REKONÈT

() PIES MOUN

14. OU AVÈK FANMI OU NAN MANAUS?

() WI

() NON, OU PANSE VOYE CHECHE FANMI OU AYTI POU VIN MANAUS?

15. OU GEN KONTAK AVÈK LÒT MANB FANMI OU KI PA VIV AYTI?

() WI () NON

16. ESKÈ W TOUJO OU PALE A FANMI W AK ZANMI W KI PA ISIT MANAUS?

() CHAK JOU

() CHAK SEMÈN

() CHAK MWA

17. ESKE OU TOUJOU VOYE ÈD BAY FANMI W KI AYITI?

() WI, KOMAN W KONN FÈ SA?

() NON

LÒT ENFÒMASYON _____

GROUP IV: KESYON ETABLISMANW

18. ESKÈ W GEN PANSE RETE MANAUS OUBYEN AL NAN LÒT VIL?

() RETE MANAUS

() AL NAN LÒT VIL

GROUP V: EXPERIANS NAN LOCAL DE TRAVAY OU É ADAPTASYON

19. LÈ W TE AYITI OU TE KONN TRAVAY

() NON

() WI, SA W TE KON FÈ?

20. KI TIP DE TRAVAY OU FÈ ISIT MANAUS?

() KOMÉS FWI AVÈK LÈGIM

() KOMÉS MANJE KWIT

- () KOMÉS CHOSÈT E LÒT BAGAY
21. KOMAN W TE FÈ POU W KOMANSE KOMÉS LA ISIT MANAUS?
- () TE PRAN ENFÒMASYON AK MERI
- () SE YON ZANMI KITE ENVITE W VIN VANN?
- () ÈSKE W TE KÒMANSE TRAVAY
- () ÈSKE SE OU KITE PRAN PWÒP DESIZYON W
22. KONBYEN TAN W GENYEN DEPI W AP FÈ KOMÈS LA?
- () 1 A 3 ANN () 3 A 5 ANN () 5 A 9 ANN
23. ÈSKE W PEYE POU W CHITA KOTE W AP VANN NAN?
- () WI, KONBYEN KÒB?
- () NON
24. KI KOTE W JWENN PWODUI W AP VANN YO?
- () MAKÈT () MACHE () LÒT KOTE
25. PWODUI OU ACHTE YO, KÒMAN W PEYE YO?
- () KAT DE KREDI () AK KÒB
26. KI KOTE W SERE PWODUI YO LÈ W FIN VANN?
- () POTE YO LAKAY OU
- () YO RETE NAN LOKAL DE TRAVAY OU
- () NAN DEPO
27. LÈ W SERE YO NA DEPO, OU PEYE
- () CHAK JOU () CHAK SÈMEN () CHAK MWA
28. KONBYEN TAN OU FÈ NAN LOKAL W AP TRAVAY LA?
- () 3 A 6H È TAN () 6 A 8H È TAN () 8 A 12H È TAN
29. KI PI GWO DIFIKILTE OU JWENN NAN LOKAL W AP TRAVAY LA?
- () FISCALIZASYON () SOLEY E LAPLI () LÒT BAGAY
30. KONBYEN KÒB OU FÈ CHAK MWA NAN TRAVAY OU?
- () 300 AK 600 REAL
- () 600 AK 900 REAL
- () 900 AK 1.200 REAL
- () PLUS KE 1.500 REAL
- GROUP VI. MILIE W E FASON W VIV CHAK JOU**
31. ÈSKE OU JWEN DIFIKILTE AVÈK LANG LAN?
- () WI () NON
32. ÈSKE W PATISIPE NAN KOU PÒTIGÈ DEJA ISIT MANAUS?

WI NON

33. ÈSKE W GEN KONTAK A LÒT IMIGRAN AYISYÈN KI PASE ISIT MANAUS?

WI NON

34. KOTE W RETE A SE....

LWE L OU LWE L POU OU LI YE YO BA W FÈ YON TAN

35. ÈSKE W GEN BON RELASYON AK BREZILYEN KI NAN MENM TRAVAY AVÈ W?

WI NON

36. NAN LOKAL, KOTE W AP TRAVAY LA GEN LÒT IMIGRAN KI PA AYISYÈN, ÈSKE NOU GEN BON RELASYON?

37. KISA LOKAL W AP TRAVAY LA REPREZANTE POU OU?

PATI LAKAY OU

ESPAS KOTE W VIN VANN E FÈ KONESANS AK LÒT MOUN

OU PA RENMEN LOKAL TRAVAY OU A

38. KISA VIL MANAUS REPREZANTE POU OU?

YON LOKAL DE PASAJ

YON BON KOTE OU PANSE RETE AK FANMI W?

LÒT ENFÒMASYON: _____